

PUBLICAÇÕES AVULSAS DO IPIMAR

N.º 13, 2006

CONTRIBUIÇÃO PARA O CONHECIMENTO DAS ARTES DE PESCA UTILIZADAS NO ALGARVE

MIGUEL CARNEIRO
ROGÉLIA MARTINS
FERNANDO RUI REBORDÃO



**CONTRIBUIÇÃO PARA O CONHECIMENTO
DAS ARTES DE PESCA UTILIZADAS
NO ALGARVE**

Miguel Carneiro

Rogélia Martins

Fernando Rui Rebordão

Título: Contribuição para o conhecimento das Artes de Pesca utilizadas no Algarve

Autores: Miguel Carneiro, Rogélia Martins, Fernando Rui Rebordão

Editor: IPIMAR

Capa: Luís Catalan

Desenho gráfico: Luís Catalan

Composição e Impressão: Palmigráfica

Depósito Legal: 241454/06

ISSN: 0872 - 914X

Tiragem: 1000 exemplares

Referência Bibliográfica:

CARNEIRO, M.; MARTINS, R.; REBORDÃO, F.R., 2006 - Contribuição para o conhecimento das artes de pesca utilizadas no Algarve. **Publicações avulsas do IPIMAR**, 13, 76p. + 57 planos técnicos.

RESUMO

Este trabalho constitui um repositório do conhecimento sobre as artes e métodos de pesca utilizados no Algarve e dos portos de pesca frequentados pelas embarcações da pesca artesanal local.

São caracterizados os portos, indicado o número de pescadores profissionais a operar no Algarve, o número de embarcações licenciadas pela Direcção-Geral das Pescas e Aquicultura em 2004 e as principais espécies desembarcadas em 2004. São descritos sumariamente os métodos, as artes de pesca usadas no Algarve e apresentados os planos técnicos respectivos.

Palavras chave: Algarve, pesca artesanal local, artes de pesca, portos de pesca, principais recursos alvo

ABSTRACT

The present study characterises the fishing methods and gears used by the Portuguese fishermen in Algarve, as well as the fishing ports used by the local artisanal fishery.

Characteristics include the number of fishermen, the number of vessels licensed by the “Direcção-Geral das Pescas e Aquicultura (Fishing Authority)” in 2004, the main species sold in first market in 2004, a general description of the fishing gears and their respective technical details.

Keywords: Algarve, local artisanal fishery, fishing gear, fishing ports, main species

ÍNDICE

	Pág
I - Introdução	7
II - Portos	9
III - Pescadores	15
IV - Embarcações	15
V - Artes de Pesca	17
VI - Recursos Pesqueiros	42
VII - Outros Recursos	44
VIII - Referências Bibliográficas	46
IX - Fotografias	47
- Anexos	61

I - INTRODUÇÃO

O Algarve, situado no extremo ocidental da Península Ibérica, no Sul de Portugal, individualiza-se do resto do país, não só pela sua localização periférica, mas também pelas suas características morfológicas e geológicas.

A região com cerca de 5 000 km², perto de 6 % da superfície total do país, confina a Norte com o Alentejo, a Este é separada da região espanhola da Andaluzia, na sua maior extensão pelo Rio Guadiana, e, a Oeste e a Sul, é banhada pelo oceano Atlântico.

Ao longo dos cerca de 220 km de faixa costeira do Algarve, diferenciam-se duas zonas principais: a costa ocidental, que vai de Odeceixe ao Cabo de S. Vicente, e a costa sul, do Cabo de S. Vicente a Vila Real de Santo António. A primeira é mais exposta, enquanto que a segunda é mais protegida dos ventos dominantes do quadrante norte, por isso mais abrigada. Também existe diferenciação, na costa sul, a nível das condições morfológicas: a zona do Barlavento (parte oeste) é uma costa mais rochosa, com falésias altas, enquanto que no Sotavento (parte leste) a costa é baixa, constituída por extensas praias de areia e por ilhas barreira, as quais separam a ria Formosa do mar.

Devido às condições privilegiadas da costa algarvia, com a possibilidade da prática de pesca em épocas do ano em que na costa ocidental não é praticável, associada a grande riqueza em espécies, a pesca tem sido, ao longo dos tempos, uma actividade importante para esta região.



Figura 1 - Arrasto para terra¹

¹ - Painel de azulejo da fachada do edifício da Capitania do Porto de Vila Real de Sto. António.

O território definido como Algarve pertenceu à antiga província romana da Lusitânia, tendo posteriormente feito parte dos domínios visigodos e árabes. É da palavra árabe “*Al-Gharb*” que deriva a actual palavra portuguesa Algarve.

Remontam ao período do paleolítico superior os primeiros registos de pesca na costa algarvia. Também existem vestígios desta actividade em vários locais do litoral que datam das ocupações fenícia, grega, cartaginesa, romana e visigótica. Em Marim, junto à Ria, os romanos construíram salinas e implementaram a indústria de pesca e salga de peixe, cujos produtos eram depois exportados para todo o Império (antigos tanques de salga de peixe estão actualmente expostos no Parque Natural da Reserva da Ria Formosa).

Mais tarde surgiram os árabes, que durante a ocupação contribuíram para a evolução da pesca, são disto exemplos as armações para a pesca do atum (*almadravas*) e as redes de enredar (*as-sabak*).

Após a reconquista, durante o período medieval até meados do século XVII, as pescarias em geral conheceram períodos de prosperidade e de estagnação. Nos finais do século XVIII, por beneplácito de D. José I, é criada a “*Companhia Geral das Pescarias Reaes do reino do Algarve*”, que permitiu uma recuperação progressiva das pescas até se atingir um dos seus períodos mais áureos, em meados do século seguinte.

Facto marcante da história económica do Algarve foi, a partir dos finais do século XIX, aproveitando a abundância de peixe nas suas costas, o estabelecimento de uma nova indústria, trazida por italianos e franceses, a das conservas de peixe. No entanto, na última metade do séc. XX, assistiu-se à decadência da indústria conserveira.

A frota artesanal local tem grande expressão na região algarvia, por ter representado, em 2004, cerca de 30 % do total das embarcações registadas na frota local do continente e 80 % da frota registada no Algarve.

No âmbito das actividades do Projecto do IPIMAR “*Pesca Artesanal Local e Costeira*” foram realizadas, de 1998 a 2003, deslocações às comunidades piscatórias do Algarve, para actualização de informações referentes aos portos de pesca, às principais espécies alvo, ao número de embarcações existentes, às artes e métodos de pesca utilizados, bem como para o levantamento de algumas dessas artes, que são apenas exemplos das artes utilizadas. Foi possível, ao longo deste trabalho, contar com a colaboração dos pescadores locais.

Aqui se dá conta dos elementos assim recolhidos que poderão contribuir para um melhor conhecimento da actividade de pesca no Algarve.

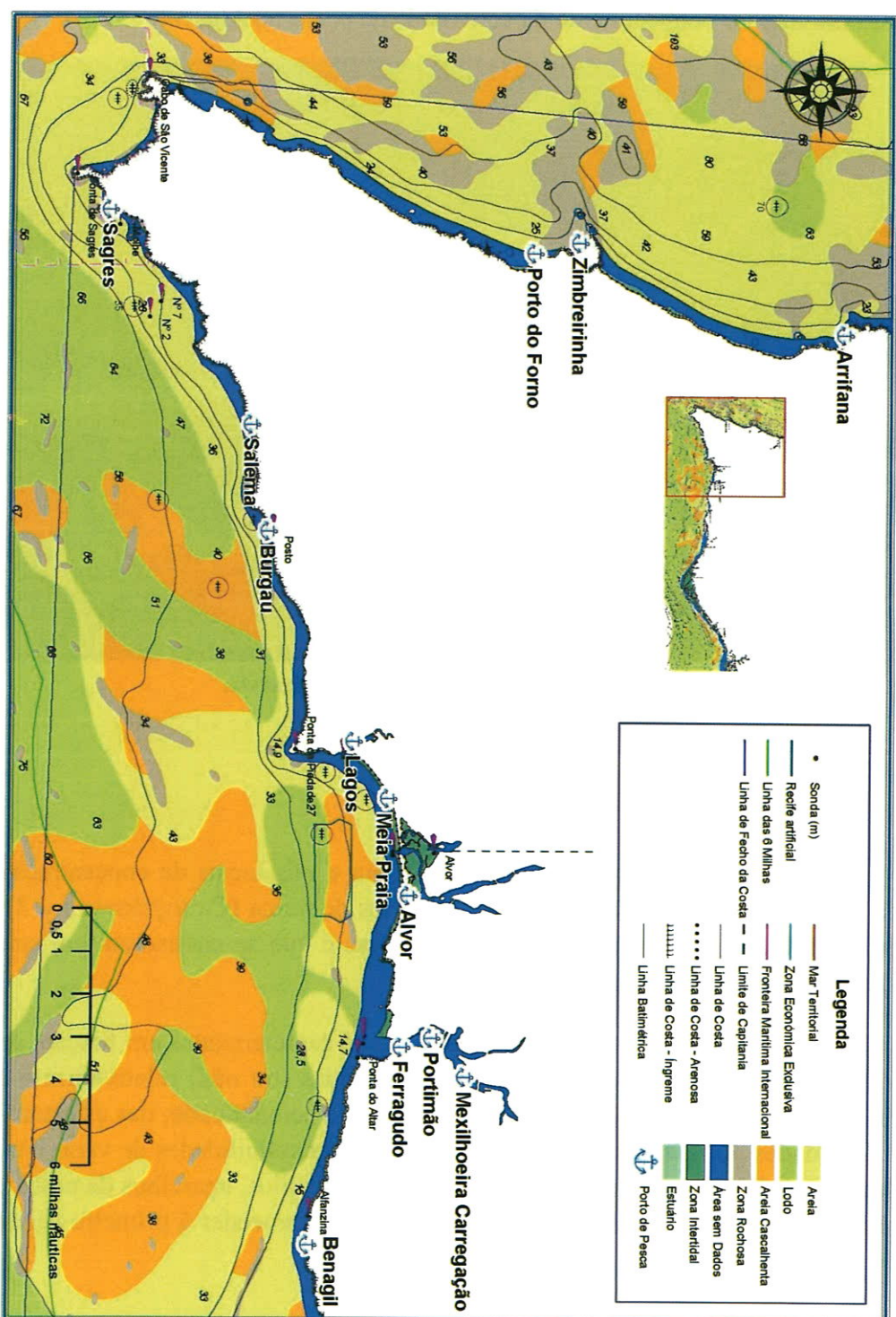


Figura 2 – Vista aérea do sotavento algarvio.

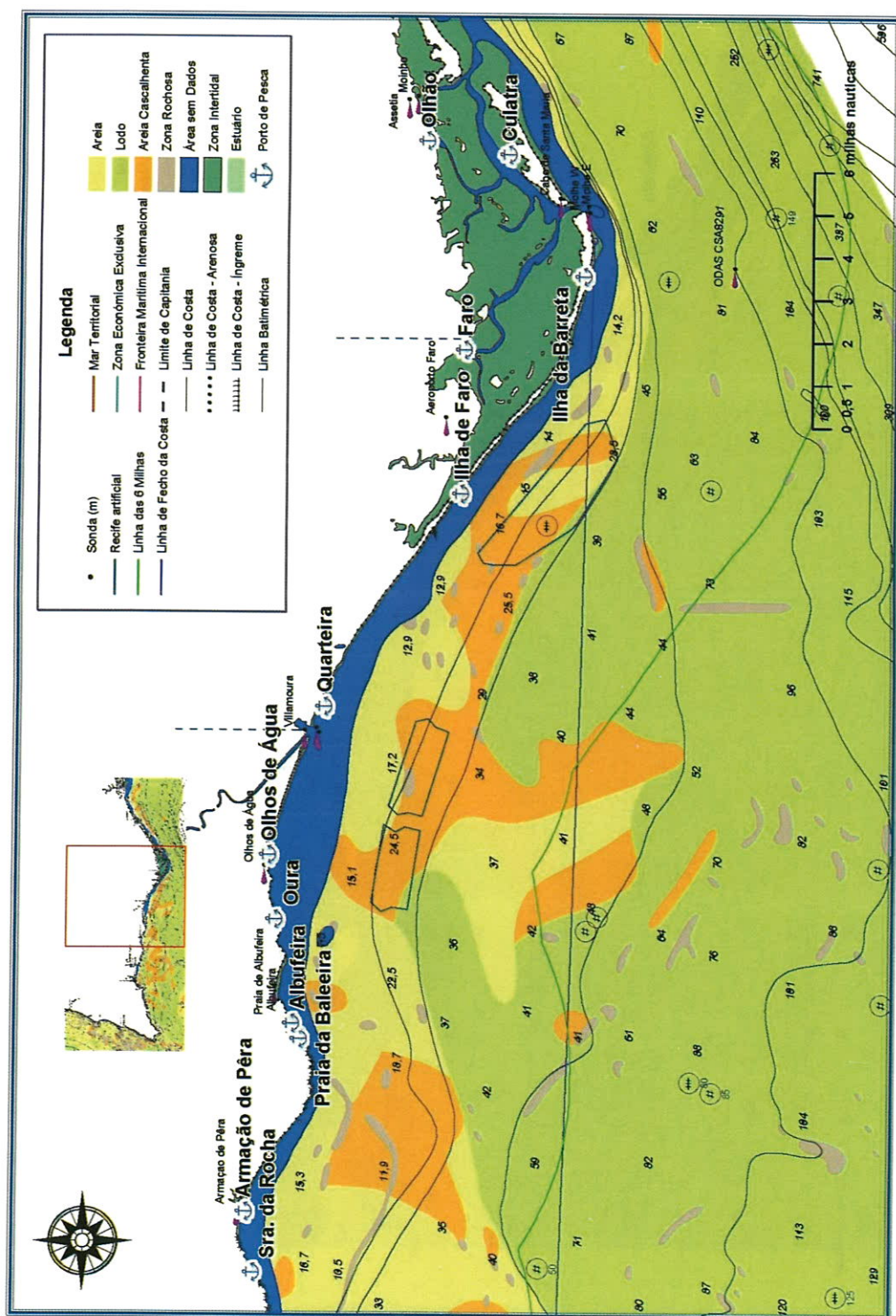
II – PORTOS

Na costa algarvia foram identificados trinta e seis locais de concentração de embarcações de pesca profissional – portos de pesca (Cartogramas 1 a 3), de importância e características muito diversas e que se enquadram em seis Capitania e quatro Delegações Marítimas.

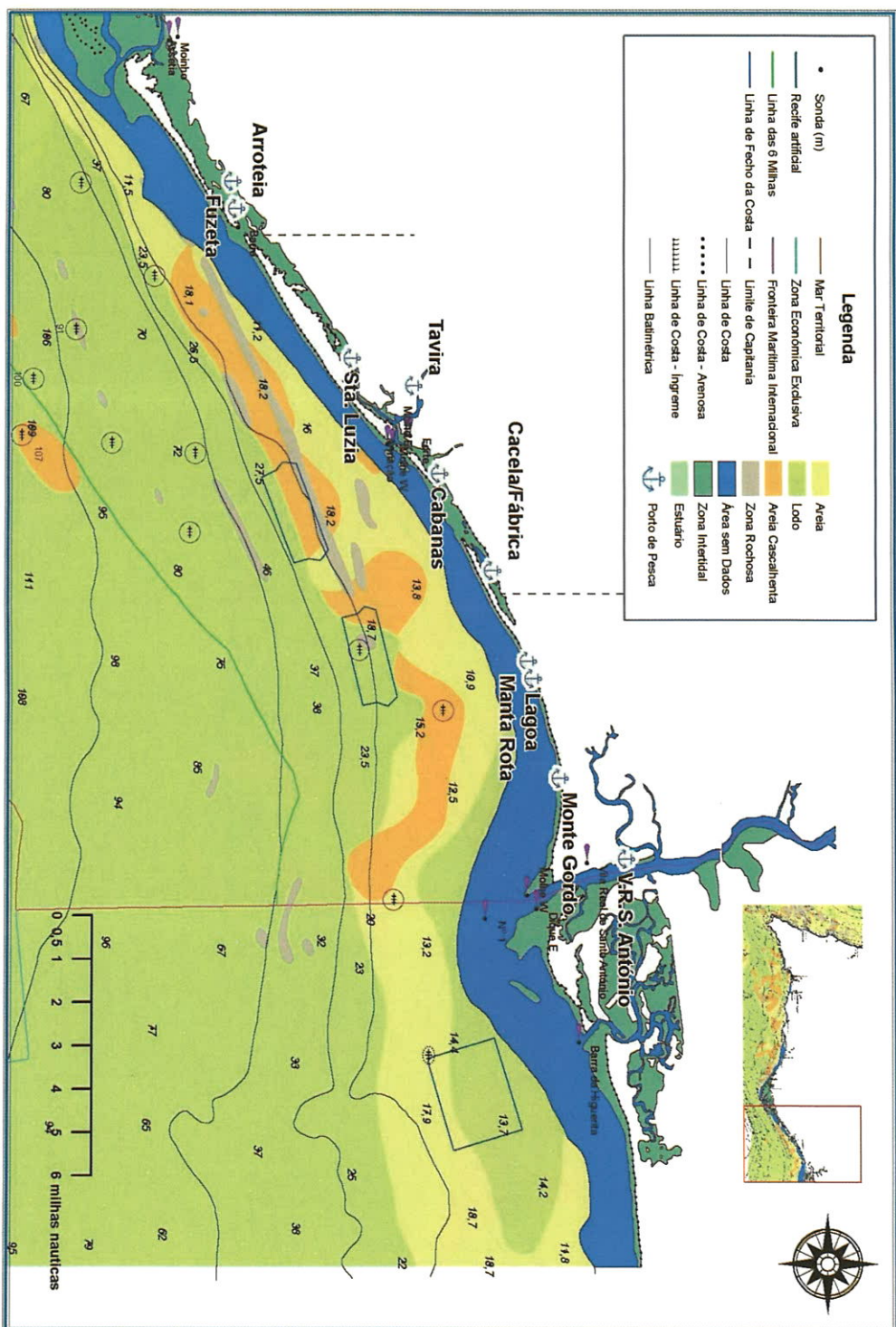
Na Tabela 1 indicam-se esses portos, que são caracterizados em função: da localização geográfica; das alterações introduzidas (ou não) relativamente à linha de costa original/natural; do período de operacionalidade; das estruturas e facilidades portuárias que permitem abrigo; das possibilidades de varar e/ou descarregar; da possibilidade de guardar artes, utensílios, aparelhos de pesca e motores em armazéns de pesca; das facilidades de proceder à primeira venda do pescado em lota.



Cartograma 1 – Localização dos portos de pesca do Algarve da Arrifana a Benagil.



Cartograma 2 – Localização dos portos de pesca do Algarve da Sra. da Rocha a Culatra.



Cartograma 3 – Localização dos portos de pesca do Algarve da Arroteia a Vila Real de St.º António.

Tabela 1 – Características dos portos onde estão sediadas embarcações da Pesca Local.²

Portos de pesca	Localização	Tipo de porto	Operacionalidade	Serviços de venda	Instalações de frio	Armazéns de apoio	Outro tipo de infra estruturas	Meios mecânicos de alagem
DELEGAÇÃO MARÍTIMA DO PORTO DE SAGRES								
Arrifãna	Marítimo	Intervencionado	Permanente	Posto		Sim	Rampa	Guincho
Zimbreirinha	Marítimo	Intervencionado	Sazonal			Sim	Rampa	Guincho
Carrapateira/ Porto do Forno	Marítimo	Intervencionado	Permanente	Posto		Sim	Rampa	Guincho
Sagres	Marítimo	Artificial	Permanente	Sub-delegação	Sim	Sim	Rampa, Cais	Guincho
CAPITANIA DO PORTO DE LAGOS								
Salema	Marítimo	Intervencionado	Permanente	Posto		Sim	Rampa	Tractor
Burgau	Marítimo	Intervencionado	Permanente	Posto		Sim	Rampa	Guincho
Lagos	Fluvial	Artificial	Permanente	Delegação	Sim	Sim	Rampa, Cais, Doca	Guincho
Meia Praia	Marítimo	Natural	Sazonal					Tractor
CAPITANIA DO PORTO DE PORTIMÃO								
Alvor	Lagunar	Natural	Permanente	Posto		Sim	Rampa	
Portimão	Fluvial	Artificial	Permanente	Delegação	Sim	Sim	Rampa, Doca	Guincho
Mexilhoeira da Carregação	Fluvial	Intervencionado	Permanente			Sim	Rampa, Cais	
Ferragudo	Fluvial	Intervencionado	Permanente			Sim	Rampa, Cais	
Benagil	Marítimo	Natural	Permanente			Sim	Rampa	Guincho
Sra. Rocha	Marítimo	Natural	Permanente			Sim	Rampa	Guincho
Armação de Pêra	Marítimo	Natural	Permanente	Posto		Sim		Tractor

² - Por se considerar oportuno apresentam-se as definições de alguns termos utilizados indicados na Tabela 1:

Porto artificial – abrigo característico com alteração significativa da linha de costa marítima ou da margem de um rio ou laguna, à custa de diversas obras de engenharia (molhes ou docas, por exemplo) e possuindo, ainda, infra-estruturas várias: de carga e descarga, de frio, de abastecimento de gelo, de combustíveis e/ou alimentos, etc.

Porto intervencionado – abrigo obtido à custa de ligeiras alterações da linha de costa marítima ou da margem de um rio ou laguna, com introdução de obras de engenharia de pequena monta.

Porto natural – abrigo obtido sem alteração da linha de costa marítima ou da margem de um rio ou laguna, podendo apresentar obras que, eventualmente, aproveitem as condições naturais, exponenciando-as.

Cais – obra de pedra, betão, madeira ou aço, na margem de um rio ou laguna, ou num porto, especialmente destinada a atracação de embarcações.

Varadouro – local à beira mar ou nas margens de um rio ou laguna, onde as embarcações, quando necessário, podem ser postas a seco com facilidade. Com frequência esta operação pode ser conseguida de modo expedito pela existência de uma rampa (é, aliás, o “varadouro” mais frequente).

Lota / Serviço de Venda - edifício ou local onde se realiza a primeira venda do pescado, em leilão.

Doca – espaço de um porto mais ou menos vasto, rodeado por cais acostáveis ou taludes empedrados, e que se destina a abrigar as embarcações do mau tempo. Local onde as embarcações podem ficar a seco, permitindo o acesso directo a todo o casco.

Armazém de Pesca – edifício ou local vedado, destinado à arrecadação de materiais, apetrechos de pesca e, em alguns casos, das embarcações e/ou respectivos motores.

Tabela 1 – Características dos portos onde estão sediadas embarcações da Pesca Local.
(Continuação)

Portos de pesca	Localização	Tipo de porto	Operacionalidade	Serviços de venda	Instalações de frio	Armazéns de apoio	Outro tipo de infra estruturas	Meios mecânicos de alagem
DELEGAÇÃO MARÍTIMA DO PORTO DE ALBUFEIRA								
Baleeira	Marítimo	Natural	Sazonal			Sim	Rampa	Guincho
Albufeira	Marítimo	Artificial	Permanente	Posto			Rampa, Cais	Guincho
Oura	Marítimo	Natural	Sazonal	Posto		Sim	Rampa	Guincho
Olhos D' Água	Marítimo	Intervencionado	Permanente	Posto		Sim	Rampa	Guincho
DELEGAÇÃO MARÍTIMA DO PORTO DE QUARTEIRA								
Quarteira	Marítimo	Artificial	Permanente	Sub-delegação			Doca	
CAPITANIA DO PORTO DE FARO								
Ilha de Faro	Lagunar	Natural	Permanente			Sim		Guincho
Ilha da Barreta	Lagunar	Natural	Sazonal	Posto		Sim		
CAPITANIA DO PORTO DE OLHÃO								
Olhão	Lagunar	Artificial	Permanente	Delegação	Sim	Sim	Rampa, Cais, Doca	
Praia dos Cavacos (Olhão)	Lagunar	Natural	Permanente			Sim		
Ilha da Culatra	Lagunar	Natural	Permanente			Sim		
DELEGAÇÃO MARÍTIMA DO PORTO DA FUZETA								
Fuzeta	Lagunar	Artificial	Permanente	Posto		Sim	Rampa, Cais	
Arroteia	Lagunar	Natural	Permanente					
CAPITANIA DO PORTO DE TAVIRA								
Sta. Luzia	Lagunar	Intervencionado	Permanente	Posto			Rampa, Cais	
Tavira	Fluvial	Artificial	Permanente	Delegação		Sim	Rampa, Cais	Guincho
Cabanas	Lagunar	Natural	Permanente				Rampa, Cais	
Cacela	Lagunar	Natural	Permanente					
CAPITANIA DO PORTO DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO								
Manta Rota	Marítimo	Natural	Permanente	Posto		Sim		Tractor
Lagoa	Marítimo	Natural	Permanente			Sim		Tractor
Monte Gordo	Marítimo	Natural	Permanente			Sim		Tractor
V. R. Stº. António	Fluvial	Artificial	Permanente	Delegação	Sim	Sim	Rampa, Cais, Doca	

III – PESCADORES

De acordo com as informações obtidas junto das comunidades piscatórias, as embarcações da frota local operam, em regra, com dois pescadores (dependendo da tipologia e/ou das artes utilizadas). Admitindo este princípio, estima-se que o número de pescadores profissionais nestas embarcações seja cerca de 2000 (valor calculado com base no número de embarcações autorizadas a operar em 2004).

É de notar a existência de “pescadores desportivos”, em número não quantificável, que usam artes e métodos de pesca ilegais e/ou artes legais mas não autorizadas para a pesca lúdica, em concorrência com a actividade dos pescadores profissionais.

IV – EMBARCAÇÕES

Em 2004 foram licenciadas, pela Direcção-Geral das Pescas e Aquicultura (DGPA), 1002 embarcações da frota local para fainar no Algarve.

As principais características dessas embarcações, por porto de registo, encontram-se resumidas na Tabela 2.

Tabela 2 – Características da frota local licenciada em 2004, por porto de registo.

Porto de registo	Nº de embar.	Comp. fora-a-fora (m)			TAB (t.)			Potência (kW)		
		Máx.	Min.	Méd.	Máx.	Min.	Méd.	Máx.	Min.	Méd.
Albufeira	69	9,00	3,82	5,88	6,10	0,51	2,07	54,44	5,97	29,86
Faro	115	9,00	3,75	6,35	7,57	0,70	2,31	68,00	5,88	33,59
Fuzeta	71	8,98	4,10	6,16	7,19	0,79	2,33	73,08	3,73	29,33
Lagos	86	8,95	3,52	6,03	9,41	0,55	2,35	48,47	3,73	25,47
Olhão	106	8,78	4,23	6,29	5,70	0,74	1,96	55,93	3,73	30,04
Portimão	143	8,95	3,40	5,86	5,65	0,64	2,12	50,00	3,68	29,00
Quarteira	134	8,71	4,50	6,22	7,74	0,69	2,32	58,91	4,00	26,86
Sagres	109	9,00	3,56	5,80	9,41	0,61	2,14	58,10	4,00	28,15
Tavira	52	9,00	3,52	6,90	9,48	0,54	3,78	67,86	3,68	33,22
V.R.S.A.	117	8,95	3,20	5,35	9,41	0,39	1,66	67,11	2,98	23,30

É na área de jurisdição da Capitania de Portimão, incluindo a sua Delegação Marítima – Quarteira, que se encontra registado o maior número de embarcações da frota local, 143 e 134, respectivamente – o que corresponde a cerca de 28 % da frota local licenciada para a região.

O número de licenças atribuídas às embarcações autorizadas a operar no Algarve, por porto de registo e tipo de arte, é discriminado na Tabela 3. Das 1002 embarcações da frota local algarvia licenciadas em 2004, a maioria possui autorização para usar palangre de fundo e redes de emalhar, quer seja de um pano quer seja tresmalho. A arte sacada, destinada à captura de espécies pelágicas e para a qual foram atribuídas 26 licenças, está praticamente em desuso.

Tabela 3 – Número de licenças, por porto e arte, atribuídas pela DGPA à frota local algarvia em 2004.

Porto de registo	Cana	Piteira	Toneira	Palangre	Alcatruz	Covo	Camaroeiro	Ganchorra	Xávega	Cerco	Sacada	Emalhar (60-79mm)	Emalhar (80-99 mm)	Emalhar (≥ 100 mm)	Tresmalho (80-99mm)	Tresmalho (≥ 100 mm)
AL	1	2	59	67	25	25					1	8	16	7	25	8
F	7	27*	66*	114*	36	25	2	3		6	3	22	30	23	75*	24*
FZ	7	22	30	64	35	31		16				9	6	7	16	
LG	14	3	49	70	37	37			2	10	3	38	27	16	27	9
O	14*	30*	53*	90*	14*	12*	1	5				18	41	33	116*	26*
PM	1	4	105	132	17	76					8	38	43	32	38	19
Q	3	7	96	102	25	12				1	5	56	50	30	86	38
SA	1		86	107	19	67				4	5	16	36	18	31	18
T	7	12	21	36	31	27	10				1	10	14	1	15	2
VR	6	17	119*	16*	16							36	26	5	156*	4*

* inclui licenças para mar e águas interiores.

AL – Albufeira; F – Faro; FZ – Fuzeta; LG – Lagos; O – Olhão; PM – Portimão; Q – Quarteira; SA – Sagres; T – Tavira; VR – Vila Real de Santo António.

Algumas embarcações registadas em Faro (26) e Olhão (52) têm licenças para operar no mar e na ria Formosa, enquanto que outras embarcações registadas em Vila Real de Santo António (57) possuem licenças para operar no mar e no rio Guadiana.

V – ARTES DE PESCA

Do universo de artes utilizadas no Algarve pelas comunidades piscatórias, foi possível proceder ao levantamento e à execução do respectivo plano técnico de construção das que se descrevem seguidamente:

Arrilhada – utensílio de mão usado na apanha de percebes (*Pollicipes pollicipes*).

É constituída por uma lâmina metálica ligeiramente encurvada para dentro, fixada a um cabo de madeira de comprimento variável. Permite remover os crustáceos cirrípedes do substrato rochoso.

A arrilhada que tivemos oportunidade de observar possuía uma lâmina de 310 mm de comprimento.

Este utensílio é usado principalmente na costa Ocidental.

Aparelho de carteiras – aparelho de linha sem anzóis utilizado para a captura de búzio-macho (*Phyllonotus trunculus*) e de búzio-canilha (*Bolinus brandaris*).

É constituído por um cabo de poliamida (PA) – *madre* – a que estão ligados outros cabos mais finos e curtos de polietileno (PE) entrançado – *estralhos* – aos quais se prendem pequenos sacos de rede plástica de malha quadrada com 8 mm de lado e dimensões de cerca de 120 mm x 95 mm – *carteiras*. Ao longo da *madre*, a distância entre carteiras é de cerca de 2 metros. Estes sacos são cheios com berbigão, geralmente sub-dimensionado, que funciona como engodo para os gastrópodes marinhos, mantendo-se as presas agarradas ao isco até serem retiradas.

São localmente designados por teias ou linhas. Cada teia é constituída por cerca de 100 *carteiras*. Cada embarcação larga 3 a 4 teias. Esta arte é colocada junto ao fundo com a ajuda de pequenas estacas de madeira.

Este método de pesca é utilizado durante todo o ano na ria Formosa, ainda que o seu uso não esteja autorizado³.

³ - Regulamento da Pesca na Ria Formosa - Portaria nº 560/90 de 19 de Julho, Diário da República, Iª Série - nº 165, pp.3010-3012.

Linha do Safio – linha de mão utilizada para a captura de safio (*Conger conger*).

A que tivemos oportunidade de ver, era constituída por uma linha de 50 metros a que estava preso um anzol.

É usada, de bordo da embarcação, principalmente no Inverno.

Palangre / Trole Aparelho – aparelho de anzol usado para a captura de diversos peixes.

Estas denominações são vulgarmente utilizadas para designar aparelhos de anzol apoitados, que são colocados no fundo ou, mesmo, enterrados. São utilizados durante todo o ano, quer no mar quer em águas interiores marítimas. Das informações obtidas junto dos pescadores, pode-se inferir que, no mar, a sua utilização é predominante durante os meses de Primavera e Verão, ao passo que, em águas interiores marítimas, se regista uma utilização mais acentuada de Novembro a Março.

Em algumas comunidades piscatórias, é alterado o método de pesca dirigido principalmente à captura de robalo (*Dicentrarchus labrax*) e de linguados (*Solea* spp.), utilizando o palangre fundeado em condições de mau tempo (condições que são mais propícias para a captura destas espécies). Neste caso, o aparelho é largado durante a baixa-mar nos cabeços de areia, em ziguezague, enterrando a madre. Tal prática possibilita uma melhor fixação da arte, potenciando as condições de captura.

O tempo de permanência na água e a hora do dia a que este tipo de arte é largada ou alada, varia muito de comunidade para comunidade e, dentro da mesma comunidade, de pescador para pescador; ocorrem, ainda, variações introduzidas em função da espécie alvo, da época do ano, do local de pesca e das condições meteorológicas.

No Anexo “Aparelho” (F1, F2 e F3) apresentam-se as características individuais dos treze palangres “*levantados*” (que foram objecto de levantamento técnico), assim como a designação local e o lugar do levantamento dessas mesmas artes.

Aparelho fino – este aparelho destina-se principalmente à captura de peixes de escama (*esparídeos*), pescada (*Merluccius merluccius*) e peixe-espada (*Lepidopus caudatus*), entre outros.

É constituído por um número muito variável de anzóis (180 a 2000), os mais frequentes entre os tamanhos 9 e 14. O isco mais usado é a sardinha, mas também utilizam o pilado, a lula e o berbigão.

É utilizado durante todo o ano e, em algumas comunidades, quando a pesca é dirigida principalmente à captura de pescada, xaputa (*Brama brama*) e peixe-espada, apenas é usado durante a Primavera e o Verão. Normalmente, é calado duas horas antes do nascer do Sol e alado ao raiar do dia, permanecendo cerca de uma a três horas na água, a “*pescar*”.

Aparelho grosso – destina-se principalmente à captura de safio, pargos (*Pagrus* spp.), moreias (*Muraena* spp.) e cherne (*Polyprión americanus*).

É constituído por um número também variável de anzóis (350 a 6000), frequentemente correspondentes aos tamanhos 5 e 8. O isco usado é a sardinha e a cavala.

É utilizado durante todo o ano e, em algumas comunidades, quando a pesca é dirigida principalmente à captura de safio e cherne, apenas é usado durante a Primavera e o Verão. Normalmente largado duas horas antes do nascer do Sol e virado ao amanhecer, permanece cerca de uma a três horas na água.

Palangre para a Corvina e Robalo – destina-se principalmente à captura de robalo e de corvina (*Argyrosomus regius*), capturando também anchova (*Pomatomus saltatrix*) e pregado (*Psetta maxima*).

Os anzóis mais utilizados variam entre os tamanhos 7 e 9. O isco usado é a sardinha, cavala ou tiras de choco.

É usado durante todo o ano; no Inverno, o seu uso é mais intenso no mar e, durante os meses de Junho a Setembro, é mais utilizado junto, ou dentro, dos estuários. Normalmente é largado ao pôr do Sol e alado ao amanhecer.

Palangre para o Safio – destina-se, principalmente, à captura de safio.

Em regra trata-se de um aparelho fundeado, utilizado a “*grandes*” profundidades, “*palanqueado*” (madre armada com lastros e bóias alternados de modo a pescar junto ao fundo mas a diversas profundidades); possui um cabo auxiliar a todo o seu comprimento – a *retenida* – que serve para virar ao guincho, evitando assim esforços sobre a madre e deixando o aparelho propriamente dito livre para a recolha do peixe. No palangre levantado o anzol empatado era o tamanho 9. O isco utilizado é a sardinha.

É usado durante todo o ano e, normalmente, largado uma hora antes do nascer do Sol; permanece calado cerca de duas horas, sendo virado em seguida.

Toneira – utensílio de dilacerar destinado à captura de lulas (*Loligo* spp.), ainda que também capture choco (*Sepia officinalis*).

É constituída por um pedaço de chumbo, ferro, plástico ou madeira lastrada, alongado e que, na extremidade inferior, apresenta uma ou mais coroas de pontas metálicas aguçadas ou de anzóis sem barbela; na extremidade superior possui uma argola à qual se prende a linha de pesca.

Este método de pesca assenta na acção de atrair a presa pelo movimento rápido e repetitivo de “*sobe e desce*” provocado pelo braço do pescador.

É utilizada durante todo o ano em toda a costa algarvia.

A toneira, com duas coroas de pontas metálicas, é usada abusivamente para a captura de polvo, arrastando-a pelo fundo; neste caso é conhecida por **palhaçinho**. Esta prática é geralmente utilizada durante o “*ensejo*” da manhã (período que antecede o início do amanhecer e o nascer do dia).

Esta arte está consagrada na legislação no Regulamento da Pesca à Linha⁴ e no Regulamento da Pesca na Ria Formosa⁵, mas não para capturar polvo por *corrico* (arrasto).

Piteira – utensílio de dilacerar usado principalmente para a captura de polvo (*Octopus vulgaris*) e, por vezes, de choco.

⁴ - Portaria n.º 1102-C/2000 de 22 de Novembro, Diário da República, I.ª Série - n.º 270, pp. 6692 (9-10).

⁵ - Portaria n.º 560/90, de 19 de Julho, Diário da República, I.ª Série - n.º 165, pp.3010-3012.

É constituída por uma haste de madeira à qual estão presos de 5 a 10 anzóis, com barbela, formando uma coroa; o isco (geralmente sardinha ou cavala) é enfiado na haste que, posteriormente, é presa à linha.

É usada de modo semelhante à toneira – ou seja, atrai a presa pelo movimento. Esta arte é utilizada durante todo o ano, quer na ria Formosa quer no mar.

O seu uso é permitido pelo Regulamento de Pesca à Linha⁶.

Esta arte pode, também, ser utilizada arrastando-a pelo fundo, normalmente iscada com cavala. Nesta modalidade de pesca, captura principalmente polvo e é conhecida por *carrinho* ou *zagaia*. O seu uso está referenciado por Costa e Franca (1982) com maior incidência no Sotavento algarvio.

Alcatruz – armadilha de abrigo destinada à captura de polvo.

Esta arte é construída tradicionalmente com barro (mais recentemente é usado o plástico), tem uma abertura e destina-se a criar a ilusão de “*toca*”, de abrigo.

No Anexo “*Alcatruzes*” (F1 e F2) apresentam-se as características individuais dos nove alcatruzes “*levantados*” assim como o local do levantamento dessas mesmas artes. Inclui-se, ainda, sempre que possível, o número de alcatruzes por teia.

Estas armadilhas são normalmente utilizadas em conjuntos, constituindo teias e, geralmente, são usados 100 a 200 alcatruzes por teia e largadas 4 a 7 teias. Estas são compostas por um cabo principal – *madre* – a que estão presos outros cabos de menor diâmetro – *baixadas* ou *alfoques* – que prendem os alcatruzes. Em cada extremidade da teia existe um cabo, denominado *arinque*, que, num lado, prende a poita que fundeia a arte e, no outro, está ligado à bóia que a sinaliza à superfície. Os alcatruzes são montados na teia de forma a que a distância entre eles impeça que se toquem, em especial durante as manobras de calagem e alagem.

As teias são geralmente largadas paralelamente à linha de costa e, por disposição legal⁷, para embarcações até nove metros de comprimento fora-a-fora, não podem ser caladas a uma distância inferior a meia milha de distância

⁶ - Portaria nº 1102-C/2000 de 22 de Novembro, Diário da República, Iª Série - nº 270, pp. 6692 (9-10).

⁷ - Regulamento da Pesca por Arte de Armadilha - Portaria nº 1102-D/2000, de 22 de Novembro, Diário da República, Iª Série - nº 270, pp.6692 (10-12).

à linha de costa e o número máximo de alcatruzes permitido por embarcação é de 3000.

Esta arte também é designada por *pote*, *vaso* ou *vasilha*.

Apesar de ser uma arte usada em toda a costa algarvia, é nas comunidades piscatórias de St.^a Luzia e da Fuzeta que esta modalidade de pesca tem maior expressão.

Esta arte não está consignada no Regulamento da Pesca na Ria Formosa⁸.

Covo – armadilha de gaiola utilizada na captura de cefalópodes, peixes e crustáceos.

É geralmente constituído por uma estrutura rígida paralelepipedica coberta por rede plástica de malha quadrada ou inteiramente construída com rede metálica; regra geral, possui apenas um endiche⁹, situado na parte superior ou na parte lateral, do covo.

As dimensões e formas são muito variadas, desde os pequenos covos utilizados na captura de polvos e navalheiras aos grandes covos utilizados para a captura de peixes. O vazio da malha ou retículo permitido nos covos destinados à captura de cefalópodes, peixes e crustáceos é das classes de malhagem de 30 a 50 mm e maior, ou igual, a 50 mm¹⁰.

Os covos são geralmente usados em teias, calados no fundo e iscados, mais frequentemente, com sardinha ou cavala. O isco é normalmente colocado em pequenas bolsas que são fixadas dentro do covo ou em pequenos compartimentos especialmente concebidos para este efeito.

As embarcações de pesca local podem utilizar até 500 covos¹⁰. Para os covos não se encontra regulamentada a distância mínima à linha de costa a que podem ser calados.

Podem ser designados pelo nome da espécie ou grupos de espécies-alvo, por exemplo, *covo da lagosta*, *covo do polvo*, *covo do choco* e *covo para peixes*, ou, podem ter uma denominação relacionada com a sua forma, por exemplo,

⁸ - Portaria n° 560/90 de 19 de Julho, Diário da República, Iª Série – n° 165, pp. 3010-3012.

⁹ - Abertura em funil ou tubular, que dificulta ou impede a saída das presas.

¹⁰ - Regulamento da Pesca por Arte de Armadilha - Portaria n° 1102-D/2000, de 22 de Novembro, Diário da República, Iª Série – n° 270, pp. 6692 (10-12).

covo tronco-cónico, covo de meia-cana, ou, ainda, tomar uma denominação local, como, por exemplo, *murejona, bornel e covo macho*.

Murejona – destina-se principalmente à captura de peixes, nomeadamente choupas (*Spondylusoma cantharus*), ferreiras (*Lithognathus mormyrus*), bicas (*Pagellus erythrinus*) e sargos (*Diplodus* spp.).

É uma armadilha rígida, esferóide, construída com arame zincado. Na parte superior possui o endiche de forma afunilada e, na base, que fica assente no fundo, possui uma abertura com tampa, na qual está fixa a *bolsa* do isco.

Devido ao tipo de estrutura e ao processo construtivo da *murejona*, a malhagem é menor que a legalmente permitida, apresentando um estreitamento do vazio da malha ou do retículo, quer na parte superior quer na parte inferior da armadilha. No entanto, na zona lateral mediana, o vazio da malha ou retículo das “malhas” triangulares, em pelo menos 30 % da área total da *murejona*¹¹, tem de apresentar valores entre 30 a 50 mm, quando esta arte se destine à captura de peixe.

A *murejona* tradicional utilizada no Algarve mede no seu diâmetro máximo (medido no bojo mediano) cerca de 1 m e cerca de 300 mm de altura. É usada em teias de 15 a 30 unidades e iscada com sardinha ou cavala; as embarcações largam, normalmente, 4 a 5 teias.

Esta arte é usada todo o ano, mas, preferencialmente, durante a Primavera e Verão. É utilizada no mar e na ria Formosa, onde é permitido o seu uso¹².

Bornel – armadilha rígida destinada à captura de moreias (*Muraena* spp.).

Esta arte é semelhante à *murejona*, variando, no entanto, a forma que, neste caso, é alongada e de pequenas dimensões, semelhante a uma campânula (de diâmetro máximo inferior à altura) e com um único endiche que se encontra colocado na face mais larga do *bornel*.

A armadilha deste tipo observada media 388 mm no seu diâmetro máximo e 635 mm de altura.

11 - Regulamento da Pesca por Arte de Armadilha - Portaria n.º 1102-D/2000, de 22 de Novembro, Diário da República, I.ª Série - n.º 270, pp. 6692 (10-12).

12 - Regulamento da Pesca na Ria Formosa - Portaria n.º 560/90 de 19 de Julho, Diário da República, I.ª Série - n.º 165, pp. 3010-3012.

Esta arte pode ser utilizada individualmente (Arrifana) ou em teias de 20 unidades (Sr^a da Rocha), sendo as teias largadas ao princípio da noite e viradas de manhã. Nesta última comunidade piscatória, estas armadilhas são iscadas com polvo "chamuscado" (queimado superficialmente) enquanto na Arrifana são iscadas com sardinha.

Esta arte é usada todo o ano; no entanto, o seu uso encontra-se em declínio face à baixa rentabilidade e à aparente escassez de moreia.

Esta arte também é designada por *covo da moreia*.

Covo Macho – destina-se à captura de diversos peixes e crustáceos; por exemplo: safio, sargos, pargos (*Pagrus* spp.), lavagante (*Homarus gammarus*) e lagostas (*Palinurus* spp.).

Esta armadilha, também construída com arame (tal como as duas anteriores), apresenta uma forma tronco-cónica alongada e constitui uma variante da murejona tradicional, a fim de permitir a entrada de presas de maiores dimensões; o seu diâmetro máximo é de cerca de 1,00 m e a altura ronda os 600 mm; o endiche está colocado na face mais larga.

Esta arte é utilizada, principalmente, durante a Primavera e o Verão, em teias de 10 a 30 covos, pelos pescadores de Benagil, Sr.^a da Rocha e Armação de Pêra.

Covo do Polvo – destina-se, principalmente, à captura de polvo; no entanto, regista-se a captura, ainda que em quantidades menores, de outras espécies com interesse comercial, nomeadamente navalheira (*Necora puber*), safio e moreia.

No Anexo "Covo do Polvo" (F1 e F2) apresentam-se as características individuais dos onze covos do polvo "*levantados*", assim como o local do levantamento e o número de covos por teia.

Em regra e tradicionalmente, os covos de menor dimensão são iscados com sardinha ou cavala e os de maior dimensão podem, além da sardinha e da cavala, ser iscados com casulo ou com um charroco vivo, que potencia o interesse do polvo pelo covo.

Esta arte é normalmente usada em teias; o número de covos por teia varia com o tamanho dos covos, com as características e capacidade da embarcação e, ainda, com as dimensões das áreas de pesca. O número de covos por teia é variável: 30, 100, 250 ou mesmo 300 e cada embarcação larga, em média, 2 a 4 teias.

Usado durante todo o ano, permanece sempre na água (as teias só são retiradas para se proceder a reparações ou para limpezas dos covos, sendo, no entanto, *corridas* – aladas e verificadas – quase todos os dias).

Provavelmente, de entre todos os tipos de covos rígidos existentes no Algarve, o *covo do polvo* deverá ser o mais utilizado. Esta armadilha também é designada por *covo de meia-cana*.

Covo do Choco – destina-se, principalmente, à captura de choco, registando-se, também, capturas de menor expressão de outras espécies com valor comercial, como o polvo e o robalo.

Estes covos apresentam em geral dimensões semelhantes aos de maiores dimensões usados para o polvo.

Esta arte é usada em teias, cada uma com 20 a 30 covos e as embarcações largam, em média, cerca de 5 teias. É utilizada geralmente no mar, principalmente de Março a Setembro. São, no entanto, *corridas* todos os dias.

Em algumas comunidades, durante a época de postura do choco, é colocado, no interior do covo, piorno / giesta branca (*Cytisus* spp.) para atrair as fêmeas a fazerem aí a postura e a serem, por isso, mais fáceis de capturar.

Covo para Peixes / Covo da Lagosta – destina-se, sobretudo, à captura de peixes e de crustáceos; por exemplo: robalo, sargos, safio, moreia, lagostas, lavagante, santola (*Maja squinado*) e de sapateira (*Cancer pagurus*); mas, por vezes, este tipo de arte também captura polvo.

Este covo possui dimensões superiores às dos covos para polvo: comprimentos de cerca de 500 mm a 1m, altura de 300 a 450 mm e malhagens de 32 a 34 mm; é usado durante todo o ano, em teias com cerca de 30 covos, largando, em média, 4 teias por embarcação; é iscado com sardinha ou cavala.

Covo da Enguia – destina-se à captura de enguia (*Anguilla anguilla*).

Esta armadilha, de estrutura rígida e dimensões muito semelhantes à dos covos para peixe, distingue-se das anteriores por possuir a malhagem da forra de plástico de menores dimensões (a observada media 10 mm pelo lado interno da malha), pelo posicionamento do endiche ser numa das faces laterais, ocupando a totalidade da mesma e por terminar (abertura interna do endiche) com um diâmetro muito inferior ao normalmente utilizado (± 50 mm).

Covos com estas características não estão consignados no Regulamento da Pesca na Ria Formosa¹³.

Utilizado na ria Formosa, de Janeiro a Maio, é normalmente usado individualmente ou em teias, de 6 covos; é iscado com sardinha. Permanece 24 a 72 horas na água, após as quais é levantado, retirada a captura, iscado de novo e depois largado.

Arrasto da Conquilha ou Arrasto de Cintura – draga manobrada por pescador/mariscador a pé, destinada à captura de moluscos bivalves, principalmente de conculha/cadelinha (*Donax trunculus*).

É constituída por uma armação metálica com uma barra na parte inferior (com um pente de dentes ou uma lâmina), que serve de boca a um saco de rede que se destina à recolha dos bivalves.

A *ganchorra de mariscar/ganchorra de mão* poderá dispor de uma grelha de barras paralelas, soldadas à parte inferior da armação, entre o saco e a *boca* e, ainda, de um cabo de madeira, mais ou menos curto, ao qual está ligada uma alça que o mariscador prende à cintura (cinto auxiliar de tracção).

O *arrasto da conculha* que tivemos oportunidade de observar possuía uma grelha de barras paralelas entre a boca e o saco, que media 400 mm de comprimento, 25 mm de largura e o espaçamento entre barras era de 6,5 mm; o cabo media 1,46 m.

Segundo o Regulamento de Pesca por Arrasto¹⁴, uma *ganchorra de mão* pode apresentar, na boca, uma largura máxima de 600 mm, uma altura máxima

¹³ - Portaria n.º 560/90 de 19 de Julho, Diário da República, 1.ª Série – n.º 165, pp. 3010-3012.

¹⁴ - Regulamento da Pesca por Arte de Arrasto - Portaria n.º 1102-E/2000, de 22 de Novembro, Diário da República, 1.ª Série – n.º 270, pp. 6692 (12-15).

de 500 mm, dentes com comprimento máximo de 150 mm e com intervalo mínimo de 15 mm. Os dentes da ganchorra podem ser substituídos por uma lâmina cuja largura máxima não pode exceder 150 mm. Acoplada à boca da ganchorra pode existir uma armação metálica ou um saco de rede.

Caso seja utilizada uma armação metálica do tipo grelha de barras paralelas, o espaçamento mínimo entre barras não poderá ser inferior a 8 mm – quando se destina à captura da conquitilha – ou a 12 mm, para captura de outras espécies. Se a armação metálica for revestida com malha rígida, o retículo não deve ser inferior a 15 mm – quando se destina à captura da conquitilha – ou a 20 mm, para captura de outras espécies. Caso seja utilizado um saco de rede, a malhagem mínima não poderá ser inferior a 30 mm.

É utilizada a pé, no litoral, durante a baixa-mar. O período de defeso para os bivalves é de 1 de Maio a 15 de Junho¹⁵.

Ganchorra – draga rebocada a partir de embarcação que se destina à captura de moluscos bivalves.

É constituída, tal como a draga de mão, por uma estrutura rígida com uma barra na parte inferior, a que está soldado um pente de dentes. Acoplada à boca da ganchorra pode existir uma armação metálica ou um saco de rede.

No Algarve, são basicamente utilizados dois tipos de ganchorras: a **Ganchorra da Amêijoia**, que se destina principalmente à captura de amêijoia-branca (*Spisula solida*) e a **Ganchorra do Longueirão**, destinada, principalmente, à captura do lingueirão (*Ensis siliqua*). No entanto, são também capturadas outras espécies comercialmente importantes, tais como: pé-de-burrinho (*Chamelea gallina*), conquitilha, amêijoia-triangular (*Spisula subtruncata*) e navalha (*Pharus legumen*).

A dimensão da boca da ganchorra não pode exceder 1,00 m; os dentes, dependendo da espécie alvo, não podem exceder 200 mm – quando se destina à captura de amêijoia-branca, conquitilha, pé-de-burrinho, ameijola – ou 550 mm, quando se destina à captura de lingueirão; o intervalo entre os dentes não pode ser inferior a 15 mm¹⁵.

¹⁵ - Regulamento da Pesca por Arte de Arrasto - Portaria n.º 1102-E/2000, de 22 de Novembro, Diário da República, 1ª Série - n.º 270, pp. 6692 (12-15).

Caso seja utilizada uma armação metálica do tipo grelha de barras paralelas, o espaçamento mínimo entre barras não poderá ser inferior a 8 mm. Se a armação metálica for do tipo *grelha de retenção*, o espaçamento mínimo entre barras não poderá ser inferior a 12 mm quando se destina à captura da amêijoia-branca e pé-de-burrinho, a 8 mm quando se destina à captura de conculha e a 9 mm quando se destina à captura de navalha e longueirão. Caso se utilize um saco de rede, a malhagem mínima não poderá ser inferior a 30 mm se a ganchorra se destina à captura de amêijoia-branca, pé-de-burrinho e conculha ou a 60 mm quando utilizada na captura de longueirão ou navalha¹⁶.

É utilizada no litoral oceânico, actua em fundos de areia ou vasa, e só pode pescar em profundidades superiores a 2,5 metros (no momento). O período de defeso para os bivalves é de 1 de Maio a 15 de Junho¹⁶.

A ganchorra que observámos era dirigida à captura de conculha e media cerca de 320 mm de boca, o comprimento dos dentes era de 65 mm e o intervalo entre eles era de 7,2 mm; o espaçamento entre as barras da grelha metálica e da grelha de retenção era de 8,4 mm.

No rio Arade é frequentemente utilizada uma pequena ganchorra, designada por “*Sarilho*”, que é destinada, principalmente, à captura de amêijoia-macha (*Venerupis pullastra*). É rebocada a partir de uma embarcação fundeada e actua em fundos de areia ou vasa. Na realidade, o “*sarilho*” propriamente dito é um aparelho de força manual, colocado no convés da embarcação e que permite incrementar a força exercida no reboque da ganchorra.

Rede de Cerco / Rapa – arte de pesca envolvente, principalmente utilizada na captura de espécies pelágicas, como a sardinha (*Sardina pilchardus*), o carapau (*Trachurus trachurus*) e a cavala (*Scomber japonicus*).

Esta arte é constituída por vários panos de rede: os das extremidades, de menores dimensões e semelhantes, designados por *cubas*, *da vante* ou *da barca* e *da ré* ou *da mão*, e os do centro, que constituem a *panagem geral* da rede. Na tralha inferior estão montados cabos formando *aranhas* com argolas por onde passa um cabo, a *retenida*, que permite fechar a rede por baixo. A rede deste tipo que observámos media 122,40 m pela tralha de flutuação e 147,60 m pela tralha dos lastros, a *panagem geral* era constituída por 24 *cordas* de malhagem

¹⁶ - Regulamento da Pesca por Arte de Arrasto - Portaria n.º1102-E/2000, de 22 de Novembro, Diário da República, 1ª Série - n.º 270, pp. 6692 (12-15).

de 20 mm e a altura da rede era de cerca de 22 metros. A zona da *copejada*, zona da rede de concentração do peixe para o *copejo* (retirada do peixe) nesta rede não era construída com fio mais resistente do que o da panagem geral, apenas se verificou que o número de flutuadores era duplo do resto da rede.

Estas artes funcionam como *paredes* de rede, colocadas verticalmente, devido à presença de um cabo com flutuadores na tralha superior, que se mantém à superfície, e de outro cabo com lastros, na tralha inferior; são largadas começando por uma extremidade de modo a descrever um círculo, de maneira que o outro extremo se junte ao primeiro, ficando, assim, envolvido todo o volume limitado pelo cerco efectuado.

Ao nível da pesca local, as redes de cerco mais utilizadas são de pequena dimensão, com *retenida*, e em que a tralha de chumbos e a parte inferior da rede – ao longo de toda a arte – se encontra especialmente preparada para poder tocar o fundo sem provocar avarias sérias; assim sendo, a arte é por vezes largada em cima da pedra (capturando, por isso, quantidades apreciáveis de espécies demersais). São as artes denominadas *rapas*.

Estas artes só podem operar para fora do quarto de milha de distância à linha de costa, bem como em profundidades iguais ou superiores a 20 metros entre um quarto de milha e 1 milha de distância à linha de costa; o comprimento máximo da tralha de flutuação é de 300 metros e a altura máxima é de 60 metros¹⁷ para as embarcações da pesca local.

Rede de Sacada – arte de pesca por sacada para embarcação destinada, principalmente, à captura de sardinha e de carapau.

É constituída por panos de rede mergulhados na horizontal e que permitem, por levantamento da arte, capturar as eventuais presas que se coloquem sobre ela.

A designação *sacada* provém do nome que a rede sugere quando é levantada. De facto, com o fim de se formar *rufo*, isto é, uma espécie de bolsa formada pela rede, são colocados lastros de chumbo na panagem geral, os quais se encontram dispostos de forma quadrangular no centro da rede e afastados entre si cerca de 100 malhas.

¹⁷ - Regulamento da Pesca por Arte de Cerco - Portaria n.º1102-G/2000, de 22 de Novembro, Diário da República, Iª Série B-nº 270, pp. 6692 (18-20).

A rede é largada com auxílio de duas embarcações: uma maior, geralmente denominada *barco das portas* ou *barco das bocas*, e outra embarcação auxiliar, em regra de menores dimensões, denominada *barco de testa*. A rede do lado mais próxima da embarcação maior designa-se por *testa* e, do lado oposto, por *boca*. Na *testa*, existe um pano de rede, denominado *segadinha*, que faz a transição entre a rede e o saco, que tem por função ajudar a concentrar e a encaminhar o peixe para o saco onde fica armazenado.

Lateralmente, a rede é entalhada a dois cabos designados por *armados* ou *armaduras*. A rede é montada no barco de testa com auxílio de duas varas, uma à proa e outra à popa, no sentido longitudinal da embarcação.

A rede é lançada à água do lado do *barco das portas*, indo a *boca* da rede para o fundo e ficando o saco fora de água, junto ao *barco de testa*. A captura é efectuada pela alagem da rede por meio de *levas* (cabos) e com aproximação progressiva dos dois barcos, sendo o peixe conduzido aos poucos para o saco, o qual já se encontra mergulhado na água. O peixe é retirado do saco por meio de xalavares e transportado para a embarcação maior.

Na concentração e posicionamento do peixe, de forma a permitir a sua captura, é utilizada atracção luminosa. Por vezes, recorre-se, ainda, à utilização de engodo para melhorar as possibilidades de captura.

Na arte que observámos, a malhagem da rede propriamente dita e da *segadinha* era de 18 mm, a malhagem do saco era de 19 mm e as varas mediam 8,00 m.

Esta arte também é designada por *Sacada*, *Secada* ou, ainda, *Cercada*.

A **sacada** foi uma das artes de pesca mais usadas em toda a costa algarvia na década de 60 (Bastos, 1963), mas, actualmente, está em desuso e não se encontra consignada no Decreto-Regulamentar nº 7/2000¹⁸, que define quais os métodos de pesca permitidos.

Rede de emalhar de um pano fundeada – redes destinadas principalmente à captura de peixes.

Estas artes são constituídas por panos de rede de forma rectangular, montados em dois cabos: um cabo superior, de flutuação (tralha das bóias, tralha das

18 - Decreto Regulamentar nº 7/2000, de 30 de Maio, Diário da República, Iª Série B-nº 125, pp. 2494-2509.

cortiças, tralha superior) e um inferior, de lastragem (tralha dos chumbos, tralha inferior), que mantêm, de um modo geral, a arte em posição vertical na água.

Estas redes são caladas directamente sobre o fundo ou a uma curta distância dele, por meio de âncoras ou lastros – *poitas* – com peso suficiente para contrariar a força de flutuação das bóias (mais as forças de corrente sobre os cabos de alagem e a própria rede).

A altura destas redes depende das espécies alvo e das profundidades em que são caladas; legalmente, a altura máxima é de 10 metros (3,5 m para as redes de emalhar com malhagem da classe 60-79 mm)¹⁹; a malhagem mínima permitida durante todo o ano, no Algarve, é a da classe de malhagem 60 mm – 79 mm (entre o Cabo de S. Vicente e o rio Guadiana¹⁹), com excepção da costa ocidental, onde só se podem usar redes da classe de malhagem de 80 mm – 99 mm e maior ou igual a 100 mm²⁰.

Estas artes, que são comuns por toda a costa, só podem ser caladas para fora do quarto de milha de distância à linha de costa e a sua utilização é proibida nas águas interiores não marítimas²¹. Entre um quarto de milha e uma milha de distância à linha de costa, a pesca com redes de emalhar só pode ser exercida por embarcações de pesca local.

Ainda que esteja estabelecido, por embarcação de pesca local, que o comprimento máximo acumulado das caçadas seja de 2000 metros, para embarcações de convés aberto e até 9 metros de comprimento fora-a-fora, e de 3500 metros, para embarcações de convés fechado e até 9 metros de comprimento fora-a-fora²⁰, verifica-se, com frequência, que estes limites não são respeitados e que estas redes atingem vários quilómetros.

Em regra, as redes de emalhar fundeadas são largadas 2 a 4 horas antes do nascer do Sol e recolhidas assim que o Sol nasce; por lei, o tempo de calagem das redes de emalhar não pode ultrapassar as 24 horas consecutivas – salvo motivo de força maior devidamente comprovado – ou 72 horas, se estiverem incluídas na classe de malhagem igual ou superior a 100 mm e operarem em profundidades superiores a 300 metros²⁰.

19 - Alteração ao Regulamento da Pesca por Arte de Emalhar - Portaria nº 386/2001, de 14 Abril, Diário da República Iª Série – nº 88, pp. 2147-2149.

20 - Regulamento da Pesca por Arte de Emalhar - Portaria nº 1102-H/2000, de 22 de Novembro, Diário da República Iª Série B – nº 270, pp. 6692 (20-22).

21 - Decreto Regulamentar nº 7/2000, de 30 de Maio, Diário da República, Iª Série B-nº 125, pp. 2494-2509.

As redes de emalhar de um pano fundeadas tomam por vezes designações relacionadas com as espécies alvo, como por exemplo: a *rede da azevia*, a *rede do salmonete*, a *rede da língua*, a *rede da corvina*, a *rede do linguado* e a *rede do robalo*, ou designações locais, como *rede tansa* e *rede da malha*. A *rede da malha*, a *rede tansa* ou, simplesmente, *rede de emalhar* são designações utilizadas no Algarve para redes de emalhar fundeadas, visando a captura de peixes de escama. Não diferem muito umas das outras, tendo mais semelhanças entre si do que diferenças.

No Anexo “Redes de Emalhar” (F1 a F3) apresentam-se as características individuais das vinte e cinco redes de emalhar “*levantadas*”, assim como a designação local e o lugar do levantamento dessas mesmas artes. Inclui-se, ainda, sempre que possível, o número de panos/redes por caçada.

Rede do Linguado – rede de emalhar fundeada destinada, principalmente, à captura de linguados, embora se registre a captura de outras espécies comercialmente importantes: choco, pregado (*Psetta maxima*), raias (*Raja* spp.), sargos, dourada, robalo, santola, azevia (*Microchirus theophila*) e safio.

As artes que observámos com esta designação possuíam malhagem de 100 a 117 mm, eram construídas de fio de *nylon* monofilamento e o número de panos por caçada variava de 30 a 60.

Não existe, ao longo da costa algarvia, relativamente à época e ao uso da arte, uma regra bem definida, variando o padrão de utilização de comunidade para comunidade (por vezes, varia também dentro da mesma comunidade e de ano para ano). No entanto, poder-se-á indicar que, como regra generalizada, a arte seja utilizada durante todo o ano, sendo normalmente largada ao fim da tarde (pôr do Sol) e virada no outro dia de manhã (nascer do dia), permanecendo, em média, cerca de doze horas a pescar.

Rede do Salmonete – rede de emalhar fundeada destinada à pesca de salmonetes (*Mullus* spp.). Regista-se, no entanto, a captura de outras espécies comercialmente importantes, como sargos, ferreira, besugo, bica (*Pagellus erythrinus*), pescada e garoupas (*Epinephelus* spp. e *Serranus* spp.).

As artes que observámos com esta designação possuíam malhagem de 55 a 60 mm, eram construídas de fio de *nylon* monofilamento e o número de panos por caçada variava de 100 a 120.

Aparentemente, esta arte pode ser usada durante todo o ano. No entanto, o padrão de utilização mais provável corresponde ao período entre o final de Março e Outubro, sendo largada de madrugada e alada ao nascer do dia, permanecendo apenas cerca de duas a três horas na água.

Rede da Língua / Rede da Azevia – redes de emalhar fundeadas, com designações locais diferentes, mas que se destinam, principalmente, à captura da mesma espécie, a língua (*Dicologlossa cuneata*)²². Regista-se, também, a captura de outras espécies comercialmente importantes, nomeadamente linguados e, raramente, sargo-safia/mucharra (*Diplodus vulgaris*).

As artes que observámos com estas designações possuíam malhagem de 37 a 55 mm, eram construídas de fio de *nylon* monofilamento e o número de panos por caçada variava de 10 a 125. É de salientar que as artes observadas não apresentavam flutuadores.

Estas redes são utilizadas durante todo o ano. São largadas de madrugada e viradas ao nascer do dia, permanecendo na água de duas a quatro horas, em média.

Rede do Robalo – rede de emalhar fundeada destinada, principalmente, à captura de robalo e dourada, mas também é assinalada a captura de outras espécies comercialmente importantes, como o pargo e a corvina (*Argyrosomus regius*).

A arte que observámos com esta designação possuía malhagem de 105 mm, era construída de fio de *nylon* monofilamento e o número de panos por caçada era de 40.

Esta arte é utilizada, tipicamente, durante o Inverno, sendo largada de forma a efectuar um dos “ensejos” (ocaso ou alvor). Permanece cerca de duas horas na água.

²² - A designação *rede da azevia* advém da possível confusão de identificação das duas espécies, ou, então, de uma denominação vernácula local para a língua.

Rede da Corvina – rede de emalhar fundeada destinada principalmente à captura de corvina.

A arte que observámos com esta designação possuía malhagem de 80 mm, era construída de fio de *nylon* monofilamento e o número de panos por caçada era de 10.

Este tipo de arte é geralmente utilizado em situações de temporal, sendo o tempo de permanência na água apenas o suficiente para largar e virar a rede. É largada 2 a 3 vezes.

Rede da Malha – rede de emalhar destinada principalmente à captura de salmonetes, besugo, sargos, sargo-safia, bica, ferreira, choupa, dourada e robalo.

As artes que observámos com esta designação possuíam malhagem de 75 a 107 mm, eram construídas de fio de *nylon* monofilamento e o número de panos por caçada variava de 25 a 150.

As ***redes da malha*** são utilizadas durante todo o ano. São largadas normalmente de madrugada e aladas ao nascer do dia, permanecendo na água cerca de três a quatro horas.

Rede Tansa – rede de emalhar destinada principalmente à captura de sargos, bica, choupa, besugo e ferreira.

A arte que observámos com esta designação possuía malhagem de 60 mm, era construída de fio de *nylon* monofilamento e o número de panos por caçada variava de 90 a 100.

Estas redes são utilizadas durante todo o ano, são largadas de madrugada e aladas ao nascer do dia, permanecendo na água de meia-hora a três horas, dependendo do estado do mar. Também são usadas fazendo o “ensejo” da tarde, sendo, neste caso, largadas ao fim da tarde e viradas após o poente.

Rede de Emalhar – redes destinadas preferencialmente à captura de ferreira, besugo, salmonetes, pescada, linguados, linguado-da-areia, bica, dourada, corvina, choco, azevia, capturando também boga, carapau e agulha (*Belone belone*).

As artes que observámos com esta designação possuíam malhagem de 60 a 110 mm, eram construídas de fio de *nylon* monofilamento e o número de panos por caçada variava de 40 a 100.

Por serem um tipo de arte dos mais utilizados em toda a costa algarvia, estão presentes na maioria das comunidades piscatórias, facto que explica apresentarem uma grande variedade relativamente à época de utilização e ao modo de usar.

As **redes de emalhar** são utilizadas durante todo o ano. Contudo, em algumas comunidades, são utilizadas no Verão (Albufeira), predominantemente no Verão (Faro) ou predominantemente durante o Inverno (Monte Gordo).

Estas redes são, em regra, largadas ao fim do dia ou de madrugada, sendo viradas ao nascer do dia ou às primeiras horas da manhã, podendo permanecer de uma a doze horas na água; no Verão, em alguns casos, quando as espécies alvo são “peixes de escama”, pescam até às oito horas. O tempo de permanência na água aumenta para as vinte e quatro horas quando a pescaria é orientada para a captura de linguados.

Tresmalho fundeado – redes destinadas principalmente à captura de peixes, cefalópodes e crustáceos.

As redes de tresmalho são constituídas por três panos (o interior – *miúdo* e os exteriores – *alvitanas* ou *albitanas*) e foram especialmente concebidas para enredar; por isso, o processo de captura não depende tanto da malhagem (pano do miúdo) como nas redes de emalhar de um pano, porque as presas ficam mais enredadas do que emalhadas, daí o serem menos selectivas mas mais eficazes.

Estas redes são utilizadas de modo semelhante às redes de emalhar de um pano fundeadas, estando muito difundidas por toda a costa algarvia e águas interiores. É proibido o exercício da pesca com redes de tresmalho a uma distância inferior a uma quarto de milha de distância à linha de costa²³. Entre um quarto de milha e uma milha de distância à linha de costa, a pesca com redes de emalhar de três panos só pode ser exercida por embarcações de pesca local (comprimento fora-a-fora não superior a 9 metros).

²³ - Regulamento de Pesca por Arte de Emalhar - Portaria n.º 1102-H/2000, de 22 de Novembro, Diário da República Iª Série B - n.º 270, pp. 6692 (20-22).

A malhagem mínima (malha estirada) permitida durante todo o ano, no Algarve, às embarcações de pesca local (até aos limites de afastamento da linha de costa permitidos consoante o tipo de embarcação), é a da classe de malhagem no miúdo de 80 – 99 mm e maior ou igual a 100 mm (entre o cabo de S. Vicente e o rio Guadiana), com exceção da costa ocidental, onde só se podem usar redes de tresmalho da classe de malhagem no miúdo igual ou maior que 100 mm²⁴.

A altura destas redes é muito variável, podendo ir de 0,50 até 3,00 m, que é a altura máxima permitida²⁴. Ainda que esteja estabelecido, por embarcação de pesca local, até 9 metros de comprimento fora-a-fora, um comprimento máximo acumulado das caçadas de 2500 metros²⁴, verifica-se que, por vezes, este limite não é respeitado.

Por lei, o tempo de calagem das redes de tresmalho não pode ultrapassar as 24 horas consecutivas, salvo motivo de força maior devidamente comprovado ou 72 horas, se estiverem incluídas na classe de malhagem igual ou superior a 100 mm e operarem em profundidades superiores a 300 metros²⁴.

Tal como em outras zonas, na costa algarvia estas artes são por vezes designadas por nomes relacionadas com as espécies alvo, como, por exemplo, o *tresmalho do choco* ou *rede do choco*, a *rede do camarão* e a *rede do linguado*. Em alguns locais do Algarve os tresmalhos são conhecidos por *rede de dois panos*.

No Anexo “Redes de Emalhar – Tresmalho” (F1 a F4) apresentam-se as características individuais das vinte e uma redes de tresmalho “*levantadas*”, assim como a designação local e o local do levantamento das mesmas artes. Inclui-se, ainda, sempre que possível, o número de panos/redes por caçada.

Tresmalho / Tresmalho do Choco / Rede do Choco / Tresmalho do Choco e Linguado / Rede do Linguado – redes de emalhar de três panos destinadas principalmente à captura de choco e de linguados. Verifica-se, também, a captura de outras espécies comercialmente importantes, tais como raias, azevia, sargos, dourada, robalo, charroco (*Halabatrachus didactylus*), pregado, santola, lagostas e lavagante.

²⁴ - Regulamento de Pesca por Arte de Emalhar - Portaria n.º 1102-H/2000, de 22 de Novembro, Diário da República Iª Série B - n.º 270, pp. 6692 (20-22).

As artes que observámos com esta designação possuíam malhagem de 65 a 115 mm, eram construídas de fio de *nylon* monofilamento, ou multifilamento, e o número de panos por caçada variava de 7 a 125.

É uma das artes mais utilizadas na costa algarvia, sendo comum em muitas das comunidades piscatórias locais, quer actue predominantemente no mar quer dentro de sistemas lagunares e estuarinos. Relativamente à época, ao uso da arte e ao tempo de permanência na água, não existe uma regra bem definida, variando o padrão de utilização de comunidade para comunidade (por vezes dentro da mesma comunidade) e de ano para ano, consoante a pesca e a habilidade do pescador.

Por exemplo, estas redes são utilizadas durante todo o ano (Tavira, Cacela Velha, Monte Gordo, Albufeira, Ilha de Faro e Armação de Pêra), por vezes com predominância durante os meses de Inverno (Arrifana e Fuzeta), principalmente durante a Primavera e Verão (Quarteira), ou só durante o Inverno (Ferragudo, Culatra e Cabanas).

As redes são normalmente largadas ao fim da tarde (pôr do Sol) e viradas de manhã, podendo, no entanto, permanecer na água de duas a seis horas, vinte e quatro ou mesmo quarenta e oito horas.

Rede do Camarão – rede de tresmalho fundeada destinada, principalmente, à captura da gamba-manchada (*Penaeus kerathurus*), embora capture outras espécies comercialmente importantes, nomeadamente salmonetes, azevia, língua, choco e santola.

As artes que observámos com esta designação possuíam malhagem de 40 a 55 mm, eram construídas de fio de *nylon* multifilamento e o número de panos por caçada variava de 20 a 60.

É utilizada desde meados de Maio até ao fim do Verão. As redes são largadas ao pôr do Sol, permanecendo duas a três horas na água (Quarteira) ou dez a doze horas (Monte Gordo), sendo, neste caso, aladas ao nascer do dia.

Bomba – compressor de ar, accionado manualmente e utilizado na captura do ralo (Família Callianassidae, géneros *Upogenia* e *Squilla*). Durante a baixa-mar, o ralo é removido da areia ou vasa, onde se encontra alojado, por pressão de ar da bomba.

A arte que observámos com esta designação media 725 mm de comprimento e o diâmetro era de 60 mm.

Este método de pesca é utilizado na ria Formosa, ainda que o seu uso não esteja autorizado²⁵.

Para além das artes acima descritas, as quais foram alvo de “levantamento”, também são usadas na ria Formosa e costa litoral algarvia as seguintes artes:

Adriça – utensílio simples de apanha, que se destina, principalmente, à captura de longueirões (*Ensis* spp. e *Solen marginatus*).

É constituída por uma haste metálica que termina em ponta, normalmente de forma cónica; introduz-se nos pequenos orifícios circulares, denunciando a presença do bivalve enterrado na areia; após ter atingido o corpo do molusco, através da abertura entre as valvas que se fecham quando o animal é tocado, “agarrando-o”, a adriça é rapidamente retirada do substrato.

É normalmente utilizada nas praias arenosas, durante a baixa-mar.

Também é referida por Baldaque da Silva (1891) como *arame do longueirão*.

Enxadão – utensílio de mão, que é usado na apanha de poliquetas – casulo (*Diopatra neapolitana*).

É constituído por uma peça metálica, com 3 dentes, fixada a um cabo de madeira.

Este utensílio é usado na Fuzeta, na baixa-mar, e não está consignado no Regulamento da Pesca na Ria Formosa²⁶.

Faca de mariscar – utensílio de mão frequentemente usado na apanha de amêijoas e berbigão, na baixa-mar, principalmente dentro das zonas lagunares, e, ainda, de mexilhão (*Mytilus* spp.) nas rochas do litoral oceânico.

²⁵ - Regulamento da Pesca na Ria Formosa - Portaria n.º 560/90 de 19 de Julho, Diário da República Iª Série - n.º 165, pp. 3010-3012.

²⁶ - Portaria n.º 560/90 de 19 de Julho, Diário da República Iª Série - n.º 165, pp. 3011-3012.

É constituída por uma lâmina metálica de forma variada de bordo não cortante, fixa a um cabo de madeira curto. Permite destacar ou remover os bivalves do substrato (rocha, areia ou lodo) onde estão agarrados ou enterrados.

Corrico – aparelho de anzol que se destina, principalmente, à captura de robalo e sargos.

É constituído por uma linha principal – *madre*, a que estão ligados os *estralhos* com os anzóis (de 100 a 400), normalmente iscados com longueirão, lula, casulo, sardinha ou pilado; numa das extremidades da madre está colocado um lastro, que pode ser uma pedra ou uma chumbada.

É largado na praia; atirando o lastro para longe, o pescador desloca-se ao longo do areal largando os anzóis. Quando acaba de largar pode continuar a rebocar o aparelho durante algum tempo ou voltar para trás e recolher o peixe que *picou*.

Este tipo de aparelho é usado, principalmente, durante o Inverno, na zona de rebentação. Há notícia da sua utilização em algumas praias do Sotavento algarvio.

Palangre de superfície ou **palangre de deriva** – estes aparelhos, de muitos anzóis, são mantidos à sub-superfície por intermédio de flutuadores regularmente distribuídos e derivam com as correntes, ficando geralmente ligados às embarcações.

No Algarve a sua utilização é rara. É usado, sobretudo, para a captura de espécies pelágicas como, por exemplo, a xaputa.

Nassa do Búzio, do Caranguejo e do Camarão – pequena rede de saco tipo chalavar utilizado na captura de búzios (Muricidae), caranguejo-verde (*Carcinus maenas*) e de camarão (*Crangon crangon*).

Esta arte é um saco de rede montado num aro metálico de reduzida dimensão, geralmente de forma circular e do qual partem três ou quatro fios – *guias*, que se juntam formando uma pequena argola – *alça*, à qual está ligado um cabo que o suspende – linha de mão, caso seja utilizada na forma individual, ou baixada, se utilizada em teia.

Quando destinadas à captura de búzios (Muricidae), o número máximo de nassas por embarcação é de trezentas; quando são destinadas, em particular, à captura de caranguejo-verde e de camarão, o número máximo de nassas por embarcação é de quarenta²⁷.

Em qualquer dos casos, o diâmetro máximo do aro é de 500 mm e a malhagem mínima da rede do saco é de 20 mm²⁷.

Pode, também, ser designada por *camaroeiro* ou *xalavar*.

Ancinho de cabo – draga de mão destinada à captura de amêijoa-macha, de conculha e de berbigão.

É constituído por uma estrutura em forma de pente, de base metálica ou de madeira e dentes de metal diretos ou curvos, de tamanho e número variáveis. Ligado ao pente existe um saco de rede onde ficam retidos os moluscos bivalves. A esta estrutura está ligado um cabo de madeira.

Esta draga de mão é manobrada, geralmente, em águas pouco profundas, por um pescador / mariscador a pé.

Quando é utilizado em zonas litorais, destina-se, principalmente, à captura de conculha. No rio Arade, em fundos permanentemente submersos, os ancinhos são dotados de cabos compridos (4 a 6 metros) e são utilizados de bordo de botes fundeados. Neste caso, a arte destina-se, sobretudo, à captura de amêijoa-macha e de berbigão.

Tapa-esteiros – armadilha de barragem para a captura de peixe.

É constituída por panos de rede (geralmente redes de traineira) colocados na vertical, com o auxílio de varas, desde o fundo até à superfície. Esta arte é calada de modo a atravessar de um lado ao outro um esteiro ou canal. Pode ser lastrada com pedras ou enterrada na vasa/areia. Calada na baixa-mar, arma-se na preia-mar e recolhe-se a captura na baixa-mar seguinte.

Esta arte é utilizada esporadicamente no Algarve em águas interiores não marítimas, preferencialmente em zonas em que se faça sentir o efeito de

²⁷ - Regulamento da Pesca na Ria Formosa - Portaria n.º 560/90 de 19 de Julho, Diário da República Iª Série - n.º 165, pp. 3011-3012.

correntes ou variações do nível da água e que sejam de passagem de certas espécies. Apesar de não ser permitida²⁸, é uma arte de que se tem notícia do seu emprego fortuito em diversos locais, tais como o rio Arade e a ria de Alvor.

Redinha – arte envolvente-arrastante para a praia, de pequenas dimensões, que se destina à captura de peixes.

É uma rede sem saco, mas com bastante “*rufo*” na panagem geral, tendo na parte superior o cabo das bóias e na inferior o cabo dos chumbos; o “*rufo*” parece substituir o saco existente, mais frequentemente, na região central das redes envolventes-arrastantes, o qual se destina a dar “*agasalho*” às capturas, ou seja criar espaço para a concentração e retenção da captura; por vezes possui ainda dois cabos presos às extremidades que facilitam a alagem da rede.

Esta arte, que normalmente é usada no litoral e durante a baixa-mar, pode também ser lançada de bordo de pequenos botes. É, geralmente, lançada a pé durante a baixa-mar e manobrada à mão por dois ou mais pescadores (sempre poucos).

Este tipo de arte não se encontra licenciada, sendo utilizada, ainda que raramente, em algumas praias arenosas do sotavento.

Xávega – arte envolvente-arrastante de grandes – ou muito grandes – dimensões que se destina, sobretudo, à captura de sardinha, embora ocorra a captura de outras espécies com interesse comercial, nomeadamente cavala, carapau, sargos e dourada. Por ser uma arte que actua em áreas muito próximas da costa, captura também, com alguma frequência, juvenis de peixes e cefalópodes.

É constituída, essencialmente, por um saco central a que estão ligadas as asas (*mangas*, *alares*) formadas por longos panos de rede, cuja altura decresce desde o saco até aos extremos – *calões*, e em que a malhagem vai aumentando progressivamente para os extremos. A tracção do saco é feita pelos *alares* (peças de rede). As extremidades das asas são, ainda, prolongadas pelos longos cabos de alagem (*cordas*, *chicotes*) que, desse modo, contribuem para aumentar a área de actuação quando em pesca.

²⁸ - Decreto Regulamentar n.º 7/2000 de 30 de Maio, Diário da República I Série - n.º 125, pp. 2496.

A rede é largada por uma embarcação que se afasta da praia deixando em terra um cabo de alagem, o *roçeiro*, descreve um percurso envolvente, mais ou menos paralelo à linha de costa calando a rede e regressa à praia, conduzindo o outro cabo de alagem, a *mão-de-barca*. A rede é alada para a praia, manualmente e com recurso a força de origem mecânica, recolhendo aquelas *cordas*.

O conhecimento do seu uso remonta ao século XV (Pedrosa, 1985), praticamente não tem expressão nos dias de hoje, apenas sendo usada esporadicamente na Meia Praia e em Quarteira.

VI – RECURSOS PESQUEIROS

No Algarve existem quinze estruturas da Docapesca, S.A. (Serviço de Lotas e Vendagem - SLV) activas: Albufeira, Armação de Pêra, Arrifana, Benagil, Faro, Fuzeta, Lagos, Olhão, Olhos de Água, Portimão, Quarteira, Sagres, Santa Luzia, Tavira e Vila Real de Stº António.

Em 2004, foram comercializadas cerca de 134 espécies e grupos de espécies naquelas estruturas.

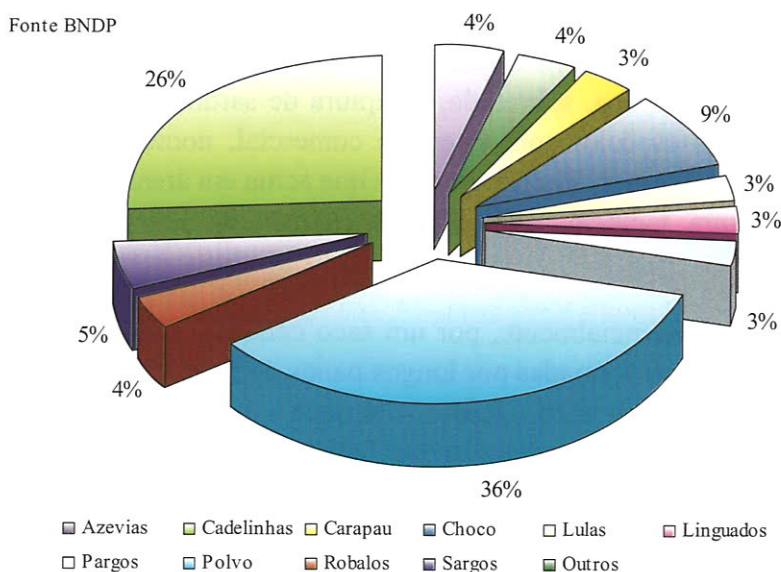


Figura 3 – Percentagem dos desembarques, em valor (€), provenientes das embarcações da frota local registadas nos portos do Algarve e licenciadas – 2004.

Da análise dos desembarques²⁹, em valor, ocorridos naquelas lotas e referentes a embarcações da frota local licenciadas em 2004 e registadas no Algarve, verifica-se que as espécies ou grupos de espécies mais representativos foram o polvo (36,0 %), o choco (8,6 %), os sargos (5,3 %), a azevia (4,4 %) e as cadelinhas (3,9 %) (Fig. 3).

Por outro lado, da análise dos registos dos desembarques, em peso, referentes às mesmas embarcações (Fig. 4), verifica-se que as espécies mais comercializadas foram o polvo (27,9 %), a amêijoia-branca (11,7 %), as cadelinhas (9,1 %), o choco (8,5 %) e a cavala (8,1 %).

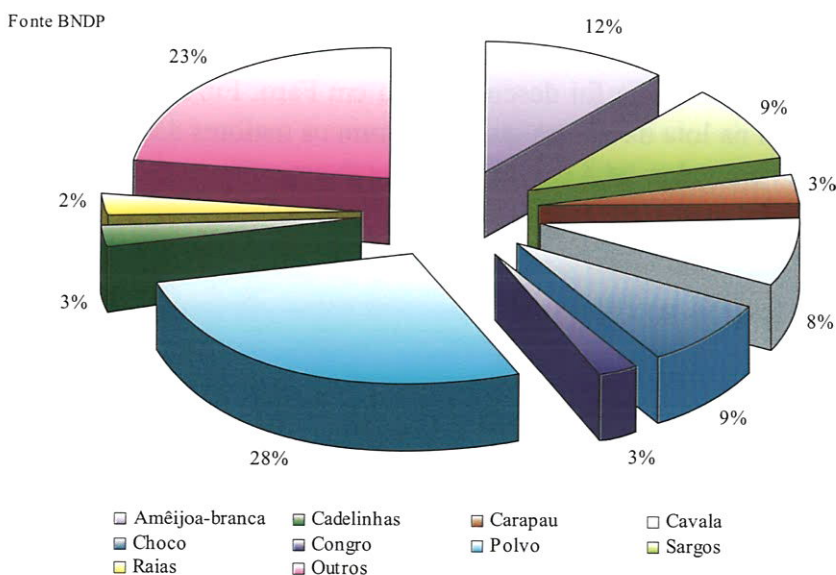


Figura 4 – Percentagens dos desembarques, em peso (kg), provenientes das embarcações da frota local registadas nos portos do Algarve e licenciadas – 2004.

É de referir que, durante 2004, as Delegações do Serviço de Lotas e Vendagem de Quarteira (19,9 %), Olhão (19,1 %), Lagos (17,7 %) e Sagres (14,0 %) foram as que registaram maior volume de descargas totais, em peso; em valor (€), foram as delegações de Quarteira e Sagres (23,8 % e 21,5 %, respectivamente), Lagos (14,3 %) e Olhão (10,8 %). Estas quatro delegações foram responsáveis por mais de 70 % dos movimentos registados em lota (quer em peso quer em valor).

O polvo foi comercializado praticamente em todos os Serviços de Lotas e Vendagens (com excepção de Benagil), registando-se as maiores descargas

²⁹ - Fonte: Banco Nacional de Dados da Pesca (BNDP), 2004.

(kg) em Sagres (20,9 %) e Santa Luzia (19,2 %); neste último Serviço de Lotas e Vendagens praticamente só se desembarcou esta espécie (99 % dos desembarques totais desta lota).

A amêijoa-branca, segunda espécie mais desembarcada em peso, foi descarregada principalmente em Olhão (79,2 %) e Fuzeta (20,8 %); também há registo de desembarques em Lagos, mas muito reduzidos (0,02 %).

O choco, segunda espécie mais desembarcada em valor, foi descarregado em praticamente todas as lotas (excepção de Benagil e Olhos de Água); em Quarteira e Olhão é que se registaram os maiores valores, 43,7 e 22,8 % em peso e 37,3 e 24,6 % em valor, respectivamente.

A cadelinha/conquilha foi desembarcada em Faro, Fuzeta, Olhão e Lagos; no entanto, foi na lota da Fuzeta que ocorreram os maiores desembarques quer em peso quer em valor, 64,4 e 65,0 %, respectivamente.

VII – OUTROS RECURSOS

APANHA

A apanha de diversas espécies marinhas é uma modalidade de pesca com algum relevo na região algarvia. As principais espécies alvo são os moluscos bivalves e os percebes, ainda que também se apanhem outras espécies como lapas, caramujos, ouriços e búzios.

A apanha de bivalves constitui uma actividade importante quer na ria Formosa quer no litoral oceânico.

Esta pesca é exercida por mariscadores que, na maré-baixa e em substrato arenoso, se dedicam principalmente à captura de conquilha, no litoral, e de berbigão na ria. A apanha é geralmente feita *à mão*, com *faca de mariscar* ou com draga de *mão/arrasto de cintura*.

A apanha de percebes é exercida, principalmente, na costa ocidental sul entre Sagres e Arrifana; os instrumentos auxiliares de apanha utilizados são a *faca* e a *arrilhada*.

As capturas provenientes destas apanhas são de difícil estimativa. Em 2004, foram emitidas pela DGPA 215 licenças para apanhadores operarem no litoral algarvio. Destas, 68 % destinaram-se à apanha de bivalves com *draga de mão* / *arrasto de cintura*.

AQUICULTURA

Moluscicultura

Na região do Algarve existem 1246 zonas de moluscicultura, conhecidas por viveiros, as quais ocupam uma área que ronda, no total, os 480 ha (Relatório do Grupo de Trabalho sobre Aquicultura, 2003). A maioria destes viveiros localiza-se na ria Formosa, correspondendo a cerca de 99 % da área total.

A principal espécie cultivada é a amêijoia-boia (*Ruditapes decussatus*), que representa cerca de 80 % da cultura portuguesa (Cachola e Campos, 2004).

Piscicultura

Esta actividade, tradicionalmente praticada no Algarve nas salinas como complemento da produção de sal (Santinha e Arrobas, 1995), a partir do final dos anos 80 foi alvo de grande desenvolvimento com recurso a apoios comunitários. Estes estabelecimentos de produção aquícola são dirigidos, em particular, a espécies como o robalo e a dourada. O tipo de exploração pode ser em regime intensivo, semi-intensivo ou extensivo.

Segundo o relatório do Grupo de Trabalho sobre Aquicultura (2003) existiam no Algarve 33 estabelecimentos de piscicultura activos e um inactivo, os quais ocupam uma área que ronda, no total 400 ha. A maioria destes estabelecimentos localiza-se na ria Formosa, correspondendo a cerca de 70 % da área total.

VIII – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Baldaque da Silva, A.A., 1891 – Estado Actual das Pescas em Portugal. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 520 p.

Bastos, J.T.F.C., 1963 – Artes de Pesca na área Marítima do Sul. *Boletim da Pesca*, Ano XV, 81:11-69.

Cachola, R.; Campos, C. J. A., 2004 – Contributo para a melhoria das condições da salubridade nas zonas de produção de moluscos bivalves na Ria Formosa. 12º Congresso do Algarve, 377 – 383 pp.

Costa, F. C.; Franca, M. L. P, 1982 – Pesca Artesanal na Costa Algarvia. Subsídio para o conhecimento do seu estado actual. *Publicações Avulsas do INIP*, 1, 107 p.

Grupo de Trabalho sobre o Sector da Aquicultura em Portugal. 2003 – Relatório Final. Documento Interno, 25-26 pp. do Anexo ao Relatório Final.

Pedrosa, F.G., 1985 – A evolução das artes de pesca em Portugal. *Anais do Clube Naval*, Vol. CXV, 287-319 pp.

Santinha, P. J.; Arrobas, I., 1995 – A piscicultura marinha no Algarve situação actual e perspectivas. 8º Congresso do Algarve, 869-874 pp.

IX – FOTOGRAFIAS



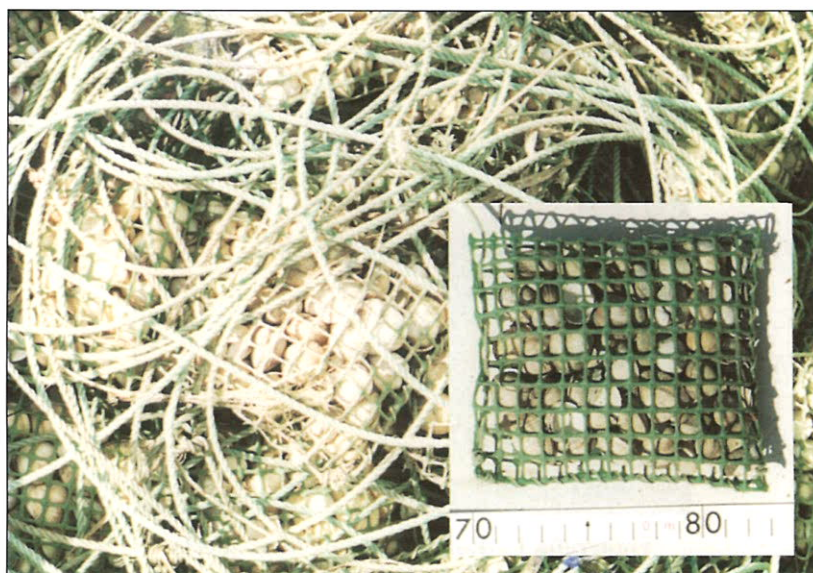
Fotografia 1 – Embarcação de boca aberta com motor fora de bordo (Olhão).



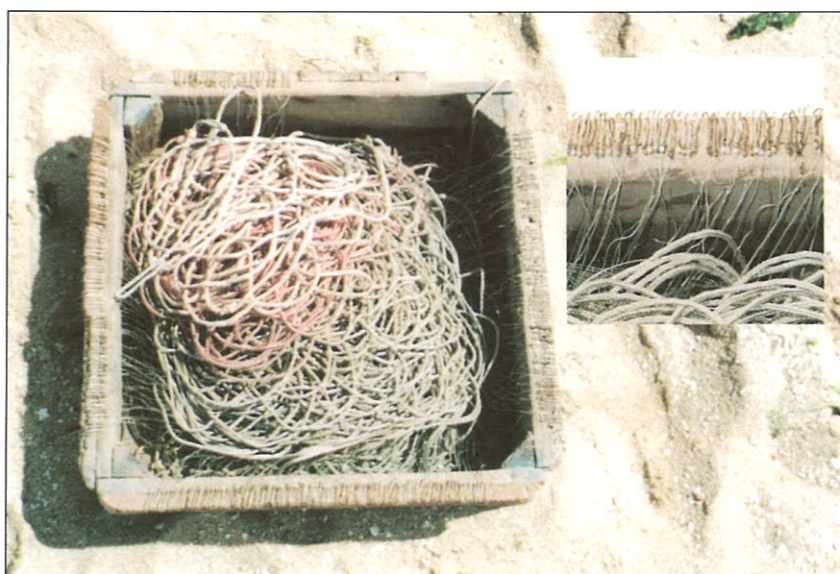
Fotografia 2 – Embarcação cabinada com motor fixo (Cabanas).



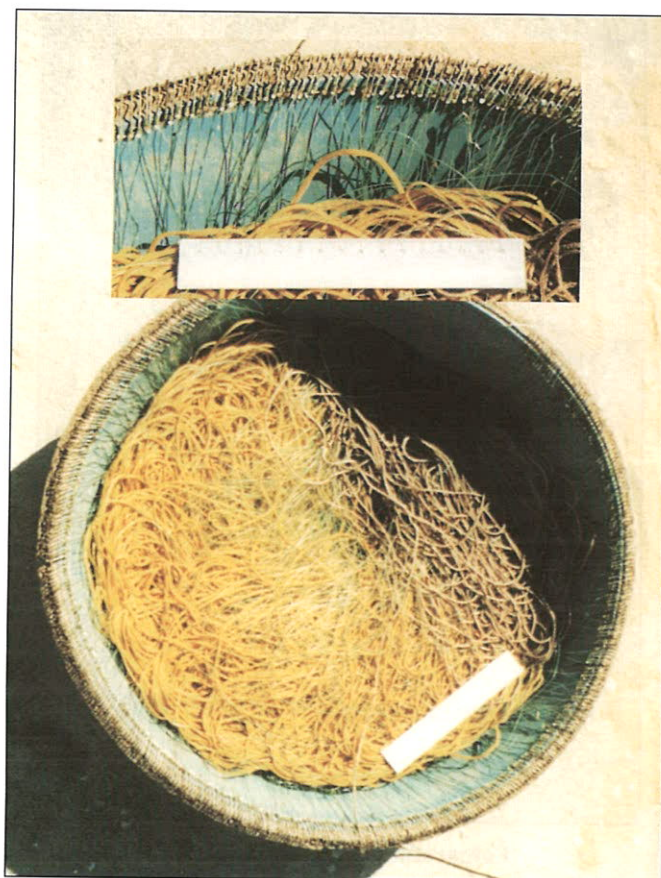
Fotografia 3 – Arrilhada (costa ocidental).



Fotografia 4 – Aparelho de carteiras (Ilha da Culatra).



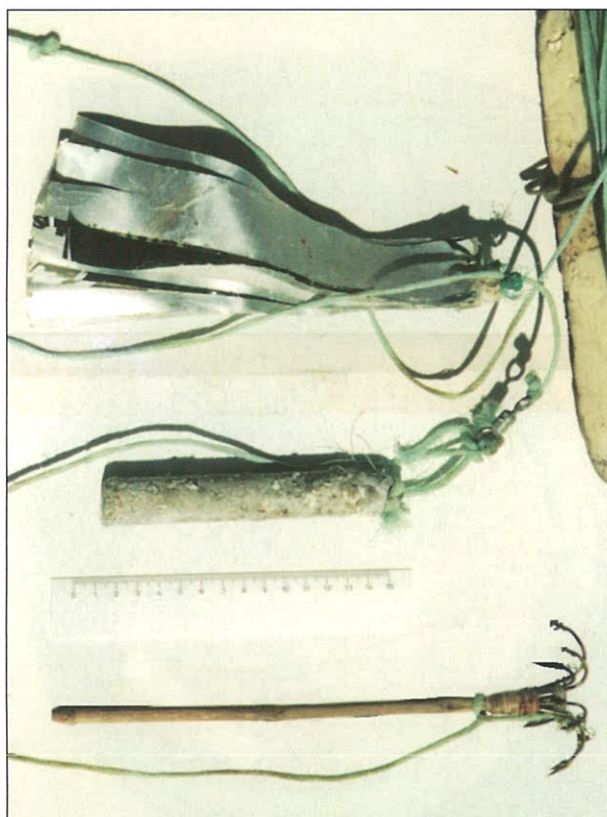
Fotografia 5 – Aparelho de anzol (Ilha da Culatra).



Fotografia 6 – Aparelho de anzol (Ilha da Armonia).



Fotografia 7 – Toneiras (Arrifana).



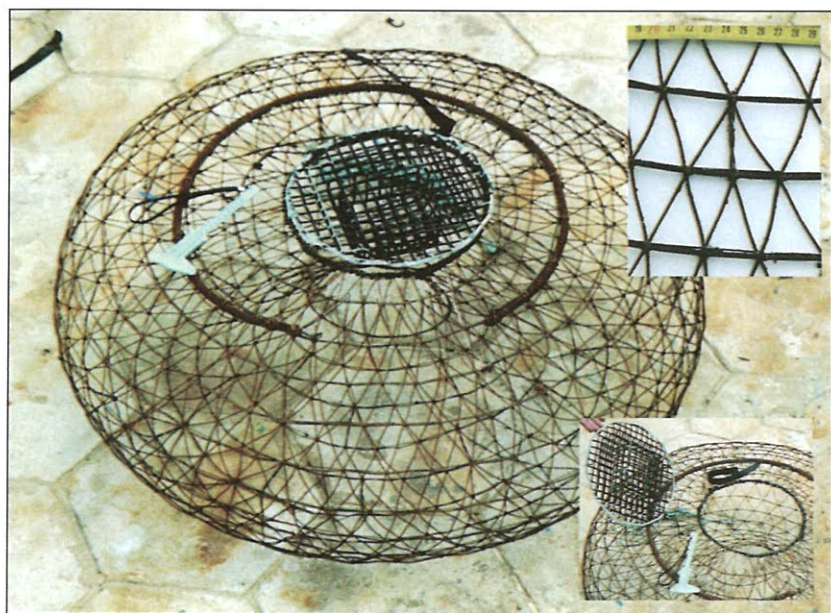
Fotografia 8 – Piteira (Fuzeta).



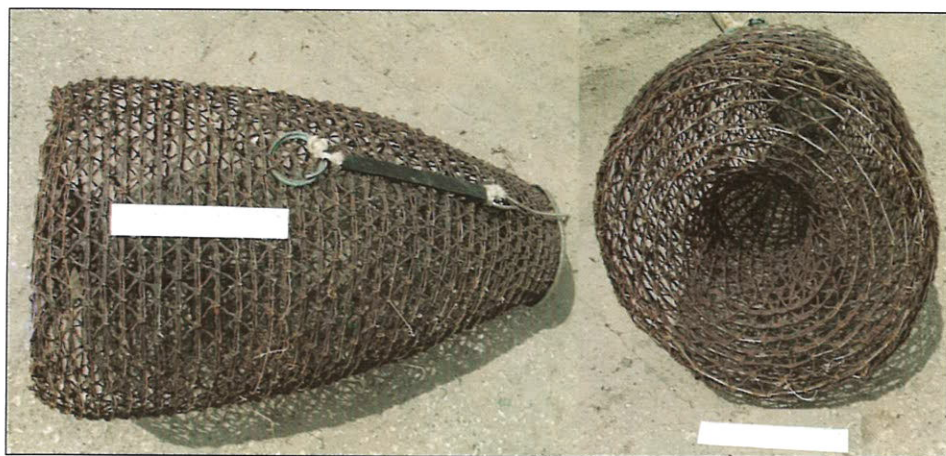
Fotografia 9 – Embarcação com alcatruzes (St.^a Luzia).



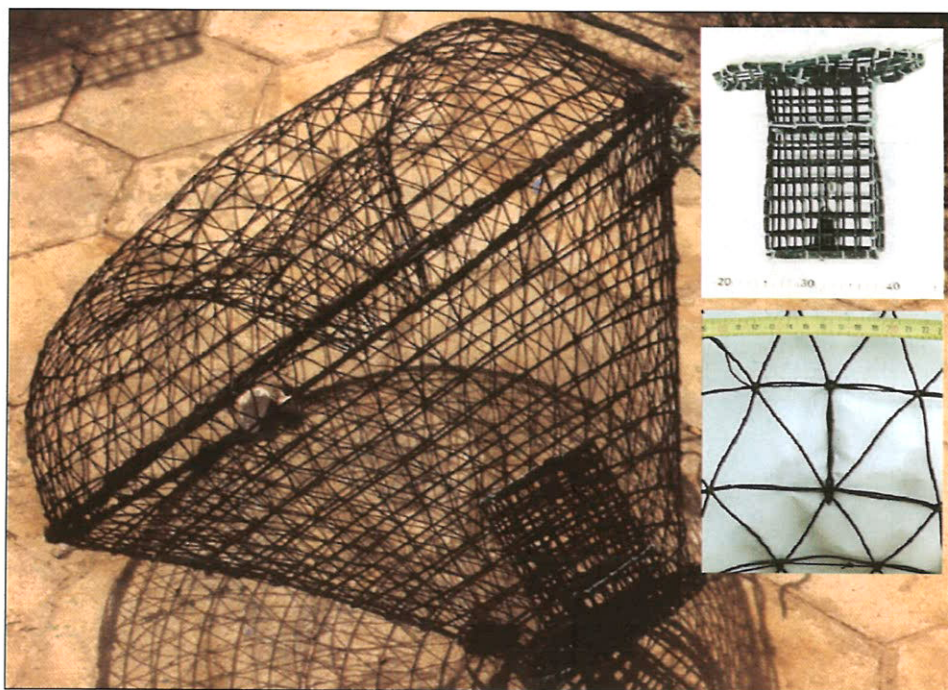
Fotografia 10 – Alcatruzes de barro e de plástico (St.^a Luzia).



Fotografia 11 – Murejona (Senhora da Rocha).



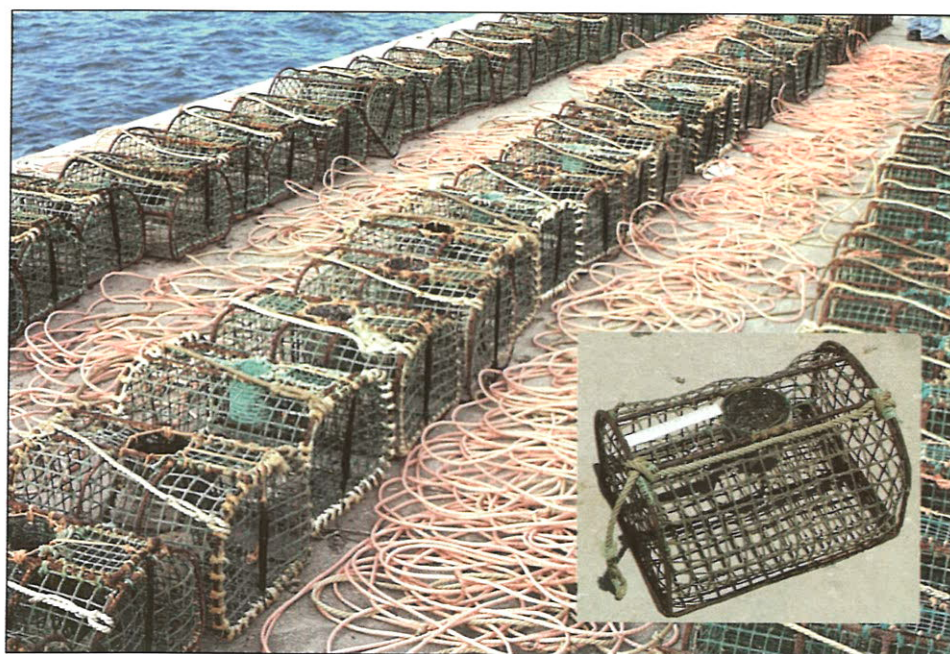
Fotografia 12 – Bornel / Covo da moreia (Arrifana).



Fotografia 13 – Covo macho (Senhora da Rocha).



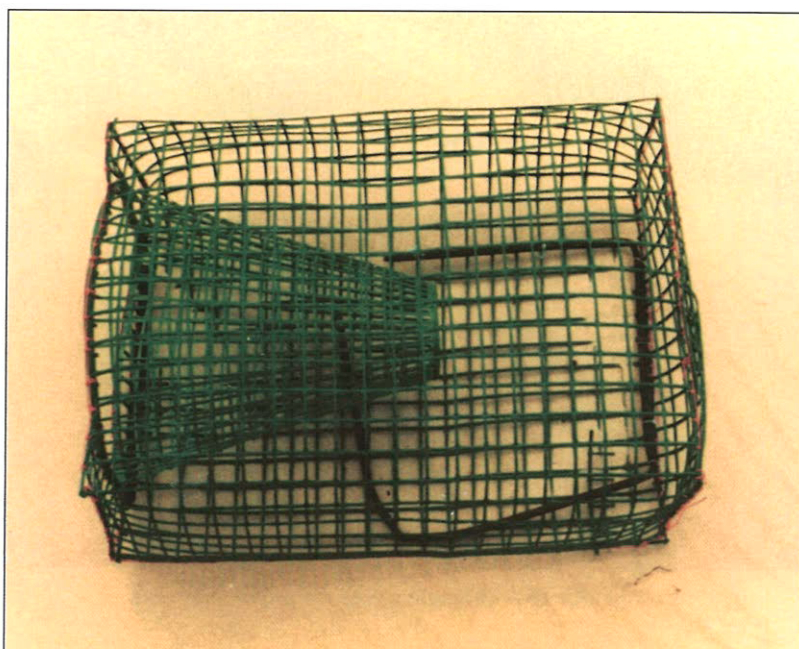
Fotografia 14 – Teia de covos do polvo (Senhora da Rocha).



Fotografia 15 – Teias de covos do polvo (Sagres).



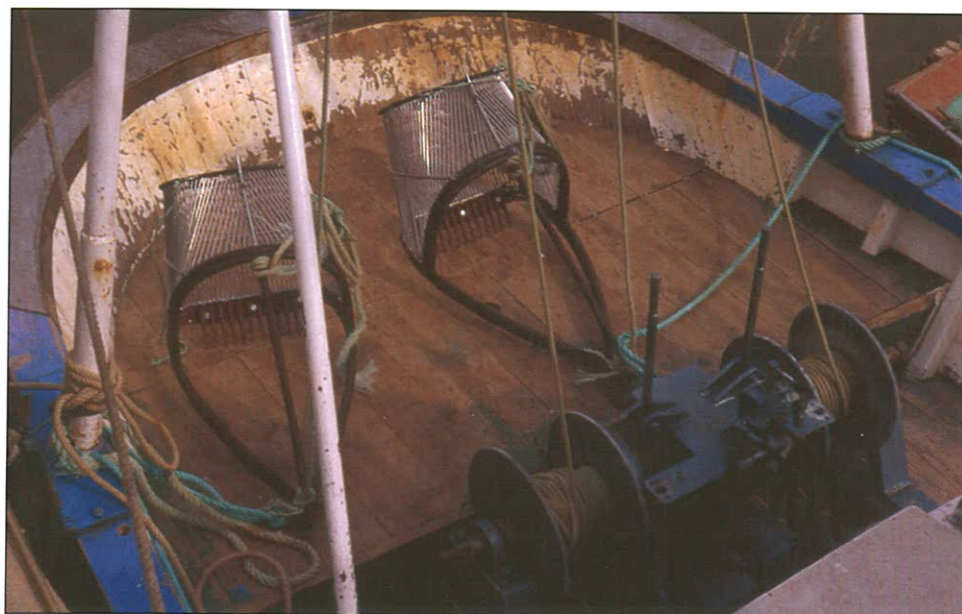
Fotografia 16 – Covo do choco (com giesta branca) (Monte Gordo).



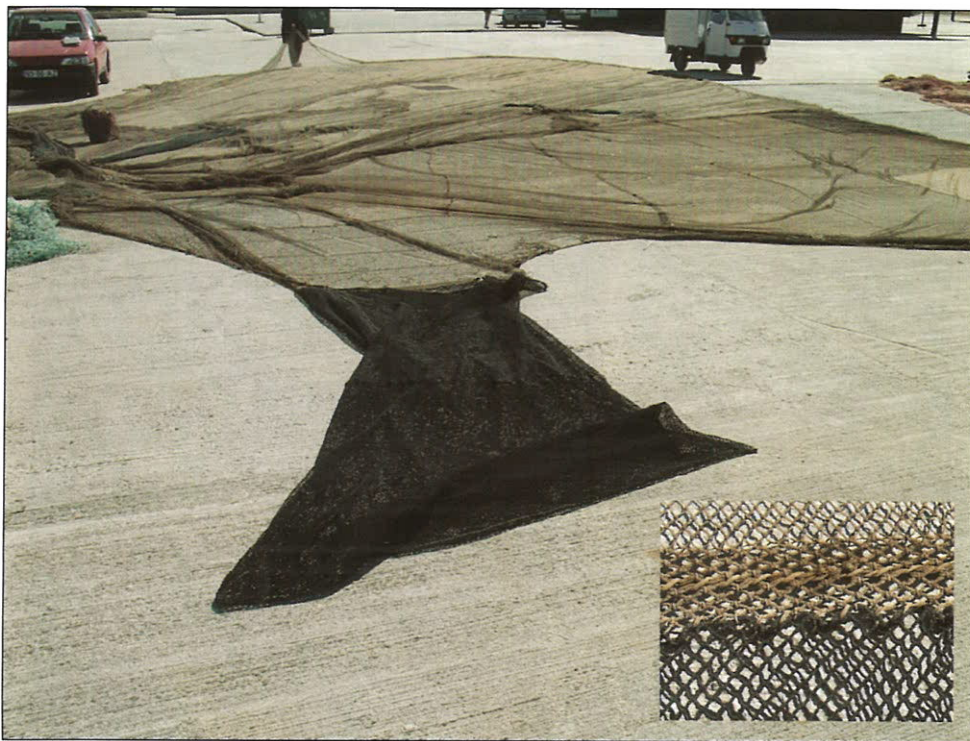
Fotografia 17 – Covo do peixe (Monte Gordo).



Fotografia 18 – Arrasto de cintura (V.R.S. António).



Fotografia 19 – Ganchorras (Olhão).



Fotografia 20 – Sacada (Alvor).



Fotografia 21 – Rede de tresmalho (Ria Formosa).



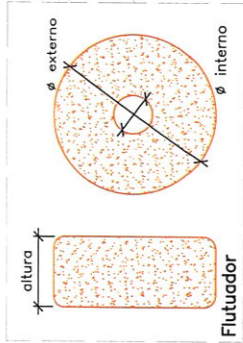
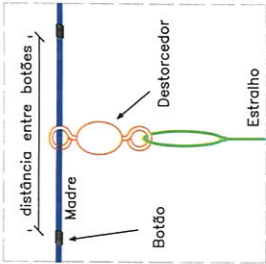
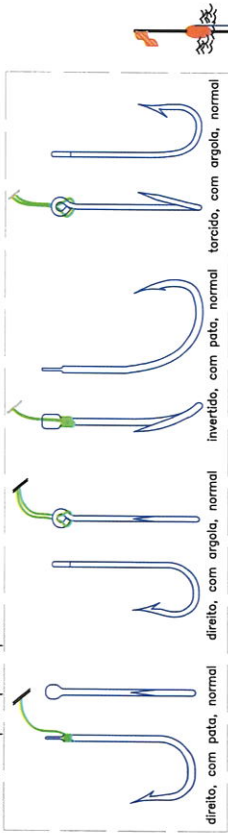
Fotografia 22 – “Bomba” (apanha de ralo) (Ilha de Faro).



Fotografia 23 – Apanha de bivalves (Arroteia).

ANEXOS

Anzóis — principais tipos



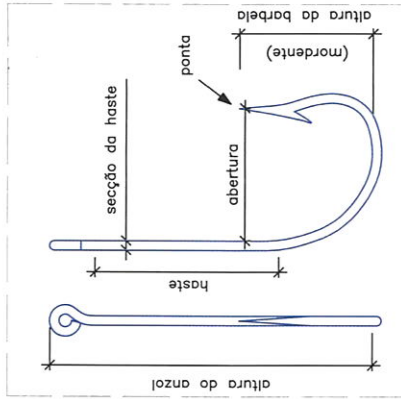
Flutuador

distância entre estralhos

Madre

Lastro

comprimento de estralho

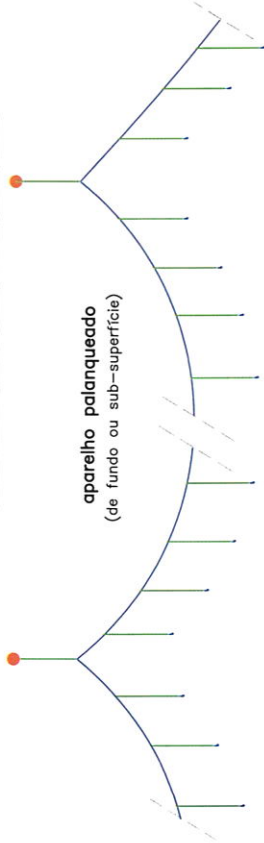


s/ escala

Anzol

Estralho

aparelho de fundo



aparelho palanqueado
(de fundo ou sub-superfície)

				
IPIMAR				
Instituto de Investigação das Pescas e do Mar				
DRM – Departamento de Recursos Marinhos				
Rubrica	Data		ALGARVE	Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins
Levantou	25 JAN 05			
Projectou	26 JAN 05			
Desenhou				
Copiou	27 JAN 05			
Verificou				
Escalas				
			PESCA À LINHA	
			PESCA POR APARELHO	
			DES.: APARELHO F1	

Designação local da arte	Método de captura	Nº de anzóis	Anzol		Mãre		Estranho		Espécies		Local do levantamento
			Nº	Tipo	Tipo de fio	[A]	Tipo de fio	[B]	Capturadas	Isco	
Aparelho Fino	Linha fundeada	2000	14	direito, de pata	PA mono Ø 0,90	2,97	PA mono Ø 0,90	1,21	Besugo, Safio, Dourada, Sargos e Faneca	Lula ou Berbigão	Alvor
	Linha fundeada	180 p/ celha	9	direito, de argola	PA mono Ø 1,60	1,80	PA mono Ø 0,80	1,35	Pescada, Xaputa e Peixe-espada	Sardinha	Fuzeta
	Linha fundeada	800 p/ celha	10	direito, de pata	PA mono Ø 1,10	4,50	PA mono Ø 0,60	1,80	Robalo e Pargo	Sardinha fresca ou Pilado	Arrifana
	Linha fundeada	900	12	direito, de pata	PA mono Ø 1,00	2,97	PA mono Ø 0,60	1,21	Safio e Pargo	Sardinha	Alvor
Aparelho Grosso	Linha fundeada	800 p/ celha	5-6	direito, de argola	PE Ø 4	3,60	PA mono Ø 1,20	1,80	Moreia, Abrótea, Safio e Pargo	Sardinha fresca	Arrifana
	Linha fundeada	6400	7	direito, de argola	PE Ø 6	1,80	PA mono Ø 1,00	2,70	Safio e Cherne	Cavala ou Sardinha	Fuzeta
Aparelho	Linha fundeada	350 p/ celha	13	direito, de pata	PA entrancado Ø 2	1,73	PA mono Ø 0,50	1,10	Na ria Formosa – Enguia e Linguado	Casulo, Ralo	Faro
									No mar - Boga, Cavala, Agulha, Judeu, Linguados, Salmonete, Besugos e Faneca	Casulo (Linguado)	
Palangre	Linha fundeada	109 p/ celha	14	direito, de pata	PE entrancado Ø 2	1,75	PA mono Ø 0,50	0,50	No rio Guadiana - Enguia, Robalo, Linguado e Tainha	Lingueirão, Casulo, Ralos e tiras de Choco	V.R.Srº António
									No mar - Besugo, Bica e Sargo		
	Linha fundeada	350	15	direito, de pata	PA entrancado Ø 2	0,87	PA mono Ø 0,35		Baila, Robalo e Linguados	Casulo e Ralo	Ilha da Armona

continua em F3

Levantou		Rubrica	Data	IPIMAR
Projectou			25 JAN 05	Instituto de Investigação das Pescas e do Mar
Desenhou			26 JAN 05	DRM – Departamento de Recursos Marinhos
Copiou				
Verificou			27 JAN 05	
Escalou				
Obs.				
Miguel Carneiro				
Rui Rebordão				
Rogélia Martins				
DES.: APARELHO F2				

NOTAS:

- O termo capturadas significa, neste caso, as principais espécies comerciais capturadas. Admite-se, no entanto, que outras espécies sejam capturadas pela arte.
- PA = poliamida "nylon"; mono = monofilamento.
- Para além das características indicadas, são registadas outras, como por exemplo: nº de anzóis, natureza dos materiais utilizados na construção dos aparelhos.
- [A] – distância entre estralhos, em metros; [B] – comprimento do estralho, em metros.



ALGARVE

PESCA À LINHA
PESCA POR APARELHO

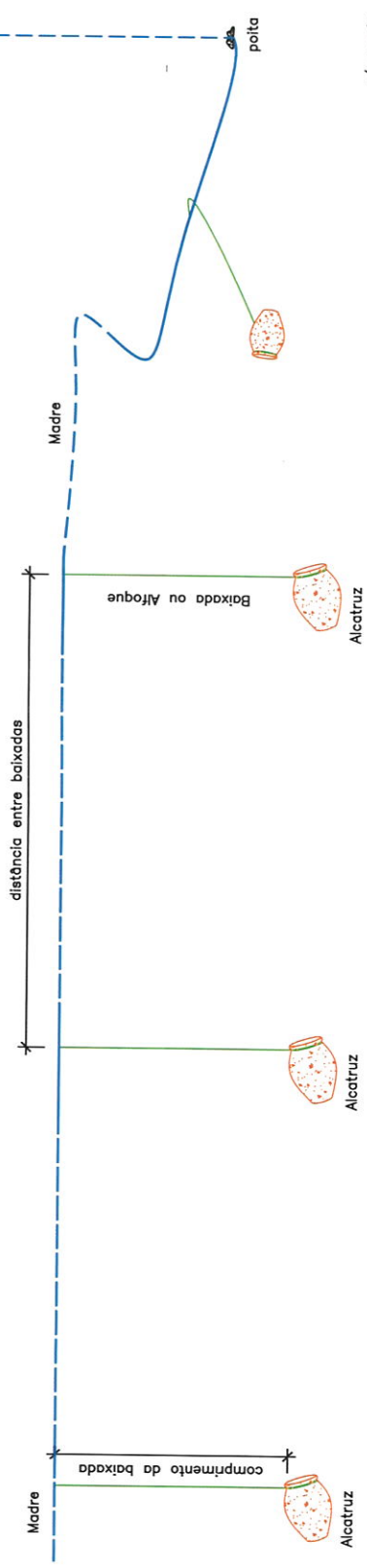
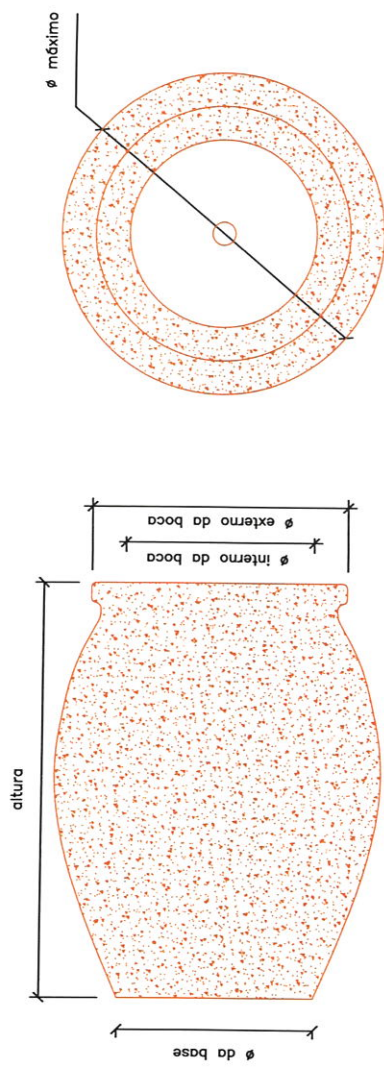
Designação local da arte	Método de captura	Nº de anzóis	Anzol		Mãre		Estralho		Espécies		Local do levantamento
			Nº	Tipo	Tipo de fio	[A]	Tipo de fio	[B]	Capturadas	Isco	
Palangre	Linha fundeada	300 a 500	15	direito, de pata	PA entrançado Ø 2	1,55	PA mono Ø 0,35	0,67	Na ria Formosa - Linguados	Casulo	Ilha da Armonia
									No mar - Bica, Sargos, Robalo, Linguados e Tainhas	Ralo	
Palangre da Corvina e do Robalo	Linha fundeada	109 p/ celha	7	direito, de argola	PA mono Ø 1,60	7,00	PA mono Ø 0,80	1,16	Corvina, Robalo, Pregado e Anchova	Sardinha, Cavala ou tiras de Choco	V.R.Siº António
Palangre do Safio	Linha fundeada, palanqueada	2000	9	direito, de argola	PA mono Ø 1,20	2,70	PA mono Ø 0,70	2,16	Safio, Goraz e Abróteas	Sardinha	Sagres
Palangre ou Trole	Linha fundeada	1050 a 1400	14	direito, de pata	PA entrançado Ø 2,2	1,80	PA mono Ø 0,45	1,00	Na ria Formosa - Enguia, Safio, Charroco e Pregado	Cavala ou Sardinha	Ilha da Culatra
									No mar - Besugo, Safia, Dourada e Sargos		

NOTAS:

- O termo capturadas significa, neste caso, as principais espécies comerciais capturadas. Admite-se, no entanto, que outras espécies sejam capturadas pela arte.
- PA = pollamida "nylon"; mono = monofilamento.
- Para além das características indicadas, são registadas outras, como por exemplo: nº de anzóis, natureza dos materiais utilizados na construção dos aparelhos.

[A] – distância entre estralhos, em metros; [B] – comprimento do estralho, em metros.

Levantou	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos		
Projectou		25 JUN 05			
Desenhou		26 JUN 05			
Copiou					
Verificou		27 JUN 05			
Escolha	ALGARVE		Obs.		
PESCA À LINHA PESCA POR APARELHO			Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins		
			DES.: APARELHO F3		



s/ escala

IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM - Departamento de Recursos Marinhos	
Rubrica	Data
Levantou	25 JAN 05
Projectou	25 JAN 05
Desenhou	26 JAN 05
Copiou	
Verificou	27 JAN 05
Escalas	
Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins	
DES.: ALCATRUZ F1	

ALGARVE	
PESCA POR ARMADILHAS	
ARMADILHA DE ABRIGO - ALCATRUZ	

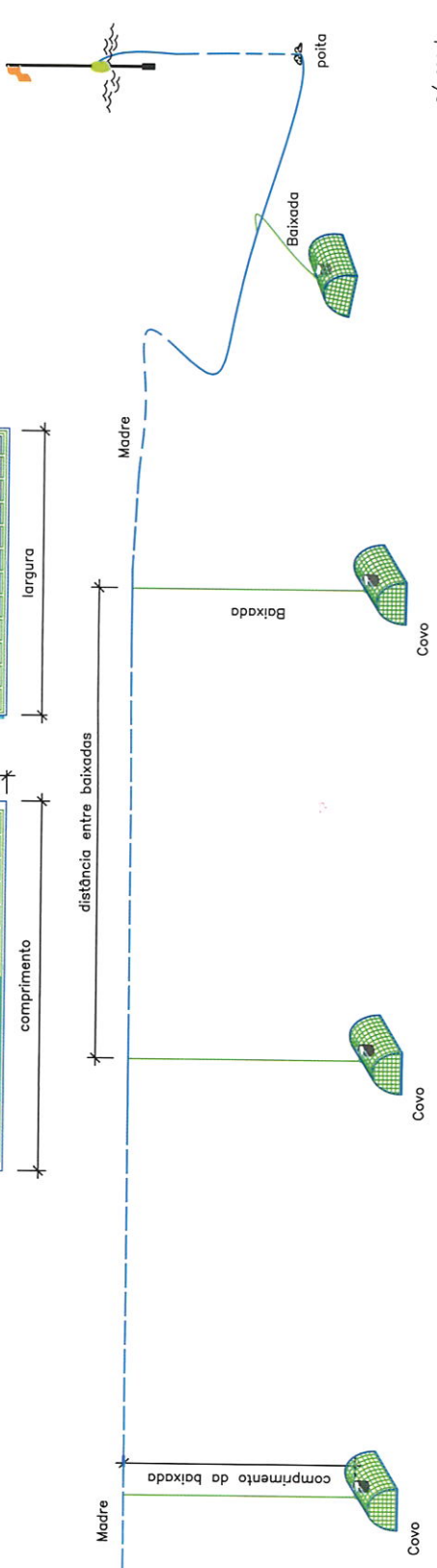
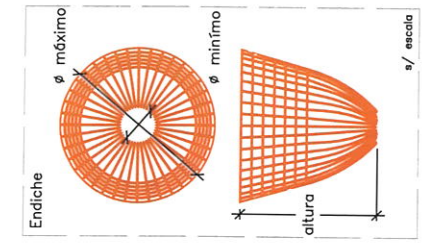
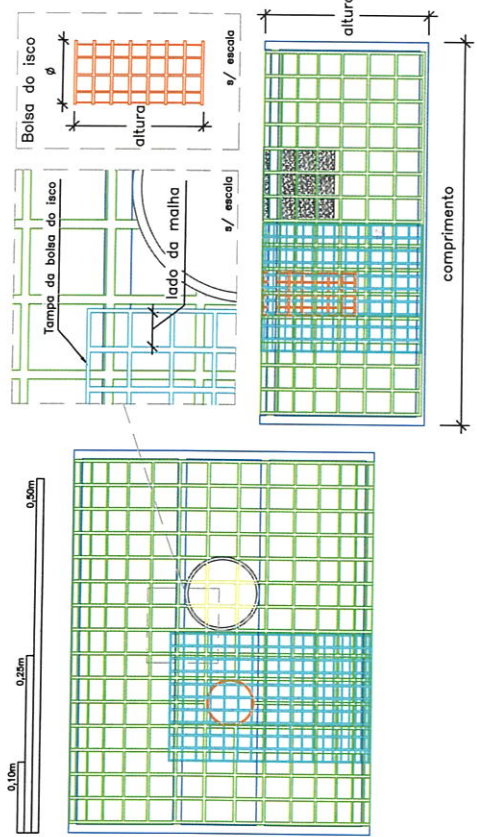
- NOTAS:
- Esta arte é normalmente utilizada em telas. Sempre que possível regista-se o número de covos de covos por tela e o número de telas utilizadas.
 - Para além das características indicadas, são registadas outras, como por exemplo a natureza dos materiais utilizados na construção da tela.

Nº de Teias	Nº de Alcatruzes por Teia	Alcatruz				Madre		Alfoque / Baixada		Local do levantamento
		Natureza	Ø Boca (mm)	Ø máx. (mm)	Ø Base (mm)	Altura (mm)	Tipo de cabo	[A]	Tipo de Cabo	[B]
6 a 7	120	Barro	120	210	100	280	PE Ø 8	12,6	PE entrançado Ø 5	2,7 a 3,2
6 a 7	120	Barro	140	240	145	310	PE Ø 8	12,6	PE entrançado Ø 5	2,7
6	200	Barro	-	-	-	-	PE Ø 7 ou Ráfia Ø 6	9,0	PE entrançado Ø 6	1,5 a 1,8
		Plástico	135	165	165	320				
5 a 6	200	Barro	135	250	115	300	-	-	-	Fuzeta
		Barro	115	215	95	260	-	-	-	
6	200	Barro	130	225	110	270	PE Ø 6	17,0	PE entrançado Ø 7	2,5
-	200 a 300 (no mar)	Barro	124	240	115	300	-	-	-	Ilha da Culatra
-	100 (na ria)						-	-	-	
6 a 8	200	Plástico	135	160	160	320	Ráfia Ø 7	14,4	PE Ø 5,5	1,8
4 a 5	100 a 150	Barro	130	200	105	280				

NOTAS:

- PE - polietileno; Ráfia - polipropileno.
- [A] - distância entre baixadas, em metros; [B] - comprimento da baixada, em metros.

Levantou	Rubrica	Data	 IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM - Departamento de Recursos Marinhos
Projectou		25 JAN 05	
Desenhou		26 JAN 05	
Copiou			
Verificou		27 JAN 05	
Escolou			Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins DES.: ALCATRUZ F2
			ALGARVE PESCA POR ARMADILHAS ARMADILHA DE ABRIGO - ALCATRUZ



NOTAS:

- A malhagem da rede plástica que forra a armadilha é determinada pelo lado da malha (vazio da malha).
- Para além das características indicadas, são registadas outras, como por exemplo: n° de malhas, natureza dos materiais utilizados na construção da armadilha.
- Esta arte é normalmente utilizada em teias. Sempre que possível, regista-se o número de covos por teia e o número de teias utilizadas.

s/ escala

IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM - Departamento de Recursos Marinhos		IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM - Departamento de Recursos Marinhos	
Levantou	Rubrica	Data	
Projectou		25 JUN 05	
Desenhou		25 JUN 05	
Copiou			
Verificou		27 JUN 05	
Escalas			
Obs.		Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins	
DES.: COVOS F1			
ALGARVE		PESCA POR ARMADILHAS COVO DO POLVO	

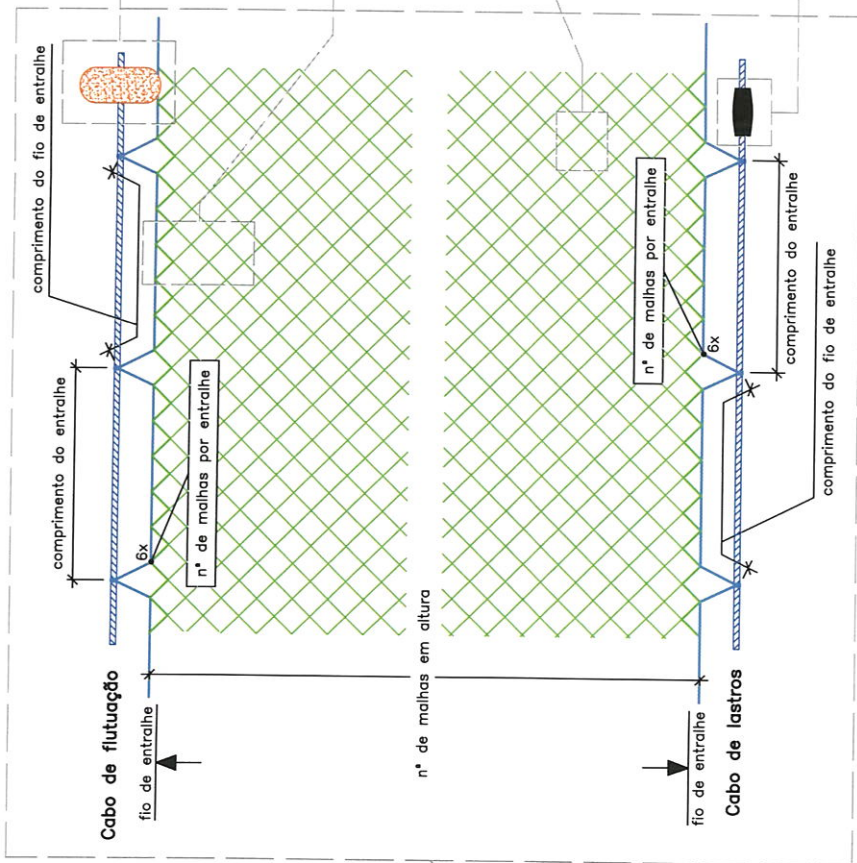
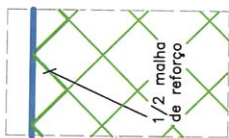
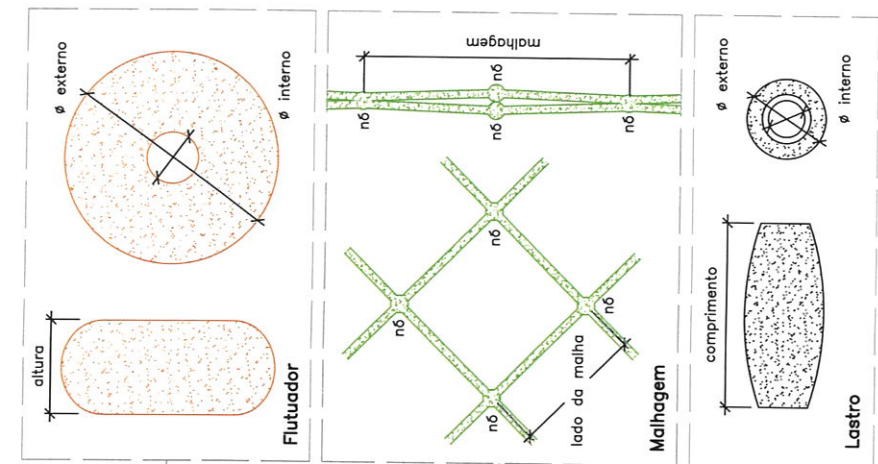
Nº de Teias	Nº de Covos por Teia	Covo					Madre		Baixada		Local do levantamento		
		Lado da malha (mm)	Comp. (mm)	Largura (mm)	Altura (mm)	Endiche		Tipo de cabo	[A]	Tipo de Cabo		[B]	
						Ø máx. (mm)	Ø Min. (mm)						
3	100	17	485	420 a 250	320	210	48	190	PE Ø 6	15,0	PE Ø 4	1,8	Manta Rota
2 a 3	30	31	680	490	280	a)	120	410	Ráfia Ø 7	12,6 a 14,4	PE Ø 5,5	1,8	Monte Gordo
3	100	30	380	320	177	135	70	124	PE Ø 6	-	-	-	Senhora da Rocha
4	250 a 300	30 - 35	385	355	185	110	70	120	-	-	-	-	Fuzeta
3 a 4	100	30	345	320	210	b)	-	125	Ráfia Ø 7	18,0	PE entrançado Ø 3	1,8	Albufeira
10 a 20	60	30 - 32	540	395	230	104 c)	104	100	Ráfia Ø 12	14,4	PE Ø 8	1,0	Arrifana
3	200	34	355	350	220	d)	-	70	PE Ø 7 ou Ráfia Ø 6	10,8	PE entrançado Ø 6	1,8 a 2,7	Quarteira
2	200	30	700	602	350	e)	-	400	Ráfia Ø 7	14,4	PE Ø 4	1,8	Ferragudo
3 a 4	130	33	335	275	180	f)	90	120	PE Ø 6	14,4	PE Ø 4	1,8	Alvor
2	650	31	410	300	240	g)	-	130	Ráfia Ø 8	16,2	PE entrançado Ø 6	1,8	St.ª Luzia
10	110	29 - 30	470	375	280	105 h)	105	110	PE Ø 12	18,0	PE Ø 12	1,8	Sagres

NOTAS:

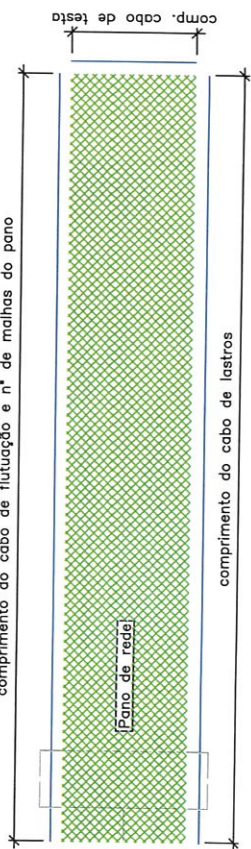
- Os covos são normalmente forrados com rede plástica de malha quadrada ou rectangular. Os valores indicados referem-se ao lado da malha, medido internamente (vazio).
- PA = poliamida (nylon); PVC = poliacreto de vinilo; PE – polietileno; Ráfia – polipropileno.
- [A] – distância entre baixadas, em metros; [B] – comprimento da baixada, em metros.

- a) a boca do endiche tem forma rectangular (± 340 x 280 mm);
- b) a boca do endiche tem forma rectangular (± 130 x 100 mm);
- c) endiche construído com tubo de PVC, Ø interno de 104 mm;
- d) a boca do endiche tem forma rectangular (± 160 x 120 mm);
- e) a boca do endiche tem forma rectangular (± 350 x 175 mm);
- f) a boca do endiche tem forma quadrangular (± 120 x 120 mm);
- g) a boca do endiche tem forma quadrangular (± 130 x 130 mm);
- h) endiche construído com tubo de PVC, Ø interno de 105 mm.

		IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DIRM – Departamento de Recursos Marinhos	
Levantou Projectou Desenhou Copiou Verificou	Rubrica	Data 25 JAN 05 26 JAN 05 27 JAN 05	Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins DES.: COVOS F2
Escala ALGARVE PESCA POR ARMADILHAS COVO DO POLVO			



Levantou	Rubrica	Data	IPIMAR
Projectou		25 JAN 05	Instituto de Investigação das Pescas e do Mar
Desenhou		26 JAN 05	DRM - Departamento de Recursos Marinhos
Capitou		27 JAN 05	
Verificou			
Escalas			
ALGARVE PESCA POR ARTE DE EMALHAR REDE DE EMALHAR DE UM PANO			
Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins DES.: EMALHAR F1			



Número de ordem	Designação local da arte	Local do levantamento	Número de redes por cascada	Pano				Coef. de montagem		Nº de malhas por entalhe		de flutuação		Cabo	
				Malhagem (mm)	Tipo de fio	Nº de malhas em altura	Nº de malhas em comprimento	E	E'	Sup.	Inf.	Tipo de Cabo	Comp. total (m)	Tipo de Cabo	Comp. total (m)
1		Monte Gordo	40 a 50	112	PA mono Ø 0,30	20,5	850	0,301	0,307	5	5	PE Ø 6	28,70	PE Ø 6	29,24
2		Ilha da Culatra	-	100	PA mono Ø 0,30	25,5	909	0,349	0,373	9	9	PE Ø 8	31,71	PE Ø 8	33,94
3	Rede do Linguado	Quarteira	60	110	PA mono Ø 0,40	35	954	0,312	0,317	6	6	PE Ø 5	32,75	PE Ø 4	33,23
4		Armação de Pêra	50	113	PA mono Ø 0,30	40	840	0,318	0,328	5	5	PE Ø 5	30,20	PE Ø 5	31,10
5		Arrifana	30	110	PA mono Ø 0,30	35	565	0,483	0,492	5	5	PE Ø 7	30,00	PE Ø 7	30,60
6		Arrifana	50 a 60	117	PA mono Ø 0,40	40	960	0,351	0,364	5	5	PE Ø 6	39,40	PE Ø 5,5	40,90
7		Ferragudo	40	105	PA mono Ø 0,35	40	1152	0,557	0,557	4	4	PE Ø 6	67,40	PE Ø 5	67,40
8	Rede do Salmonete	Quarteira	50	85	PA mono Ø 0,30	40	1122	0,524	0,527	6	6	PE Ø 5	49,93	PE Ø 4	50,30
9		Alvor	8	90	PA mono Ø 0,30	20	1235	0,491	0,526	6	6	PE Ø 4	54,60	PE Ø 5	58,50
10		Ferragudo	120	55	PA mono Ø 0,30	40	2240	0,545	0,584	7	7	PE Ø 6	67,20	PE Ø 5	72,00
11		Armação de Pêra	100	59	PA mono Ø 0,30	30	1512	0,438	0,466	8	8	PE Ø 5,5	39,10	PE Ø 4,5	41,60
12		Fuzeta	90 a 100	60	PA mono Ø 0,30	30	1620	0,461	0,480	6	6	PE Ø 6	44,80	PE Ø 5	46,70
13	Rede da Malha	Ferragudo	80 a 150	75	PA mono Ø 0,30	40	1080	0,493	0,480	5	5	PE Ø 6	39,96	PE Ø 5	38,88
14		Armação de Pêra	25	107	PA mono Ø 0,45	50	735	0,464	0,502	5	5	PE Ø 5,5	36,50	PE Ø 5	39,50
15	Rede da Língua	Monte Gordo	10 a 12	40	PA mono Ø 0,25	25	2130	0,587	0,604	6	6	PE Ø 6	50,05	PE Ø 5	51,47
16		Tavira	125	55	PA mono Ø 0,30	13,5	1236	0,538	0,448	6	6	PE Ø 6	36,57	PE Ø 5	30,49
17	Rede da Azevia	Monte Gordo	25	37	PA mono Ø 0,25	25	1251	0,540	0,540	9	9	PE Ø 6	25,00	PE Ø 7	25,00
18		Cabanas	10	80	PA mono Ø 0,30	80	840	0,490	0,483	6	6	PE Ø 7	32,90	PE Ø 6	32,48
19	Rede da Corvina	Monte Gordo	40	72,5	PA mono Ø 0,30	35,5	1045	0,432	0,436	5	5	PE Ø 6	32,71	PE Ø 5	33,02
20		Ilha da Culatra	-	80	PA mono Ø 0,35	60	924	0,481	0,500	6	6	PE Ø 8	35,57	PE Ø 6 + Pb	36,96
21		Cabanas	17 a 20	75	PA mono Ø 0,30	40	1302	0,502	0,453	6	6	PE Ø 6	49,04	PE Ø 6	44,27
22		Tavira	90 a 100	60	PA mono Ø 0,30	30	1502	0,554	0,568	6	6	PE Ø 6	49,95	PE Ø 5	51,20
23		Tavira	30	60	PA mono Ø 0,30	39,5	1362	0,611	0,622	6	6	PE Ø 6	49,94	PE Ø 5	50,85
24	Rede de Emalhar	Faro	75	75	PA mono Ø 0,30	35	1476	0,451	0,473	6	6	PE Ø 6	49,90	PE Ø 5	52,40
25		Albufeira	40 a 50	110	PA mono Ø 0,30	35	810	0,291	0,301	6	6	PE Ø 6	25,90	PE Ø 5	26,80
26		Armação de Pêra	50	113	PA mono Ø 0,30	40	840	0,318	0,328	5	5	PE Ø 5	30,20	PE Ø 5	31,10

continua em F3

Levantou

Projectou

Desenhou

Copiou

Verificou

Rubrica

28 JAN 05

28 JAN 05

27 JAN 05

Data

28 JAN 05

28 JAN 05

27 JAN 05

Escola

IPIMAR

Instituto de Investigação das Pescas e do Mar

DRM – Departamento de Recursos Marinhos

Obs.

Miguel Carneiro

Rui Rebordão

Rogélia Martins

ALGARVE

PESCA POR ARTE DE EMALHAR

REDE DE EMALHAR DE UM PANO

DES.: EMALHAR F2

NOTAS:

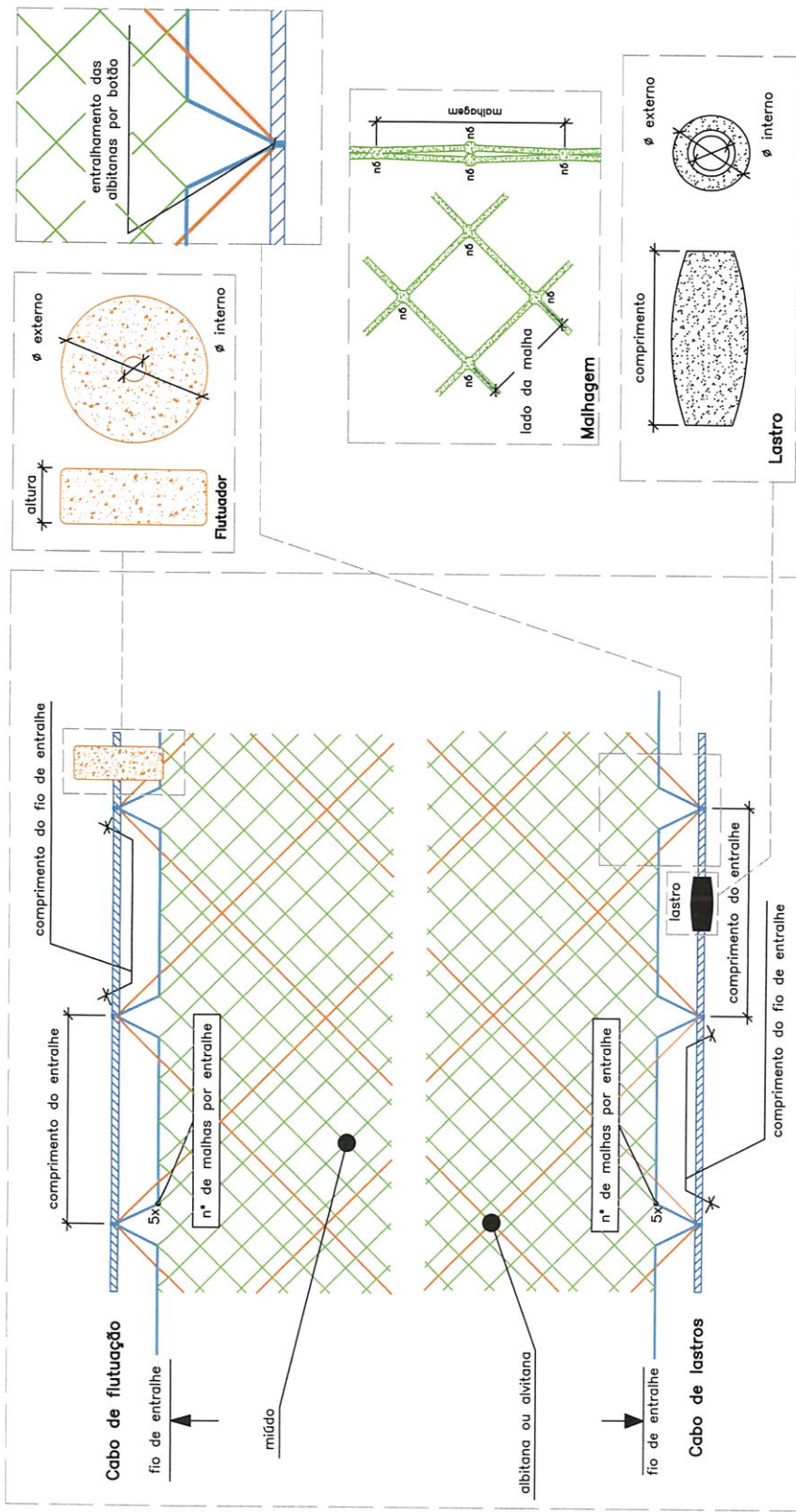
- E = Coeficiente de montagem superior; E' = Coeficiente de montagem inferior.
- PA = poliamida "nylon"; PE = polietileno; Pb = chumbo; mono = monofilamento.

Número de ordem	Entralhe				Flutuador				Lastro								
	Superior		Inferior		Natureza	Ø Max. (mm)	Ø Interno (mm)	Comprimento (mm)	Flutuação (kgf)	Distribuição	Natureza	Ø Max. (mm)	Ø Interno (mm)	Comprimento (mm)	Peso (g)	Distribuição	
	Tipo de fio	Comp. (mm)	Comp. Do fio (mm)	Tipo de fio													Comp. (mm)
1	PA 210/12	0,169	2x 0,161	PA 210/12	0,172	2x 0,158	-	-	-	-	-	Pb 13	9	6	33	30	1e+55x(21;1e)+3(1;1e)
2	PA 210/18	0,314	2x 0,189	PA 210/18	0,336	2x 0,183	-	-	-	-	-	Pb 14	10	8	30	30	50x (1e;1)+1e
3	PA 210/12	0,206	2x 0,184	PA 210/12	0,209	2x 0,209	PVC	60	13	-	(15;1;1e)+3x(38;1;1e)+2(6)	Pb 16	8	6	25	32	79x(11;1e)+1e
4	PA 210/15	0,180	2x 0,122	PA 210/15	0,185	2x 0,125	PVC	52	10	-	7x(23;1;1e)	Pb 13	10	6	30	30	56x(21;1e)
5	PA 210/21	0,266	2x 0,166	PA 210/21	0,271	2x 0,177	PVC	52	12	-	12x(8;1;1e)+11	Pb 14	11	6	32	30	56x(11;1e)+11
6	PE Ø 1	0,205	2x 0,136	PE Ø 1	0,213	2x 0,105	PVC	53	12	-	6x(31;1;1e)	Pb 14	11	6	32	30	38x((11;1;1e)(1;2e))+1(1;1e)
7	PE Ø 1	0,234	2x 0,167	PE Ø 1	0,234	2x 0,160	PVC	50	12	-	(3;1;1e)+31x(8;1;1e)+51	Pb 14	9	6	30	30	144x(11;1e)
8	PE Ø 1	0,267	2x 0,217	PE Ø 1	0,269	2x 0,244	PVC	53	13	-	(5;1;1e)+16x(10;1;1e)+51	Pb 14	9	5	32	30	(1e;20)+92x(1e;11)
9	PE Ø 1	0,221	2x 0,151	PE Ø 1	0,237	2x 0,159	PVC	54	13	-	(1e;11)+15x((6;1;1e)(8;1;1e))+31	Pb 14	9	6	32	30	123x(1;1;1e)+1e
10	PE Ø 1	0,210	2x 0,168	PE Ø 1	0,225	2x 0,160	PVC	53	12	-	(4;1;1e)+31x(9;1;1e)+51	Pb 23	9	7	32	60	160x(11;1e)
11	PE Ø 1,1	0,207	2x 0,151	PE Ø 1,1	0,220	2x 0,152	PVC	52	10	-	21x(1e;8)	Pb 14	11	6	32	30	94x(11;1e)+11
12	PA 210/24	0,166	2x 0,159	PA 210/24	0,173	2x 0,161	PVC	52	10	-	6+20x(1e;1;10)	Pb 13	10	6	33	30	135x(11;1e)
13	PA 210/15	0,185	2x 0,147	PA 210/15	0,180	2x 0,146	PVC	54	13	-	(5;1;1e)+23x(8;1;1e)+31	Pb 14	13	5	32	40	72x(1;2e)
14	PE Ø 1,1	0,248	2x 0,189	PE Ø 1,1	0,269	2x 0,195	PVC	50	11	-	21x(6;1;1e)	Pb 14	9	6	29	30	73x(11;1e)+11
15	PA 210/15	0,141	2x 0,152	PA 210/15	0,145	2x 0,147	-	-	-	-	-	Pb 14	8	6	31	30	118x(21;1e)+11
16	PA 210/15	0,178	2x 0,145	PA 210/15	0,183	2x 0,183	-	-	-	-	-	Pb 15	8	6	40	30	68x(21;1e)
17	PA 210/12	0,180	2x 0,141	PA 210/12	0,180	2x 0,143	-	-	-	-	-	Pb 15	10	8	30	30	69x(11;1e)+11
18	PE Ø 1	0,235	2x 0,171	PE Ø 1	0,232	2x 0,167	PVC	54	13	-	(5;1;1e)+(8;1;1e)+12x(9;1;1e)+51	Pb 15	9	7	41	40	138x(21;1e)+21
19	PA 210/12	0,157	2x 0,180	PA 210/12	0,158	2x 0,168	PVC Exp.	54	10	-	(8;1;1e)+20x(9;1;1e)	Pb 13	9	6	33	30	(11;1;1e)+69x(21;1;1e)
20	PE Ø 1	0,231	2x 0,216	PE Ø 1	0,240	2x 0,154	PVC Exp.	50	12	-	5H+16x(1e;8;1;1e)+51	Pb					Cabo com alma de chumbo ± 136 g/m
21	PE Ø 1	0,226	2x 0,219	PA 210/18	0,204	2x 0,155	PVC	54	13	-	(4;1;1e)+23x(8;1;1e)+51	Pb 13	8	6	30	30	(11;1;1e)+3(1;1e)+104x(11;1;1e)+11
22	PA 210/21	0,199	2x 0,224	PE Ø 1	0,204	2x 0,179	PVC	53	10	-	(5;1;1e)+34x(6;1;1e)+3(1;1e)+31	Pb 14	9	7	33	35	125x(11;1e)+1e
23	PA 210/18	0,220	2x 0,180	PA 210/18	0,224	2x 0,183	PVC Exp.	47	11	-	(3;1;1e)+20x(10;1;1e)+31	Pb 15	10	6	35	40	1e+75x(21;1;1e)+31
24	PE Ø 1	0,203	2x 0,239	PE Ø 1	0,213	2x 0,219	PVC	50	11	-	123x(11;1;1e)+51	Pb 13	7	6	30	30	123x(11;1;1e)
25	PA 210/18	0,192	2x 0,135	PA 210/18	0,199	2x 0,135	PVC	50	11	-	3x(44;1;1e)	Pb 14	11	6	29	30	67x(1e;1;1e)
26	PA 210/14	0,180	2x 0,122	PA 210/15	0,185	2x 0,125	PVC	52	10	-	7x(23;1;1e)	Pb 13	-	6	30	30	56x(21;1;1e)

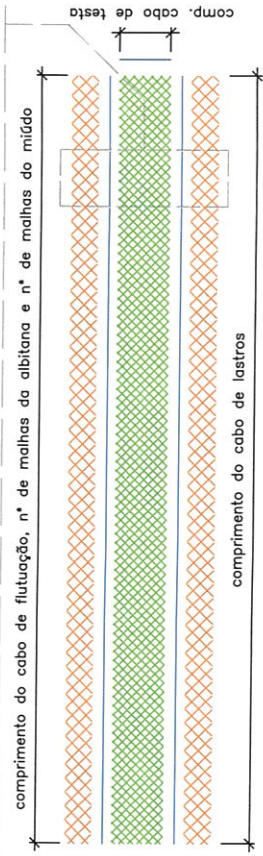
NOTAS:

- PA = poliamida (nylon); PE = polietileno; PVC = policloroeteno; no; PVC = policloroeteno; no; PVC = policloroeteno;
- PVC Exp. = policloroeteno expandido, Pb = chumbo.
- A letra "P" de "PVC", significa que no entralhe encontra-se montado um flutuador ou lastro;
- A letra "C" de "Cabo", significa que no entralhe encontra-se montado um flutuador ou lastro.
- Os valores indicados de flutuação (kgf) para os flutuadores e do peso (g) para os lastros foram estimados, dada a impossibilidade de se determinar a impulsão dos flutuadores ou de pesar os lastros, por estes se encontrarem montados nos respectivos cabos.

	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos																			
<table><tr><td>Levantou</td><td>Rubrica</td><td>Data</td></tr><tr><td>Projectou</td><td></td><td>25 JUN 05</td></tr><tr><td>Desenhou</td><td></td><td>26 JUN 05</td></tr><tr><td>Copiou</td><td></td><td></td></tr><tr><td>Verificou</td><td></td><td>27 JUN 05</td></tr></table>	Levantou	Rubrica	Data	Projectou		25 JUN 05	Desenhou		26 JUN 05	Copiou			Verificou		27 JUN 05	<table><tr><td>Escolas</td><td>ALGARVE</td></tr><tr><td colspan="2">PESCA POR ARTE DE EMALHAR REDE DE EMALHAR DE UM PANO</td></tr></table>	Escolas	ALGARVE	PESCA POR ARTE DE EMALHAR REDE DE EMALHAR DE UM PANO	
Levantou	Rubrica	Data																		
Projectou		25 JUN 05																		
Desenhou		26 JUN 05																		
Copiou																				
Verificou		27 JUN 05																		
Escolas	ALGARVE																			
PESCA POR ARTE DE EMALHAR REDE DE EMALHAR DE UM PANO																				
Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins																				
DES.: EMALHAR F3																				



 IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DPM - Departamento de Recursos Marinhos		Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins
Rubrica Levantou Projectou Desenhou Copiou Verificou Escalou	Data 25 JAN 05 26 JAN 05 27 JAN 05	
ALGARVE		DES.: TRESMALHO F1
PESCA POR ARTE DE EMALHAR REDE DE EMALHAR DE TRÊS PANOS (TRESMALHO)		



Número de ordem	Designação local da arte	Local do levantamento	Número de redes por cadaça	Miúdo ou pano central							
				Malhagem (mm)	Tipo de fio	Nº de malhas em altura	Nº de malhas em comprimento	Coef. de montagem		Nº de malhas por entralhe	
								E	E'	Sup.	Inf.
1	Tresmalho do Choco	Ilha da Culatra	35	80	PA 210/4	30,5	1395	0,460	0,492	5	5
2		Cabanas	60	110	PA mono Ø 0,30	45	505	0,842	0,866	5	5
3		Quarteira	40	70	PA 210/6	35	1190	0,480	0,511	5	5
4	Rede do Choco	Ferragudo	50	115	PA mono Ø 0,45	46	1250	0,463	0,501	5	5
5		Quarteira	50 a 60	110	PA mono Ø 0,30	45	468	0,969	0,994	3	3
6		Armação de Pêra	25	98	PA 210/6	30	855	0,475	0,489	5	5
7		Cacela Velha / Fábrica	7, 10 ou 12	75	PA 210/15	35,5	1495	0,437	0,445	5	5
8		Monte Gordo	40 a 50	100	PA mono Ø 0,40	39,5	960	0,520	0,552	5	5
9	Tresmalho do Choco e Linguado	Tavira	115 a 125	65	PA 210/9	25	2130	0,423	0,425	5	5
10		Cabanas	30	80	PA 210/12	30,5	840	0,371	0,396	6	6
11		Cabanas	30	75	PA 210/9	24	810	0,416	0,424	6	6
12	Rede do Camarão	Quarteira	20	55	PA 210/4	40	1704	0,427	0,467	6	6
13		Monte Gordo	50 a 60	40	PA 210/3	40	876	0,571	0,591	6	6
14		Faro	50 a 60	120	PA mono Ø 0,35	35	960	0,433	0,442	5	5
15	Rede de Tresmalho	Ilha de Faro	30	75	PA 210/6	25	1365	0,488	0,509	5	5
16		Albufeira	40 a 50	106	PA mono Ø 0,30	40	915	0,511	0,528	5	5
17		Armação de Pêra	25	104	PA mono Ø 0,35	50	780	0,488	0,512	5	5
18	Rede do Linguado	Fuzeta	30 a 50	80	PA 210/6	23	1840	0,360	0,350	5	5
19		Arrifana	30 a 50	109	PA mono Ø 0,30	40	920	0,398	0,411	5	5
20		Monte Gordo	40 a 50	79,5	PA 210/6	19,5	1035	0,370	0,375	5	5
21	Tresmalho	Ilha da Culatra	-	100	PA mono Ø 0,30	35	820	0,462	0,480	5	5

continua em F3

		IPIMAR	
		Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM - Departamento de Recursos Marinhos	
Levantou:	Rubrica:	Data:	Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins DES.: TRESMALHO F2
Projetou:		25 JAN 05	
Desenhou:		26 JAN 05	
Corroborou:		27 JAN 05	
Verificou:	Escolas		
ALGARVE PESCA POR ARTE DE EMALHAR REDE DE EMALHAR DE TRES PANOS (TRESMALHO)			

NOTAS:

- E = Coeficiente de montagem superior; E' = Coeficiente de montagem inferior.
- PA = poliamida "nylon"; PE = polietileno; Pb = chumbo; mono = monofilamento.

Número de ordem	Entralhe do miúdo						Albitana ou alvitana					Cabo						
	Superior			Inferior			Malhagem (mm)	Tipo de fio	Nº de malhas em altura	Nº de malhas em comprimento	Coef. de montagem		Nº de malhas por entralhe		de flutuação		de lastros	
	Tipo de fio	Comp. (mm)	Comp. do fio (mm)	Tipo de fio	Comp. (mm)	Comp. do fio (mm)					E''	E'''	Sup.	Inf.	Tipo de cabo	Comp. total (m)	Tipo de cabo	Comp. total (m)
1	PA 210/18	0,184	2x 0,154	PA 210/18	0,197	2x 0,150	415	PA 210/12	2	279	0,443	0,475	1	1	PE Ø 5	51,34	PE Ø 4	54,96
2	PA 210/18	0,245	2x 0,216	PA 210/21	0,252	2x 0,190	670	PA mono Ø 0,70	2,5	101	0,691	0,711	1	1	PE Ø 7	46,80	PE Ø 5	48,13
3	PA 210/15	0,168	2x 0,188	PA 210/15	0,179	2x 0,177	480	PA 210/15	2,5	238	0,350	0,373	1	1	PE Ø 4	39,98	PE Ø 4	42,60
4	PA 210/21	0,266	2x 0,201	PA 210/21	0,288	2x 0,191	590	PA mono Ø 0,60	5,5	250	0,451	0,488	1	1	PE Ø 8	66,50	PE Ø 6	72,00
5	PA 210/15	0,320	2x 0,265	PA 210/15	0,328	2x 0,226	640	PA mono Ø 0,60	4	156	0,500	0,513	1	1	PE Ø 6	49,90	PE Ø 5	51,17
6	PA 210/15	0,233	2x 0,188	PA 210/15	0,240	2x 0,181	620	PA 210/15	2,5	171	0,375	0,489	1	1	PE Ø 5	39,80	PE Ø 5	41,00
7	PA 210/18	0,164	2x 0,128	PA 210/18	0,167	2x 0,117	440	PA 210/24	2	299	0,373	0,380	1	1	PE Ø 7	49,04	PE Ø 5	49,93
8	PA 210/28	0,260	2x 0,217	PA 210/28	0,276	2x 0,168	670	PA mono Ø 0,80	3	192	0,388	0,412	1	1	PE Ø 6	49,92	PE Ø 5	52,99
9	PA 210/18	0,138	2x 0,100	PA 210/18	0,138	2x 0,096	260	PA 210/18	3	426	0,529	0,531	1	1	PE Ø 6	58,58	PE Ø 5	58,79
10	PA 210/18	0,178	2x 0,170	PA 210/18	0,190	2x 0,190	380	PA 210/24	3	140	0,468	0,500	1	1	PE Ø 7	24,92	PE Ø 5	26,60
11	PA 210/24	0,187	2X 0,175	PA 210/24	0,191	2X 0,136	475	PA 210/18	2	135	0,394	0,402	1	1	PE Ø 7	25,25	PE Ø 5	25,79
12	PA 210/12	0,138	2x 0,150	PA 210/12	0,151	2x 0,154	410	PA 210/15	3	290	0,336	0,467	1	1	PE Ø 5	40,02	PE Ø 4	43,79
13	PA 210/12	0,137	2x 0,095	PA 210/12	0,142	2x 0,101	265	PA 210/12	3	146	0,517	0,591	1	1	PE Ø 6	20,00	PE Ø 6	20,70
14	PA 210/21	0,260	2x 0,193	PA 210/21	0,265	2x 0,185	570	PA mono Ø 0,60	3	192	0,456	0,465	1	1	PE Ø 8	49,90	PE Ø 5	50,88
15	PA 210/9	0,183	2x 0,161	PA 210/9	0,191	2x 0,137	420	PA 210/9	2	273	0,436	0,455	1	1	PE Ø 6	49,96	PE Ø 5	52,14
16	PA 210/18	0,271	2x 0,221	PA 210/18	0,280	2x 0,201	690	PA mono Ø 0,70	3	183	0,393	0,405	1	1	PE Ø 6	49,60	PE Ø 5	51,20
17	PA 210/24	0,254	2x 0,176	PA 210/24	0,266	2x 0,173	580	PA mono Ø 0,60	5,5	156	0,438	0,459	1	1	PE Ø 8	39,60	PE Ø 10	41,50
18	PA 210/18	0,144	2x 0,126	PA 210/18	0,140	2x 0,124	290	PA 210/18	3	368	0,497	0,483	1	1	PE Ø 5	53,00	PE Ø 5	51,50
19	PE Ø 1	0,217	2x 0,130	PE Ø 1	0,224	2x 0,129	585	PA mono Ø 0,60	5,5	184	0,371	0,383	1	1	PE Ø 6	39,90	PE Ø 6	41,20
20	PA 210/18	0,147	2x 0,138	PA 210/18	0,149	2x 0,144	235	PA 210/12	2,5	207	0,626	0,634	1	1	PE Ø 5	30,43	PE Ø 5	30,84
21	PA 210/18	0,231	2x 0,203	PA 210/18	0,240	2x 0,194	580	PA mono Ø 0,60	2,5	164	0,398	0,414	1	1	PE Ø 8	37,88	PE Ø 6	39,36

continua em F4

		IPIMAR	
		Instituto de Investigação das Pescas e do Mar	
Rubrica Levantou Projectou Desenhou Copiou Verificou Escalou		Data 25 JUN 05 25 JUN 05 27 JUN 05	DESM - Departamento de Recursos Marinhos
Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins		ALGARVE	
		PESCA POR ARTE DE EMALHAR REDE DE EMALHAR DE TRES PANOS (TRESMALHO)	
		DES.: TRESMALHO F3	

NOTAS:

- E'' = Coeficiente de montagem superior das albitanas; E''' = Coeficiente de montagem inferior das albitanas.
- PA = poliamida "nylon"; PE = polietileno; mono = monofilamento.

Número de ordem	Flutuador						Lastro							
	Natureza	Ø Máx. (mm)	Ø Min. (mm)	Ø Interno (mm)	Comprimento (mm)	Flutuação (kgf)	Distribuição	Natureza	Ø Máx. (mm)	Ø Min. (mm)	Ø Interno (mm)	Comprimento (mm)	Peso (g)	Distribuição
1	PVC	50	21	-	24	-	(3l;1c)+34x(7l;1c)+3l	Pb	15	11	6	32	35	139x(1l;1c)+1c
2	PVC	54	13	-	26	25	(5l;1c)+18x(9l;1c)+5l	Pb	15	9	6	38	32	95x(1l;1c)+1l
3	PVC	50	10	-	25	-	26x(8l;1c)+4l	Pb	13	8	5	35	32	119x(1l;1c)
4	PVC	53	13	-	26	24	25x(1c;1l)	Pb	15	9	6	30	35	125x(1l;1c)
5	PVC	50	12	-	23	-	17x(8l;1c)+3l	Pb	15	9	8	30	30	56x(1l;2c)
6	PVC	45	12	-	19	-	19x(8l;1c)	Pb	16	9	6	28	30	85x(1l;1c)+1l
7	PVC Exp.	47	7	-	20	-	(1l;1c)+37x(7l;1c)+1l	Pb	-	6	6	54	35	2c+148x(1l;1c)+1c
8	PVC Exp.	53	8	-	23	24	(3l;1c)+[(6l;1c)+(7l;1c)]+12x(7l;1c)	Pb	13	10	6	33	30	64x(1l;1c)
9	PVC Exp.	54	19	-	23	-	(3l;1c)+(7l;1c)+13x(10l+9l;1c)]+(7l;1c)+3l	Pb	14	8	6	34	35	213x(1l;1c)
10	PVC	53	12	-	21	24	(3l;1c)+19x(6l;1c)+3l	Pb	14	8	6	33	35	46x(1l;2c)+(1l;1c)
11	PVC	51	11	-	24	-	(3l;1c)+16x(7l;1c)+3l	Pb	14	8	6	32	35	67x(1l;1c)+1l
12	PVC Exp.	50	10	-	20	-	(5l;1c)+23x(1l;1c)+8l	Pb	14	9	6	32	30	145x(1l;1c)
13	PVC Exp.	55	10	-	19	-	(2l;1c)+(3l;1c)+15x(8l;1c)+4l	Pb	14	9	6	34	35	73x(1c;1l)
14	PVC	50	12	-	24	-	(4l;1c)+17x(10l;1c)	Pb	14	10	6	31	30	(2c;1l)+94x(1c;1l)+1c
15	PVC	54	14	-	24	25	(4l;1c)+29x(8l;1c)+1l	Pb	13	9	7	32	30	136x(1l;1c)+1l
16	PVC	50	11	-	24	-	(2l;1c)+22x(7l;1c)+4l	Pb	14	11	6	29	30	61x(2c;1l)
17	PVC	50	11	-	24	-	7l+(1c;6l)+(1c;5l)+17x(1c;7l)	Pb	Cabo com alma de chumbo ± 190 g/m					
18	PVC	54	5	-	20	25	1l+(1c;8l)+(1c;7l)+35x(1c;9l)	Pb	14	10	5	35	30	184x(1l;1c)
19	PVC	50	11	-	23	-	20x(8l;1c)+4l	Pb	14	11	6	32	30	todos cativos
20	PVC Exp.	48	8	-	18	-	(3l;1c)+29x(6l;1c)	Pb	13	10	6	32	30	2c+102x(1l;1c)+1c
21	-	-	-	-	-	-	-	Pb	15	8	6	30	34	82x(1l;1c)

NOTAS:

- PA = poliamida "nylon"; PE = polietileno; PVC = policloroeteno; PVC Exp. = policloroeteno expandido; Pb = chumbo.
- A letra "γ" de "γire", significa que no entralhe encontra-se montado um flutuador ou um lastro.
- A letra "c" de "cátivo", significa que no entralhe encontra-se montado um flutuador ou um lastro.
- Os valores indicados de flutuação (kgf) para os flutuadores e do peso (g) para os lastros foram estimados, dada a impossibilidade de se determinar a impulsão dos flutuadores ou de pesar os lastros, por estes se encontrarem montados nos respectivos cabos.

Levantou	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM - Departamento de Recursos Marinhos						
Projectou		25 JAN 05							
Desenhou		26 JAN 05							
Copiou									
Verificou		27 JAN 05							
Exatela				Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins					
ALGARVE									
PESCA POR ARTE DE EMALHAR									
REDE DE EMALHAR DE TRÊS PANOS (TRESMALHO)				DES.: TRESMALHO F4					

PUBLICAÇÕES AVULSAS DO INIP

1982

- Nº 1** - **PESCA ARTESANAL NA COSTA ALGARVIA, SUBSÍDIO PARA O CONHECIMENTO DO SEU ESTADO ACTUAL** - Fernando Correia da Costa; Maria de Lourdes Paes de Franca.
- Nº 2** - **PESCA ARTESANAL NA COSTA ALGARVIA. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA** - Maria de Lourdes Paes de Franca.; Fernando Correia da Costa; Carlos Calado (Fotografias).

1984

- Nº 3** - **PESCA ARTESANAL NA ZONA CENTRO DA COSTA OCIDENTAL PORTUGUESA. SUBSÍDIO PARA CONHECIMENTO DO SEU ESTADO ACTUAL** - Maria de Lourdes Paes de Franca; Fernando Correia da Costa.
- Nº 4** - **PESCA ARTESANAL NA ZONA CENTRO DA COSTA OCIDENTAL PORTUGUESA. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA** - Fernando Correia da Costa; Maria de Lourdes Paes de Franca; Carlos Calado (Fotografias).

1985

- Nº 5** - **CONTRIBUIÇÃO PARA A DIVULGAÇÃO DAS PRINCIPAIS ARTES DE PESCA AO "ATUM"** - Alberto M. Leite; David B. Gil; Fernando C. Costa; Fernando R. Rebordão.

1986

- Nº 6** - **PESCA ARTESANAL NA ZONA NORTE DA COSTA OCIDENTAL PORTUGUESA. SUBSÍDIO PARA CONHECIMENTO DO SEU ESTADO ACTUAL** - Fernando Correia da Costa; Maria de Lourdes Paes de Franca.
- Nº 7** - **PESCA ARTESANAL NA ZONA NORTE DA COSTA OCIDENTAL PORTUGUESA. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA** - Maria de Lourdes Paes de Franca; Fernando Correia da Costa; Carlos Calado (Fotografias).
- Nº 8** - **PEIXES DE INTERESSE COMERCIAL. (LISTA DE NOMES PORTUGUESES)** - J. G. Sanches.
- Nº 9** - **NOMENCLATURA E DIAGNOSE DOS PRINCIPAIS PEIXES MARINHOS DE PORTUGAL (CICLÓSTOMOS, SELÁCEOS E HOLOCÉFALOS)** - J. G. Sanches.
- Nº 10** - **DEFINIÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DAS CATEGORIAS DE ARTES DE PESCA** - C. Nédémec. Versão Portuguesa de: Alberto M. Leite; David B. Gil; João Viegas; Manuel B. Metelo.

1987

- Nº 11** - **CONTRIBUIÇÃO PARA O CONHECIMENTO DA PESCA DO RIO GUADIANA, EM PARTICULAR NO BAIXO GUADIANA** - Maria de Lourdes Paes de Franca; Fernando Correia da Costa; Maria de Fátima Rosa Lopes.
- Nº 12** - **JORNADAS SOBRE NUTRIÇÃO EM AQUACULTURA. NATO WORKSHOP ON NUTRITION. (NATO SCIENCE FOR STABILITY PROGRAMME)** - Lisboa, 29 - 31 Janeiro 1985.

1988

- Nº 13** - **DEFINIÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DOS TIPOS DE NAVIOS DE PESCA. (FAO FISH. TECH. PAP Nº 267)** - Versão Portuguesa de: Alberto M. Leite; David B. Gil; Manuel B. Metelo; Dagoberto S. Ferraz.

1989

- Nº 14** - **NOMENCLATURA PORTUGUESA DE ORGANISMOS AQUÁTICOS. (PROPOSTA PARA NORMALIZAÇÃO ESTATÍSTICA)** - J. G. Sanches.
- Nº 15** - **HISTOIRES NATURELLES FRANCO-PORTUGAISES DU XIX^o SIÈCLE** - Jacques Daget; Luiz Saldanha.

1991

- Nº 16** - **CATÁLOGO DOS PRINCIPAIS PEIXES MARINHOS DA GUINÉ-BISSAU** - J. G. Sanches.
- Nº 17** - **COLÓQUIO "CONSERVAÇÃO DOS RECURSOS VIVOS MARINHOS"** - INIP, Lisboa, 25 - 27 Setembro 1989.
- Nº 18** - **GUIA DE IDENTIFICAÇÃO DO PESCADO DE PORTUGAL SUBMETIDO A TAMANHO MÍNIMO DE CAPTURA** - J. G. Sanches.

1992

- Nº 19 - **SEMINÁRIO SOBRE AQUACULTURA MEDITERRÂNICA 91 - INIP**, Lisboa, 11 - 13 de Dezembro 1991.

1993

- Nº 20 - **MANUSEAMENTO DO PESCADO** - Irineu Batista; Maria Leonor Nunes.
Nº 21 - **FUMAGEM DE PEIXE** - Irineu Batista; Maria Leonor Nunes.
Nº 22 - **SALGA E SECA DE PEIXE. UM GUIA PRÁTICO** - Irineu Batista; Maria Leonor Nunes.
Nº 23 - **COMO MARIA MELHOROU O SEU POSTO DE VENDA E OS NEGÓCIOS PROSPERARAM** - Irineu Batista; Maria Leonor Nunes (Tradução Portuguesa).
Nº 24 - **A GUERRA DA SUJIDADE. CONTROLO SANITÁRIO NA INDÚSTRIA DA PESCA** - Irineu Batista; Maria Leonor Nunes (Tradução Portuguesa).

PUBLICAÇÕES AVULSAS DO IPIMAR

1994

- Nº 1 - **SEMINÁRIO SOBRE RECURSOS HALIÉUTICOS, AMBIENTE, AQUACULTURA E QUALIDADE DO PESCADO DA PENÍNSULA DE SETÚBAL** - Setúbal, 26 - 27 Abril 1994

1996

- Nº 2 - **CATÁLOGO DOS PEIXES DO ARQUIPÉLAGO DE CABO VERDE** - F. Reiner

2000

- Nº 3 - **MANUAL SOBRE DOENÇAS DE PEIXES ÓSSEOS** - Jaime Menezes
Nº 4 - **CLASSIFICAÇÃO DE ARTES E MÉTODOS DE PESCA** - Fernando Rui Rebordão
Nº 5 - **CONTRIBUIÇÃO PARA O CONHECIMENTO DAS ARTES DE PESCA UTILIZADAS NO RIO MINHO** - Rogélia Martins; Fernando Rui Rebordão; Miguel Carneiro
Nº 6 - **CONTRIBUIÇÃO PARA O CONHECIMENTO DAS ARTES DE PESCA UTILIZADAS NO RIO GUADIANA** - Miguel Carneiro; Fernando Rui Rebordão; Rogélia Martins

2002

- Nº 7 - **CONTRIBUIÇÃO PARA O CONHECIMENTO DAS ARTES DE PESCA UTILIZADAS NO RIO LIMA** - Rogélia Martins; Fernando Rui Rebordão; Miguel Carneiro
Nº 8 - **CONTRIBUIÇÃO PARA O CONHECIMENTO DAS ARTES DE PESCA UTILIZADAS NA RIA DE AVEIRO** - Miguel Carneiro; Rogélia Martins; Fernando Rui Rebordão; Manuel Sobral
Nº 9 - **PRODUTOS DA PESCA, QUALIDADE, SEGURANÇA E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA** - Actas das Jornadas Técnicas e Científicas do IPIMAR - Lisboa, 11 - 12 Outubro 2001

2004

- Nº 10 - **CONTRIBUIÇÃO PARA O CONHECIMENTO DAS ARTES DE PESCA UTILIZADAS NO RIO SADO** - Rogélia Martins; Miguel Carneiro; Fernando Rui Rebordão
Nº 11 - **COMPOSIÇÃO E VALOR NUTRICIONAL DOS PRODUTOS DA PESCA MAIS CONSUMIDOS EM PORTUGAL** - Narcisa Maria Bandarra; Maria Antónia Calhau; Luísa Oliveira; Mariana Ramos; Maria da Graça Dias; Helena Bártolo; Maria Rosa Faria; Maria Celeste Fonseca; Júlia Gonçalves; Irineu Batista; Maria Leonor Nunes

2005

- Nº 12 - **TERMINOLOGIA DE PRODUTOS DA PESCA E AQUICULTURA** - Paulo Vaz-Pires; Maria Leonor Nunes; Irineu Batista



Ministério da Agricultura,
Pescas e Florestas



Instituto Nacional de Investigación
Agraria e das Pescas

PUBLICAÇÕES AVULSAS DO IPIMAR

N.º 13, 2006

CONTRIBUIÇÃO PARA O CONHECIMENTO DAS ARTES DE PESCA UTILIZADAS NO ALGARVE

MIGUEL CARNEIRO
ROGÉLIA MARTINS
FERNANDO RUI REBORDÃO

PLANOS TÉCNICOS



**CONTRIBUIÇÃO PARA O CONHECIMENTO
DAS ARTES DE PESCA UTILIZADAS
NO ALGARVE
PLANOS TÉCNICOS**

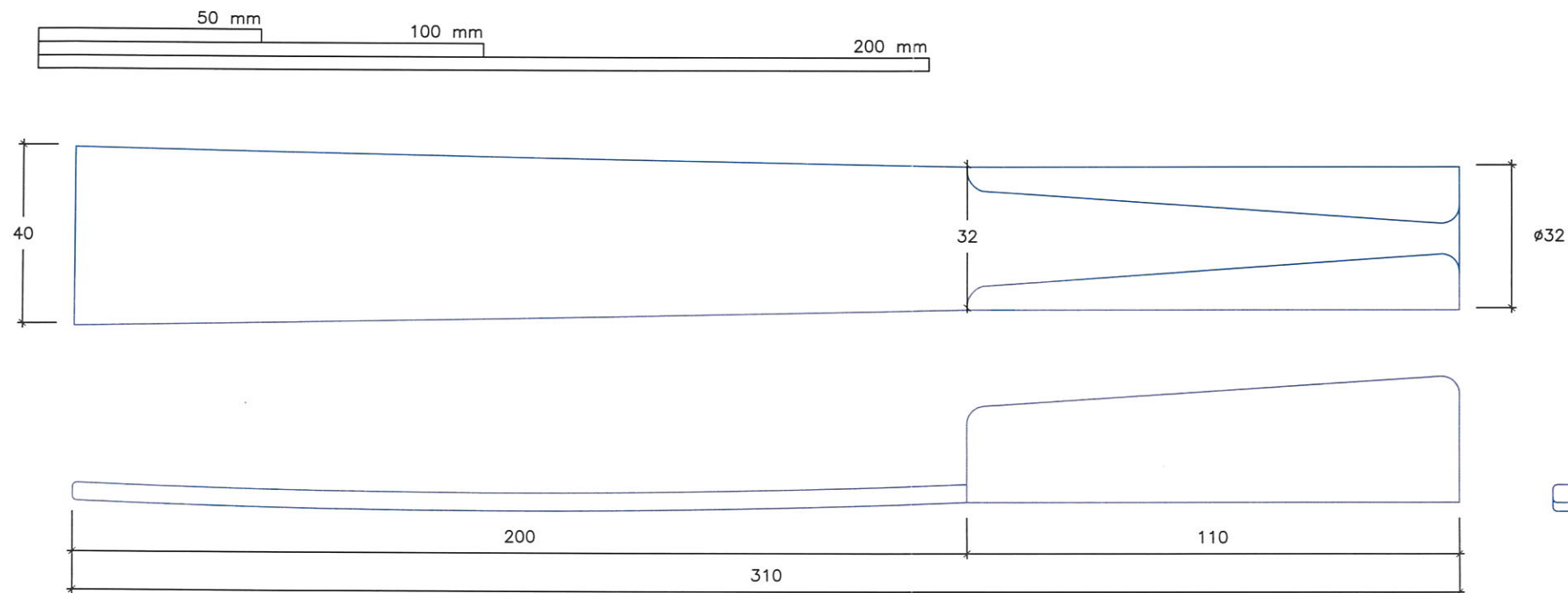
Miguel Carneiro

Rogélia Martins

Fernando Rui Rebordão

Estes Planos Técnicos constituem uma das partes integrantes das Publicações Avulsas do IPIMAR n.º 13, não devendo, por conseguinte, serem considerados isoladamente.

Desenho N.º	Designação
127 – 1.100	Arrilhada – Apanha sem mergulho
142 – 5.520	Covo – Armadilha / Gaiola
143 – 8.110 F1, F2, F3 e F4	Arrasto de cintura – Arrasto com draga de mão
174 – 14.110	Rede do linguado – Rede de emalhar fundeada
179 – 5.100	Alcatruz – Armadilha de abrigo
180 – 5.100	Alcatruz – Armadilha de abrigo
204 – 4.221	Aparelho fino – Linha fundeada (palanqueada)
206 – 5.520	Covo do peixe – Armadilha / Gaiola
207 – 5.520	Covo do choco – Armadilha / Gaiola
209 – 14.310	Tresmalho do choco – Tresmalho fundeado
211 – 14.110	Rede da corvina – Rede de emalhar fundeada
213 – 4.320	Piteira / Gibo – Dilaceração (não toneira)
214 – 4.100	Aparelho de carteiras – Linha sem anzóis
216 – 4.320	Piteira – Dilaceração (não toneira)
289 – 5.520	Covo do polvo – Armadilha / Gaiola
290 – 14.310	Rede do camarão – Tresmalho fundeado
294 – 14.110	Rede da malha – Rede de emalhar fundeada
295 – 14.310	Rede do choco – Tresmalho fundeado
297 – 14.310	Rede de tresmalho – Tresmalho fundeado
300 – 14.110	Rede tansa – Rede de emalhar fundeada
310 – 14.110	Rede do linguado – Rede de emalhar fundeada
312 – 14.310	Rede do linguado – Tresmalho fundeado
313 – 14.110	Rede do robalo – Rede de emalhar fundeada
314 – 14.110	Rede do salmonete – Rede de emalhar fundeada
317 – 14.110	Rede de emalhar – Rede de emalhar fundeada
318 – 4.310	Palhacinho / Toneira – Dilaceração por toneira
319 – 4.320	Piteira – Dilaceração (não toneira)
322 – 14.110	Rede da língua – Rede de emalhar fundeada
323 – 5.520	Murejona – Armadilha / Gaiola - Murejona
324 – 5.520	Covo macho – Armadilha / Gaiola - Murejona
326 – 12.200 F1, F2, F3 e F4	Sacada – Rede de sacada para embarcação
327 – 10.200 F1, F2 e F3	Rapa – Cerco americano
328 – 15.300	Bomba de mão – Compressor de ar manual
329 – 5.520	Palangre do safio – Linha fundeada (palanqueada)
330 – 5.520	Covo da moreia – Armadilha / Gaiola
331 – 4.221	Aparelho grosso – Linha fundeada (alvorada)
332 – 4.221	Aparelho fino – Linha fundeada (de fundo)
333 – 8.120 F1, F2, F3 e F4	Ganchorra – Arrasto com draga rebocada
336 – 4.221	Palangre – Linha fundeada (de fundo)
340 – 4.310	Palhacinho / Toneira – Dilaceração por toneira
341 – 4.211	Linha do safio – Linha de mão
343 – 5.520	Covo do peixe – Armadilha / Gaiola
344 – 5.520	Covo do polvo – Armadilha / Gaiola
389 – 5.520	Covo da enguia – Armadilha / Gaiola
391 – 14.110	Rede da santola – Rede de emalhar fundeada
392 – 5.520	Bornel – Armadilha / Gaiola



s/ escala



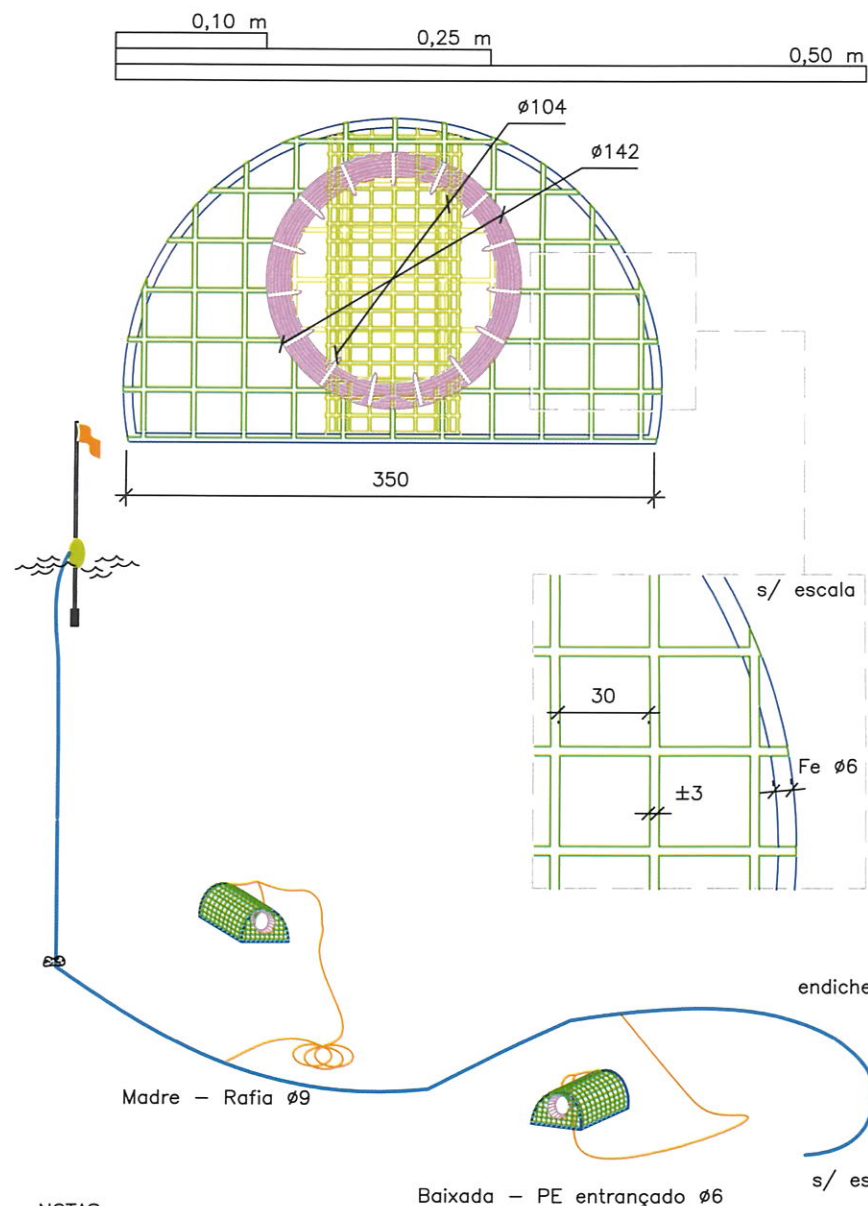
NOTAS:

- Lâmina de ferro, 0,4 mm de espessura e ligeiramente curvada para dentro.
- Cabo de madeira, de comprimento total variável.
- Destina-se a apanha de perceve (*Pollicipes pollicipes*).

	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos 
Levantou		12 FEV 98	
Projectou		19 FEV 98	
Desenhou		19 MAI 98	
Copiou			
Verificou		21 NOV 05	
Escala	ALGARVE		Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins
	ARRILHADA		
	APANHA SEM MERGULHO		DES.Nº: 127 – 1.100

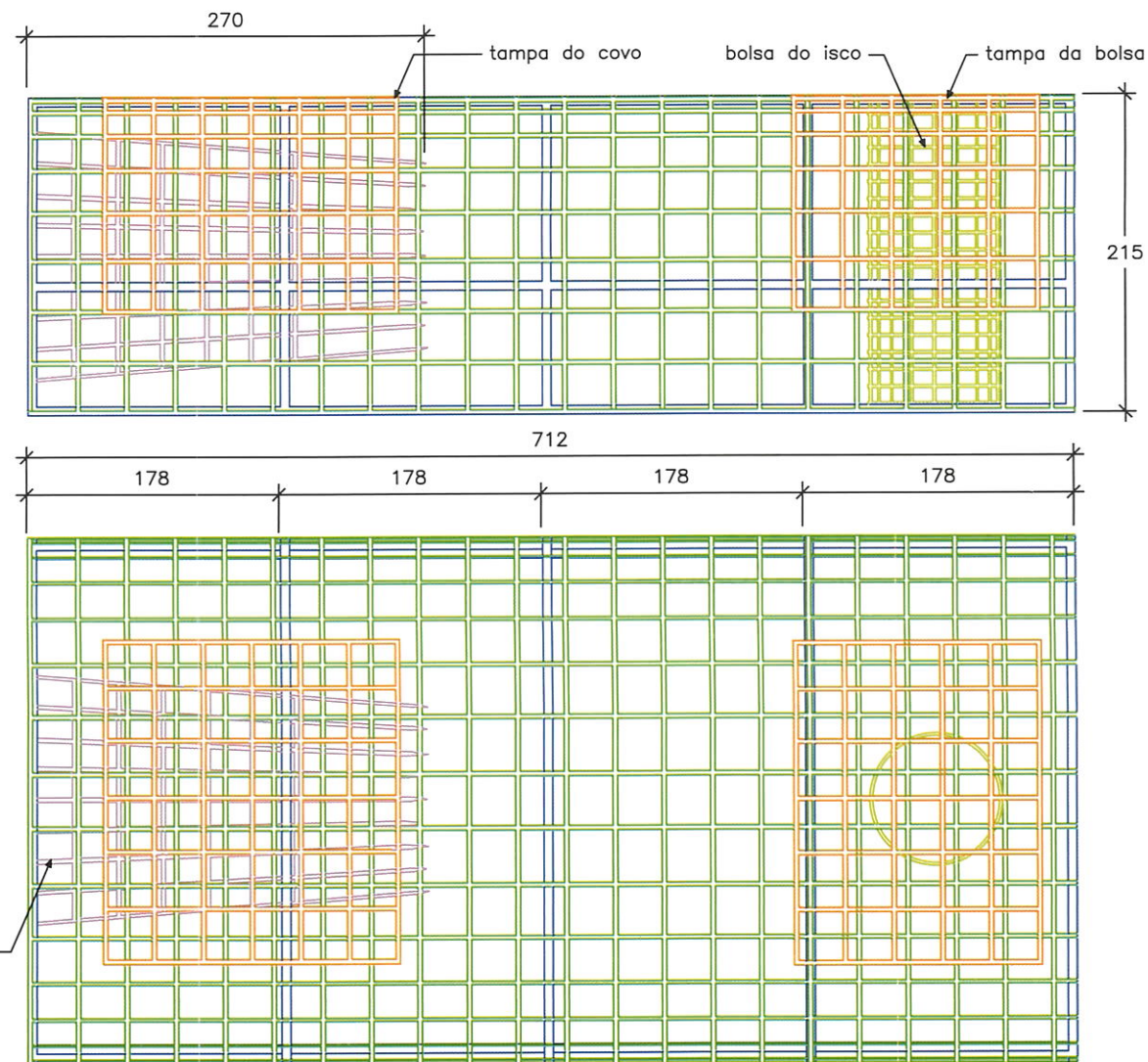


ARRILHADA
APANHA SEM Mergulho



NOTAS:

- A forra exterior, o endiche, as tampas e a bolsa do isco executados com rede rígida plástica de malha quadrada. Os diferentes panos do covo são entalhados com PE Ø3.
- Madre de Rafia Ø9, distância entre covos de 16,2m, baixada de PE entranchado Ø6.
- Arte usada em teias. Uma teia possui cerca de 50 covos. Uma embarcação de pesca local larga em média 2 a 3 teias. Esta arte é utilizada durante o Verão.
- O covo é em regra iscado com sardinha ou cavala.
- Destina-se à captura de choco-vulgar (*Sepia officinalis*) e safio (*Conger conger*).

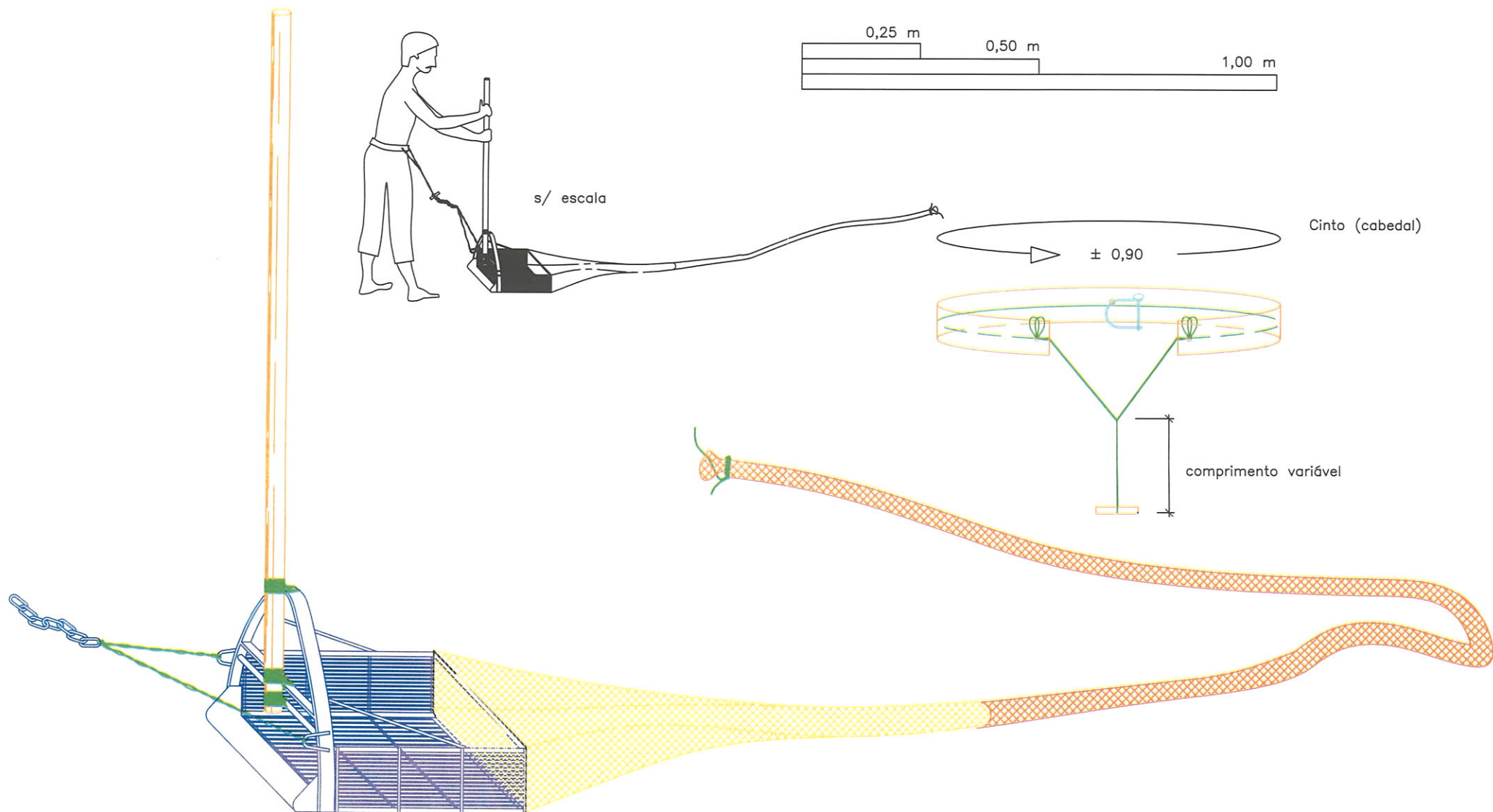


Levantou	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos	
Projectou		05 ABR 98		
Desenhou		25 MAI 98		
Copiou		23 JUN 98		
Verificou		21 NOV 05		
Escalas	ALGARVE – Monte Gordo			Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins
	COVO ARMADILHA / GAIOLA			
				DES. N.º: 142-5.520

Monte Gordo

COVO

ARMADILHA / GAIOLA



NOTAS:

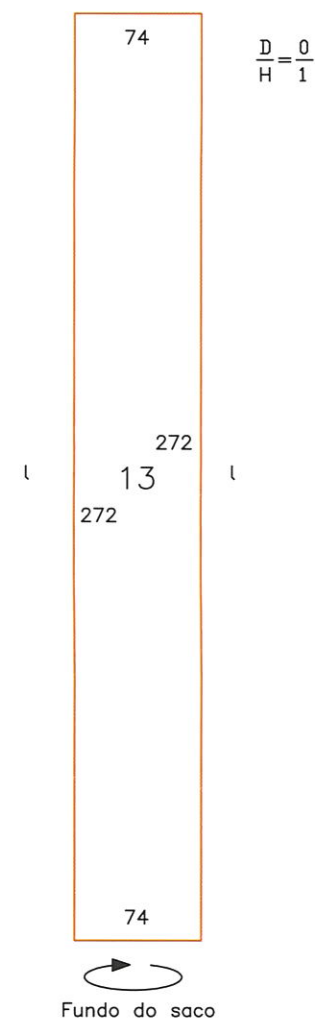
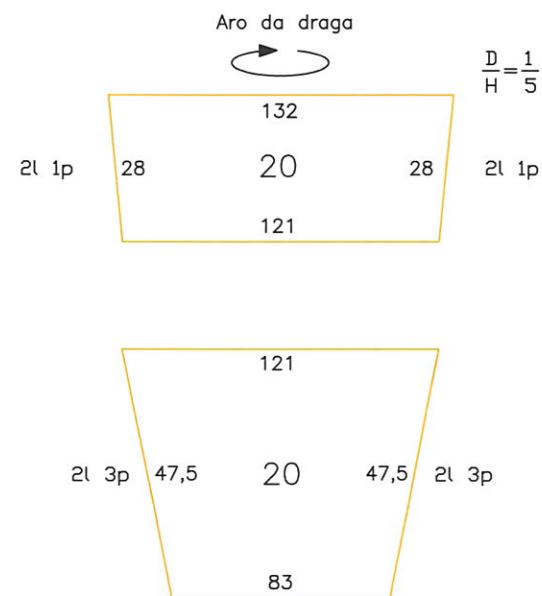
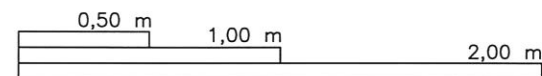
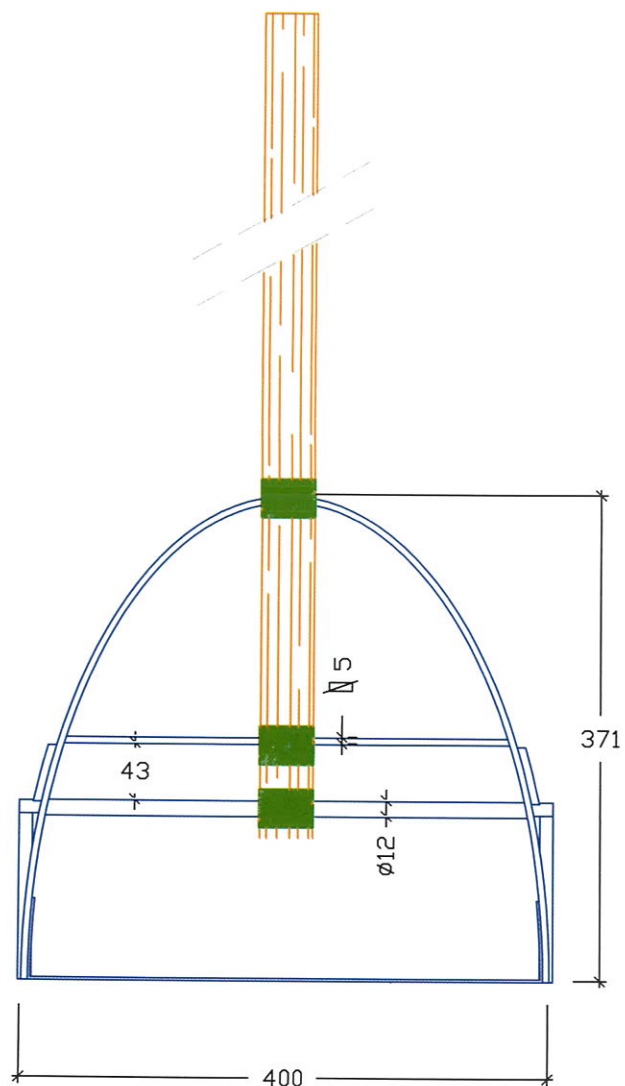
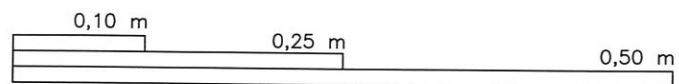
- Arte de arrasto (draga de mão). O corpo da draga construído com aço inox. Cabo da draga de madeira.
- Esta draga possui uma lâmina que se afunda no solo e o revolve à medida que a draga vai sendo rebocada sobre o fundo.
- Os panos do saco são de PE entrançado (rede sem nó).
- Utilizada durante todo o ano (na baixa-mar).
- Destina-se à captura de conculha (*Donax trunculus*).

	Rubrica	Data	INIAP / IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos	
Levantou		26 MAR 99		
Projectou		10 ABR 99		
Desenhou		11 JUN 99		
Copiou				
Verificou		21 NOV 05		
Escalas	ALGARVE – V.R.S.António			Obs.
	ARRASTO DE CINTURA ARRASTO COM DRAGA DE MÃO			Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins
				DES.Nº:143–8.110 F1

V.R.S. António

ARRASTO de CINTURA

ARRASTO COM DRAGA DE MÃO



NOTAS:

— Os panos do saco são de PE entrançado (rede sem nó).

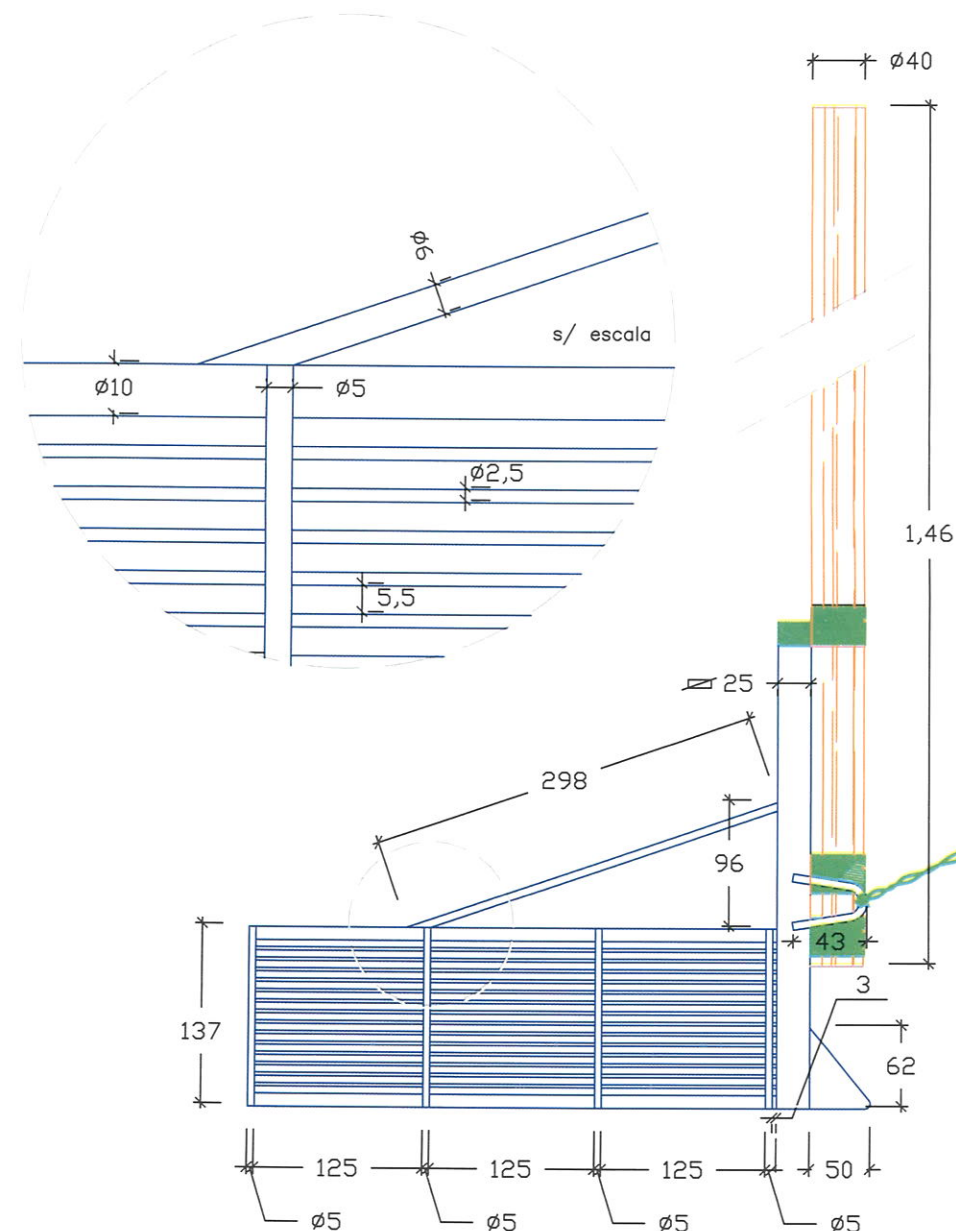
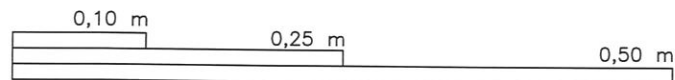
	Rubrica	Data	INIAP / IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos	
Levantou		26 MAR 99		
Projectou		10 ABR 99		
Desenhou		11 JUN 99		
Copiou				
Verificou		21 NOV 05		
Escala	ALGARVE – V.R.S.António		Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins	
	ARRASTO DE CINTURA ARRASTO COM DRAGA DE MÃO		DES.Nº:143–8.110 F2	



V.R.S. António

ARRASTO de CINTURA

ARRASTO COM DRAGA DE MÃO



NOTAS:

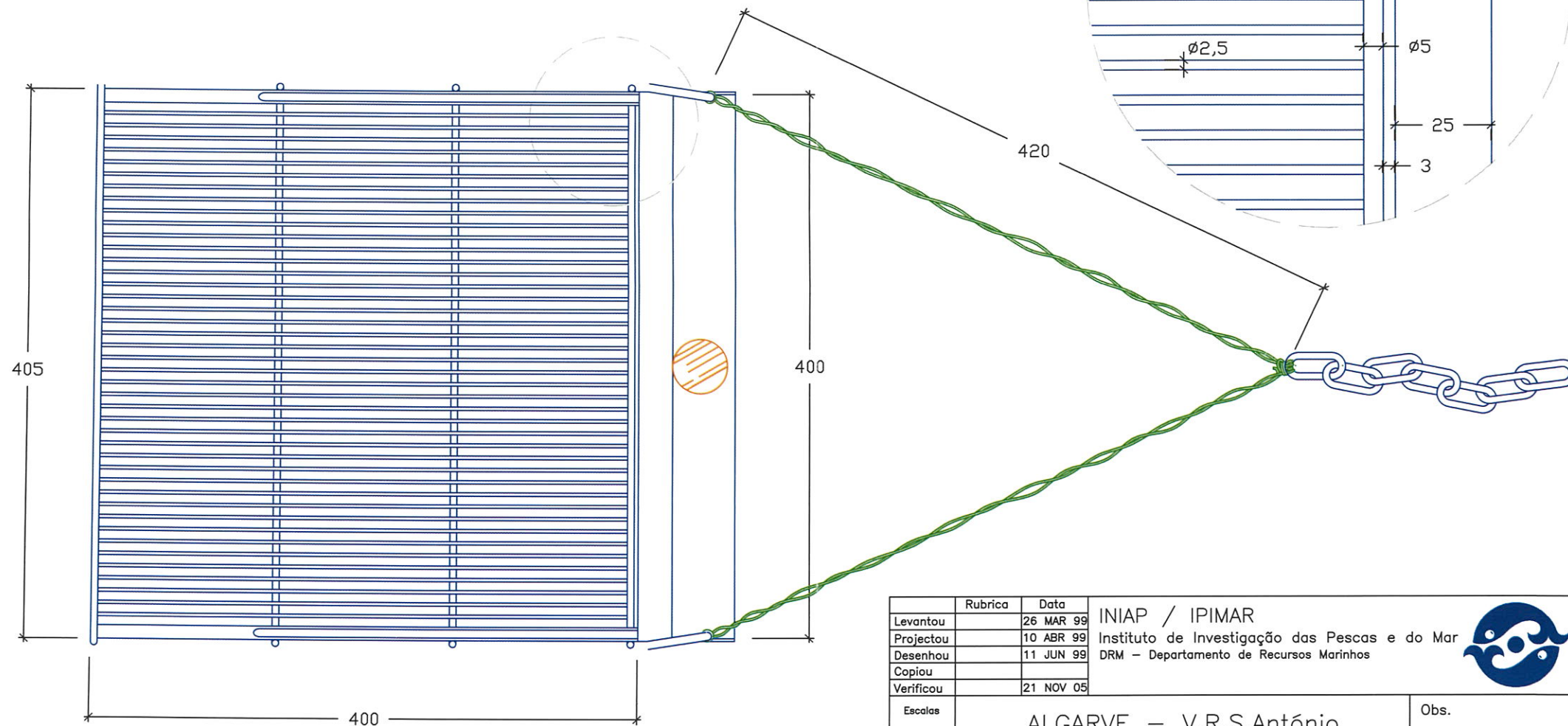
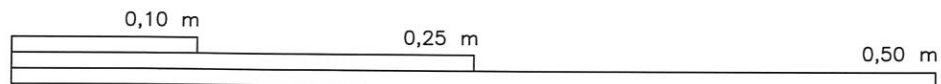
- Cabo da draga de madeira.
- A fixação do cabo à draga é feito com fio de PE entrançado $\phi 1,5$
- A tracção efectuada a partir do cinto é assegurada por dois cabos duplos de PE $\phi 6$ que se unem a uma corrente de ferro, a qual se liga ao cinto do mariscador.
- A partir do cabo o mariscador também traciona a draga e conduz/manobra a mesma.

	Rubrica	Data	INIAP / IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos	
Levantou		26 MAR 99		
Projectou		10 ABR 99		
Desenhou		11 JUN 99		
Copiou				
Verificou		21 NOV 05		
Escalas	ALGARVE – V.R.S.António			Obs.
	ARRASTO DE CINTURA ARRASTO COM DRAGA DE MÃO			Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins
				DES.Nº:143–8.110 F3

V.R.S. António

ARRASTO de CINTURA

ARRASTO COM DRAGA DE MÃO



	Rubrica	Data	INIAP / IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos	
Levantou		26 MAR 99		
Projectou		10 ABR 99		
Desenhou		11 JUN 99		
Copiou				
Verificou		21 NOV 05		
Escala	ALGARVE – V.R.S.António			Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins
	ARRASTO DE CINTURA ARRASTO COM DRAGA DE MÃO			
				DES.Nº:143–8.110 F4



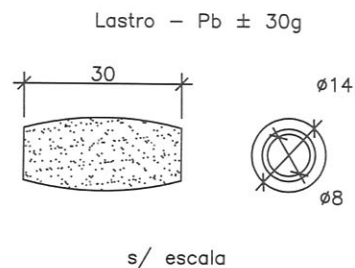
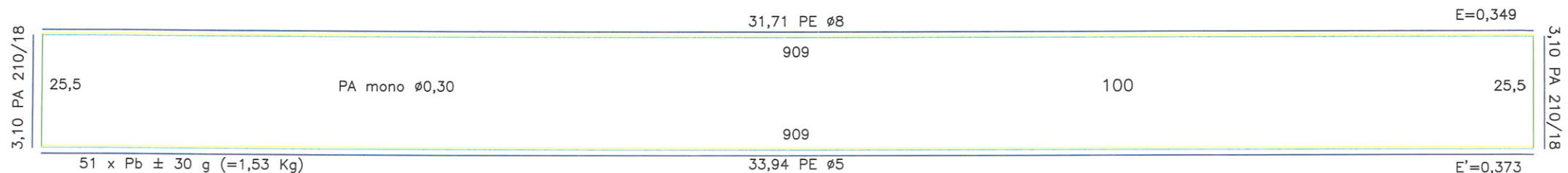
V.R.S. António

ARRASTO de CINTURA

ARRASTO COM DRAGA DE MÃO



100 mm «» PA mono $\varnothing 0,30$ «» 2,55 m «» $E=0,349$



NOTAS:

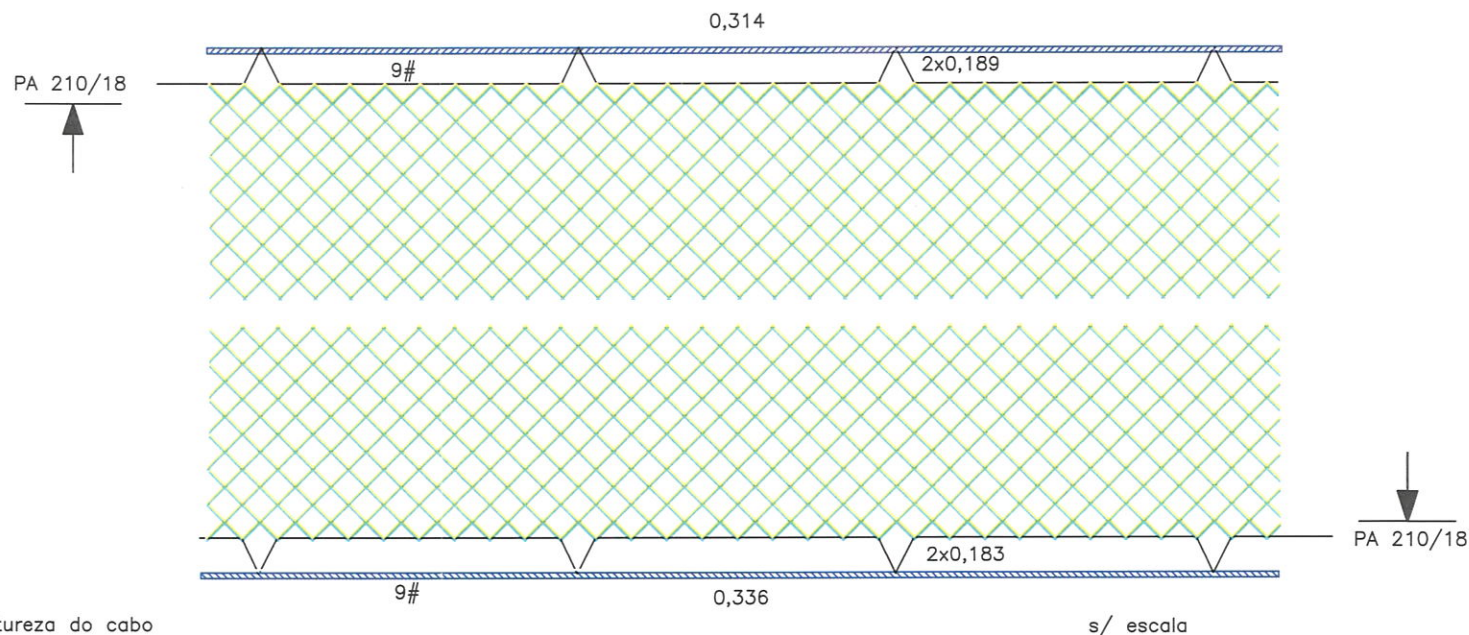
- Tralha superior:

Cabo: 31,71 PE $\varnothing 8$
 Boias: a flutuação da rede é assegurada pela natureza do cabo
 Fio de entralhe superior: PA 210/18
 Entralhes: 9# cada.
 Distância entre nós = 0,314. Comprimento do fio = $2 \times 0,189$

- Tralha inferior:

Cabo: 33,94 PE $\varnothing 5$
 Lastros: 51 x Pb $\pm 30g$ (=1,53 Kg)
 Fio de entralhe inferior: PA 210/18
 Entralhes: 9# cada. $50X(1c;1l)+1c$
 Distância entre nós = 0,336. Comprimento do fio = $2 \times 0,183$

- Tralha superior prolongada por mãozinhas ($\pm 0,4$)
- Cabo de testa: 3,10 PA 210/18
- Reforço superior e inferior do pano de meia malha dobrada, fio PA mono $\varnothing 0,30$.
- Esta arte é principalmente usada no Verão. É normalmente largado à tarde e alada depois do nascer-do-sol.
- Destina-se à captura de linguados (*Solea* spp.), choco-vulgar (*Sepia officinalis*) e raias (*Raja* spp.).



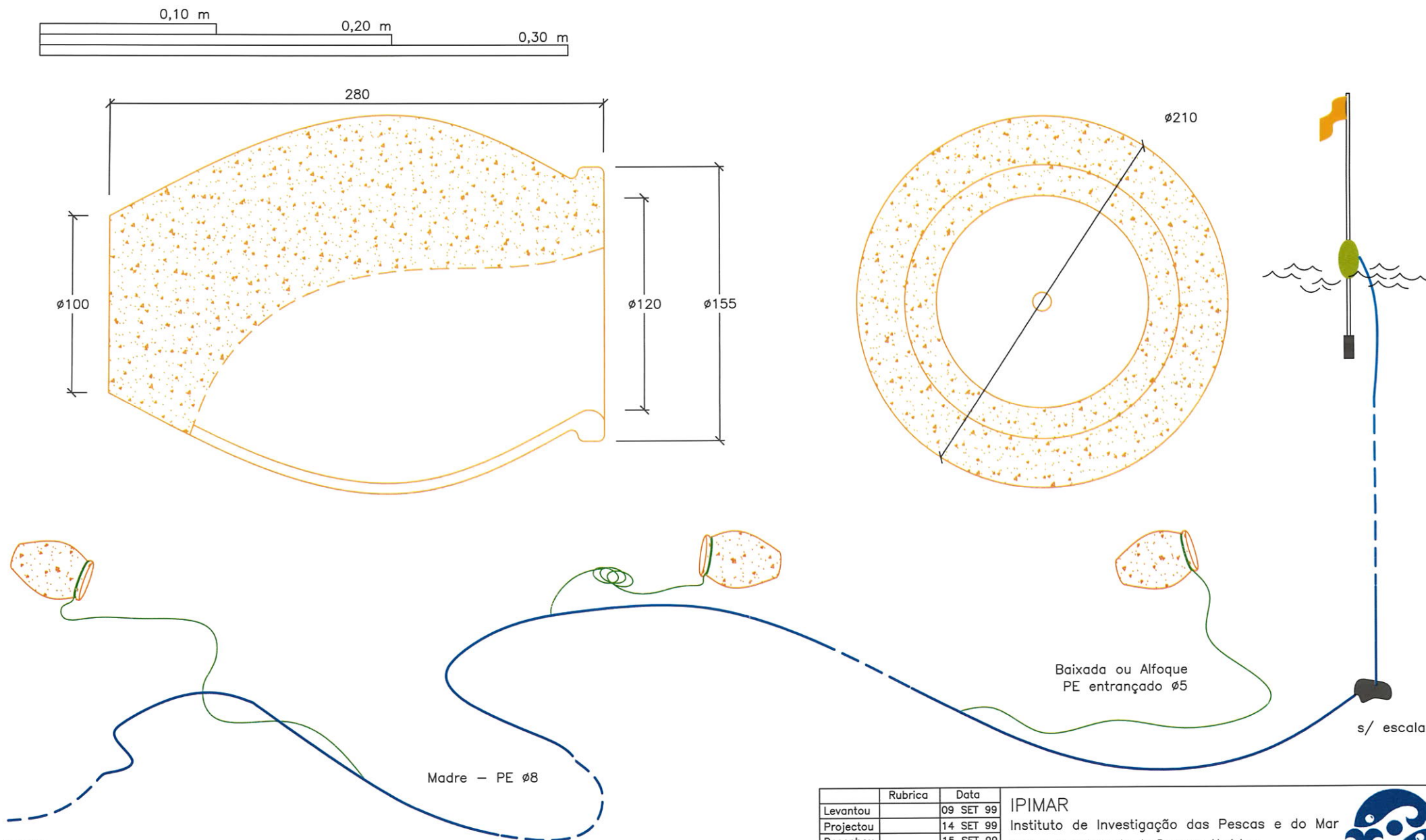
	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos	
Levantou		19 JUN 99		
Projectou		30 JUN 99		
Desenhou		30 JUN 99		
Copiou				
Verificou		21 NOV 05		
Escala	ALGARVE – Ilha da Culatra			Obs.
	REDE DO LINGUADO REDE DE EMALHAR FUNDEADA			Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins
				DES.Nº: 174–14.110



Ilha da Culatra

REDE do LINGUADO

REDE DE EMALHAR FUNDEADA

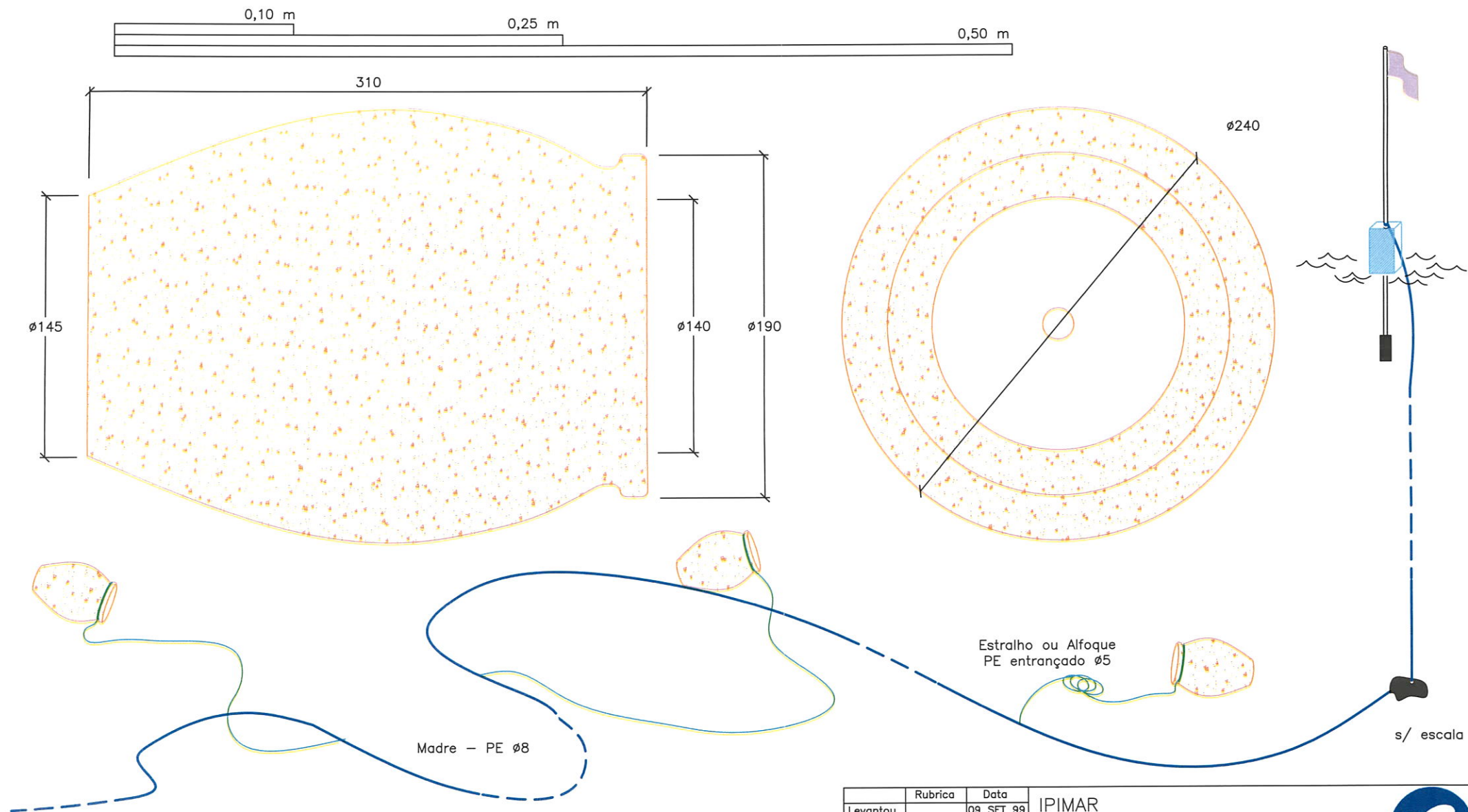


	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos	
Levantou		09 SET 99		
Projectou		14 SET 99		
Desenhou		15 SET 99		
Copiou				
Verificou		21 NOV 05		
Escala	ALGARVE – Sta Luzia			Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins
	ALCATRUZ ARMADILHA DE ABRIGO			
				DES.N.º: 179–5.100

Sta Luzia

ALCATRUZ

ARMADILHA DE ABRIGO



NOTAS:

- Arte utilizada em teias de 120 alcatruzes, largando normalmente 6 a 7 teias.
- Madre de PE Ø8, distância entre dois alcatruzes de 12,6 m. A baixada ou alfoque de PE entrançado Ø5. O comprimento do alfoque pode variar de 2,7 a 3,2 m, dependendo das características da embarcação.
- Esta arte é usada durante todo o ano. As teias só "vêm para terra" para limpeza dos alcatruzes.
- Destina-se à captura de polvo (*Octopus vulgaris*).

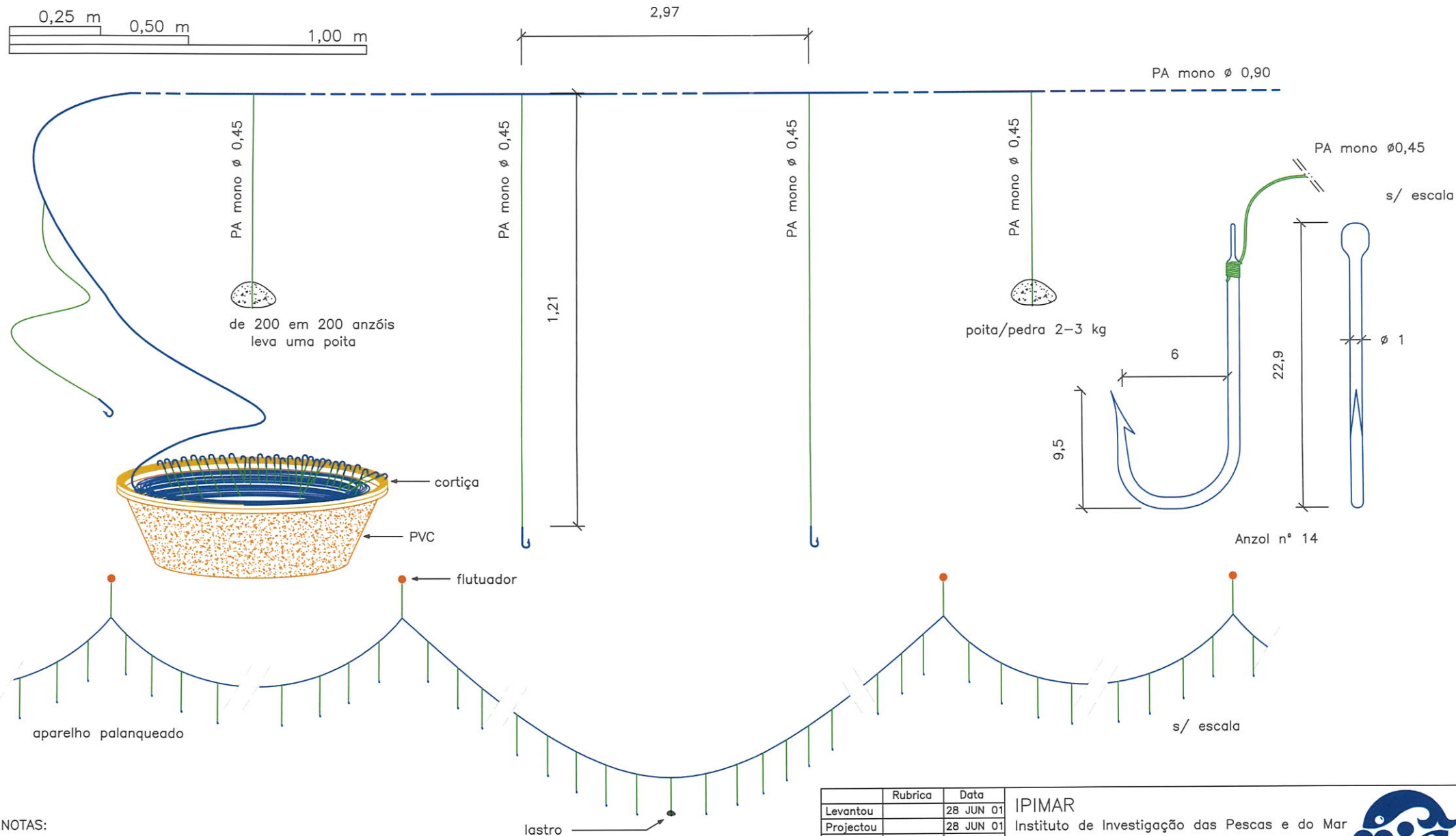
	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos	
Levantou		09 SET 99		
Projectou		14 SET 99		
Desenhou		15 SET 99		
Copiou				
Verificou		21 NOV 05		
Escala	ALGARVE – Sta Luzia			Obs.
	ALCATRUZ			Miguel Carneiro
	ARMADILHA DE ABRIGO			Rui Rebordão
				Rogélia Martins
			DES.N.º: 180–5.100	



Sta Luzia

ALCATRUZ

ARMADILHA DE ABRIGO



NOTAS:

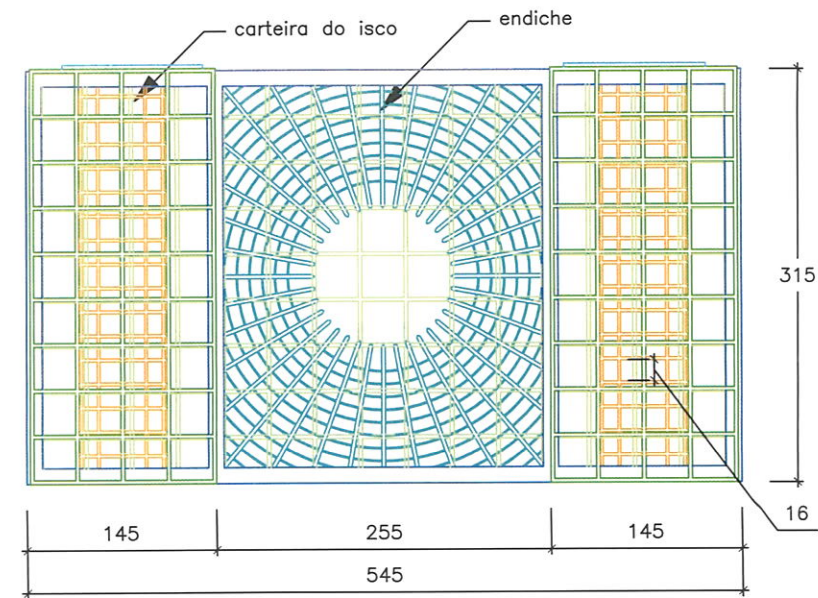
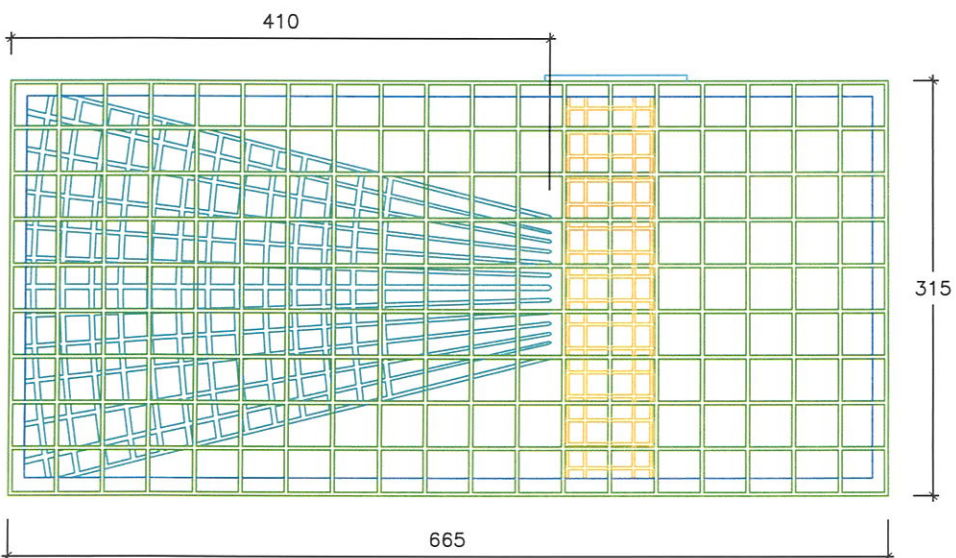
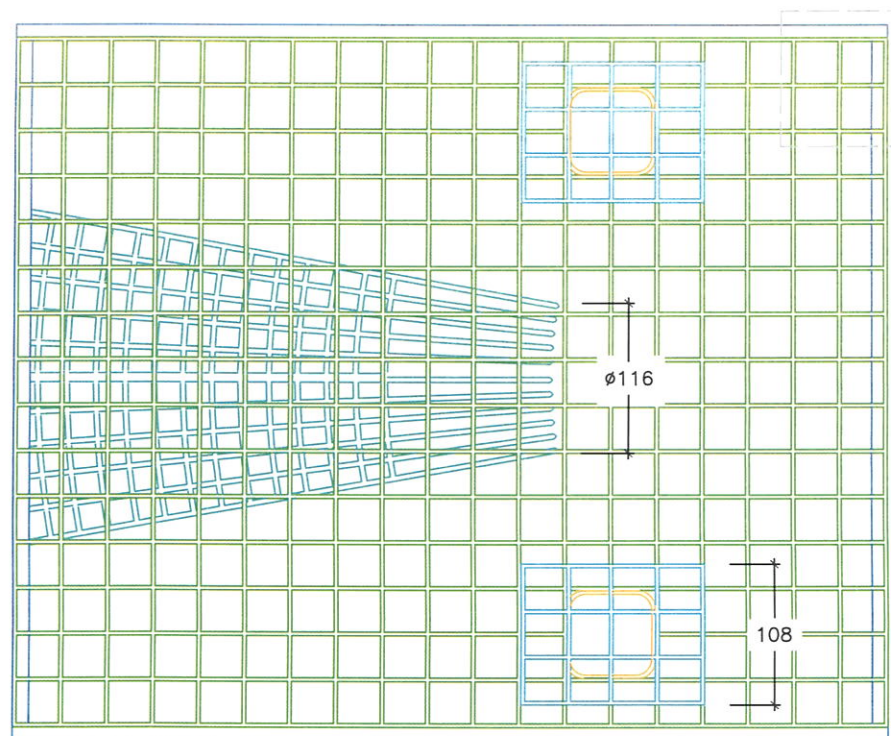
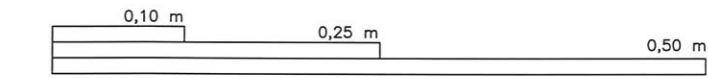
- Aparelho de fundo com cerca de 2000 anzóis por celha. Largam uma única celha. É utilizado durante o Verão. Largam antes do nascer do sol e é virado cerca de 2 horas depois.
- Madre de PA mono $\varnothing$ 0,90, distância entre anzóis de 2,97 m. Estralhos de PA mono $\varnothing$ 0,45 com 1,21 m. Anzol nº 14, direito, de pata. Iscado com lula ou berbigão. De 200 em 200 anzóis leva uma poita e de 30 em 30 anzóis leva uma bôia (caladura).
- Destina-se à captura de besugo (*Pagellus acarne*), dourada (*Sparus aurata*), sargos (*Diplodus* spp.), e faneca (*Trisopterus luscus*).

	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos 	
Levantou		28 JUN 01		
Projectou		28 JUN 01		
Desenhou		16 JUL 01		
Copiou				
Verificou		07 DEZ 05		
Escala	ALGARVE – Alvor			Obs.
	APARELHO FINO			Miguel Carneiro
	LINHA FUNDEADA (PALANQUEADA)			Rui Rebordão
				Rogélia Martins
				DES.Nº: 204 – 4.221

Alvor

APARELHO FINO

LINHA FUNDEADA (PALANQUEADA)



NOTAS:

- Armação exterior (forra), endiche e carteira do isco executadas com rede plástica rígida de malha quadrada. Lado da malha 32. Os diferentes panos do covo são entalhados com fio PE Ø3. Armação de ferro - Ø12.
- Esta arte é usada em teias com cerca de 30 covos cada. É usada durante todo o ano e largam em média 4 teias por embarcação. Madre de PE Ø. Distância entre covos de 27 m. Baixadas com cerca de 1,84 m e de PE Ø4.
- O covo é em regra iscado com sardinha ou cavala. É lastrado com duas barras de ferro presas no fundo da armação.
- Destina-se à captura de polvo (*Octopus vulgaris*), robalo (*Dicentrarchus labrax*), sargos (*Diplodus spp.*), safio (*Conger conger*) e moreia (*Muraena helena*).

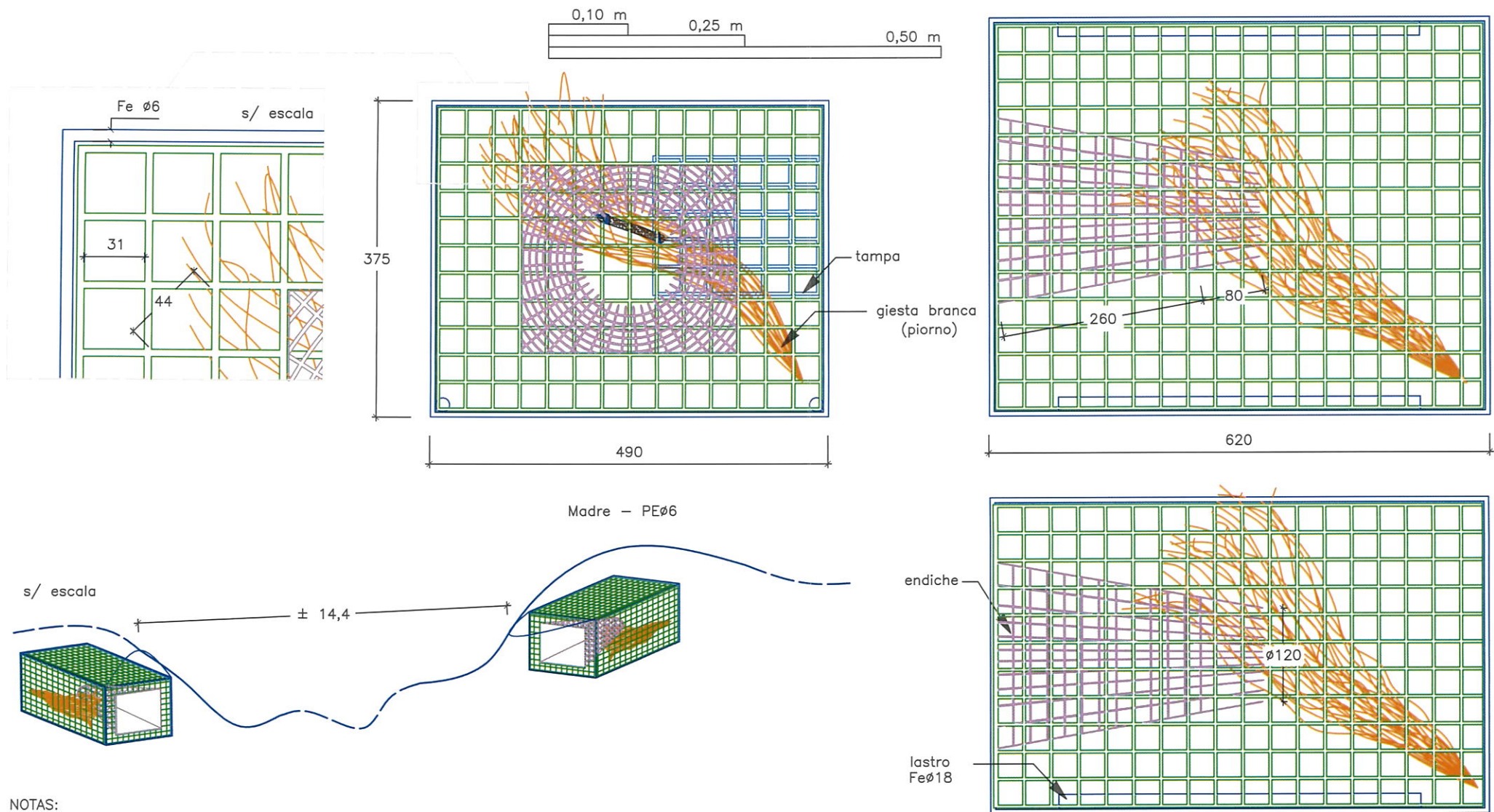
Rubrica	Data		
Levantou	28 JUN 01	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM - Departamento de Recursos Marinhos	
Projectou	28 JUN 01		
Desenhou	16 JUL 01		
Copiou			
Verificou	25 NOV 05		
Escala		ALGARVE - Alvor	
		COVO DO PEIXE ARMADILHA / GAIOLA	
		Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins	
		DES.Nº: 206-5.520	



Alvor

COVO do PEIXE

ARMADILHA / GAIOLA



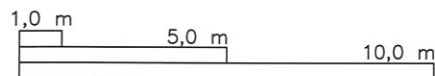
NOTAS:

- A forra, o endiche e a tampa do covo são executados com rede plástica rígida de malha quadrada. A forra é entalhada com PE entrançado $\varnothing 4$. A tampa do covo fecha com um gancho e elástico.
- O covo é lastrado com auxílio de duas barras de ferro ($\varnothing 18$) presos no fundo da armação.
- Esta arte é usada em teias com cerca de 30 covos cada. Cada embarcação larga em média 5 teias. São usados de Abril a Setembro. Em média as teias permanecem 30 dias no mar, sendo no entanto corridas todos os dias.
- Madre de PE $\varnothing 6$ e as baixadas de PE $\varnothing 4$ com cerca de 1,8 m.
- No covo é colocada giesta branca (piorno) para atrair as fêmeas de choco a fazerem, aí, a postura.
- Destina-se à captura de choco-vulgar (*Sepia officinalis*). Também captura polvo (*Octopus vulgaris*) e robalo (*Dicentrarchus labrax*).

Rubrica	Data	IPIMAR	
Levantou	26 JUN 01	Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM - Departamento de Recursos Marinhos	
Projectou	26 JUN 01		
Desenhou	18 JUL 01		
Copiou			
Verificou	25 NOV 05		
Escalas	ALGARVE - Monte Gordo		Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins
	COVO DO CHOCO ARMADILHA / GAIOLA		DES.Nº: 207-5.520

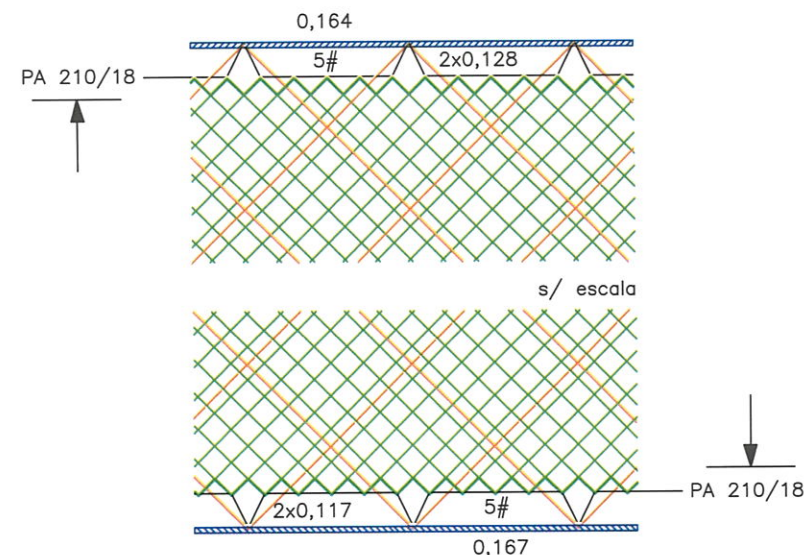
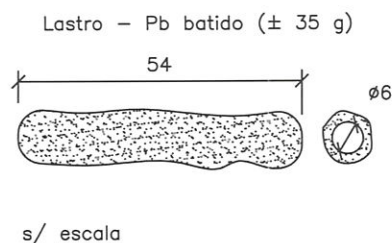
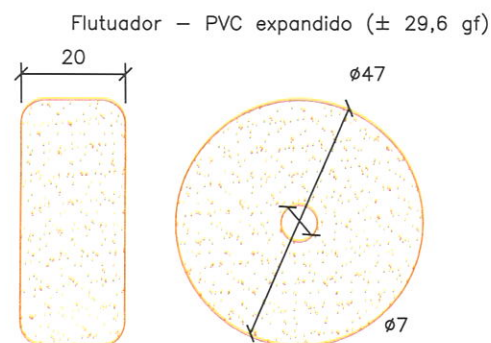


Monte Gordo
COVO do CHOCO
ARMADILHA / GAIOLA



Albitana – 440 mm « PA 210/24 » 0,88 m « E'' = 0,373
 Miúdo – 75 mm « PA 210/15 » 2,66 m « E = 0,437

								E'' = 0,373
2	PA 210/24	299	299	440	2			
38 x PVC expandido ø47 L20 ± 29,6 gf		49,04 PE ø7				E = 0,437		
		1495		75		35,5		
35,5	PA 210/15	1495						
151 x Pb ± 30 g		49,93 PE ø5				E' = 0,445		
2	PA 210/24	299	299	440	2			
						E''' = 0,380		



NOTAS:

- Tralha superior:

Cabo: 49,04 PE ø7
 Bóias: 38 x PVC expandido ø47 L20 (= 1,12 Kg)
 Fio de entralhe superior: PA 210/18
 Entralhes: 5# cada. (1l:1c)+37x(7l:1c)+1l
 Distância entre nós= 0,164. Comprimento do fio = 2x0,128

- Tralha inferior:

Cabo: 49,93 PE ø5
 Lastros: 151 x Pb ± 30g (= 4,53 kg)
 Fio de entralhe inferior: PA 210/18
 Entralhes: 5# cada. 2c+148x(1l:1c)+1c
 Distância entre nós= 0,167. Comprimento do fio = 2x0,117

- Reforço superior e inferior do miúdo com meia malha dobrada, fio PA 210/15.
- Entralhamento das alvitana por botão, coincidindo com os entralhes do miúdo.
- Esta arte é usada em caçadas, podendo estas ter 7, 10 ou 12 redes cada.
- É utilizada durante todo o ano e permanece cerca de 12 horas na água.
- Destina-se à captura de choco-vulgar (*Sepia officinalis*) e linguados (*Solea spp.*).

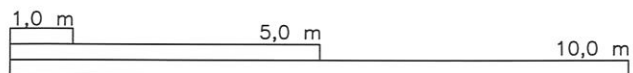
Rubrica	Data		
Levantou	10 SET 99	IPIMAR	
Projectou	17 SET 99	Instituto de Investigação das Pescas e do Mar	
Desenhou	17 SET 99	DRM - Departamento de Recursos Marinhos	
Copiou			
Verificou	25 NOV 05		
Escalas		ALGARVE – Cacela Velha / Fábrica	
		TRESMALHO DO CHOCO TRESMALHO FUNDEADO	
		Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins	
		DES.Nº: 209-14.310	



Cacela Velha / Fábrica

TRESMALHO do CHOCO

TRESMALHO FUNDEADO

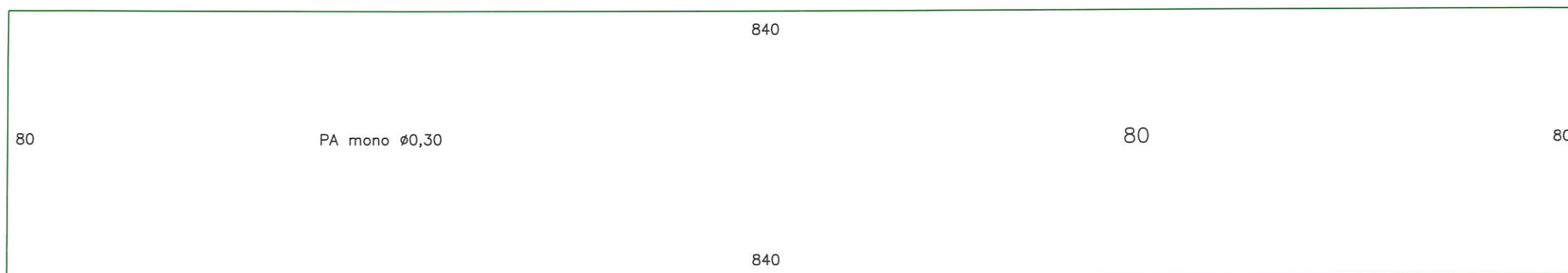


80 mm «» PA mono $\phi 0,30$ «» 6,40 m «» $E = 0,490$

14 x PVC $\phi 54$ L24

32,90 PE $\phi 7$

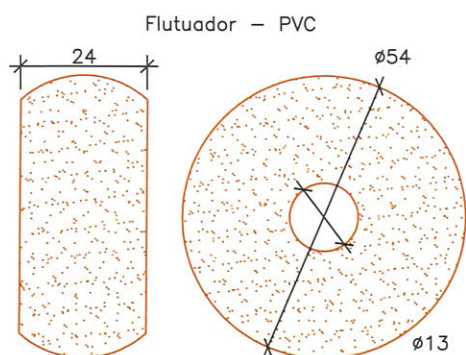
$E = 0,490$



138 x Pb ± 40 g

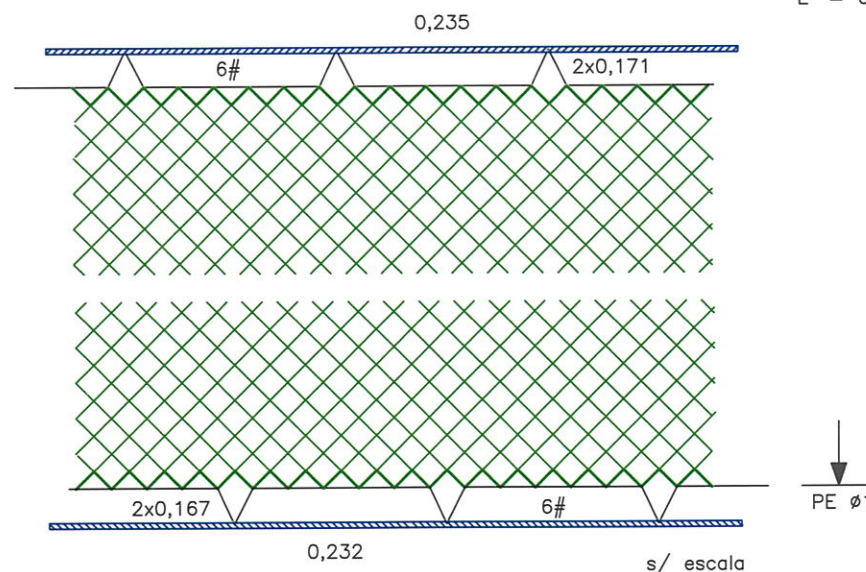
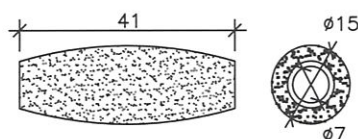
32,48 PE $\phi 6$

$E' = 0,483$



s/ escala

Lastro - Pb ± 40 g



NOTAS:

- Tralha superior:

Cabo: 32,90 PE $\phi 7$
 Bóias: 14 x PVC $\phi 54$ L24
 Fio de entralhe superior: PE $\phi 1$
 Entralhes: 6# cada. $(5l:1c)+(8l:1c)+12x(9l:1c)+5l$
 Distância entre nós = 0,235. Comprimento do fio = 2x0,171

- Tralha inferior:

Cabo: 32,48 PE $\phi 6$
 Lastros: 138 x Pb ± 40 g (= 5,52 kg)
 Fio de entralhe inferior: PE $\phi 1$
 Entralhes: 6# cada. $138x(2l:1c)+2l$
 Distância entre nós = 0,232. Comprimento do fio = 2x0,167

- Reforço superior e inferior do pano com meia malha dobrada, fio PA mono $\phi 0,30$.

- Esta arte é usada em caçadas, 10 redes por caçada. É geralmente utilizada com o temporal. O tempo de permanência na água é apenas o suficiente para largar e virar a rede.

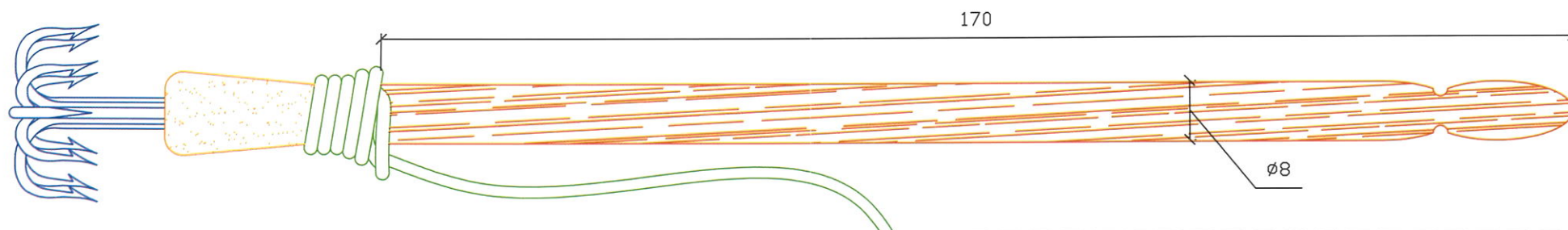
- Destina-se à captura de corvina (*Argyrosomus regius*) e ferreira (*Lythognathus mormyrus*).

	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos	
Levantou		11 SET 99		
Projectou		16 SET 00		
Desenhou		05 SET 01		
Copiou				
Verificou		25 NOV 05		
Escala	ALGARVE – Cabanas			Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins
	REDE DA CORVINA REDE DE EMALHAR FUNDEADA			
				DES.Nº: 211-14.110

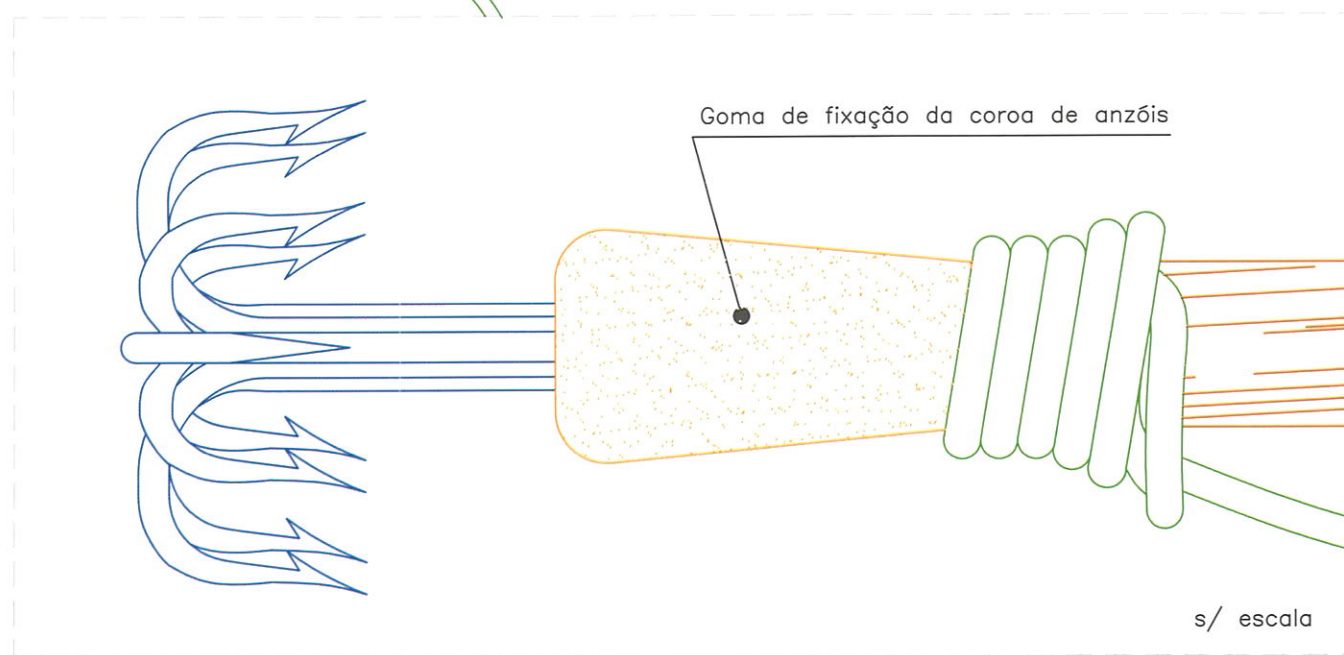
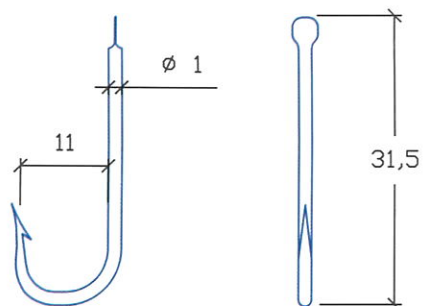


Cabanas

REDE da CORVINA
REDE DE EMALHAR FUNDEADA



Anzol N° 10



NOTAS:

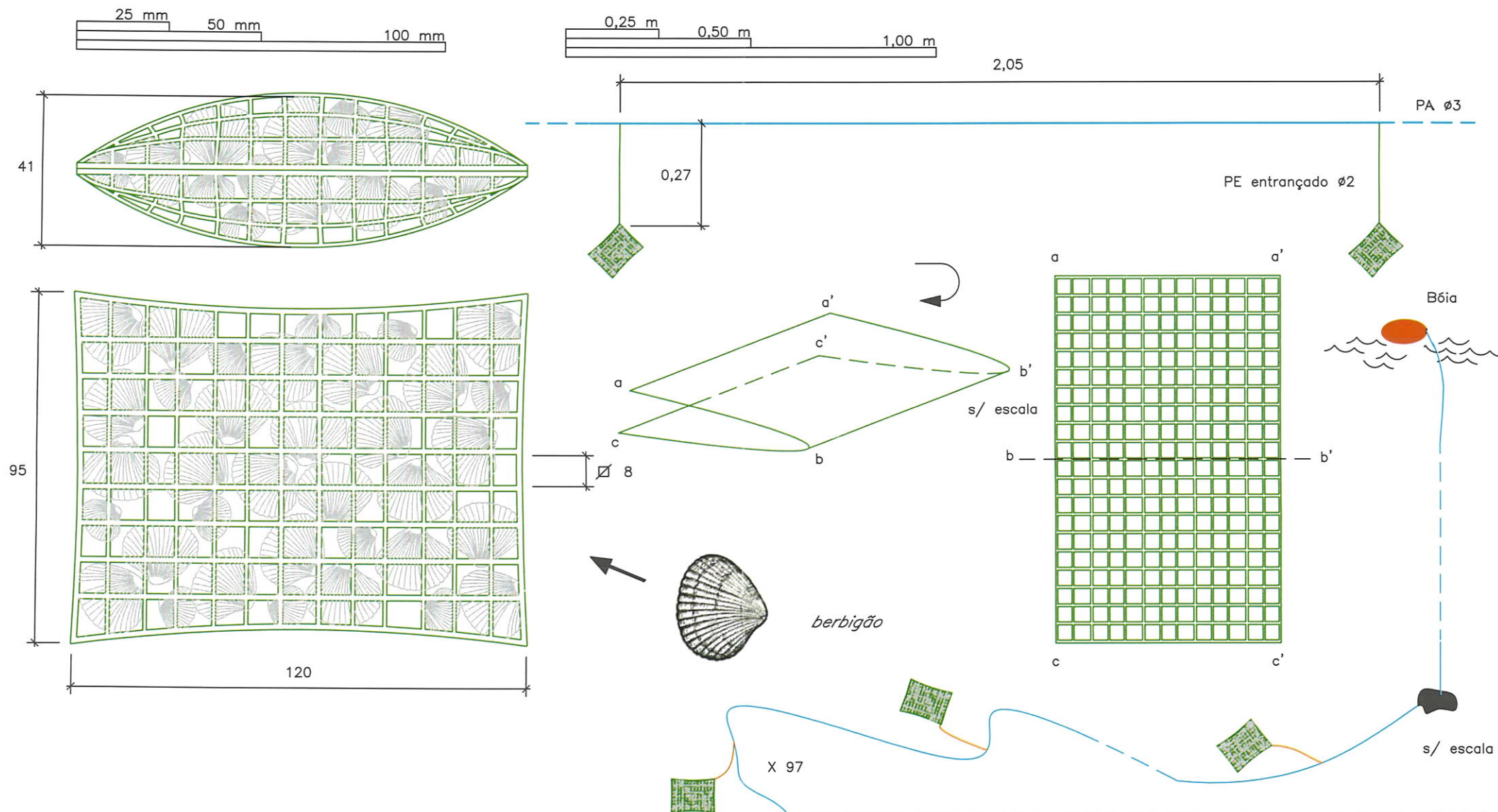
- Esta arte é utilizada individualmente, como linha de mão. É usada durante todo o ano, quer na ria quer no mar. É iscada com sardinha ou cavala. O isco é enfiado na haste da piteira.
- A arte é constituída por uma coroa de 10 anzóis, número 10, direito, de pata e uma haste de madeira. Neste caso a fixação da coroa de anzóis à haste é feita com uma goma.
- Destina-se à captura de polvo (*Octopus vulgaris*). Também captura choco-vulgar (*Sepia officinalis*).

	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos 
Levantou		26 JUN 01	
Projectou		25 JUN 01	
Desenhou		07 SET 01	
Copiou			
Verificou		25 NOV 05	
Escala	ALGARVE – Quarteira		Obs.
	PITEIRA / GIBO DILACERAÇÃO (NÃO TONEIRA)		Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins
			DES.Nº: 213– 4.320

Quarteira

PITEIRA / GIBO

DILACERAÇÃO (NÃO TONEIRA)



NOTAS:

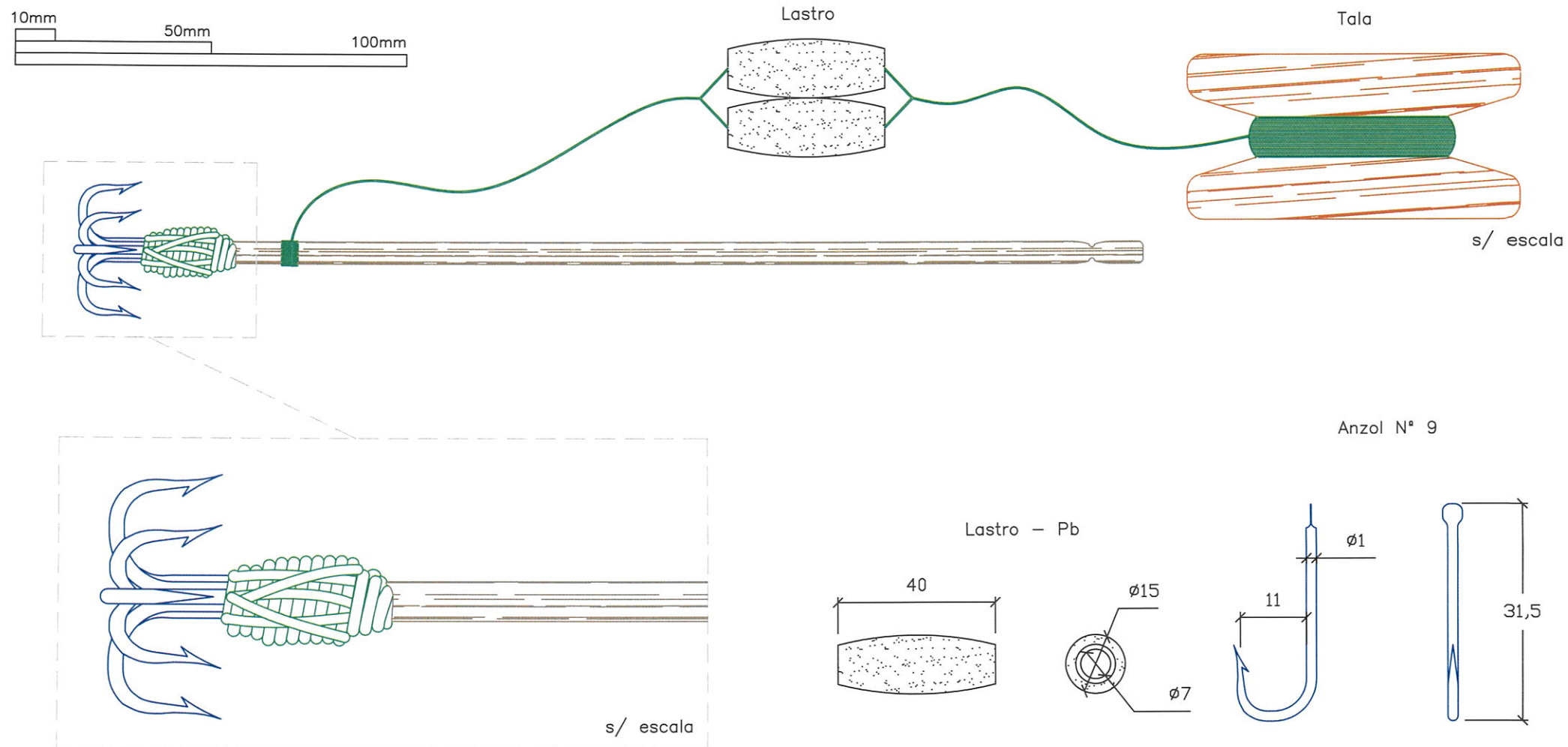
- Carteiras de rede plástica de malha quadrada, com 8 mm de lado. Porfiadas com PE entrançado $\phi 1,5$. As carteiras são iscadas com berbigão.
- Esta arte é usada em aparelhos de linha, localmente designadas por teias. Cada linha ou teia é constituída por cerca de 100 carteiras. Cada embarcação larga 3 a 4 linhas / teias.
- Esta arte é usada durante todo o ano na Ria Formosa.
- Destina-se à captura de búzio-macho (*Phyllonotus trunculus*) e búzio-canilha (*Bolinus brandaris*).

Rubrica	Data	IPIMAR	
Levantou	20 JUN 99	Instituto de Investigação das Pescas e do Mar	
Projectou	25 JUN 01	DRM - Departamento de Recursos Marinhos	
Desenhou	07 SET 01		
Copiou			
Verificou	25 NOV 05		
Escalas	ALGARVE - Ilha da Culatra		Obs.
	APARELHO DE CARTEIRAS LINHA SEM ANZÓIS		Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins
			DES.Nº: 214 - 4.100

Culatra

APARELHO de CARTEIRAS

LINHA SEM ANZÓIS



NOTAS:

- Esta arte é utilizada individualmente, como linha de mão. É usada durante todo o ano, quer na ria quer no mar. É iscada com sardinha. O isco é enfiado na haste da piteira.
- A arte é constituída por uma coroa de 8 anzóis, número 9, direito, de pata e uma haste de madeira. Neste caso a fixação da coroa de anzóis à haste é feita com fio de PA $\phi 2,2$.
- Destina-se à captura de polvo (*Octopus vulgaris*). Também captura choco-vulgar (*Sepia officinalis*).

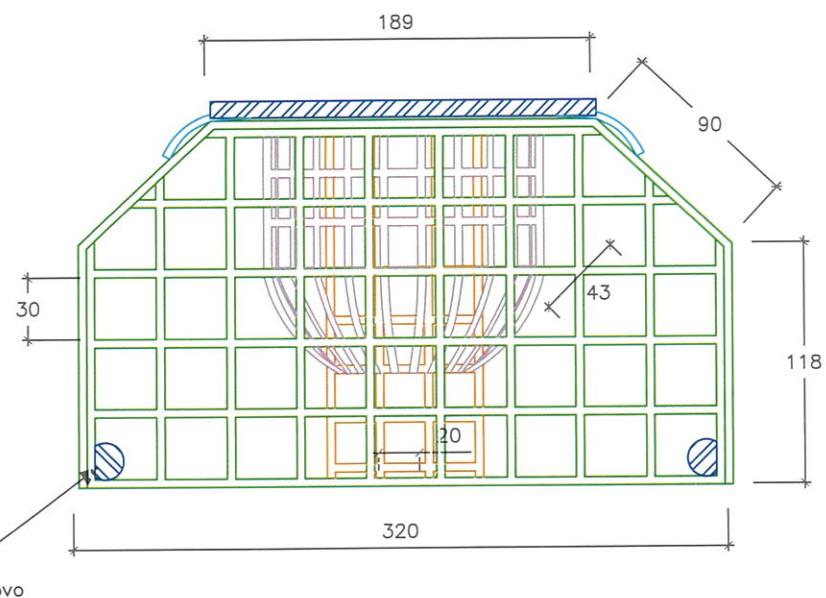
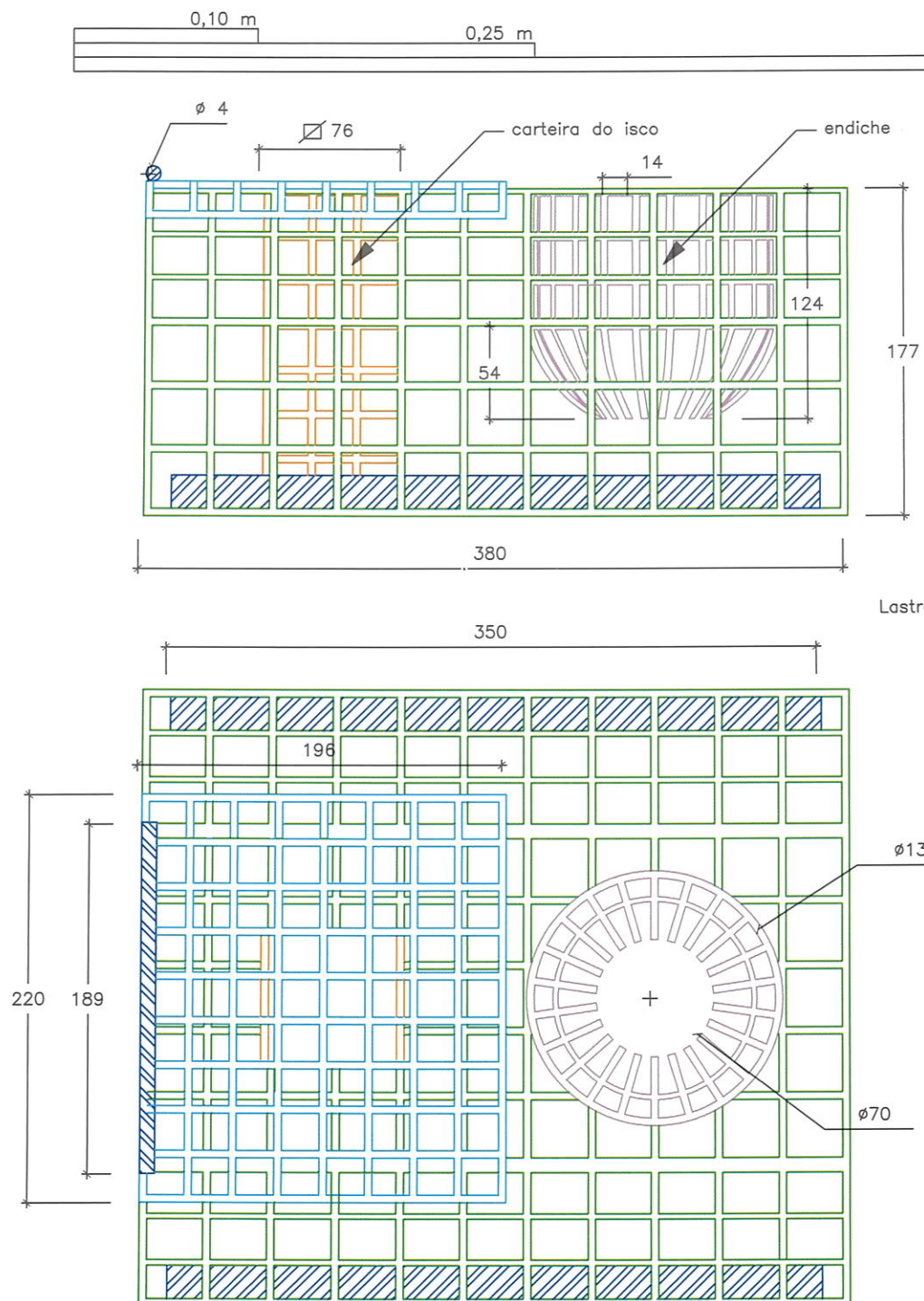
	Rubrica	Data		
Levantou		20 JUN 99	IPIMAR	
Projectou		25 JUN 01	Instituto de Investigação das Pescas e do Mar	
Desenhou		25 SET 01	DRM - Departamento de Recursos Marinhos	
Copiou				
Verificou		25 NOV 05		
Escala	ALGARVE - Ilha da Culatra		Obs.	
	PITEIRA DILACERAÇÃO (NÃO TONEIRA)		Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins	
			DES.Nº: 216- 4.320	



Culatra

PITEIRA

DILACERAÇÃO (NÃO TONEIRA)



NOTAS:

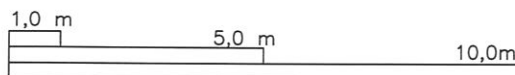
- A forra, o endiche e a carteira do isco executadas com rede rígida plástica de malha quadrada. A forra exterior do covo é entalhada com fio PE Ø3.
- O covo é lastrado com auxílio de duas barras de ferro (Ø18) presos no fundo da armação.
- O covo é, em regra, iscado com sardinha ou cavala.
- Esta arte é utilizada em teias de cerca de 100 covos cada. Em média cada embarcação de pesca local larga 3 teias. É usada durante todo o ano. Madre de PE Ø6.
- Destina-se à captura de polvo (*Octopus vulgaris*). Também captura navalheira (*Necora puber*), safio (*Conger conger*) e moreia (*Muraena helena*).

	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos	
Levantou		28 MAR 99		
Projectou		27 NOV 00		
Desenhou		29 NOV 00		
Copiou				
Verificou		25 NOV 05		
Escolas	ALGARVE – Senhora da Rocha			Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins
	COVO DO POLVO ARMADILHA / GAIOLA			
				DES.N.º: 289–5.520

Senhora da Rocha

COVO do POLVO

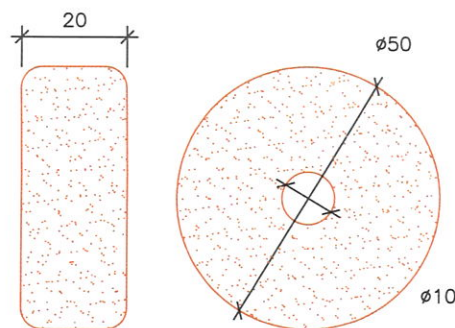
ARMADILHA / GAIOLA



Albitana – 410 mm «» PA 210/15 «» 1,23 m «» $E'' = 0,336$
 Miúdo – 55 mm «» PA 210/4 «» 2,20 m «» $E = 0,427$

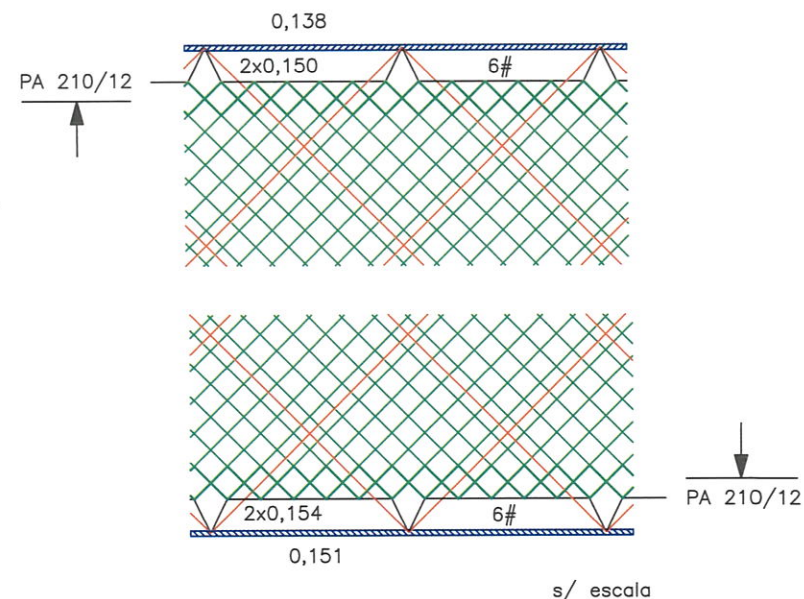
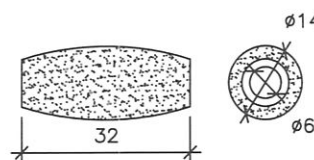
1,12 PA 210/15	3	PA 210/15	290	410	3	$E'' = 0,336$
	24 x PVC expandido	$\phi 50$ L20 $\pm 33,5$ gf	40,02 PE $\phi 5$			$E = 0,427$
	40	PA 210/4	1704	55	40	
			1704			
	145 x Pb	± 30 g	43,79 PE $\phi 4$			$E' = 0,467$
	3	PA 210/15	290	410	3	$E'' = 0,368$

Flutuador – PVC expandido ($\pm 33,5$ gf)



s/ escala

Lastro – Pb (± 30 g)



s/ escala

NOTAS:

– Tralha superior:

Cabo: 40,02 PE $\phi 5$
 Bóias: 24 x PVC expandido $\phi 50$ L20 (= 0,80 kgf)
 Fio de entralhe superior: PA 210/12
 Entralhes: 6# cada. (5l;1c)+23x(11l;1c)+8l
 Distância entre nós = 0,138. Comprimento do fio = 2x0,150

– Tralha inferior:

Cabo: 43,79 PE $\phi 4$
 Lastros: 145 x Pb ± 30 g (= 4,35 kg)
 Fio de entralhe inferior: PA 210/12
 Entralhes: 6# cada. 145x(1l;1c)
 Distância entre nós = 0,151. Comprimento do fio = 2x0,154

- Tralhas prolongadas por chicotes ($\pm 0,6$). Cabo de testa: 1,12 PA 210/15.
- Entralhamento das alvitana por botão, coincidindo com os entralhes do miúdo.
- Reforço superior e inferior do miúdo com uma malha dobrada, fio PA 210/9.
- Esta arte é usada em caçadas, 20 redes por caçada. A caçada é fundeada por uma poita e sinalizada por uma bóia, em cada extremidade. É largada no início da noite e permanece 2 a 3 horas na água.
- É utilizada de 15 de Maio a 15 de Setembro.
- Destina-se à captura de gamba-manchada (*Penaeus kerathurus*). Também captura salmonetes (*Mullus* spp.), choco-vulgar (*Sepia officinalis*), língua (*Dicologlossa cuneata*), santola (*Maja squinado*) e azevia (*Microchirus theopila*).

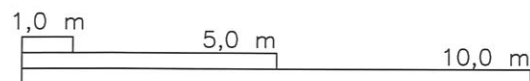
	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos	
Levantou		25 JUN 01		
Projectou		20 JUN 03		
Desenhou		30 JUN 03		
Copiou				
Verificou		12 DEZ 05		
Escalas	ALGARVE – Quarteira			Obs.
	REDE DO CAMARÃO TRESMALHO FUNDEADO			Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins
				DES. N.º: 290–14.310



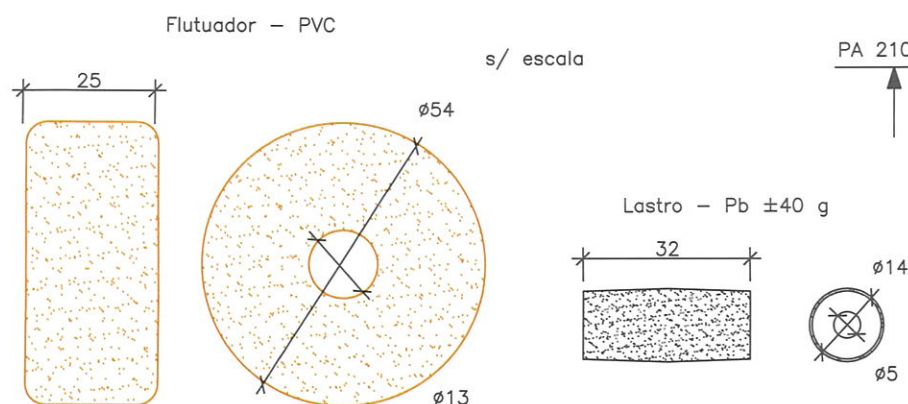
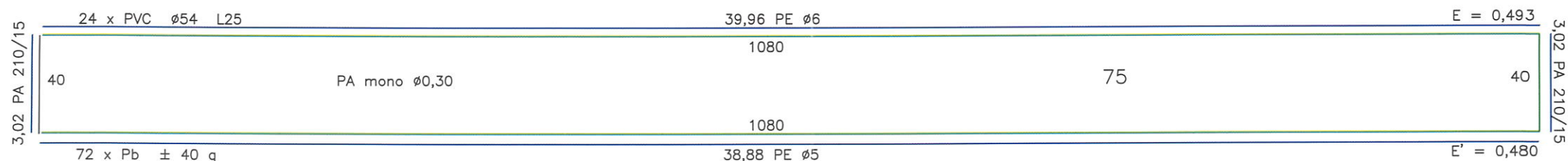
Quarteira

REDE do CAMARÃO

TRESMALHO FUNDEADO

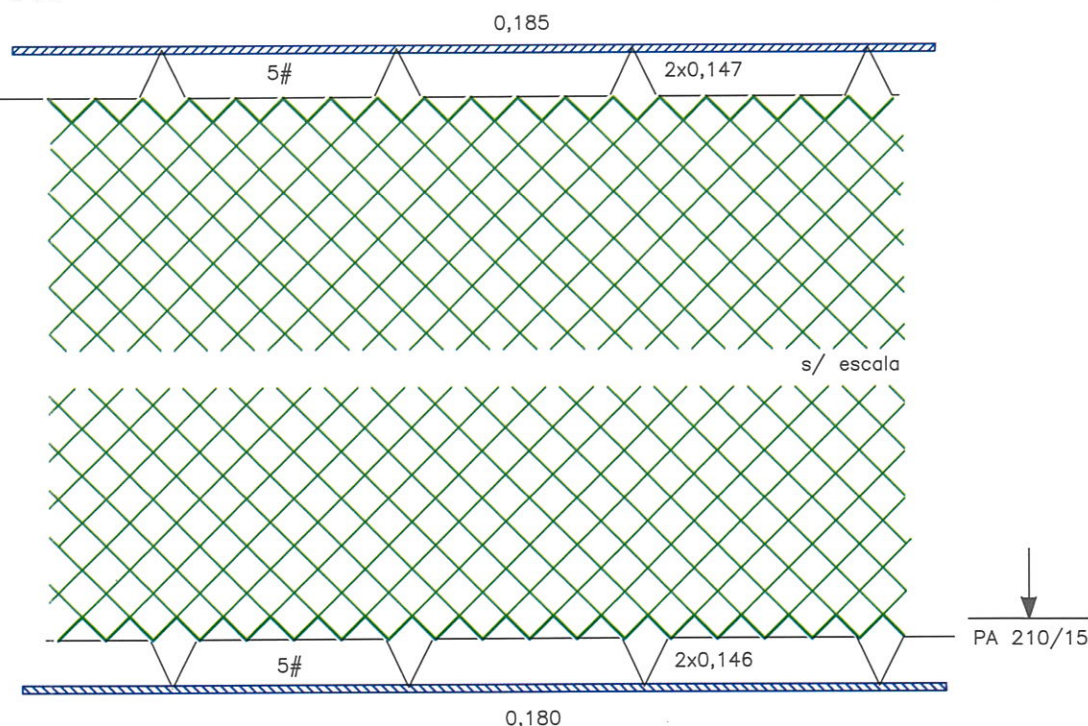


75 mm «» PA mono $\phi 0,30$ «» 3,00 m «» $E = 0,493$



NOTAS:

- Tralha superior:
Cabo: 39,96 PE $\phi 6$
Bóias: 24 x PVC $\phi 54$ L25
Fio de entralhe superior: PA 210/15
Entalhes: 5# cada. $(5!;1c)+23x(8!;1c)+3!$
Distância entre nós = 0,185. Comprimento do fio = $2x0,147$
- Tralha inferior:
Cabo: 38,88 PE $\phi 5$
Lastros: 72 x Pb $\pm 40g$ (= 2,88 kg)
Fio de entralhe inferior: PA 210/15
Entalhes: 5# cada. $72x(1c;2!)$
Distância entre nós = 0,180. Comprimento do fio = $2x0,146$
- Cabo de testa: 3,02 PA 210/15
- Reforço superior e inferior do pano com meia malha dobrada, fio PA mono $\phi 0,30$.
- Esta arte é usada em caçadas, 80, 100 a 150 redes por caçada. É utilizada durante todo o ano, no entanto, o seu uso é predominante durante o Verão. É largada de madrugada e virada ao nascer do dia. Permanece na água de 3 a 5 horas.
- Captura principalmente salmonetes (*Mullus*spp.), besugo (*Pagellus acarne*), safia (*Diplodus vulgaris*), bica (*Pagellus erythrinus*), ferreira (*Lithognathus mormyrus*), sargos (*Diplodus* spp.) e choupa (*Spondylisoma cantharus*).



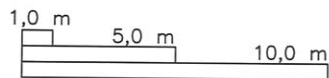
	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos	
Levantou		25 JUN 01		
Projectou		25 JUN 03		
Desenhou		01 JUL 03		
Copiou				
Verificou		25 NOV 05		
Escalas	ALGARVE – Ferragudo			Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins
	REDE DA MALHA REDE DE EMALHAR FUNDEADA			
				DES.Nº: 294–14.110



Ferragudo

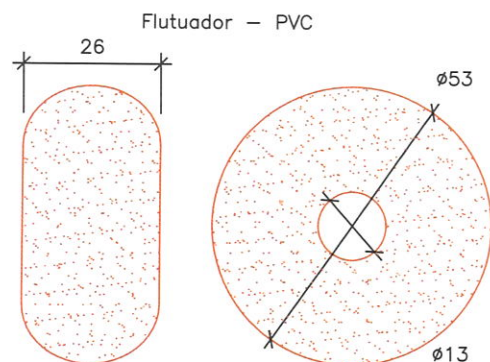
REDE da MALHA

REDE DE EMALHAR FUNDEADA



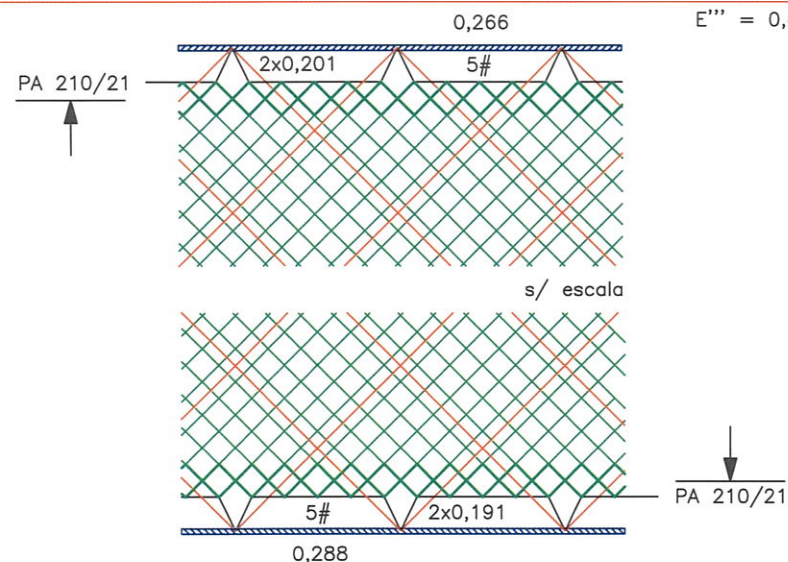
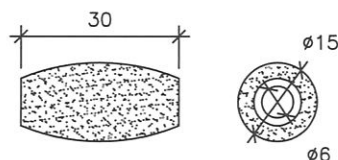
Albitana – 590 mm «» PA mono $\varnothing$ 0,60 «» 3,25 m «» $E''=0,451$
 Miúdo – 115 mm «» PA mono $\varnothing$ 0,45 «» 5,29 m «» $E=0,463$

				$E'' = 0,451$
5,5	PA mono $\varnothing$ 0,60	250	590	5,5
25 x PVC $\varnothing$ 53 L26		66,50 PE $\varnothing$ 8		$E = 0,463$
46	PA mono $\varnothing$ 0,45	1250	115	46
125 x Pb $\pm$ 35 g		72,00 PE $\varnothing$ 6		$E' = 0,501$
5,5	PA mono $\varnothing$ 0,60	250	590	5,5
		250		$E''' = 0,488$



s/ escala

Lastro – Pb $\pm$ 35 g



NOTAS:

– Tralha superior:

Cabo: 66,50 PE $\varnothing$ 8
 Boias: 25 x PVC $\varnothing$ 53 L26
 Fio de entralhe inferior: PA 210/21
 Entralhes: 5# cada. 25x(9l;1c)
 Distância entre nós = 0,266. Comprimento do fio = 2x0,201

– Tralha inferior:

Cabo: 72,00 PE $\varnothing$ 6
 Lastros: 125 x Pb $\pm$ 35 g (= 4,38 kg)
 Fio de entralhe inferior: PA 210/21
 Entralhes: 5# cada. 125x(1c;1l)
 Distância entre nós = 0,288. Comprimento do fio = 2x0,191

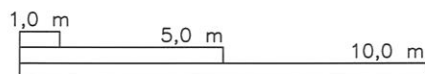
- Reforço superior e inferior do miúdo com uma malha dobrada, fio PA mono $\varnothing$ 0,45.
- Entralhamento das alvitana por botão, coincidindo com os entralhes do miúdo.
- Esta arte é usada em caçadas, 50 redes por caçada. Permanece 24 a 48 horas na água. É mais usada de Novembro a Fevereiro.

- Destina-se à captura de choco-vulgar (*Sepia officinalis*). Também captura robalo (*Dicentrarchus labrax*), linguados (*Solea* spp.), dourada (*Sparus aurata*), lagostas (*Palinurus* spp.), santola (*Maja squinado*) e lavagante (*Homarus gammarus*).

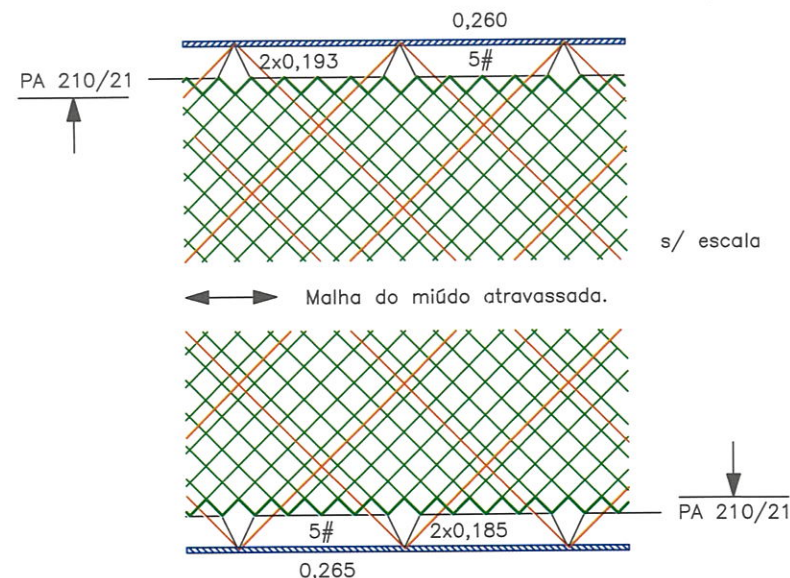
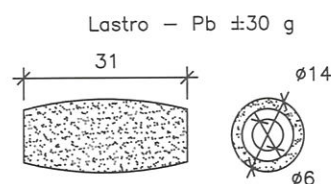
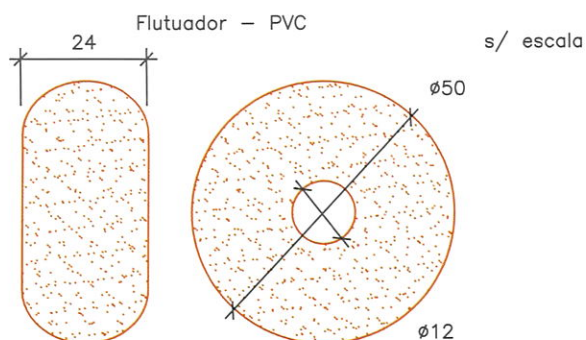
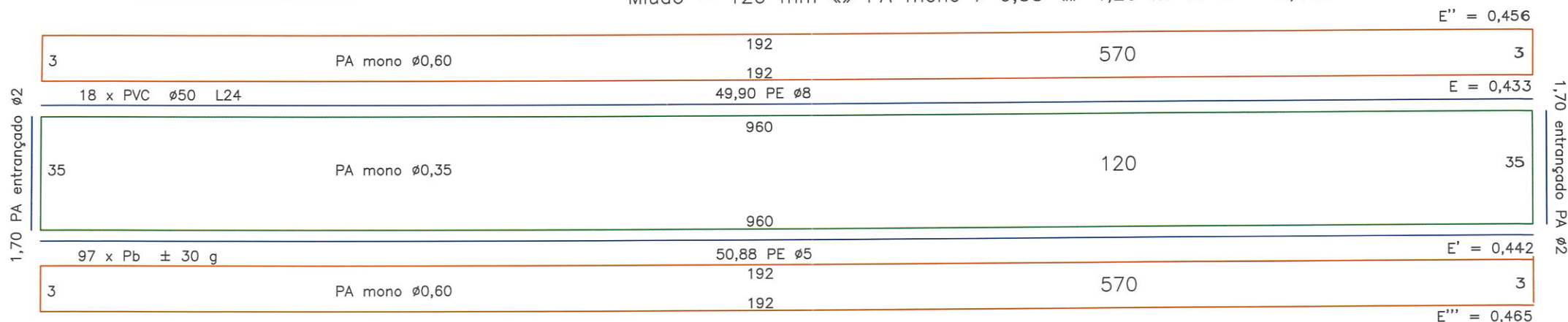
	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos	
Levantou		25 JUN 01		
Projectou		20 JUN 03		
Desenhou		01 JUL 03		
Copiou				
Verificou		25 NOV 05		
Escala	ALGARVE – Ferragudo			Obs.
	REDE DO CHOCO TRESMALHO FUNDEADO			Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins
				DES. Nº: 295–14.310



Ferragudo
REDE do CHOCO
TRESMALHO FUNDEADO



Albitana – 570 mm «» PA mono ϕ 0,60 «» 1,71 m «» $E'' = 0,456$
 Miúdo – 120 mm «» PA mono ϕ 0,35 «» 4,20 m «» $E = 0,433$



NOTAS:

– Tralha superior:

Cabo: 49,90 PE ϕ 8
 Boias: 18 x PVC ϕ 50 L24
 Fio de entralhe superior: PA 210/21
 Entalhes: 5# cada. (4l;1c)+17x(10l;1c)
 Distância entre nós = 0,260. Comprimento do fio = 2x0,193

– Tralha inferior:

Cabo: 50,88 PE ϕ 5
 Lastros: 97 x Pb $\pm$ 30 g (= 2,91 kg)
 Fio de entralhe inferior: PA 210/21
 Entalhes: 5# cada. (2c;1l)+94x(1c;1l)+1c
 Distância entre nós = 0,265. Comprimento do fio = 2x0,185

– Cabo de testa: 1,70 PA entrançado ϕ 2

– Reforço superior e inferior do miúdo com meia malha dobrada, fio PA mono ϕ 0,35.

- Entalhamento das alvitana por botão, coincidindo com os entalhes do miúdo.
- Esta arte é usada em caçadas, 50 a 60 redes por caçada. É usada no mar durante o Inverno.
- Destina-se à captura de choco-vulgar (*Sepia officinalis*), linguados (*Solea* spp.), raias (*Raja* spp.), robalo (*Dicentrarchus labrax*) e dourada (*Sparus aurata*).

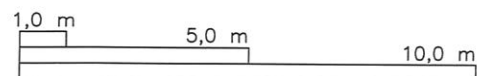
	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos 
Levantou		26 JUN 01	
Projectou		22 JUN 03	
Desenhou		02 JUL 03	
Copiou			
Verificou		25 NOV 05	
Escala	ALGARVE – Faro		Obs.
	REDE DE TRESMALHO		Miguel Carneiro
	TRESMALHO FUNDEADO		Rui Rebordão
			Rogélia Martins
			DES. N.º: 297–14.310



Faro

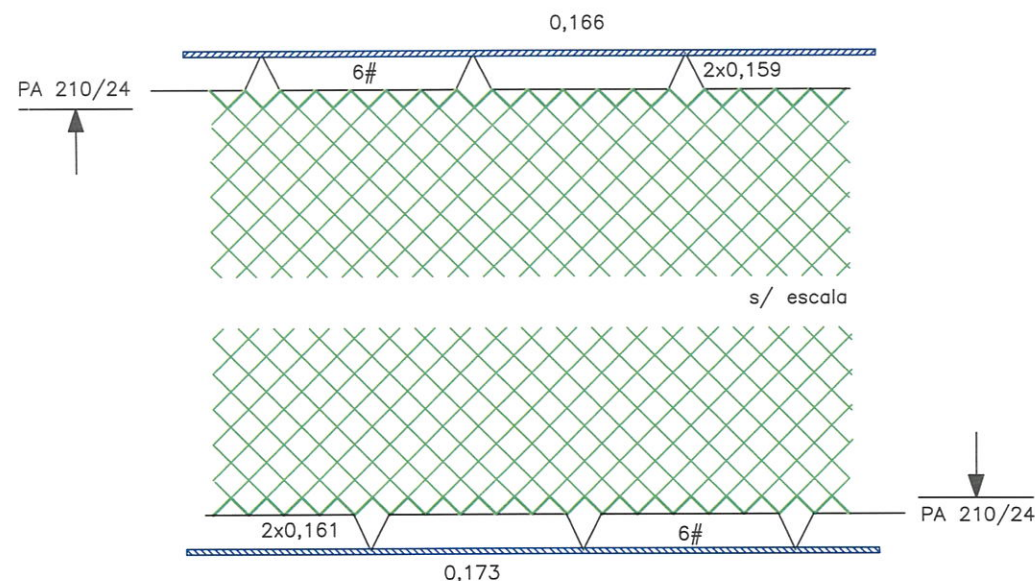
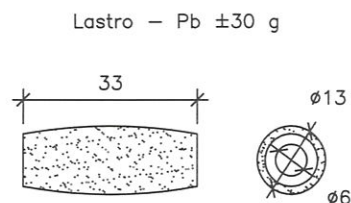
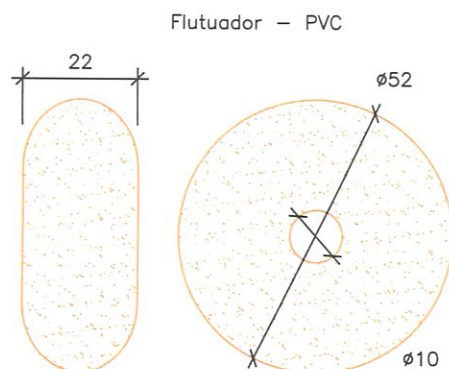
REDE de TRESMALHO

TRESMALHO FUNDEADO



60 mm «» PA mono $\varnothing$ 0,30 «» 1,80 m «» E = 0,461

24 x PVC $\varnothing$ 52 L22	44,80 PA $\varnothing$ 6	E = 0,461
30	1620	60
PA mono $\varnothing$ 0,30	1620	30
135 x Pb $\pm$ 30 g	46,70 PA $\varnothing$ 5	E' = 0,480



NOTAS:

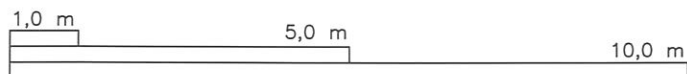
- Tralha superior:
 - Cabo: 44,80 PA $\varnothing$ 6
 - Bóias: 24 x PVC $\varnothing$ 52 L22
 - Fio de entralhe superior: PA 210/24
 - Entalhes: 6# cada. 6l+20x(1c;10l)
 - Distância entre nós = 0,166. Comprimento do fio = 2x0,159
- Tralha inferior:
 - Cabo: 46,70 PA $\varnothing$ 5
 - Lastros: 135 x Pb $\pm$ 30g (= 4,05 kg)
 - Fio de entralhe inferior: PA 210/24
 - Entalhes: 6# cada. 135x(1l;1c)
 - Distância entre nós = 0,173. Comprimento do fio = 2x0,161
- Reforço superior e inferior do pano com meia malha dobrada.
- Esta arte é usada em caçadas, 90 a 100 redes por caçada. É utilizada no mar durante todo o ano. É largada de noite e alada ao nascer do dia, permanece 2 a 3 horas na água.
- Destina-se à captura de bica (*Pagellus erythrinus*), ferreira (*Lithognathus mormyrus*), sargos (*Diplodus* spp.), choupas (*Spondylusoma cantharus*) e besugo (*Pagellus acarne*).

	Rubrica	Data		
Levantou		25 JUL 00	IPIMAR	
Projectou		28 JUN 03	Instituto de Investigação das Pescas e do Mar	
Desenhou		02 JUL 03	DRM - Departamento de Recursos Marinhos	
Copiou				
Verificou		05 ABR 05		
Escalas	ALGARVE - Fuzeta			Obs.
	REDE TANSA			Miguel Carneiro
	REDE DE EMALHAR FUNDEADA			Rui Rebordão
				Rogélia Martins
				DES.Nº: 300-14.110

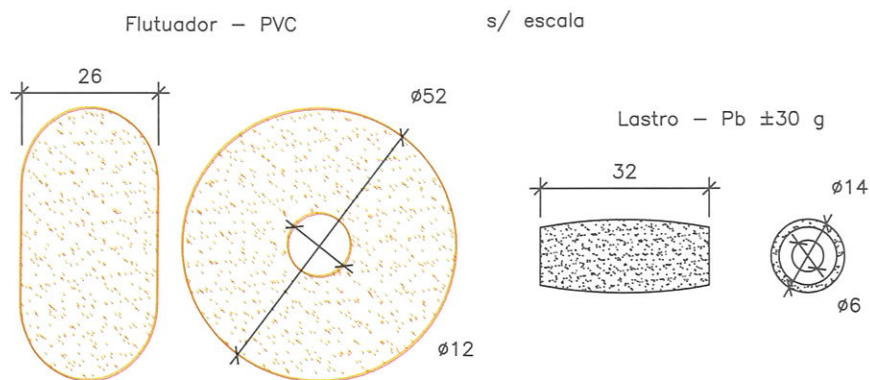
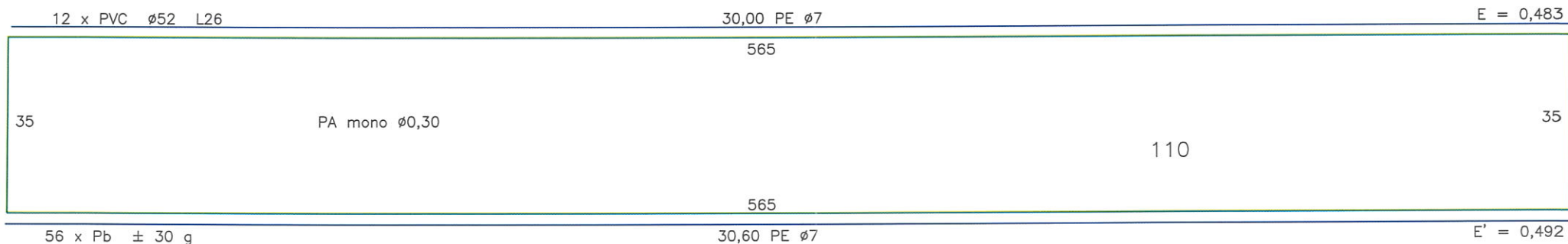
Fuzeta

REDE TANSA

REDE DE EMALHAR FUNDEADA



110 mm «» PA mono $\phi 0,30$ «» 3,85 m «» $E = 0,483$



NOTAS:

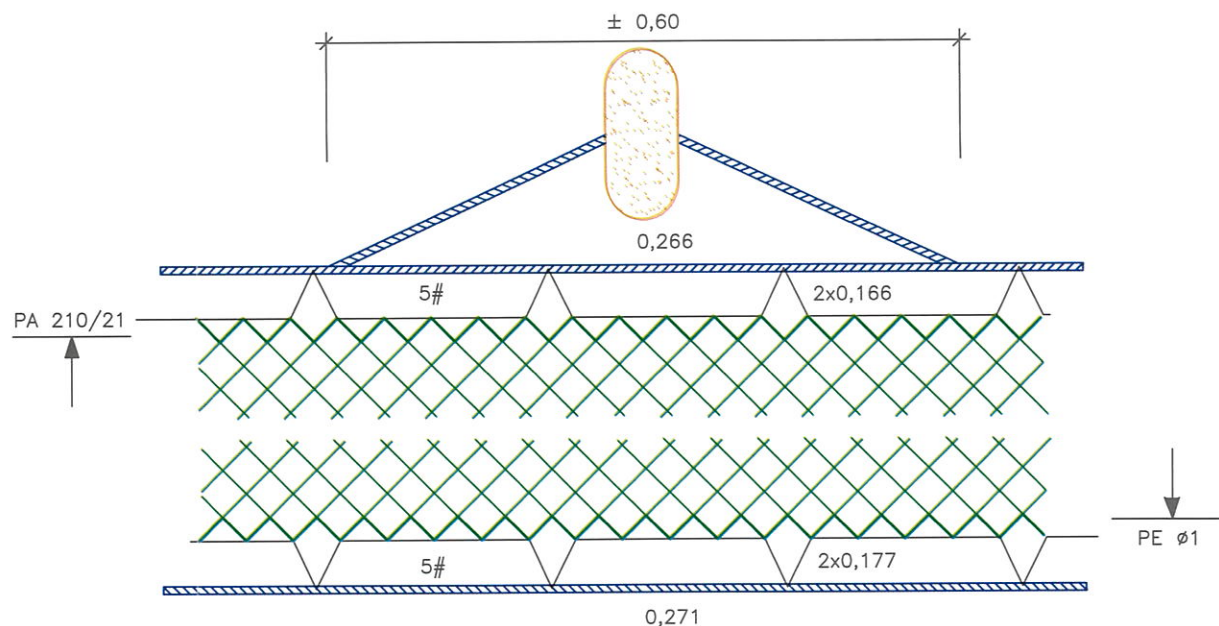
- Tralha superior:

Cabo: 30,00 PE ø7
Boias: 12 x PVC ø52 L26
Fio de entralhe superior: PA 210/21
Entralhes: 5# cada. $12 \times (8l; 1c) + 5l$
Distância entre nós = 0,266. Comprimento do fio = $2 \times 0,166$

- Tralha inferior:

Cabo: 30,60 PE ø7
Lastros: 56 x Pb ± 30g (= 1,68 kg)
Fio de entralhe inferior: PE ø1
Entralhes: 5# cada. $56 \times (1l; 1c) + 1l$
Distância entre nós = 0,271. Comprimento do fio = $2 \times 0,177$

- Reforço superior e inferior do pano com meia malha dobrada, fio PA mono $\phi 0,30$.
- Esta arte é usada em caçadas, 30 redes por caçada. É utilizada durante todo o ano. É largada de tarde e virada na manhã seguinte.
- Destina-se à captura de linguados (*Solea* spp.), safio (*Conger conger*), raia (*Raja* spp.) e de sargos (*Diplodus* spp.).

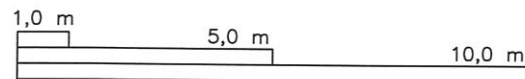


	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos	
Levantou		19 JUL 02		
Projectou		28 JUN 03		
Desenhou		07 JUL 03		
Copiou				
Verificou		10 JAN 05		
Escalas	ALGARVE – Arrifana			Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins
	REDE DO LINGUADO REDE DE EMALHAR FUNDEADA			

Arrifana

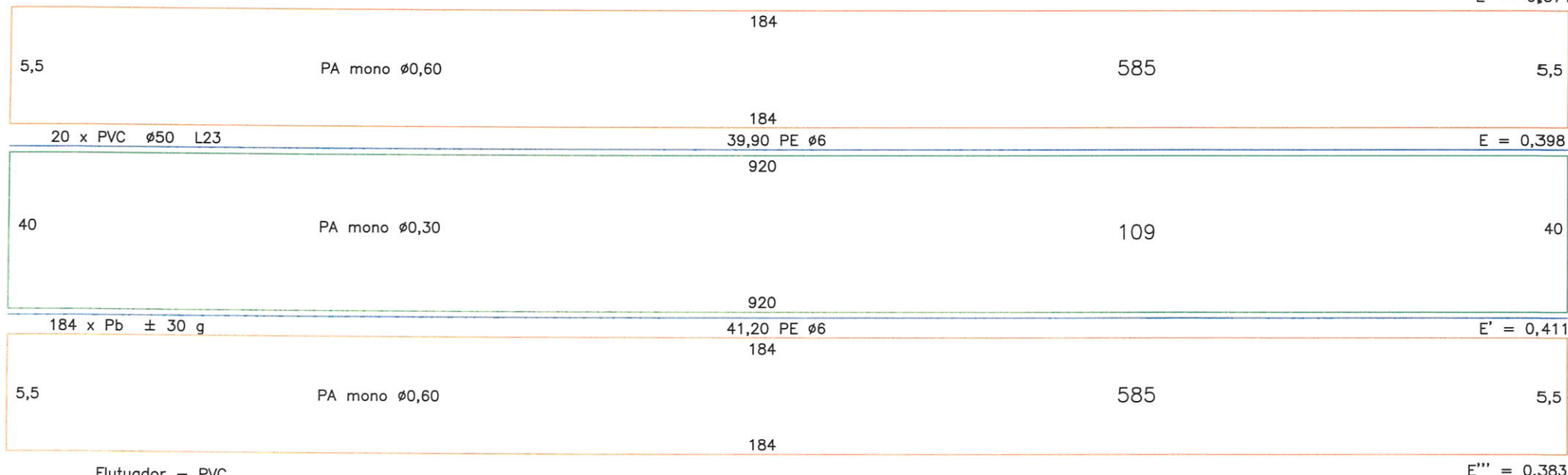
REDE do LINGUADO

REDE DE EMALHAR FUNDEADA

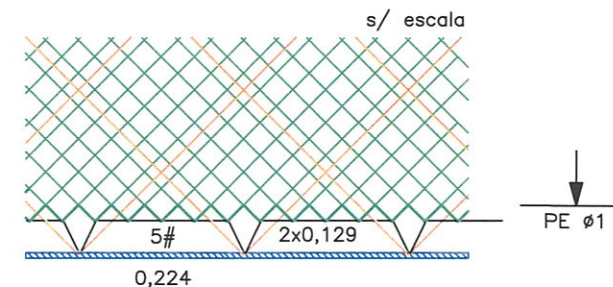
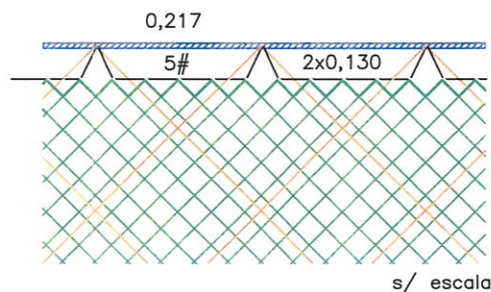
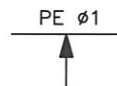
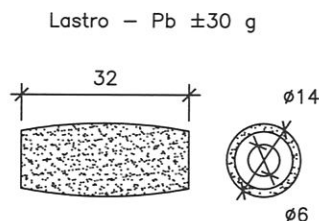
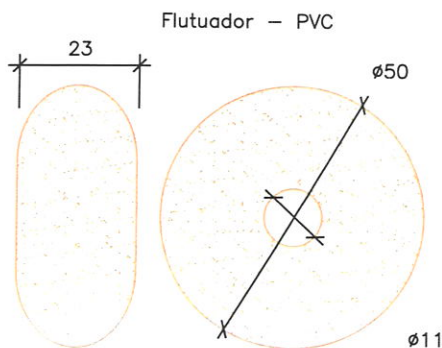


Albitana – 585 mm «» PA mono $\varnothing$ 0,60 «» 3,22 m «» $E'' = 0,371$
 Miúdo – 109 mm «» PA mono $\varnothing$ 0,30 «» 4,36 m «» $E = 0,398$

$E'' = 0,371$



$E''' = 0,383$



NOTAS:

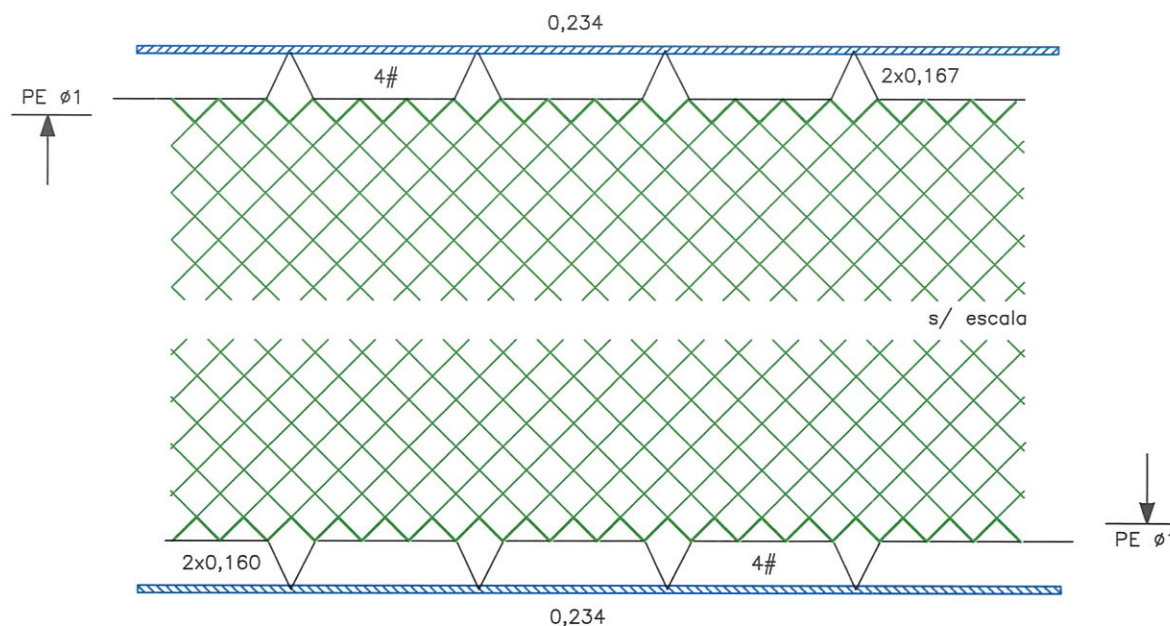
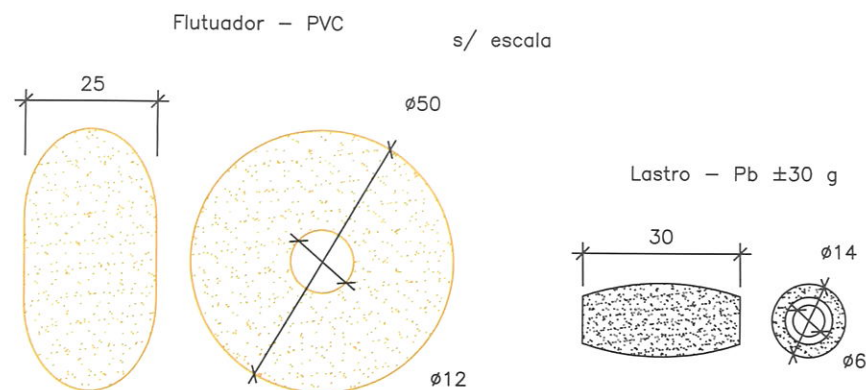
- Tralha superior:
 - Cabo: 39,90 PE 06
 - Bóias: 20 x PVC 050 L23
 - Fio de entralhe superior: PE 01
 - Entralhes: 5# cada. 20x(8l;1c)+4l
 - Distância entre nós = 0,217. Comprimento do fio = 2x0,130
- Tralha inferior:
 - Cabo: 41,20 PE 06
 - Lastros: 184 x Pb ± 30 g (= 5,52 kg)
 - Fio de entralhe inferior: PE 01
 - Entralhes: 5# cada. todos cativos
 - Distância entre nós = 0,224. Comprimento do fio = 2x0,129
- Reforço superior e inferior do miúdo com meia malha dobrada, fio PA mono $\varnothing$ 0,30.
- Entalhamento das albitanas por botão, coincidindo com os entralhes do miúdo.
- Esta arte é usada em caçadas, 30 a 50 redes por caçada. É utilizada durante todo o ano, com predominância durante o Inverno.
- Destina-se à captura de linguados (*Solea spp.*).

	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos	
Levantou		19 JUL 02		
Projectou		23 JUN 03		
Desenhou		07 JUL 03		
Copiou				
Verificou		10 JAN 05		
Escala	ALGARVE – Arrifana			Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins
	REDE DO LINGUADO TRESMALHO FUNDEADO			
				DES. N.º: 312–14.310



Arrifana

REDE do LINGUADO
TRESMALHO FUNDEADO



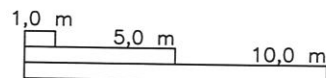
- Tralhas prolongadas por chicotes; superior com 1,75 m e inferior com 6,0 m. Chicotes terminados por mãozinhas com 0,40 m. Cabo de testa 4,10 PE Ø1.
- Reforço superior e inferior do pano com meia malha dobrada, fio PA mono Ø 0,35.
- Esta arte é usada em caçadas, 40 redes por caçada. É utilizada principalmente no Inverno. É largada de forma a realizar um dos ensejos. Permanece cerca de 2 horas na água.
- Destina-se à captura de robalo (*Dicentrarchus labrax*), pargos (*Pagrus* spp.) e corvina (*Argyrosomus regius*).

	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos 
Levantou		25 JUN 01	
Projectou		04 JUL 03	
Desenhou		11 JUL 03	
Copiou			
Verificou		10 JAN 05	
Escala	ALGARVE – Ferragudo		Obs.
	REDE DO ROBALO		Miguel Carneiro
	REDE DE EMALHAR FUNDEADA		Rui Rebordão
			Rogélia Martins
			DES.Nº: 313–14.110

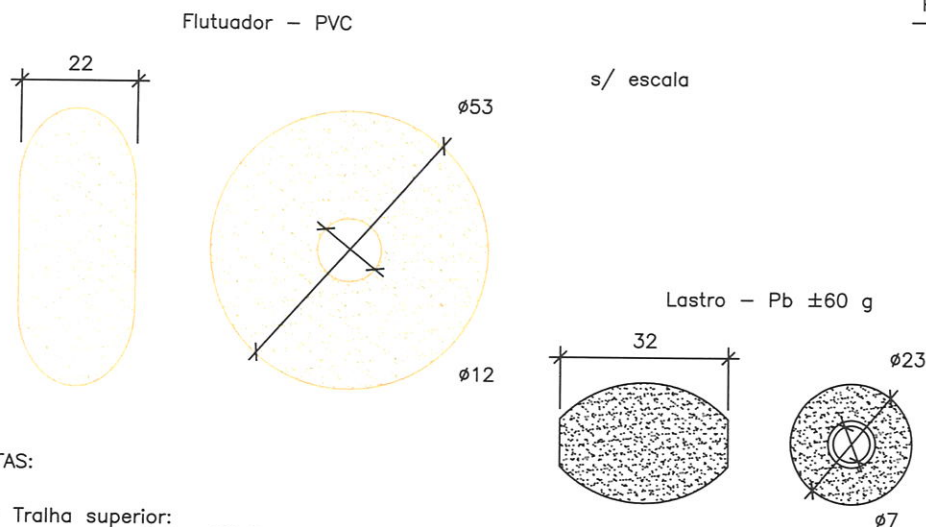
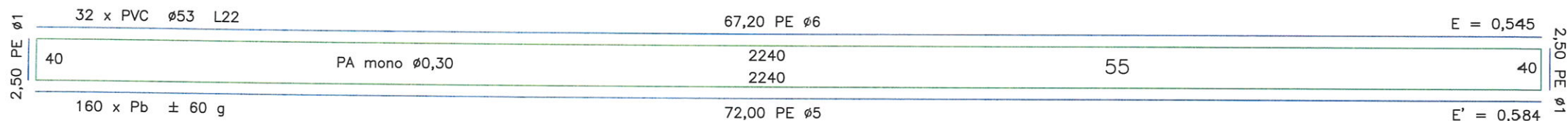
Ferragudo

REDE do ROBALO

REDE DE EMALHAR FUNDEADA

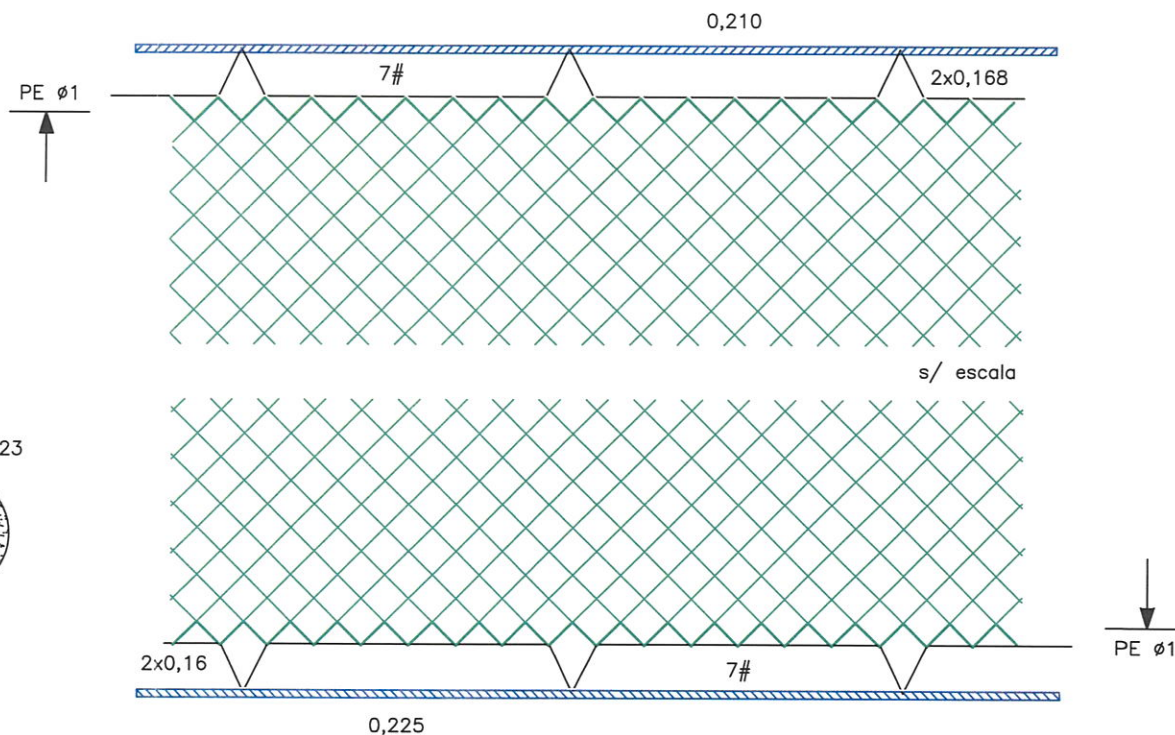


55 mm «» PA mono $\varnothing 0,30$ «» 2,20 m «» $E = 0,545$



NOTAS:

- Tralha superior:
Cabo: 67,20 PE $\varnothing 6$
Bóias: 32 x PVC $\varnothing 53$ L22
Fio de entralhe superior: PE $\varnothing 1$
Entalhes: 7# cada. $(4;1c)+31x(9;1c)+5l$
Distância entre nós = 0,210. Comprimento do fio = $2x0,168$
- Tralha inferior:
Cabo: 72,00 PE $\varnothing 5$
Lastros: 160 x Pb ± 60 g (= 9,60 kg)
Fio de entralhe inferior: PE $\varnothing 1$
Entalhes: 7# cada. $160x(1;1c)$
Distância entre nós = 0,225. Comprimento do fio = $2x0,160$
- Tralhas prolongadas por chicotes; superior com 3,60 PE $\varnothing 8$ e inferior com 4,40 PE $\varnothing 8$.
Chicotes terminados por mãozinhas com 0,20. Cabo de testa com 2,50 PE $\varnothing 1$.
- Reforço superior e inferior do pano com meia malha dobrada, fio PA mono $\varnothing 0,30$.
- Esta arte é usada em caçadas, 120 redes por caçada. É utilizada na Primavera e no Verão (de Março a Outubro). É largada de noite e alada ao nascer do sol. Permanece cerca de 2 horas na água.
- Destina-se à captura de salmonetes (*Mullus spp.*).

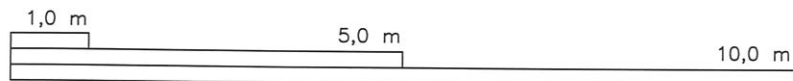


	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos	
Levantou		25 JUL 02		
Projectou		04 JUL 03		
Desenhou		10 JUL 03		
Copiou				
Verificou		10 JAN 05		
Escala	ALGARVE – Ferragudo			Obs.
	REDE DO SALMONETE REDE DE EMALHAR FUNDEADA			Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins
				DES.Nº: 314–14.110

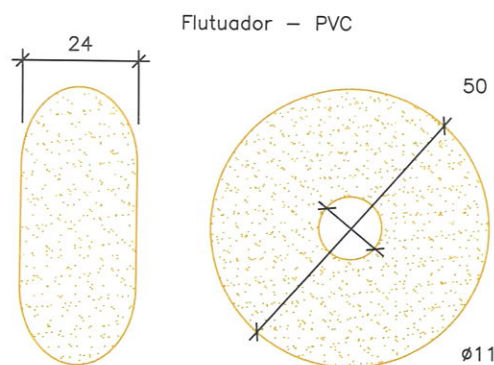
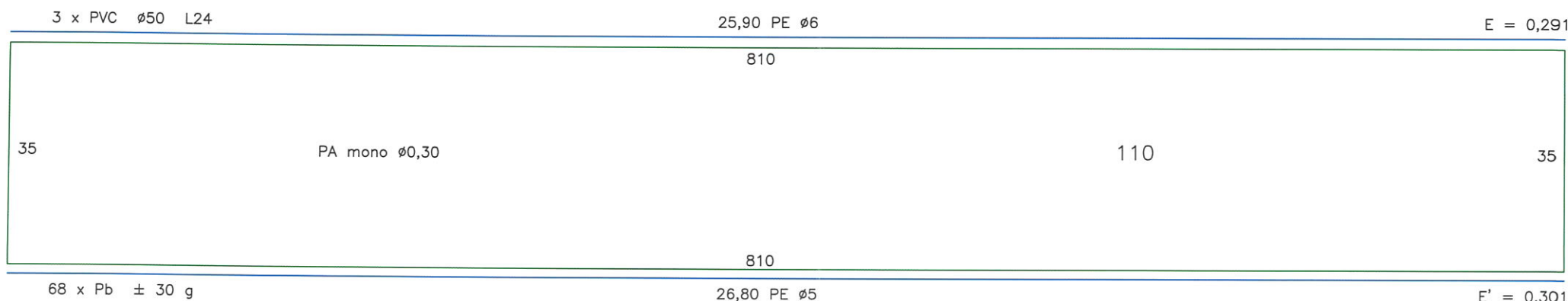
Ferragudo

REDE do SALMONETE

REDE DE EMALHAR FUNDEADA

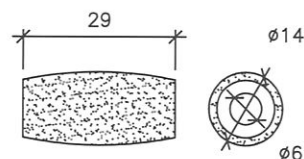


110 mm «» PA mono $\varnothing$ 0,30 «» 3,85 m «» $E = 0,291$

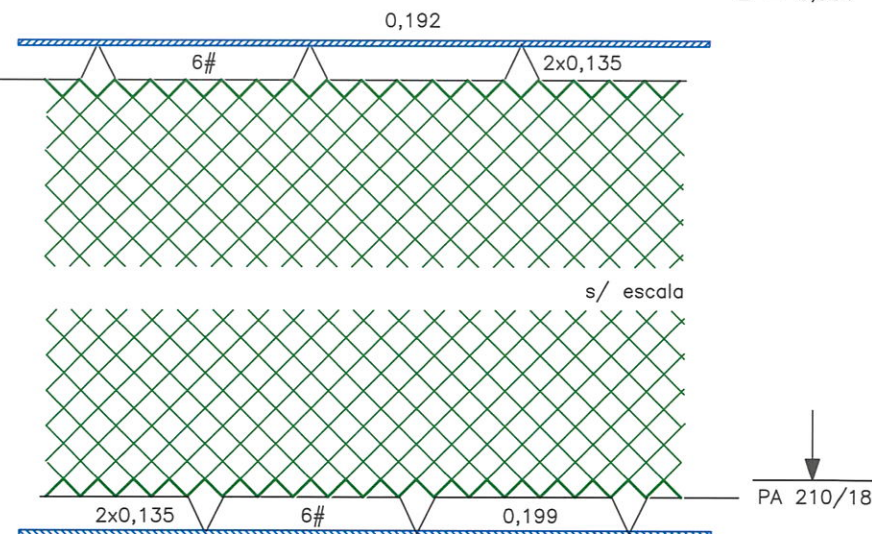


s/ escala

Lastro - Pb $\pm$ 30 g



PA 210/18



NOTAS:

- Tralha superior:

Cabo: 25,90 PE $\varnothing$ 6
Bóias: 3 x PVC $\varnothing$ 50 L24
Fio de entralhe superior: PA 210/18
Entralhes: 6# cada. 3x(44l;1c)
Distância entre nós = 0,192. Comprimento do fio = 2x0,135

- Tralha inferior:

Cabo: 26,80 PE $\varnothing$ 5
Lastros: 68 x Pb $\pm$ 30g (= 2,04 kg)
Fio de entralhe inferior: PA 210/18
Entralhes: 6# cada. 67x(1c;1l)+1c
Distância entre nós = 0,199. Comprimento do fio = 2x0,135

- Reforço superior e inferior do pano com meia malha dobrada, fio PA mono $\varnothing$ 0,30.
- Esta arte é usada em caçadas, 40 a 50 redes por caçada. É utilizada durante o Verão (de Maio a Agosto). É largada à tarde e alada de manhã.
- Captura principalmente linguados (*Solea* spp.) e azevia (*Microchirus theophilus*).

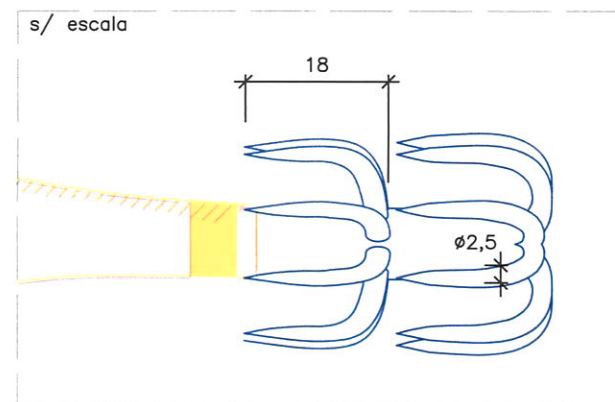
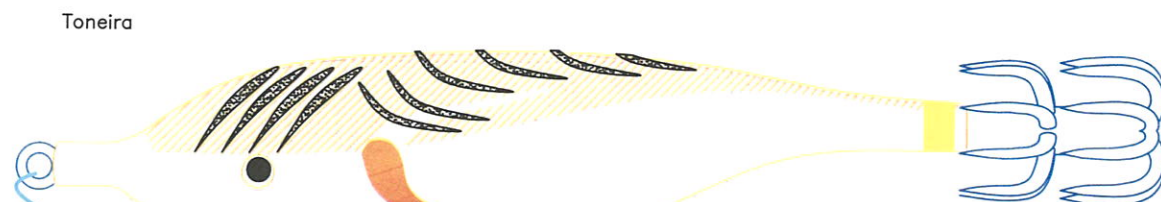
	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos	
Levantou		17 JUL 02		
Projectou		04 JUL 03		
Desenhou		10 JUL 03		
Copiou				
Verificou		10 JAN 05		
Escala	ALGARVE – Albufeira			Obs.
	REDE DE EMALHAR REDE DE EMALHAR FUNDEADA			Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins
				DES.Nº: 317-14.110



Albufeira

REDE de EMALHAR

REDE DE EMALHAR FUNDEADA



0,70 PA mono $\varnothing 0,80$

54,50 PA mono $\varnothing 0,80$

Destorcedor

Agrafe

Lastro - Pb $\pm 170g$

NOTAS:

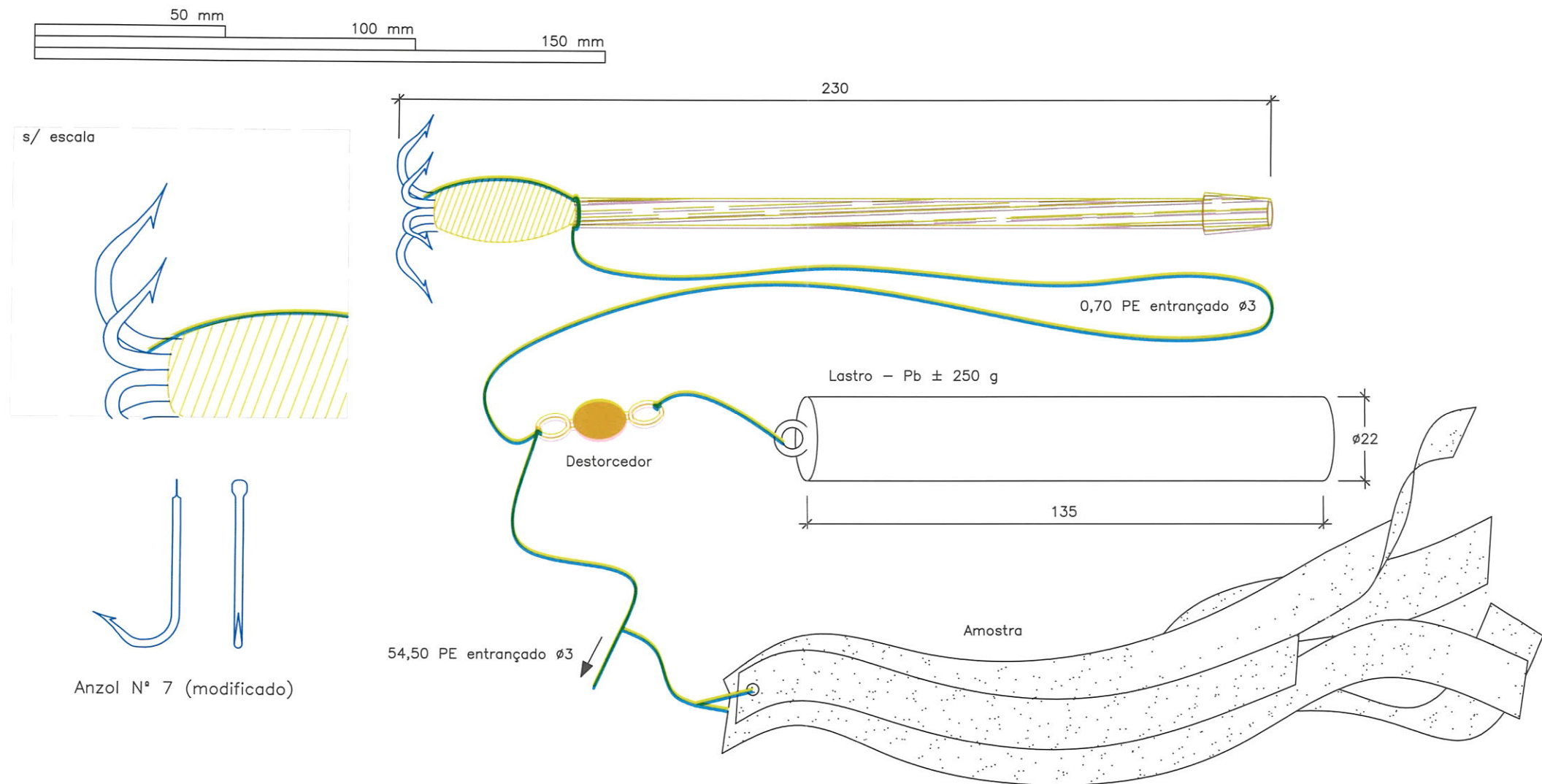
- Toneira com duas coroas de anzóis, 10 em cada coroa.
- Esta arte é usada durante todo o ano. As toneiras (9 a 10) ficam presas à embarcação, deslocando-se esta com a aguagem. São largadas antes do nascer do dia e pescam até ao meio-dia.
- Destina-se à captura de lula (*Loligo vulgaris*) e choco-vulgar (*Sepia officinalis*), também captura polvo (*Octopus vulgaris*).

	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos	
Levantou		26 JUL 00		
Projectou		14 JUL 03		
Desenhou		14 JUL 03		
Copiou				
Verificou		10 JAN 05		
Escalas	ALGARVE – Fuzeta			Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins
	PALHACINHO / TONEIRA DILACERAÇÃO POR TONEIRA			
				DES.Nº: 318–4.310

Fuzeta

PALHACINHO / TONEIRA

DILACERAÇÃO POR TONEIRA



NOTAS:

- A piteira possui uma coroa com 7 anzóis. Anzol n° 7 modificado na distância ponta-haste (anzol aberto). A haste da piteira é de madeira com Ø7.
- Esta arte é utilizada durante todo o ano. Pode ser usada como linha de mão ou rebocada pela embarcação. É geralmente iscada com cavala.
- Captura principalmente polvo (*Octopus vulgaris*) e por vezes choco-vulgar (*Sepia officinalis*).

	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos	
Levantou		26 JUL 00		
Projectou		14 JUL 03		
Desenhou		15 JUL 03		
Copiou				
Verificou		10 JAN 05		
Escala	ALGARVE – Fuzeta			Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins
	PITEIRA DILACERAÇÃO (NÃO TONEIRA)			
				DES.Nº: 319-4.320

Fuzeta

PITEIRA

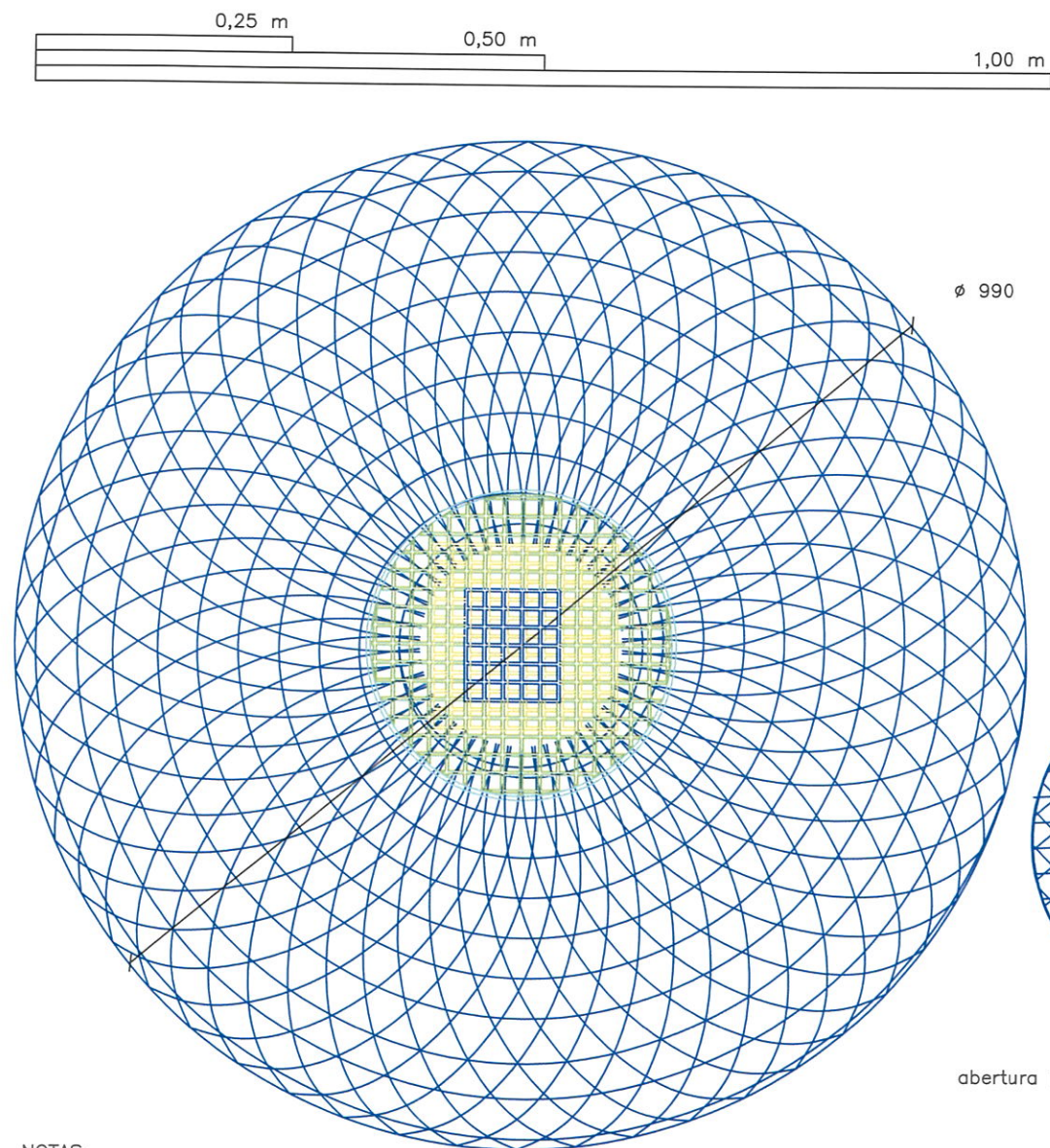
DILACERAÇÃO (NÃO TONEIRA)

	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos 
Levantou		27 JUL 01	
Projectou		29 JUL 03	
Desenhou		30 JUL 03	
Copiou			
Verificou		10 JAN 05	
Escala	ALGARVE – Monte Gordo		Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins
	REDE DA LINGUA REDE DE EMALHAR FUNDEADA		
			DES.Nº: 322–14.11

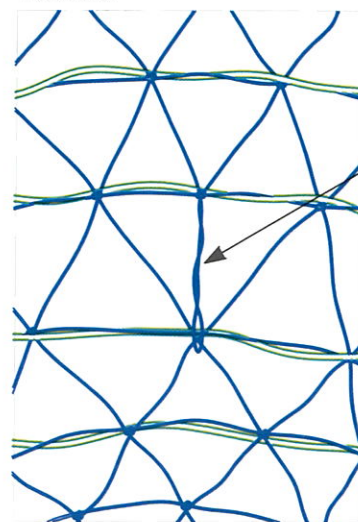
Monte Gordo

REDE da LÍNGUA

REDE DE EMALHAR FUNDEADA

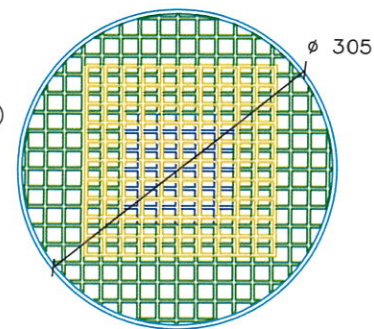


Pormenor

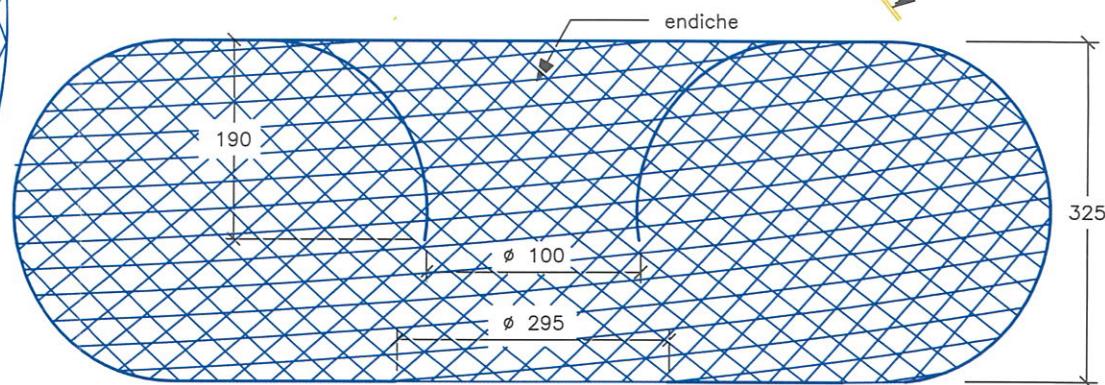
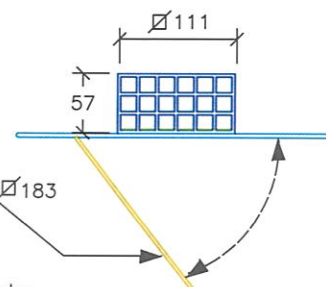


acrescento (ou amate)

s/ escala



tampa da caixa
do isco



abertura inferior/charêta



caixa do isco

tampa da murejona

NOTAS:

- Esta arte é usada numa única teia de 15 murejonas, usada durante a Primavera e no Verão. Iscadas com sardinha ou cavala e destinam-se à captura de choupas (*Spondylosoma cantharus*), ferreiras (*Lithognathus mormyrus*), bicas (*Pagellus erythrinus*) e sargos (*Diplodus* spp.).
- As murejonas são geralmente de forma esférica, construídas com arames zincado e amarrados com PEØ0,8. Posteriormente a conjunto é banhado em alcatrão para fixar a estrutura.
- Devido ao tipo de estrutura, as murejonas apresentam um estreitamento do vazio da malha, quer na parte superior, quer na parte inferior da armadilha. A malhagem máxima é atingida na zona lateral da murejona. O aumento ou diminuição do número de malhas é obtido pelo meio de acrescentos (amates).

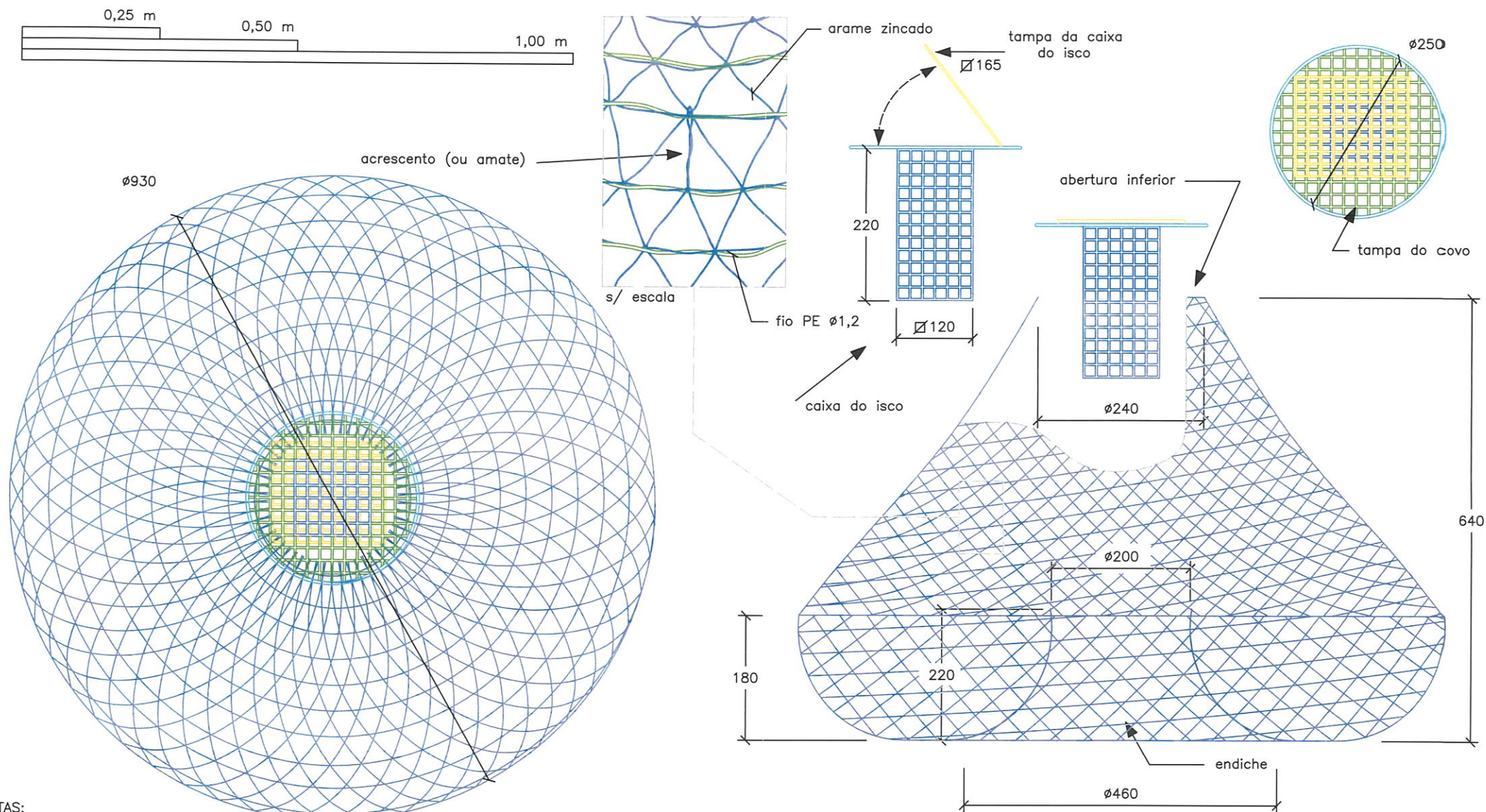
Rubrica	Data	IPIMAR	
Levantou	28 MAR 99	Instituto de Investigação das Pescas e do Mar	
Projectou	28 MAR 99	DRM – Departamento de Recursos Marinhos	
Desenhou	28 AGO 03		
Copiou			
Verificou	10 JAN 05		
Escalas		ALGARVE – Senhora da Rocha	
		MUREJONA	
		ARMADILHA / GAIOLA – MUREJONA	
		Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins	
		DES. Nº: 323–5.521	



Senhora da Rocha

MUREJONA

ARMADILHA / GAIOLA - MUREJONA



NOTAS:

- Esta arte é usada numa única teia de 10 covos, durante a Primavera e Verão. Iscada com sardinha ou cavala e destina-se à captura de safio (*Conger conger*), lavagante (*Homarus vulgaris*), lagosta (*Palinurus spp.*) e sargos (*Diplodus spp.*).
- Os covos machos são construídos com arame zincado, fixado com PEØ1,2; posteriormente o conjunto é banhado em alcatrão para fixar a estrutura.
- Os covos machos apresentam um estreitamento do vazio da malha, quer na parte superior, quer na parte inferior da armadilha. A malhagem máxima é atingida na zona lateral do covo. O aumento ou a diminuição do número de malhas é obtido pelo meio de acrescentos (amates).
- A tampa do covo e a caixa do isco são construídas com rede plástica de malha quadrada, com 15 mm de lado.

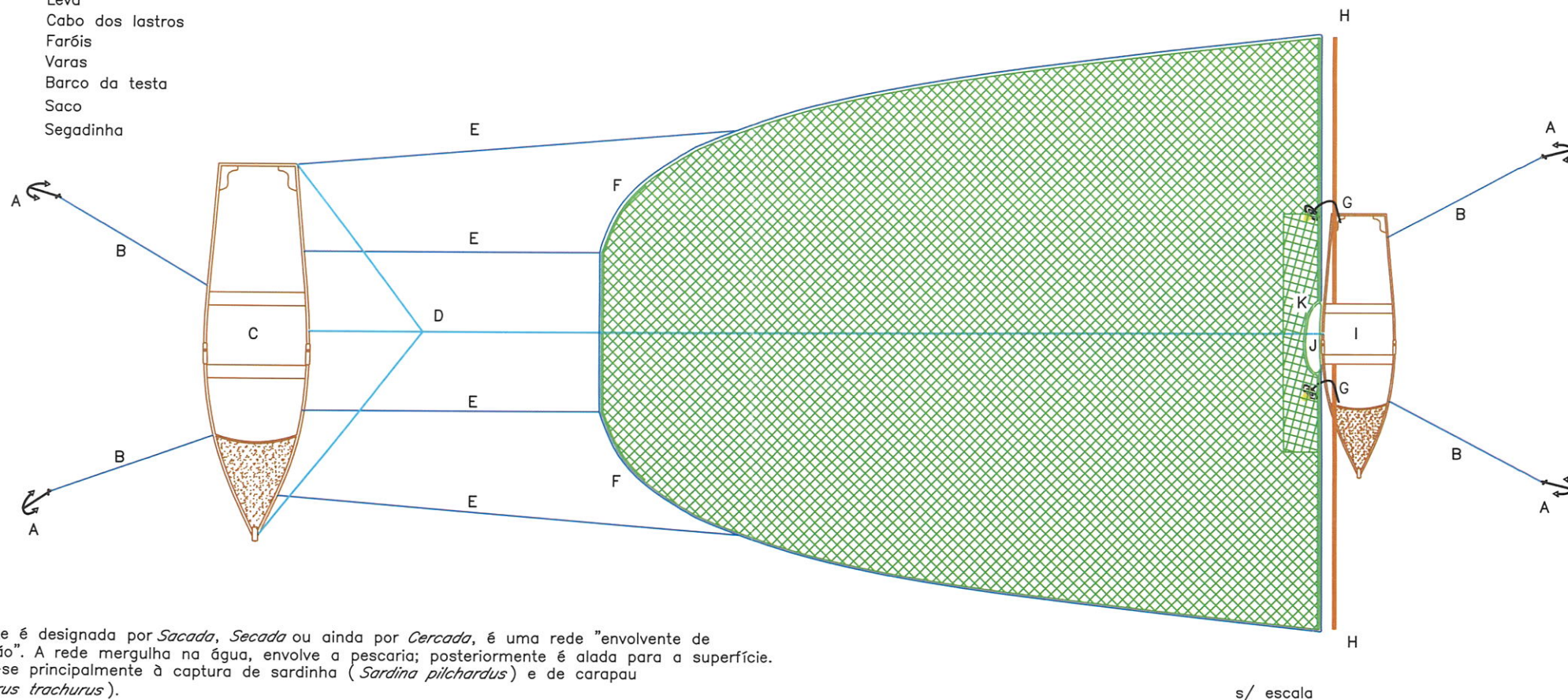
	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos	
Levantou		28 MAR 99		
Projectou		28 MAR 99		
Desenhou		28 AGO 03		
Copiou				
Verificou		10 JAN 05		
Escala	ALGARVE – Senhora da Rocha			Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins
	COVO MACHO ARMADILHA / GAIOLA – MUREJONA			

Senhora da Rocha

COVO MACHO

ARMADILHA / GAIOLA - MUREJONA

- A Poita / Ferro
B Cabo do ferro
C Barco das portas ou das bocas
D Cabo travês por cima de água
E Leva
F Cabo dos lastros
G Faróis
H Varas
I Barco da testa
J Saco
K Segadinha



NOTAS:

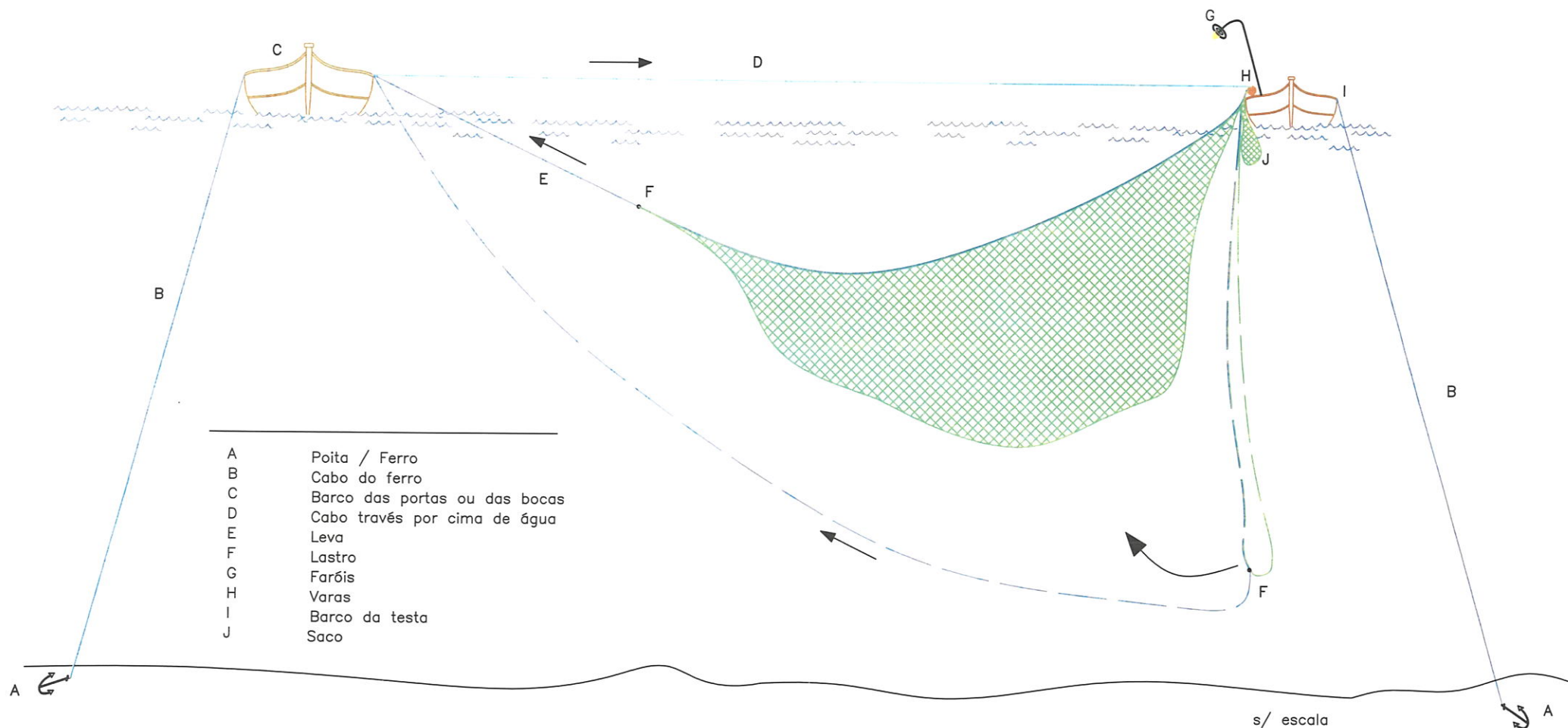
- Esta arte é designada por *Sacada*, *Secada* ou ainda por *Cercada*, é uma rede "envolvente de suspensão". A rede mergulha na água, envolve a pescaria; posteriormente é alada para a superfície. Destina-se principalmente à captura de sardinha (*Sardina pilchardus*) e de carapau (*Trachurus trachurus*).
- É largada com auxílio de duas embarcações, uma maior, geralmente denominada por – *Barco das portas* ou *das bocas* – e por uma embarcação auxiliar, em regra de menores dimensões, denominada – *Barco da testa*.
- A rede é lançada à água do lado do barco das portas, indo a boca da rede para o fundo e ficando o saco fora da água, junto ao barco da testa. A luz dos faróis ajuda a concentrar o peixe. A captura é efectuada pela alagem da rede por meio das levas e com a aproximação progressiva dos dois barcos, sendo o peixe conduzido aos poucos para o saco, o qual já se encontra mergulhado na água. O peixe é retirado do saco por meio de xalavares e transportado para a embarcação maior.
- O cabo de travês [D] termina do lado do barco da testa num pé de galo, o qual serve para manter a embarcação sempre na mesma posição durante a aproximação progressiva das duas embarcações durante a alagem da rede.

	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos	
Levantou		21 FEV 02		
Projectou		03 SET 03		
Desenhou		03 SET 03		
Copiou				
Verificou		10 JAN 05		
Escala	ALGARVE – Alvor			Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins
	SACADA REDE DE SACADA PARA EMBARCAÇÃO			
				DES.Nº:326–12.200 F1

Alvor

SACADA

REDE DE SACADA PARA EMBARCAÇÃO



NOTAS:

- Do *barco de testa*, ou, por vezes, dos dois, quando a corrente (aguagem) é forte, são suspensas poitas ou ferros [A] que lhes possibilitam "arrastar" lentamente e manobrar a rede.
- Na concentração e posicionamento do peixe por forma a permitir a sua captura, é utilizada atracção luminosa – faróis [G]. Por vezes recorre-se ainda à utilização de engodo para melhorar as condições de captura.

	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos	
Levantou		21 FEV 02		
Projectou		03 SET 03		
Desenhou		03 SET 03		
Copiou				
Verificou		10 JAN 05		
Escala	ALGARVE – Alvor			Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins DES.N.º:326-12.200 F
	SACADA			
	REDE DE SACADA PARA EMBARCAÇÃO			

Alvor

SACADA

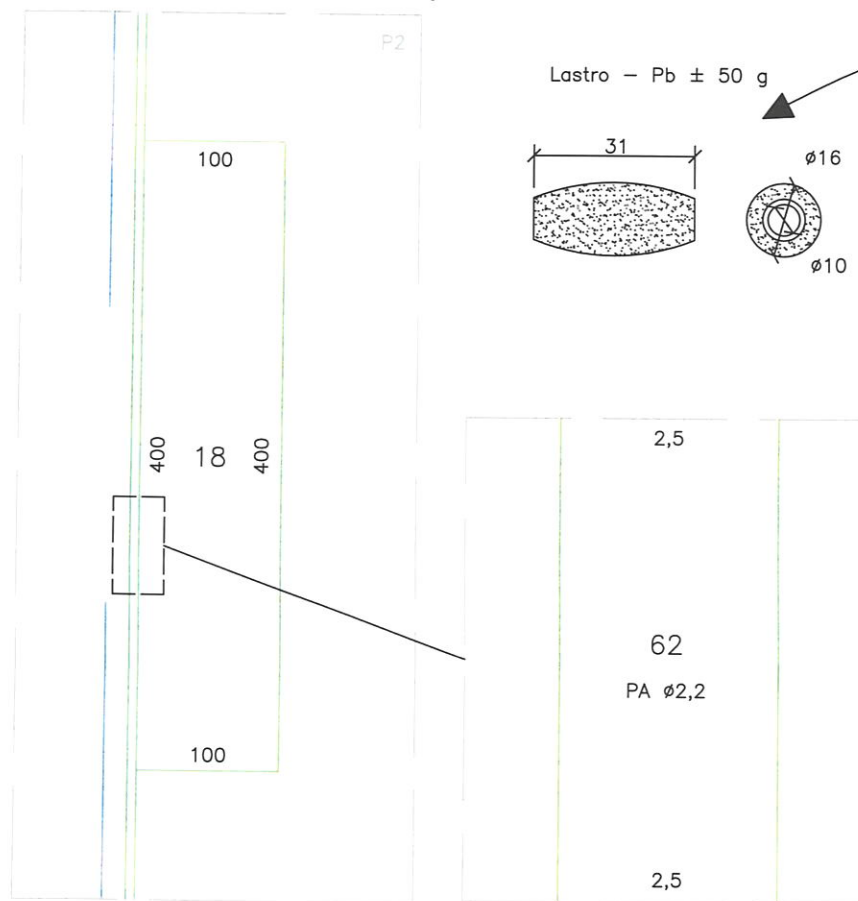
REDE DE SACADA PARA EMBARCAÇÃO

Alvor

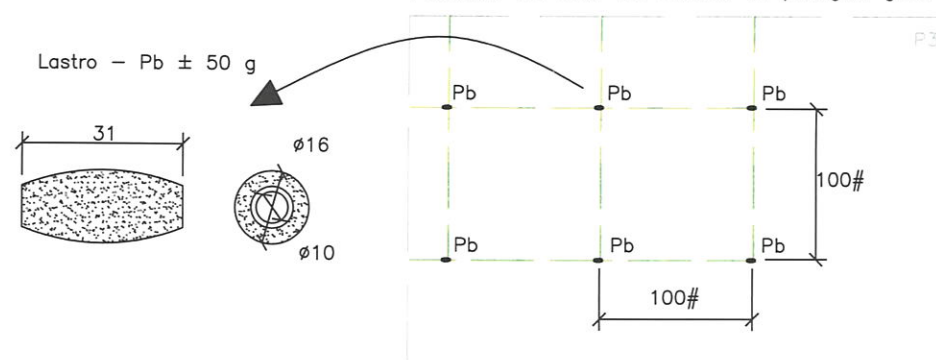
SACADA

REDE DE SACADA PARA EMBARCAÇÃO

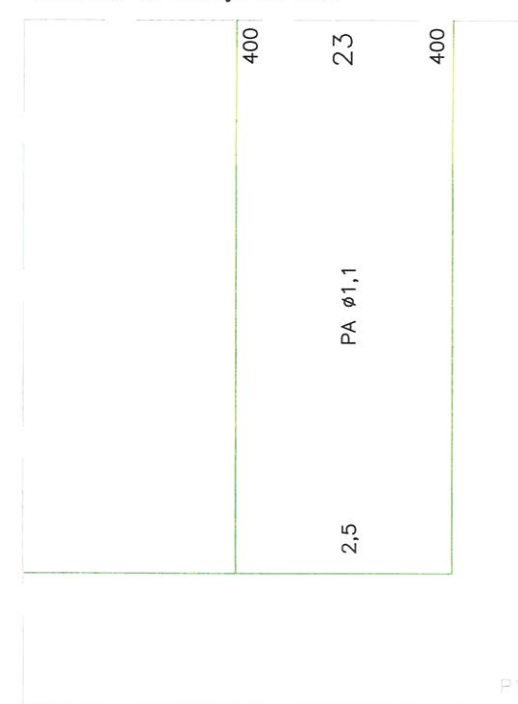
Pormenor da zona da Segadinha e reforço



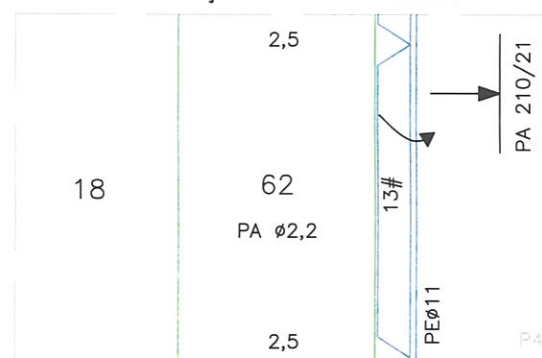
Pormenor da zona dos Lastros da panagem geral



Pormenor do reforço do saco



Pormenor do reforço da tralha dos lastros



NOTAS:

- A rede possui do lado do saco, do lado da boca, assim como no próprio saco, um reforço executado com fio de natureza e malhagens diversas (ver pormenores).
- A rede é montada no barco de testa com auxílio de duas varas, uma à proa e outra à popa, no sentido longitudinal da embarcação. A rede é fixa às varas por atilhos.
- Junto da boca do saco, e com intuito de ajudar à concentração do peixe, existe uma pano denominado por - *Segadinha* , em regra de fio e malhagem idênticos à da panagem geral.

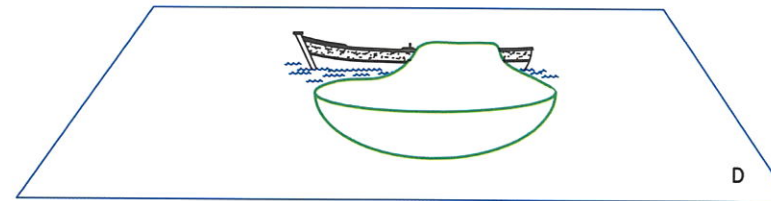
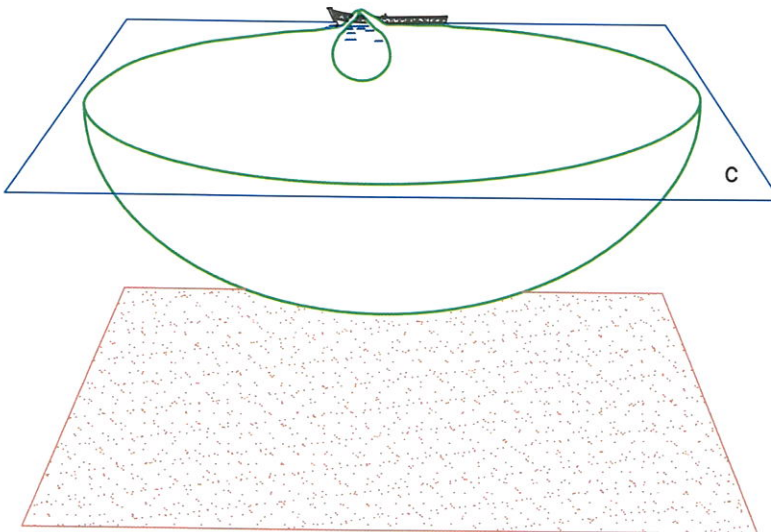
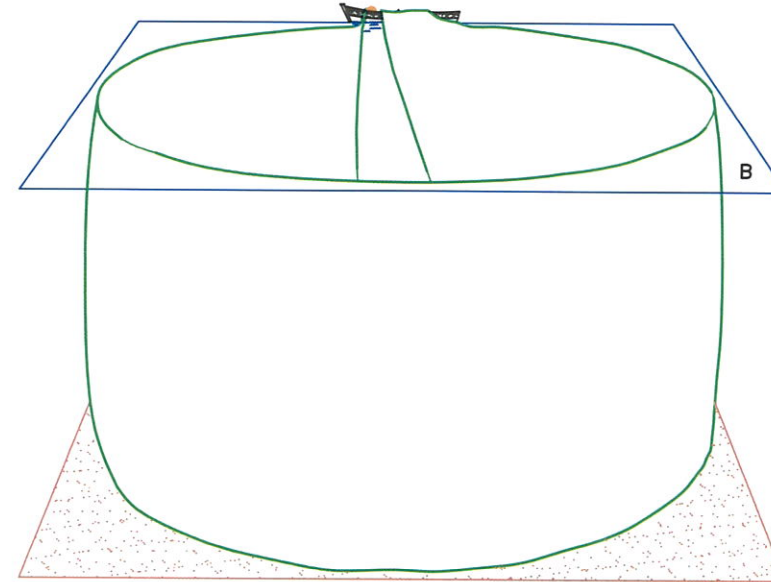
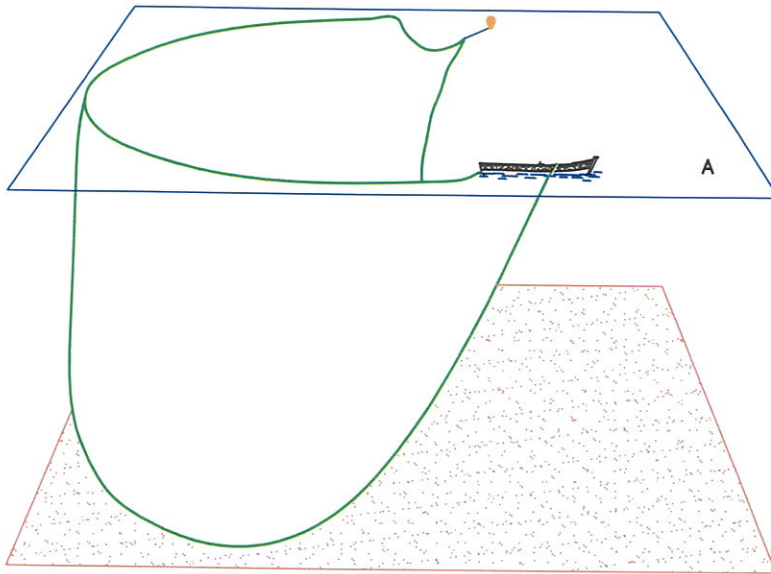
	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos	
Levantou		21 FEV 02		
Projectou		03 SET 03		
Desenhou		03 SET 03		
Copiou				
Verificou		10 JAN 05		
Escala	ALGARVE – Alvor			Obs.
	SACADA			Miguel Carneiro
	REDE DE SACADA PARA EMBARCAÇÃO			Rui Rebordão
				Rogélia Martins
			DES.Nº:326–12.200 F4	



Alvor

SACADA

REDE DE SACADA PARA EMBARCAÇÃO



NOTAS:

- Esta rede possui em cada extremo uma copejada.
- Destina-se à captura de sardinha (*Sardina pilchardus*) e carapau (*Trachurus trachurus*).

- A - Largada da rede em redor do cardume.
- B - Fecho do cerco.
- C - Fecho da retenida e alagem da rede.
- D - Recolha do peixe.

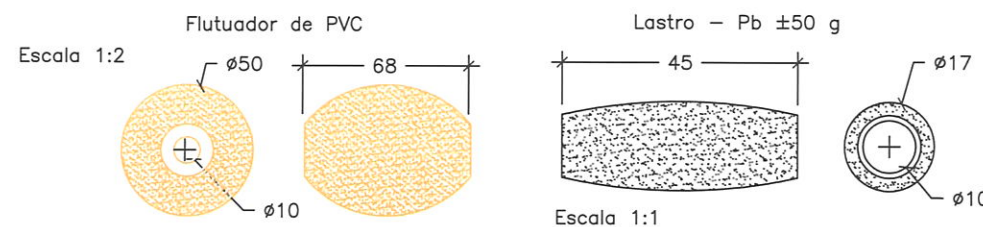
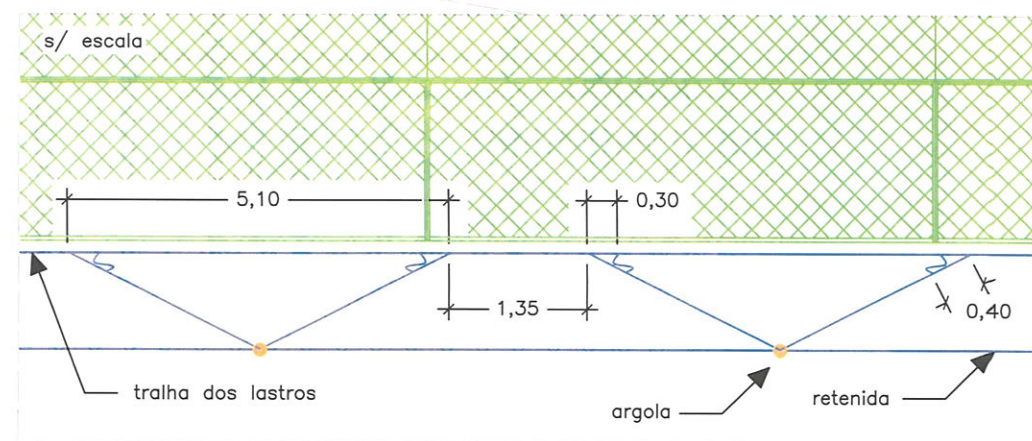
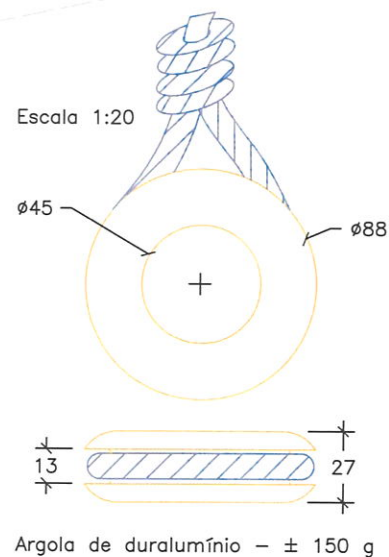
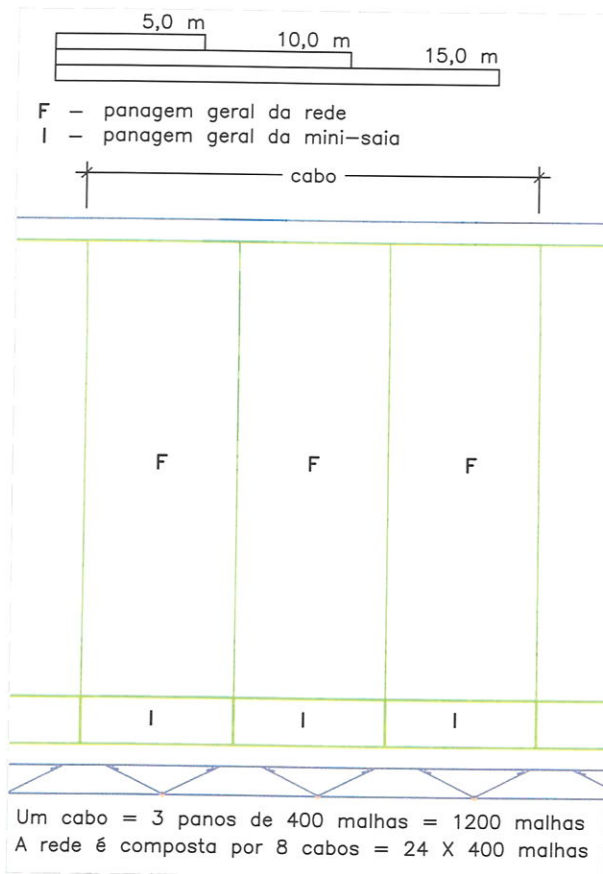
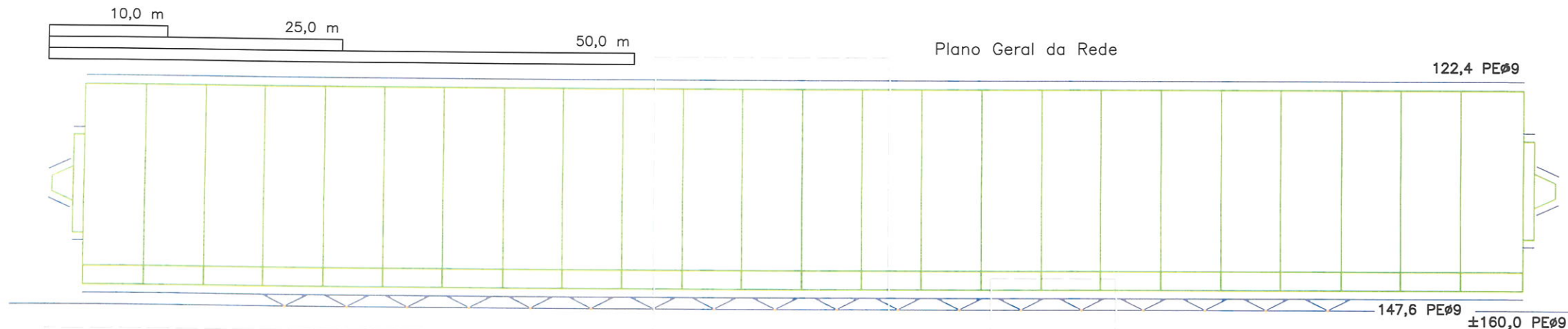
	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM - Departamento de Recursos Marinhos	
Levantou		22 FEV 02		
Projectou		07 JUL 03		
Desenhou		09 SET 03		
Copiou				
Verificou		10 JAN 05		
Escala	ALGARVE - Lagos			Obs.
	RAPA CERCO AMERICANO			Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins
				DES.Nº:327-10.200 F1



Lagos

RAPA

CERCO AMERICANO



NOTAS:

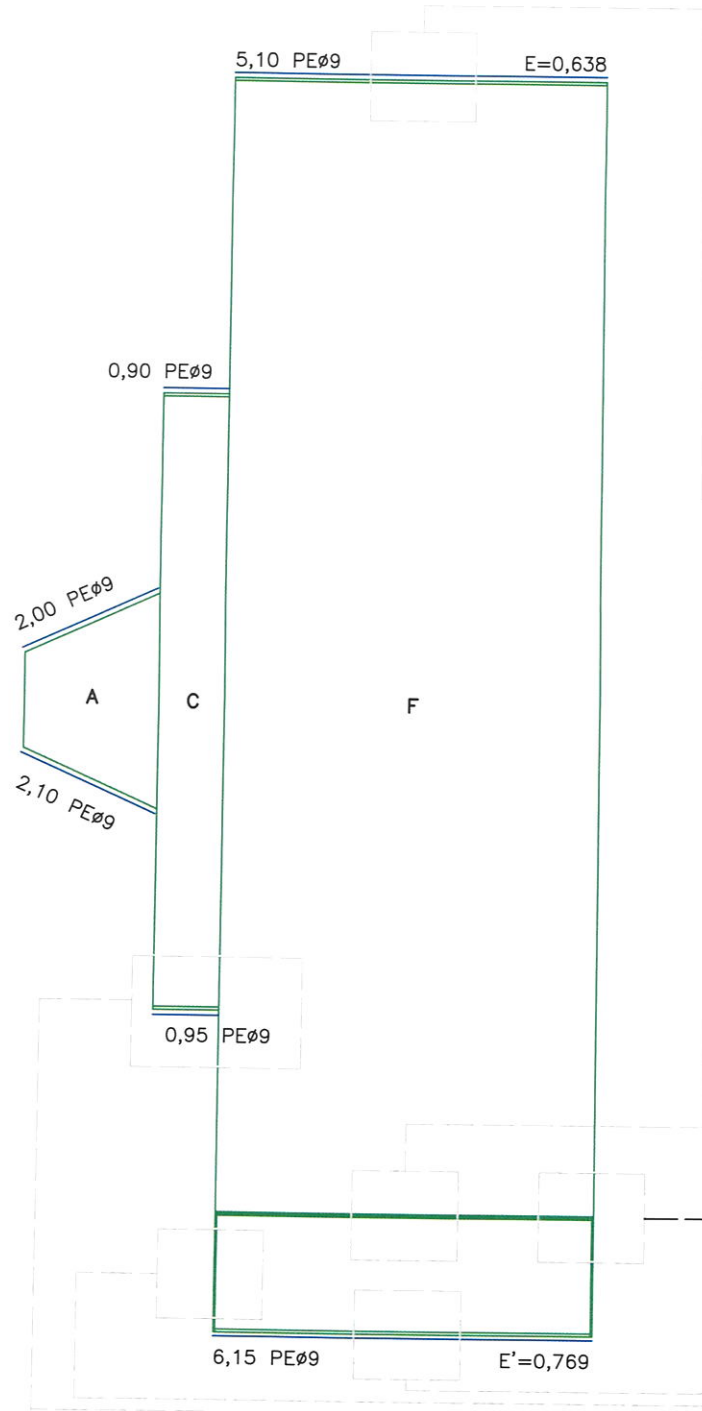
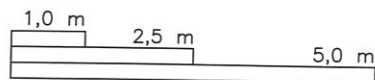
- A distribuição dos lastros pela tralha não é homogênea. O primeiro e segundo cabo da rede levam 9 kg de Pb cada (3 kg por cada mini-saia); o terceiro e o último cabo levam 3 kg de Pb cada, do quarto ao sétimo cabo levam 1,5 kg de Pb.
- A distribuição dos flutuadores pela tralha não é homogênea. No primeiro cabo todos os entralhes levam um flutuador. Nos restantes cabos os flutuadores são entralhados e espaços entre si um entralhe.

	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos	
Levantou		22 FEV 02		
Projectou		07 JUL 03		
Desenhou		09 SET 03		
Copiou				
Verificou		10 JAN 05		
Escala	ALGARVE – Lagos			Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins
	RAPA CERCO AMERICANO			
				DES.Nº:327-10.200 F2

Lagos

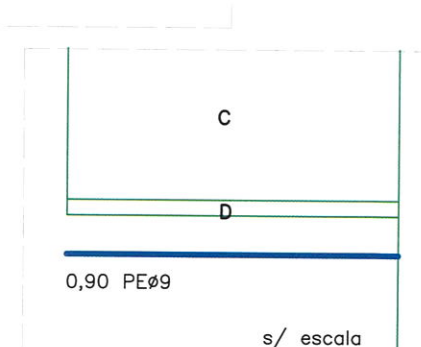
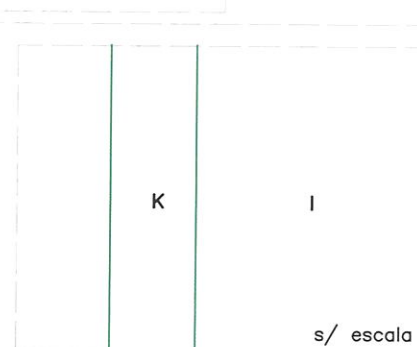
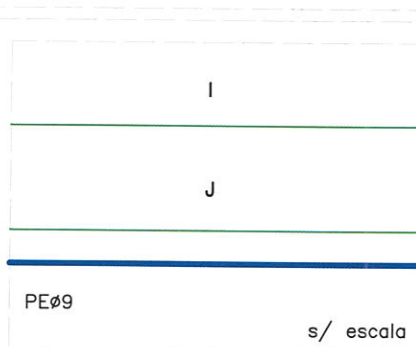
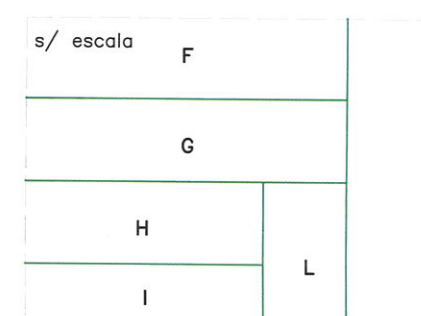
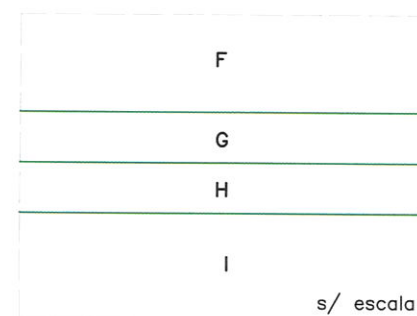
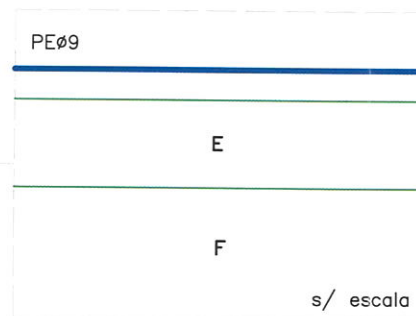
RAPA

CERCO AMERICANO



Pano

	Malhagem	Nº #	Altura	Nº #	Comp.	Tipo de Fio	Corte
A - Cuda (da barca)	87	15	34	19		PE Ø1,5	pp
B - gancheta superior (cuba da barca)	100		2,5	10		PE Ø2	l
C - Cuba (da barca)	24,5		500	50		PA 210/12	l
D - gacheta inferior (cuba da barca)	100		2,5	10		PE Ø2	l
E - gacheta superior da rede	24		2,5	400		PE Ø1,5	l
F - panagem geral da rede	20		1000	400		PA 210/6	l
G - gacheta inferior da panagem geral da rede	85		1,5	113		PE Ø2	l
H - gacheta superior da mini-saia	85		1,5	112		PE Ø2	l
I - panagem geral da mini-saia	20		100	400		PA 210/6	l
J - gacheta da inferior da rede	85		2,5	112		PE Ø1,2	l
K - gacheta lateral da mini-saia	85		35	1,5		PE Ø2	l
L - gacheta lateral da mini-saia	85		35	1,5		PE Ø2	l



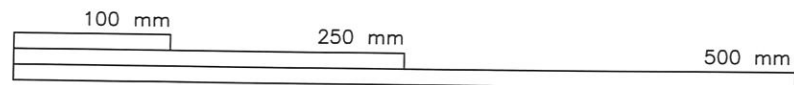
	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos		
Levantou		22 FEV 02			
Projectou		07 JUL 03			
Desenhou		09 SET 03			
Copiou					
Verificou		10 JAN 05			
Escalas	ALGARVE – Lagos			Obs.	
	RAPA CERCO AMERICANO			Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins	
				DES.Nº:327–10.200 F	



Lagos

RAPA

CERCO AMERICANO



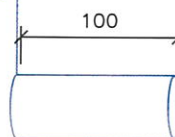
punho do êmbolo →



haste de ferro Ø 12

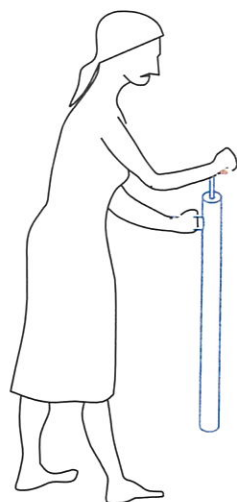
punho

100



corpo da bomba
PVC

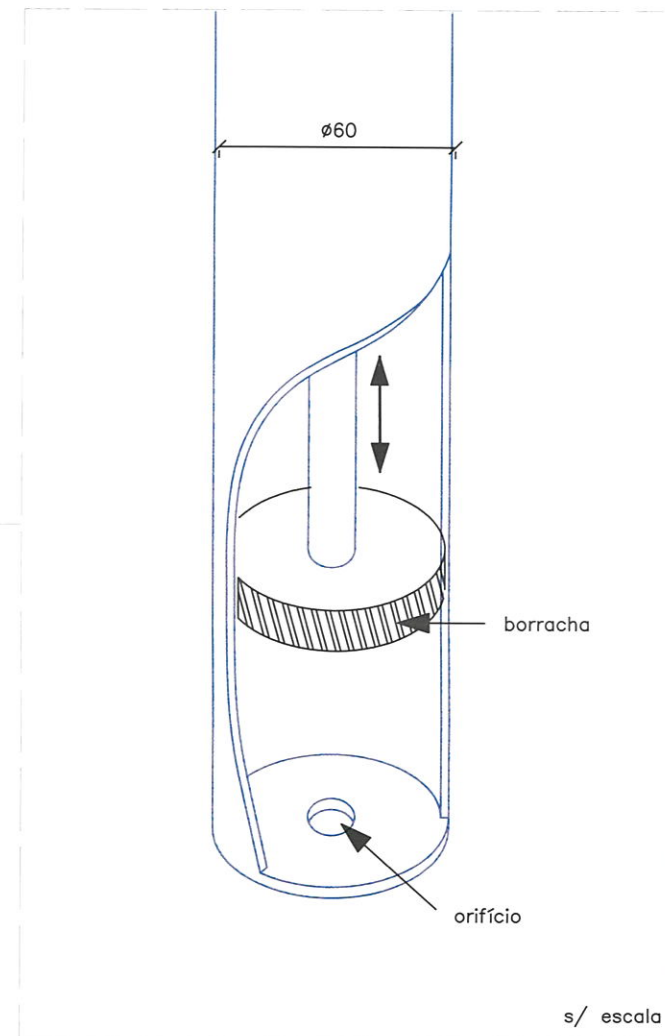
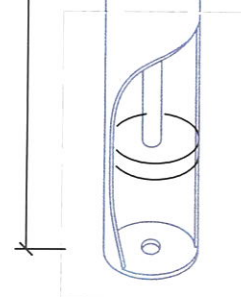
725



s/ escala

NOTAS:

- O ralo é utilizado como isco nos aparelhos de anzol destinados, principalmente, à captura de robalo, besugo, sargo e bica.
- Destina-se à captura de ralo (*Upogebia* spp. e *Squilla* spp.).



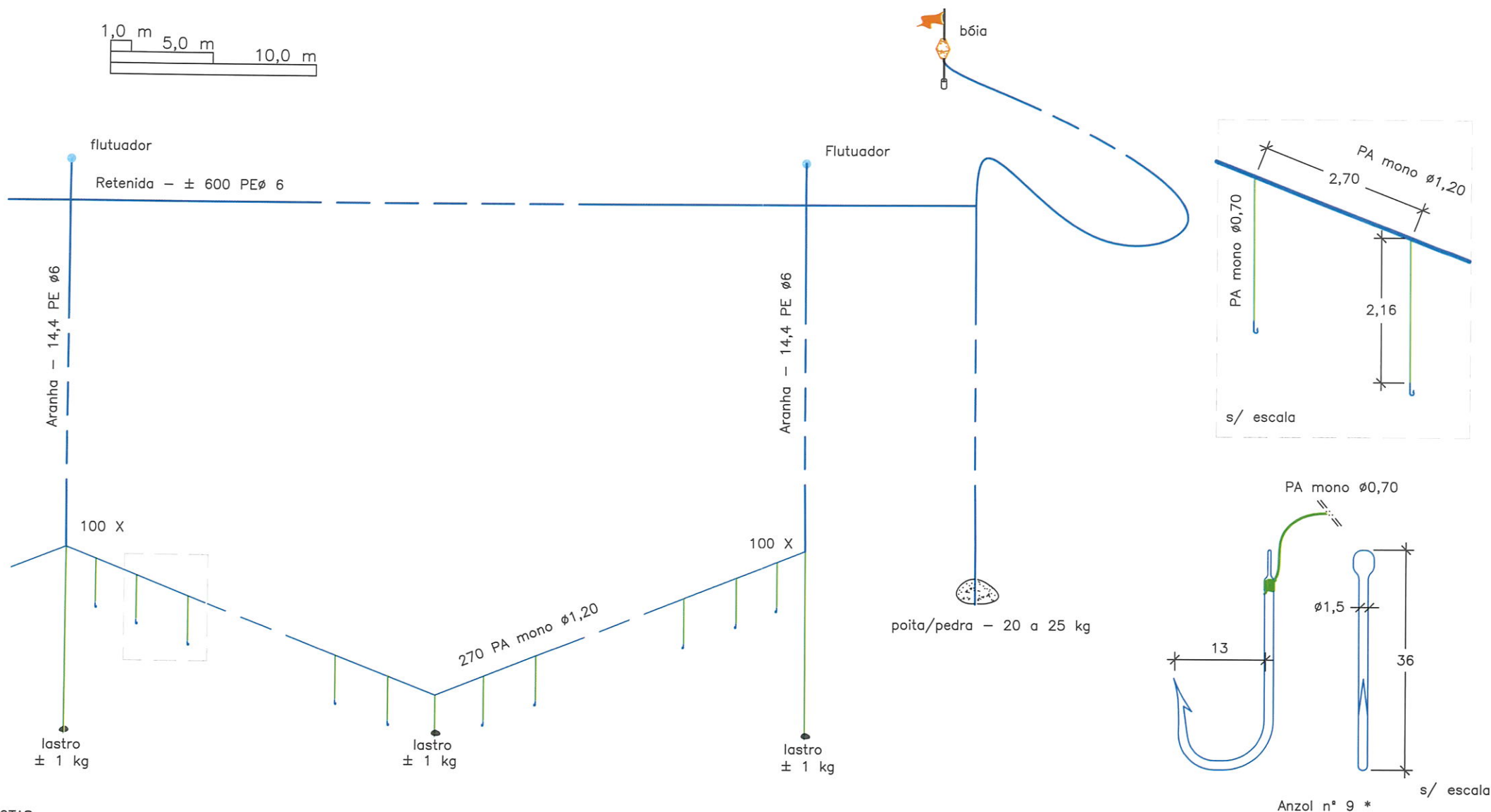
s/ escala

	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos	
Levantou		14 MAI 96		
Projectou		14 MAI 96		
Desenhou		09 SET 03		
Copiou				
Verificou		10 JAN 05		
Escala	ALGARVE – Ilha de Faro			Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins
	BOMBA DE MÃO COMPRESSOR DE AR MANUAL			
				DES.Nº: 328–15.300



Ilha de Faro

BOMBA de MÃO
COMPRESSOR DE AR MANUAL



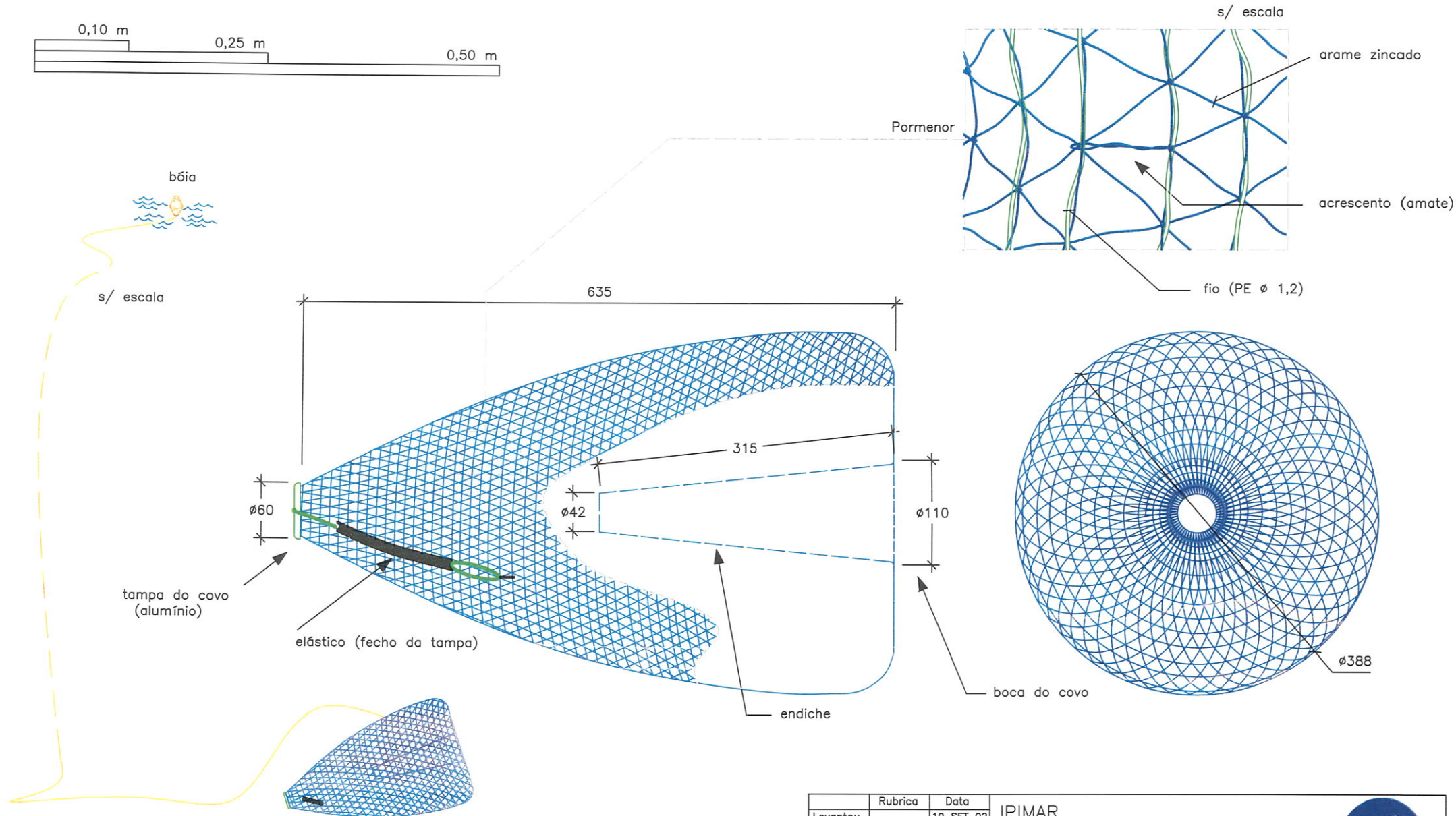
NOTAS:

- Aparelho de fundo com retenida com cerca de 2000 anzóis. Largam 5 a 6 celhas com cerca de 350 a 400 anzóis cada. É largado uma hora antes do nascer do sol e permanece calado cerca de duas horas. É utilizado a grandes profundidades. Iscado com sardinha. É utilizado durante todo o ano.
- Madre de PA mono Ø1,20, distância entre dois estralhos 2,70 m. Estralhos de PA mono Ø0,70 com 2,16 m. De 100 em 100 anzóis leva um lastro (pedra com cerca de 1 kg). De 200 em 200 anzóis leva uma baixada de PE Ø6 com 14,4 m. Retenida de PEØ6. De 600 em 600 m leva um flutuador. Anzol nº 9 corrente, direito, de argola.
- Destina-se à captura de safio (*Conger conger*), goraz (*Pagellus bogaraveo*) e abróteas (*Phycis* spp.).

	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM - Departamento de Recursos Marinhos	
Levantou		15 JUL 02		
Projectou		15 JUN 02		
Desenhou		15 SET 03		
Copiou				
Verificou		10 JAN 05		
Eskal	ALGARVE - Sagres			Obs.
	PALANGRE DO SAFIO LINHA FUNDEADA (PALANQUEADA)			Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins
				DES.Nº: 329 - 4.221

Sagres

PALANGRE do SAFIO
LINHA FUNDEADA (PALANQUEADA)



NOTAS:

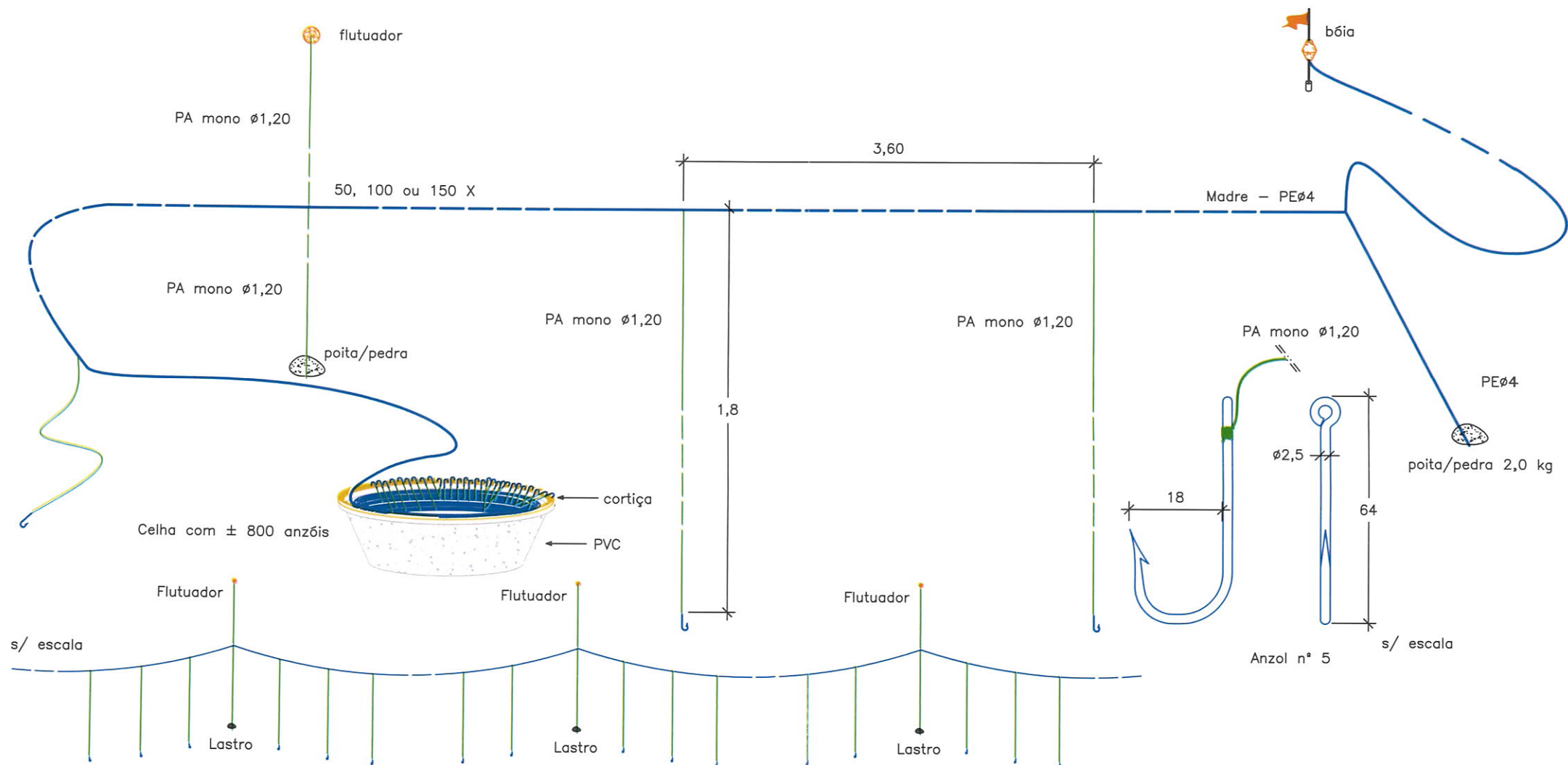
- A estrutura do covão é executada com arame zincado, fixado com fio PE $\phi 1,2$.
- Devido ao formato e ao tipo de entrançamento dos arames, o covão apresenta um estreitamento do vazio da malha, quer no lado da boca, quer da parte terminal do covão. A malhagem máxima é atingida na zona lateral. O aumento ou diminuição do número de malhas é obtido por meio de acrescentos (ou amates).
- Esta arte é usada individualmente. Iscado com sardinha. Utilizada durante todo o ano.
- Destina-se à captura de moreia (*Muraena* spp.).

	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos	
Levantou		19 SET 02		
Projectou		19 SET 02		
Desenhou		16 SET 03		
Copiou				
Verificou		10 JAN 05		
Escala	ALGARVE – Arrifana			Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins
	COVO DA MOREIA ARMADILHA / GAIOLA			

Arrifana

COVO da MOREIA

ARMADILHA / GAIOLA



- Aparelho de fundo, com cerca de 800 anzóis por celha. Utilizado todo o ano; largam 2 horas antes do nascer do sol e viram ao nascer do dia.
- Madre de PE Ø4, distância entre dois estralhos 3,6 m. Estralhos de PA mono Ø1,20 com 1,8 m. Anzol nº 5 ou nº 6 de argola. O aparelho é iscado com sardinha fresca.
- Quando é utilizado junto à costa em fundo de rocha, leva de 50 em 50 anzóis um lastro (pedra com cerca de 0,5 kg), podendo ainda levar ou não um flutuador de pequenas dimensões no enfiamento da baixada do lastro. Quando é utilizado mais para fora, leva de 100 em 100 ou de 150 em 150 anzóis um lastro de 1 kg e um flutuador.
- Destina-se à captura de moreia (*Muraena* spp.), abrótea (*Phycis* spp.), safio (*Conger conger*) e pargo (*Pagrus pagrus*).

	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos	
Levantou		19 JUL 02		
Projectou		19 JUL 02		
Desenhou		17 SET 03		
Copiou				
Verificou		10 JAN 05		
Escalas	ALGARVE – Arrifana			Obs.
	APARELHO GROSSO			Miguel Carneiro
	LINHA FUNDEADA (ALVORADA)			Rui Rebordão
				Rogélia Martins
				DES.Nº: 331 – 4.22

Arrifana

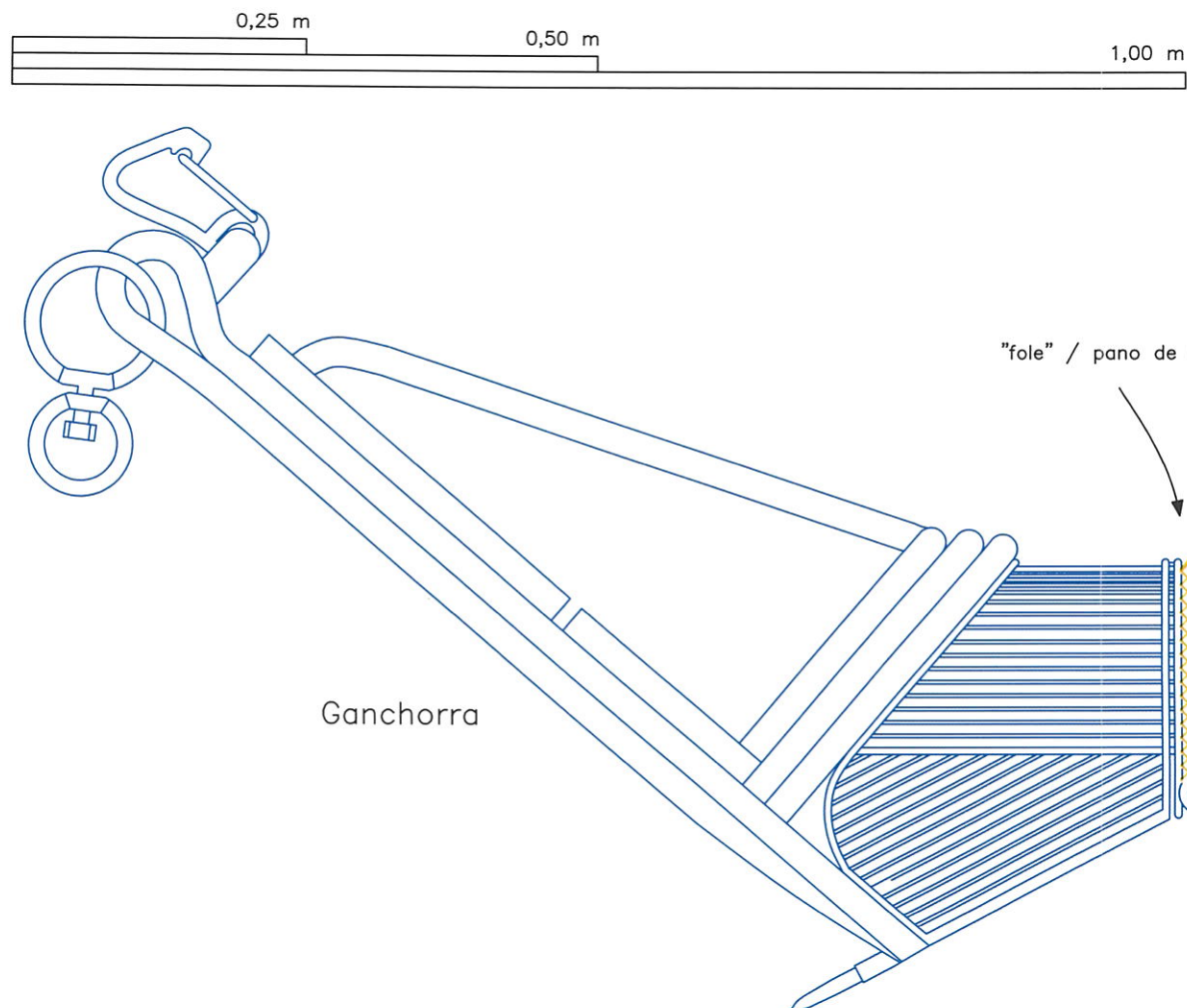
APARELHO GROSSO

LINHA FUNDEADA (ALVORADA)

Arrifana

APARELHO FINO

LINHA FUNDEADA (DE FUNDO)



NOTAS:

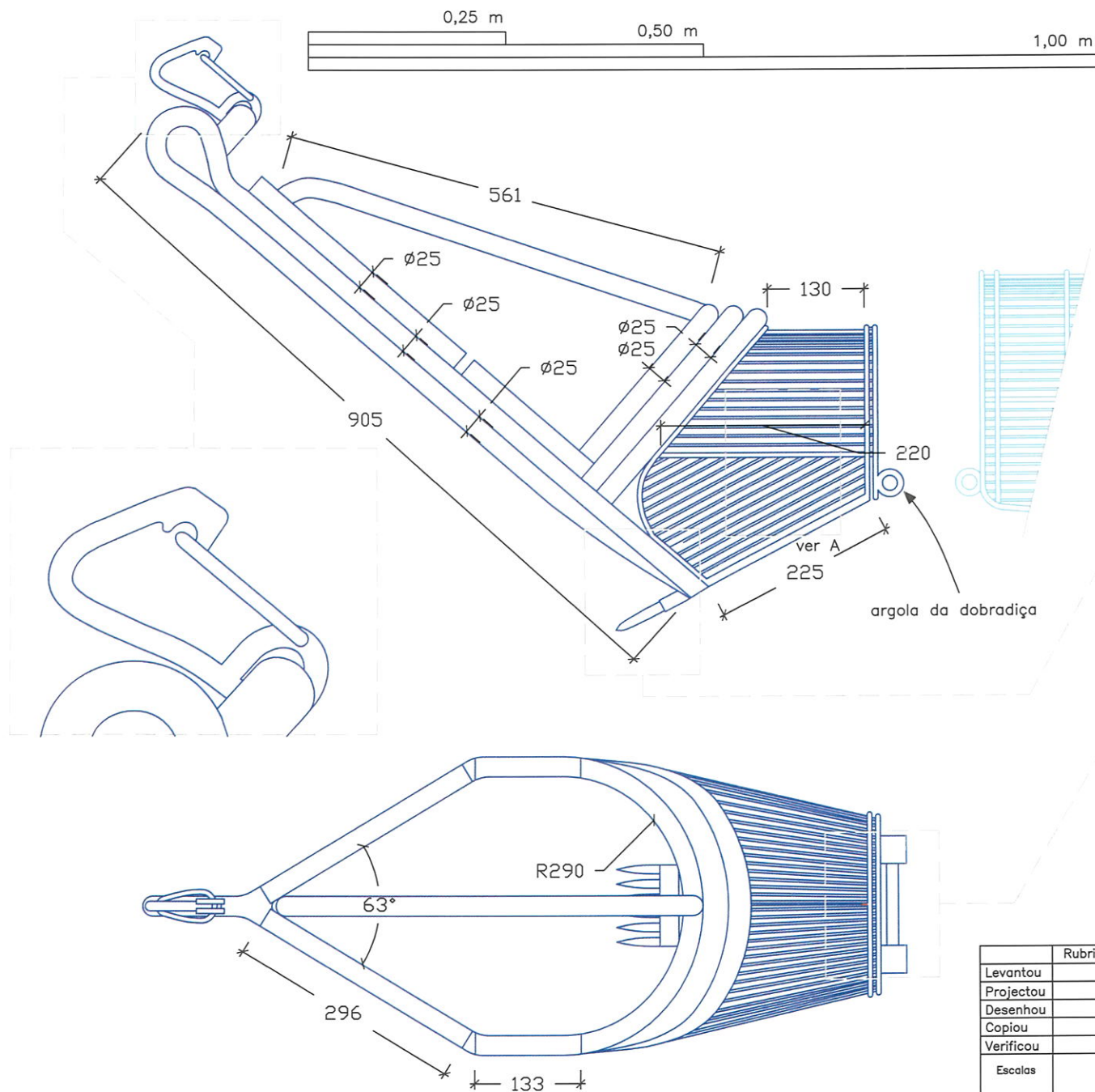
- Esta arte actua em fundos de areia ou vasa e que nunca ficam a descoberto na baixa-mar. É rebocada por uma embarcação. São utilizadas duas ganchorras em simultâneo por embarcação.
- Usada durante todo o ano, com excepção do período de defeso. Em regra, os arrastos têm início antes do nascer do sol e terminam cerca das 13 horas.
- Cabo de reboque – PE Ø12
- Arte destinada à captura de cadelinhas (*Donax* spp.), amêijoa-branca (*Spisula solida*).

	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos 
Levantou		25 JUL 00	
Projectou		23 SET 03	
Desenhou		24 SET 03	
Copiou			
Verificou		10 JAN 05	
Escala	ALGARVE – Fuzeta		Obs.
	GANCHORRA		Miguel Carneiro
	ARRASTO COM DRAGA REBOCADA		Rui Rebordão
			Rogélia Martins
			DES.Nº:333–8.120 F1

Fuzeta

GANCHORRA

ARRASTO COM DRAGA REBOCADA



NOTAS:

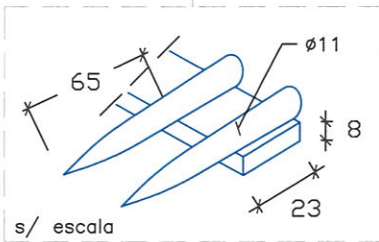
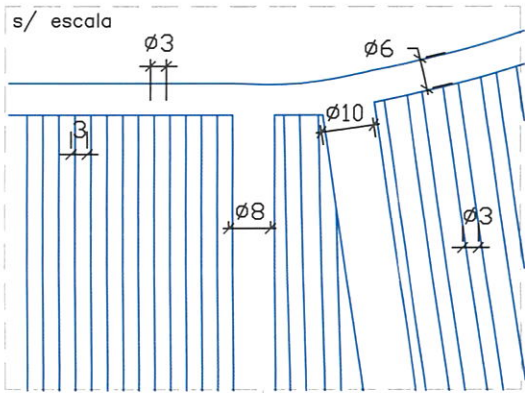
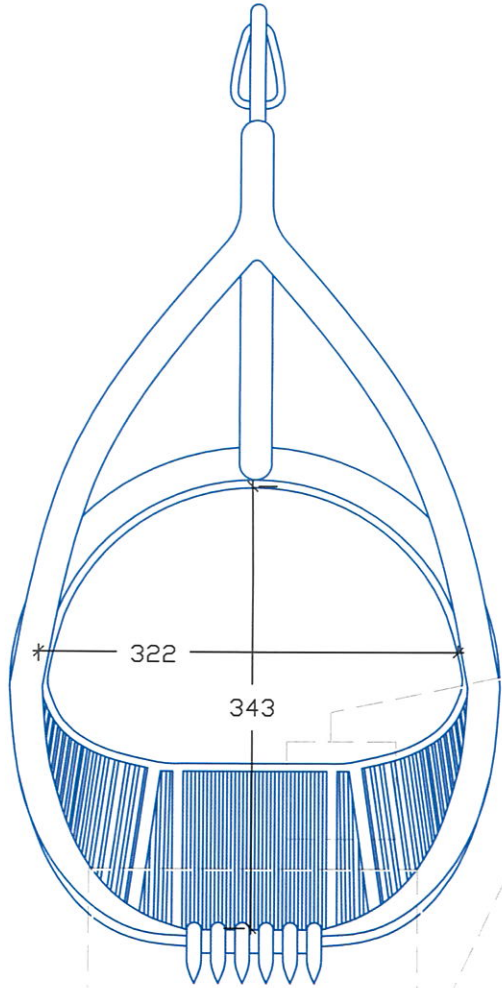
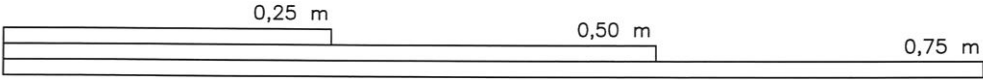
- Toda a estrutura rígida da boca da ganchorra é construída com ferro Ø25.

	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos	
Levantou		25 JUL 00		
Projectou		23 SET 03		
Desenhou		24 SET 03		
Copiou				
Verificou		10 JAN 05		
Escala	ALGARVE – Fuzeta			Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins
	GANCHORRA ARRASTO COM DRAGA REBOCADA			
				DES.Nº:333–8.120 F2

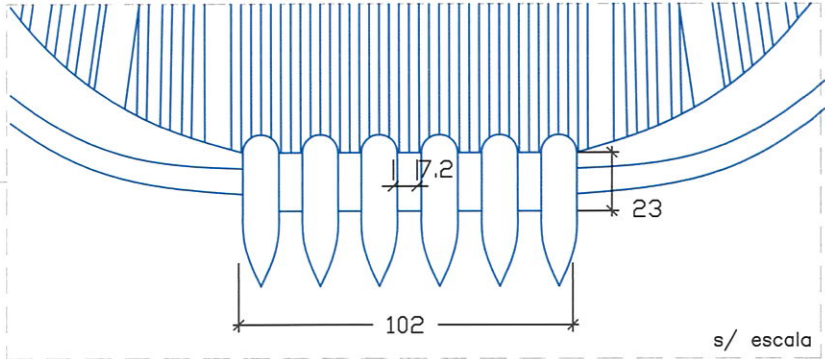
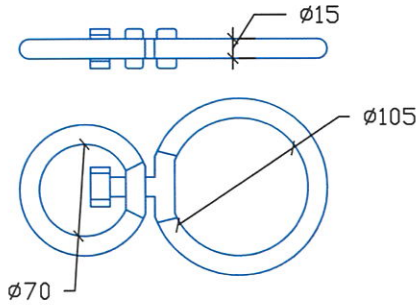
Fuzeta

GANCHORRA

ARRASTO COM DRAGA REBOCADA



destorcedor de ferro



NOTAS:

- Travessa e dentes da ganchorra de aço inox.
- Ângulo de ataque $\pm 30^\circ$

	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos	
Levantou		25 JUL 00		
Projectou		23 SET 03		
Desenhou		24 SET 03		
Copiou				
Verificou		10 JAN 05		
Escalas	ALGARVE – Fuzeta			Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins
	GANCHORRA			
	ARRASTO COM DRAGA REBOCADA			
			DES.Nº:333–8.120 F3	

Fuzeta

GANCHORRA

ARRASTO COM DRAGA REBOCADA

11

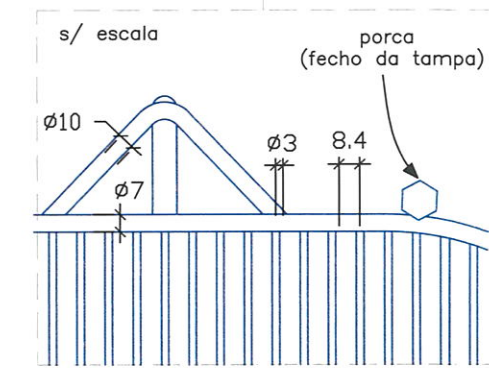
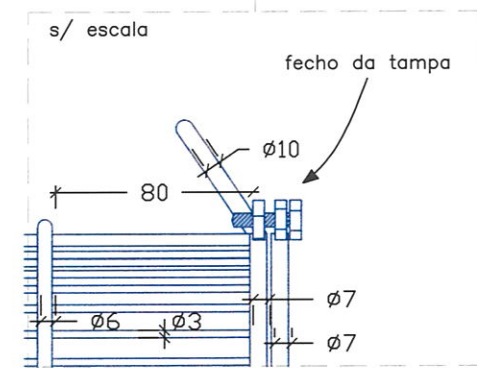
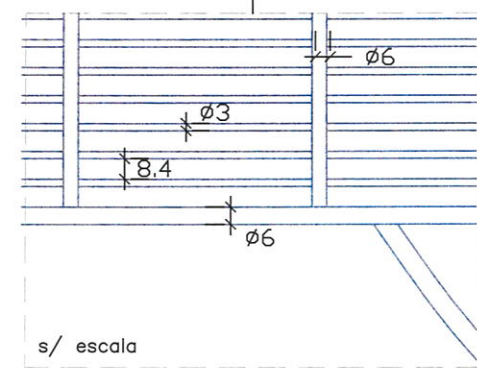
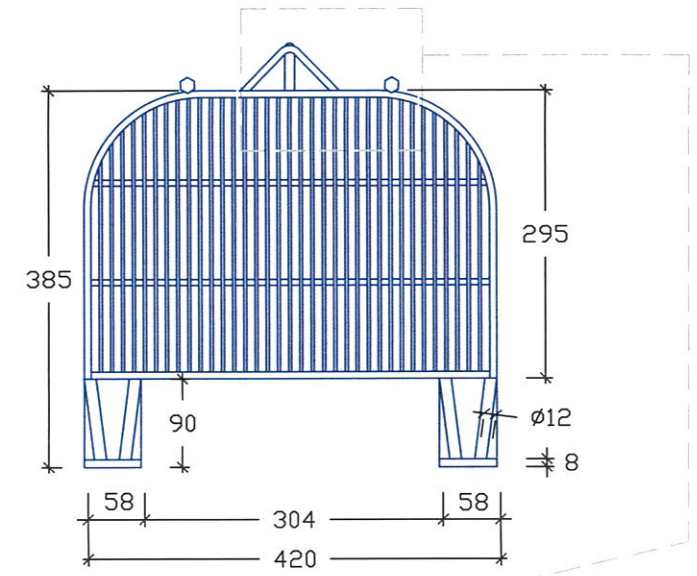
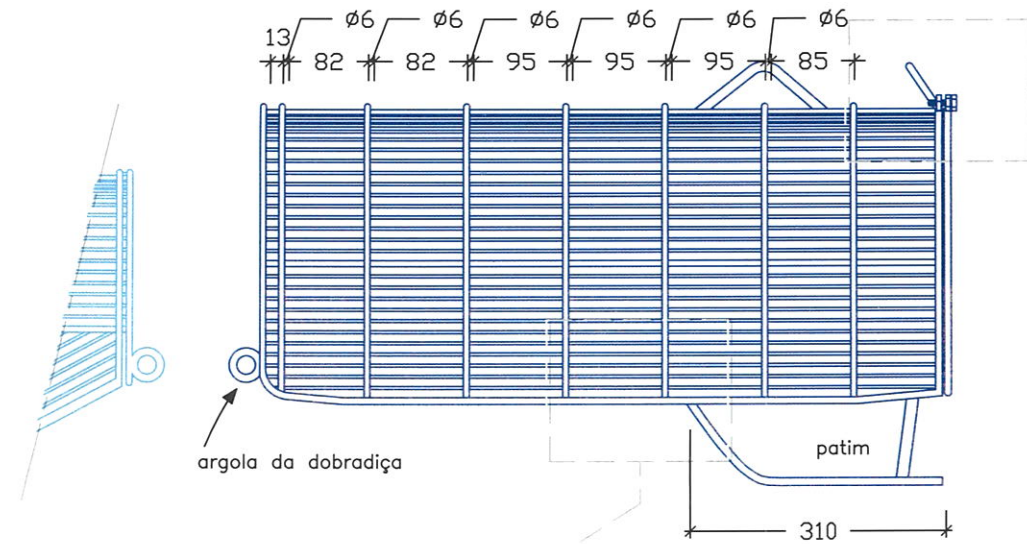
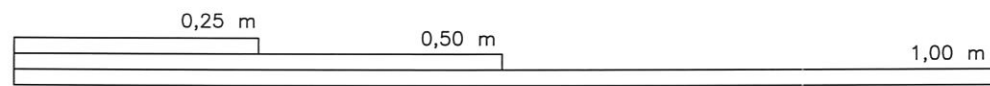
14 a 16

46

PA entrançado Ø6

11

$\frac{D}{H} = \frac{0}{1}$



NOTAS:

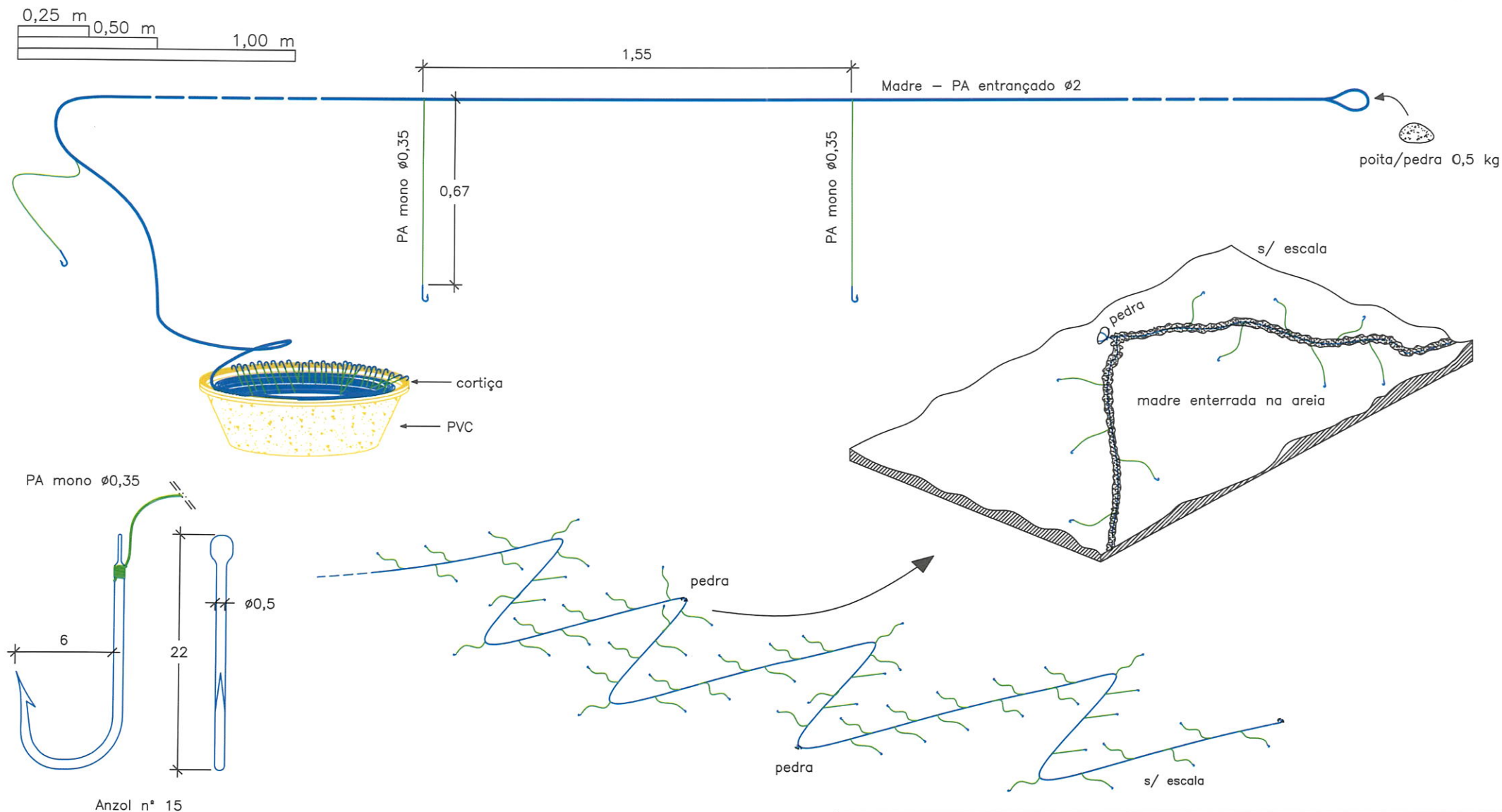
— Toda a grelha de retenção é construída com aço inox.

	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos	
Levantou		25 JUL 00		
Projectou		23 SET 03		
Desenhou		24 SET 03		
Copiou				
Verificou		10 JAN 05		
Escalas	ALGARVE – Fuzeta			Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins
	GANCHORRA			
	ARRASTO COM DRAGA REBOCADA			
				DES.Nº:333–8.120 F4

Fuzeta

GANCHORRA

ARRASTO COM DRAGA REBOCADA



NOTAS:

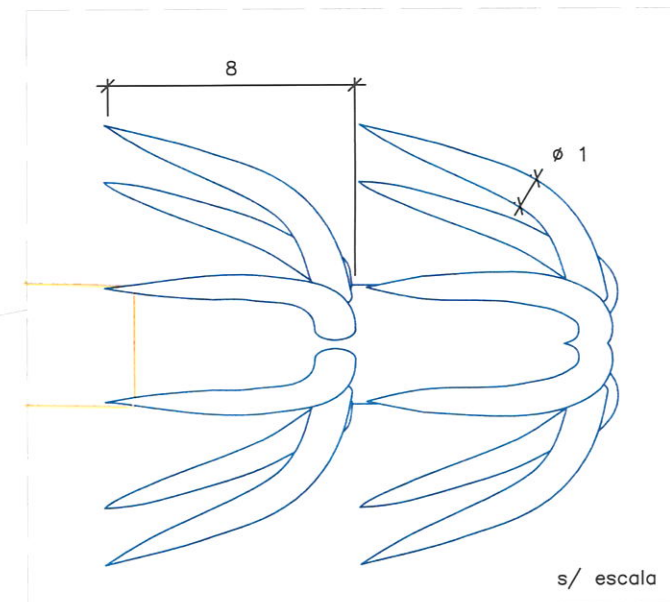
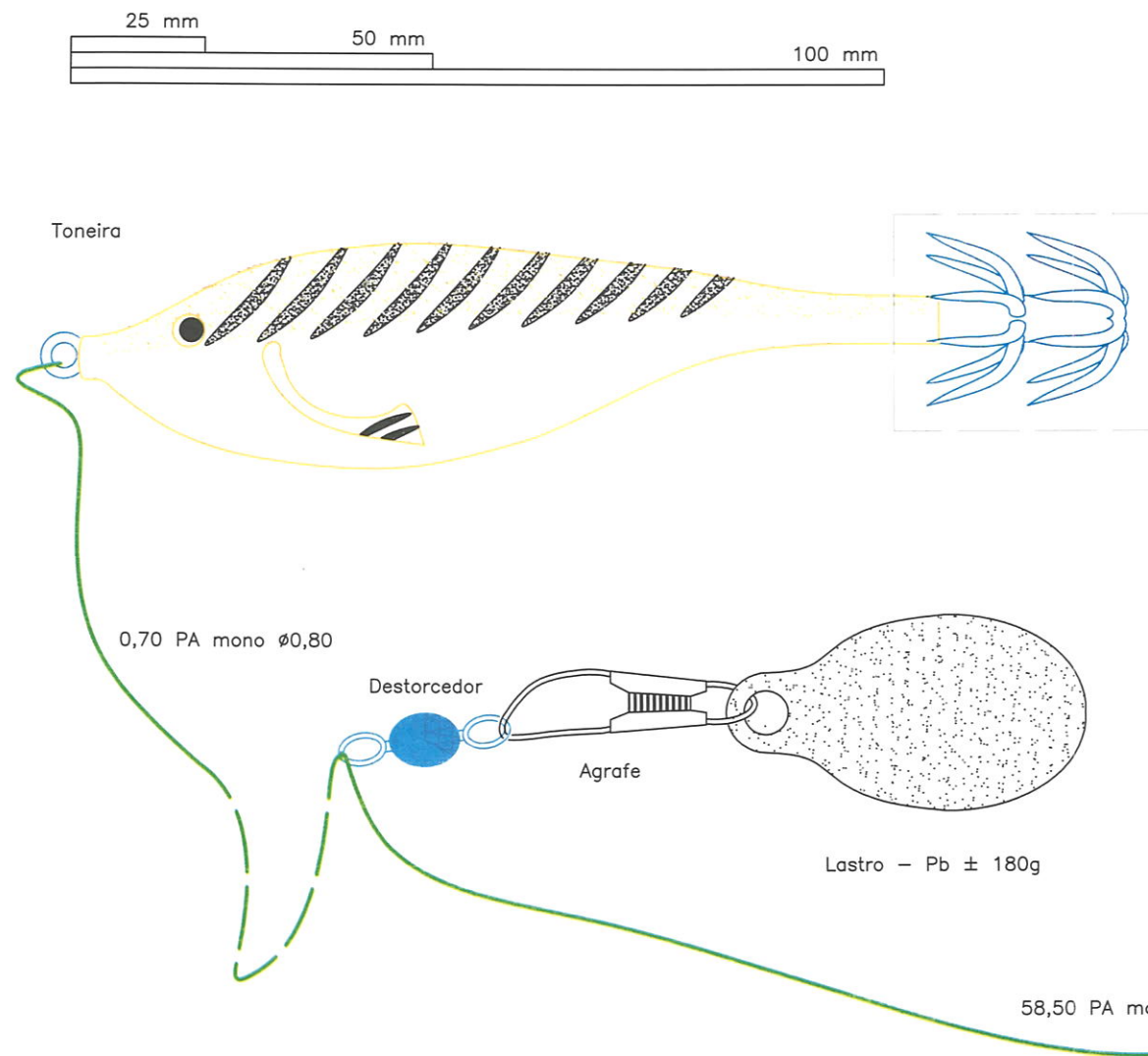
- Aparelho de fundo, com 350 anzóis. Utilizado no mar e na ria durante todo o ano. Quando está mau tempo a madre do aparelho é enterrado, em zig-zag, nos cabeços de areia junto da barra.
- Madre de PA entrançado Ø2, distância entre dois estralhos 1,55 m. Estralhos de PA mono Ø0,35 com 0,67 m. De 20 em 20 anzóis leva um lastro (pedra com cerca de 0,5 kg).
- Anzol nº 15 corrente, direito, de pata. Os anzóis são iscados com casulo e ralo.
- Destina-se à captura de baila (*Dicentrarchus punctatus*), robalo (*Dicentrarchus labrax*) e linguados (*Solea* spp.).

	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos	
Levantou		27 JUL 00		
Projectou		27 JUL 00		
Desenhou		26 SET 03		
Copiou				
Verificou		10 JAN 05		
Escalas	ALGARVE – Ilha da Armona			Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins
	PALANGRE LINHA FUNDEADA (DE FUNDO)			
				DES.Nº: 336 – 4.22

Ilha da Armona

PALANGRE

LINHA FUNDEADA (DE FUNDO)



Tala de cortiça



NOTAS:

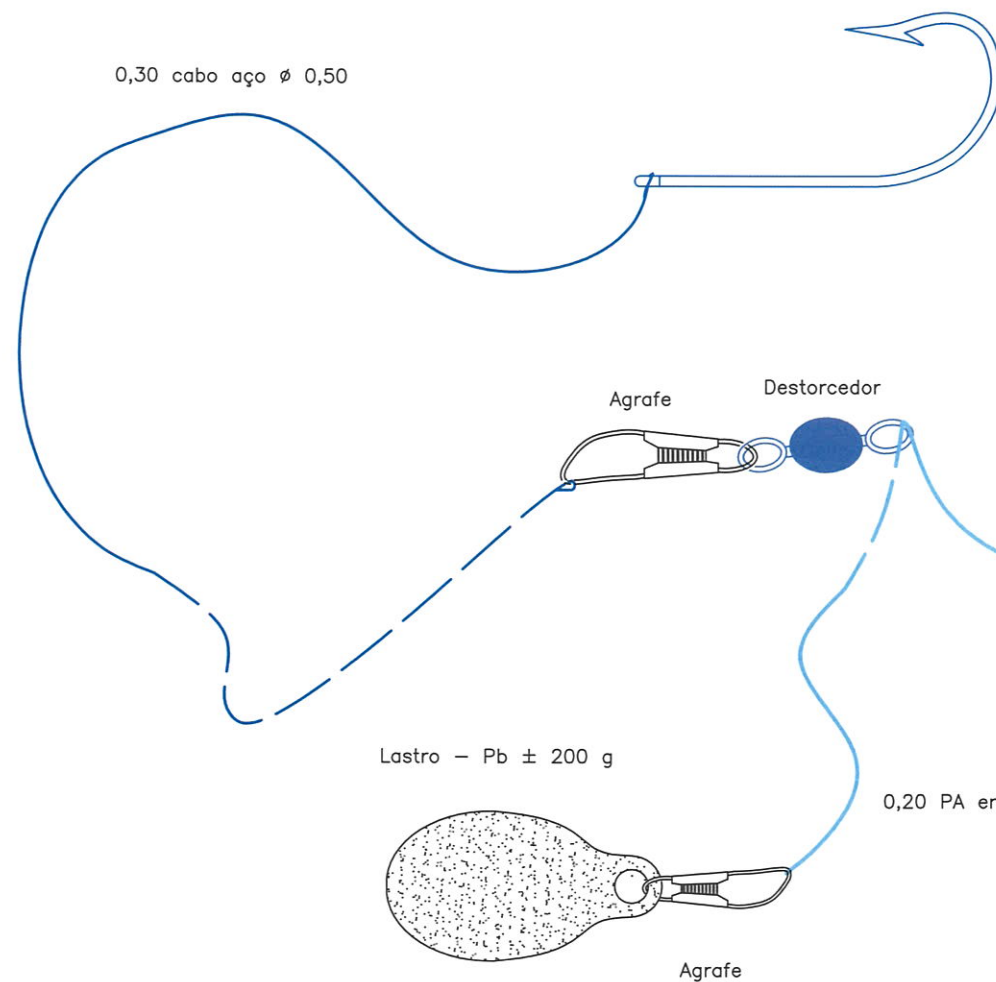
- Toneira com duas coroas de anzóis, com 10 anzóis em cada coroa.
- Esta arte é usada durante todo o ano. As toneiras (9 a 10) ficam presas à embarcação, deslocando-se esta com a aguagem. São largadas antes do nascer do dia e pescam até ao meio-dia.
- Destina-se à captura de lula (*Loligo vulgaris*) e choco-vulgar (*Sepia officinalis*), também captura polvo (*Octopus vulgaris*).

	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos	
Levantou		26 JUN 01		
Projectou		26 JUN 01		
Desenhou		10 JAN 05		
Copiou				
Verificou		13 JAN 05		
Escala	ALGARVE – Quarteira		Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins	
	PALHACINHO / TONEIRA DILACERAÇÃO POR TONEIRA			
			DES.N.º: 340–4.310	

Quarteira

PALHACINHO / TONEIRA

DILACERAÇÃO POR TONEIRA



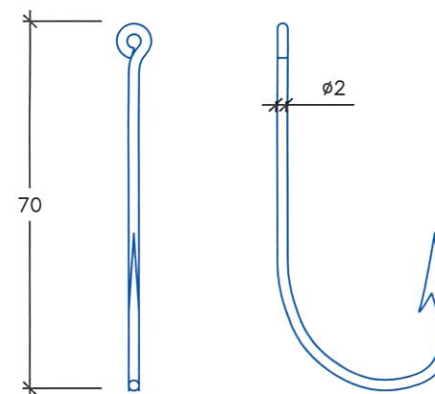
0,30 cabo aço Ø 0,50

Lastro - Pb ± 200 g

Agrafe

Destorcedor

Agrafe

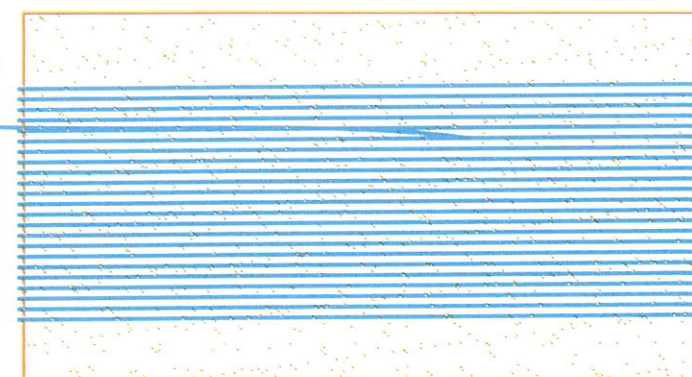


Anzol direito, com argola e de aço

50,0 PA entrançado Ø2,50

0,20 PA entrançado Ø2,50

Tala de madeira



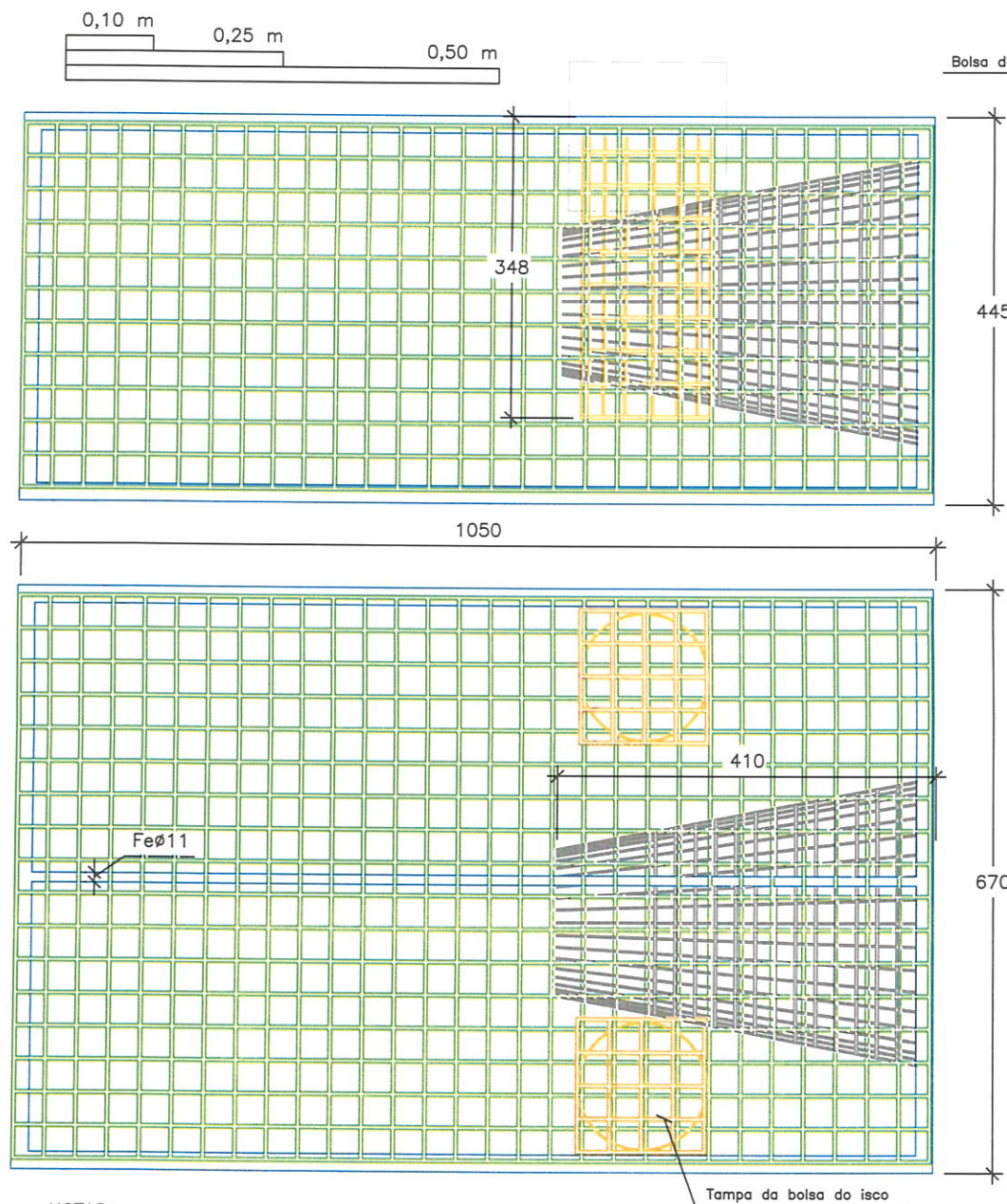
s/ escala

NOTAS:

- Esta arte é mais utilizada durante o Inverno.
- Destina-se à captura de safio (*Conger conger*)

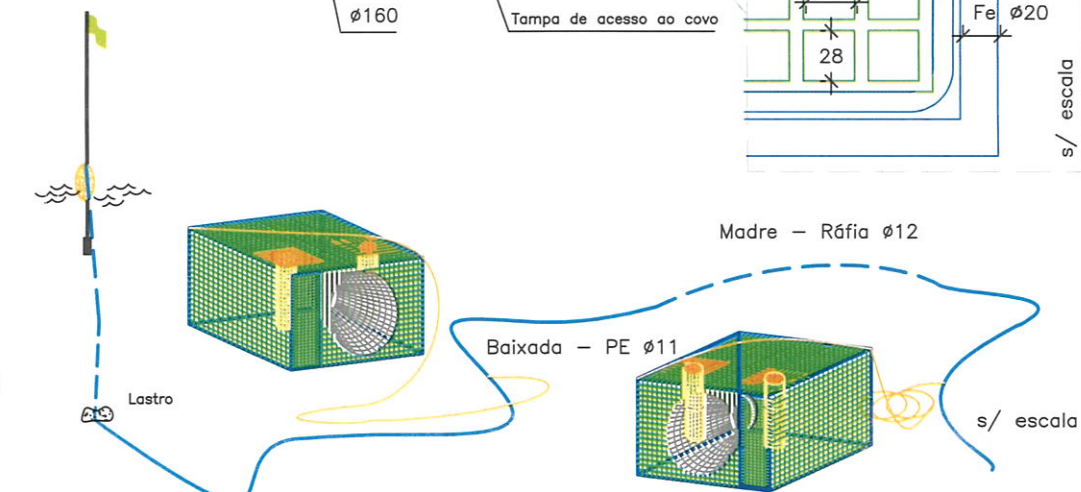
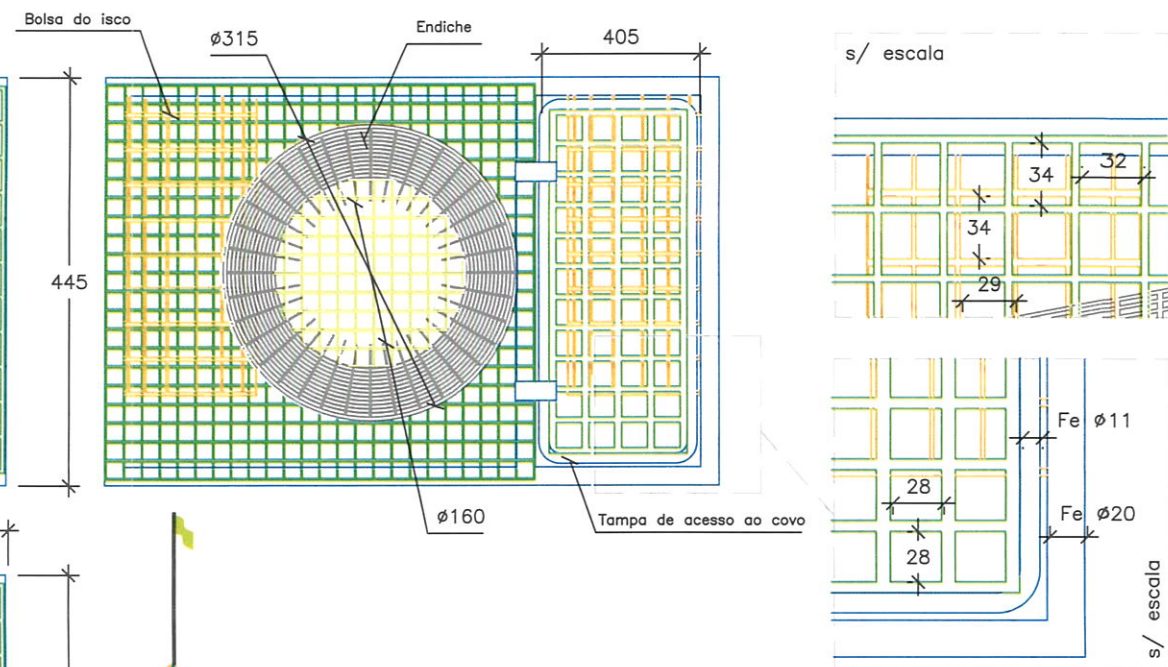
	Rubrica	Data	INIAP / IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos		
Levantou		26 JUN 01			
Projectou		26 JUN 01			
Desenhou		18 JAN 05			
Copiou					
Verificou		26 JAN 05			
Escala	ALGARVE – Quarteira			Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins	
	LINHA DO SAFIO LINHA DE MÃO				
				DES.N.º: 341–4.211	

Quarteira
LINHA do SAFIO
LINHA de MÃO



NOTAS:

- A forra exterior executada com rede plástica rígida de malha "quadrada". Endiche, bolsa do isco e tampa da bolsa também de rede plástica rígida. A forra é entalhada na armação do covo com PE entrançado Ø5.
- Armação do covo - FeØ20 e Ø11. Tampa de acesso ao covo de FeØ11.
- Madre de Ráfia Ø12, distância entre covos de aproximadamente 36 m, baixada de PEØ11, com cerca de 3,60m.
- Esta arte é usada em teias. Uma teia possui cerca de 9 covos. Largam em média 5 a 6 teias.
- O covo é em regra iscado com sardinha salgada.



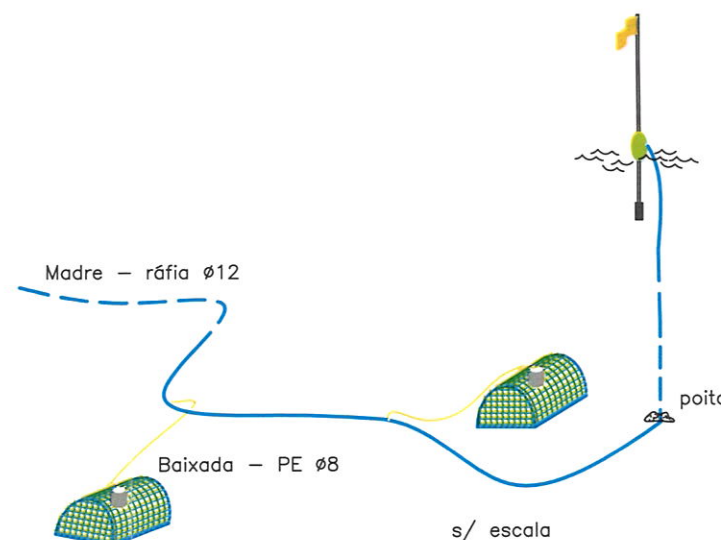
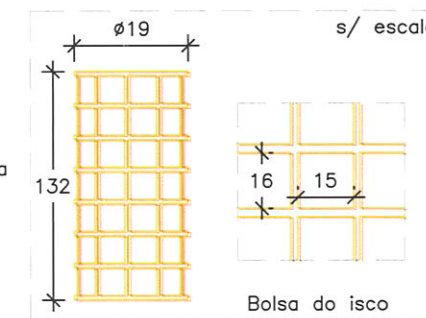
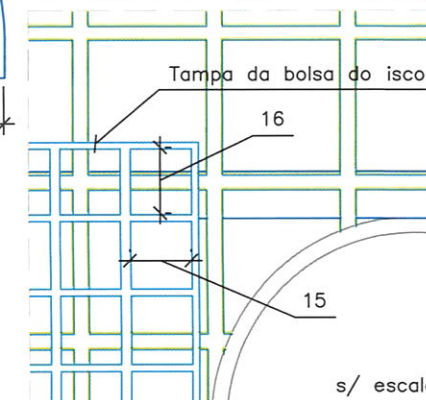
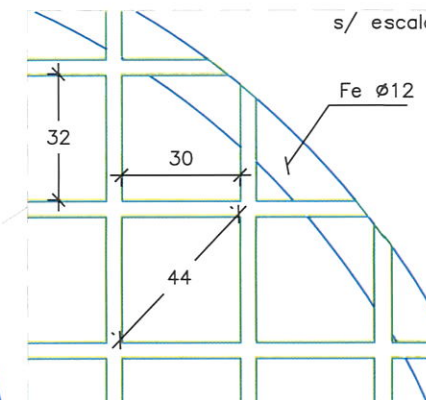
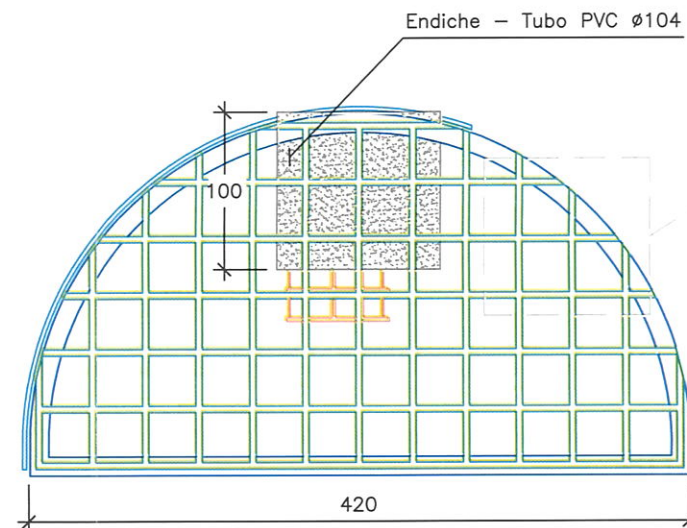
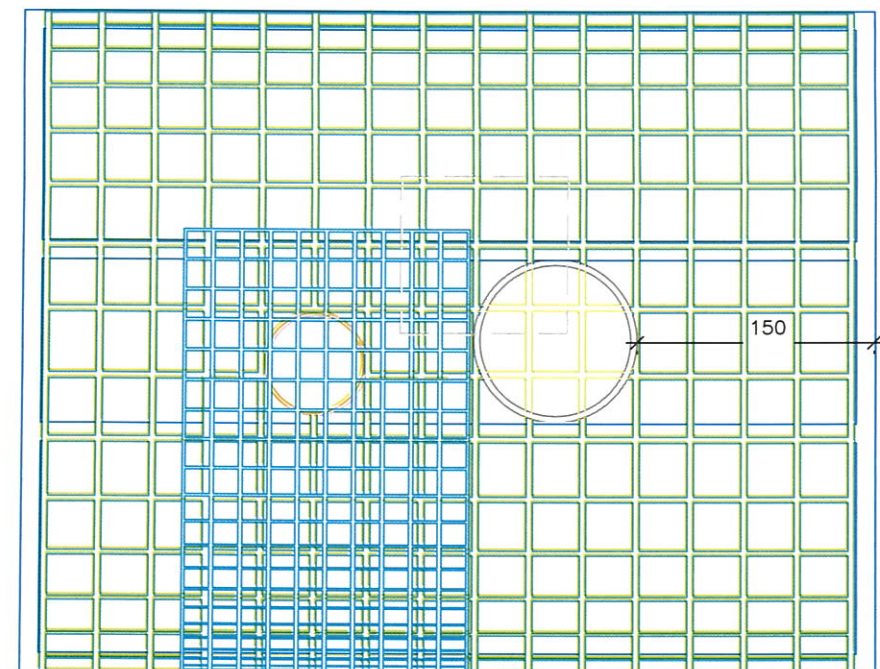
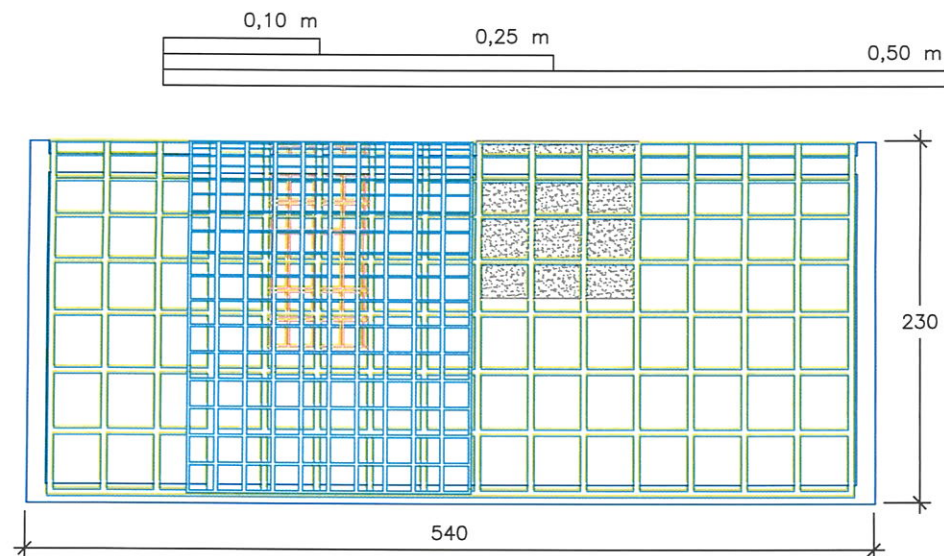
- Destina-se à captura de dourada (*Sparus aurata*), robalo (*Dicentrarchus labrax*), pargos (*Sparus spp.*), safio (*Conger conger*), safia (*Diplodus vulgaris*), abróteas (*Phycis spp.*), lagosta (*Palinurus elephas*) e lavagante (*Homarus gammarus*).

Rubrica	Data	IPIMAR	
Levantou	15 JUL 02	Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM - Departamento de Recursos Marinhos	
Projectou	15 JUL 02		
Desenhou	03 FEV 05		
Copiou			
Verificou	13 DEZ 05		
Escalas		ALGARVE - Arrifana	
		COVO DO PEIXE ARMADILHA / GAIOLA	
		Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins	
		DES. N°: 343-5.520	

Arrifana

COVO do PEIXE

ARMADILHA / GAIOLA

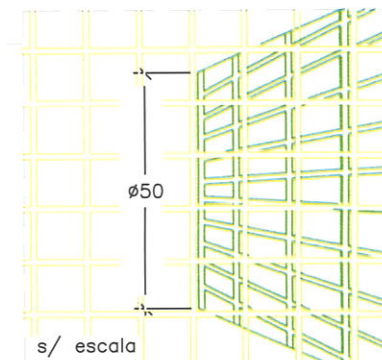
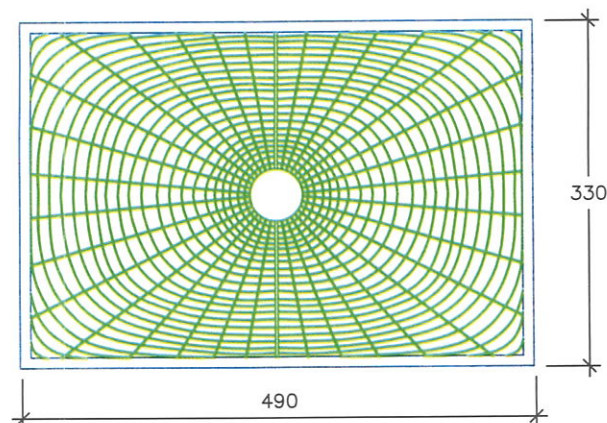
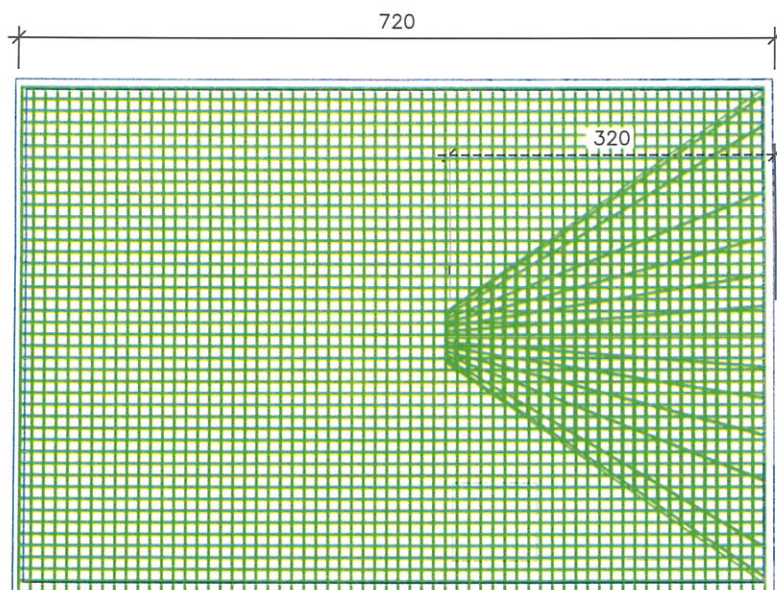
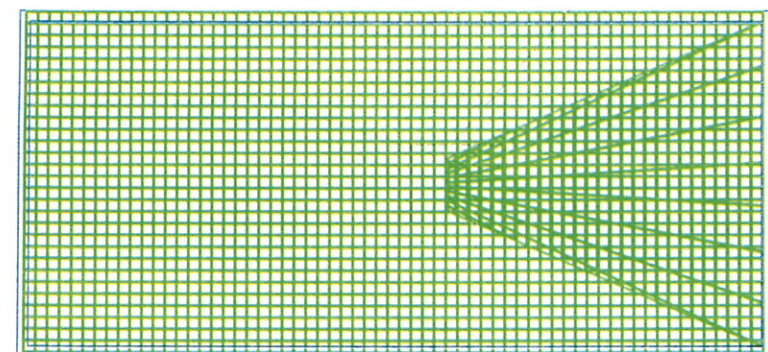
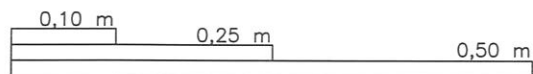


NOTAS:

- A forra exterior executada com rede rígida plástica de malha "quadrada". A forra é fixa à armação do covo com PE Ø6. Armação do covo - Fe Ø12.
- Madre de rãfia Ø12, distância entre covos de aproximadamente 14,6 m, baixada de PEØ8, com cerca de 1,3 m.
- Esta arte é usada em teias. Uma teia possui cerca de 60 covos. Largam em média 10 a 20 teias.
- O covo é em regra iscado com sardinha salgada.
- Destina-se à captura de polvo-vulgar (*Octopus vulgaris*).

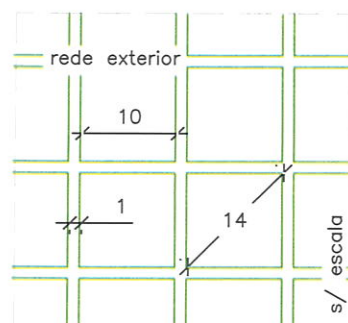
	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos	
Levantou		17 JUL 02		
Projectou		17 JUL 02		
Desenhou		09 MAR 05		
Copiou				
Verificou		13 DEZ 05		
Escala	ALGARVE – Arrifana			Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins
	COVO DO POLVO ARMADILHA / GAIOLA			
				DES. Nº: 344–5.520

Arrifana
COVO do POLVO
ARMADILHA / GAIOLA



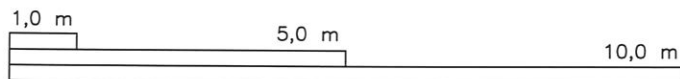
NOTAS:

- A forra exterior executada com rede plástica rígida de malha "quadrada". Endiche também de rede plástica rígida. A forra é entalhada na armação do covo com PA mono $\phi 0,60$.
- Armação do covo — Fe $\phi 10$.
- Esta arte pode ser usada individualmente ou em teias. Uma teia possui 6 covos. É utilizada de Janeiro a Maio.
- O covo é iscado com sardinha. Permanece 2 a 3 dias na água.
- Destina-se à captura de enguia (*Anguilla anguilla*).

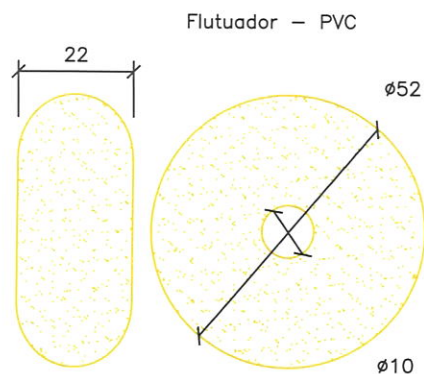
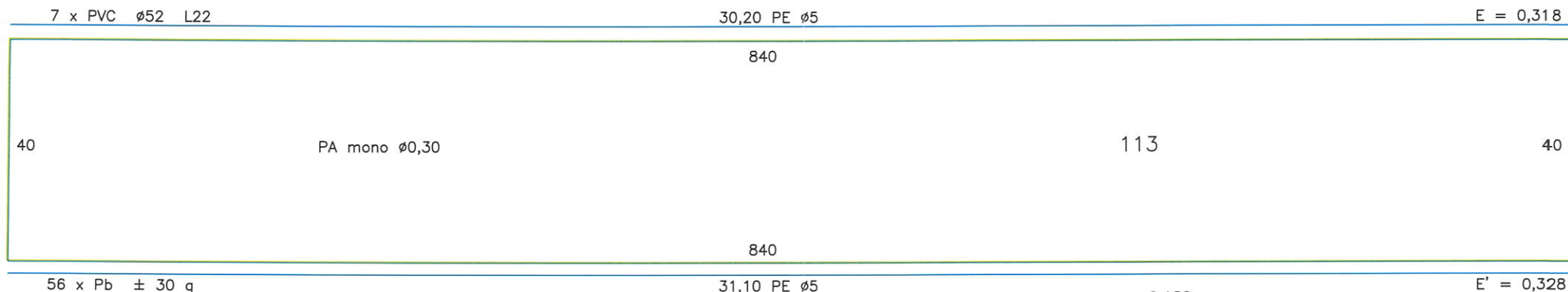


	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos	
Levantou		17 JUL 00		
Projectou		13 OUT 05		
Desenhou		13 OUT 05		
Copiou				
Verificou		13 DEZ 05		
Escala	ALGARVE – Ilha da Armona			Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins DES. N.º: 389–5.520
	COVO DA ENGUIA ARMADILHA / GAIOLA			

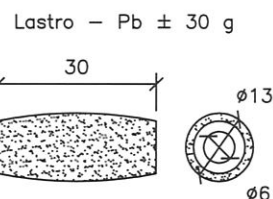
Ilha da Armona
COVO da ENGUIA
ARMADILHA / GAIOLA



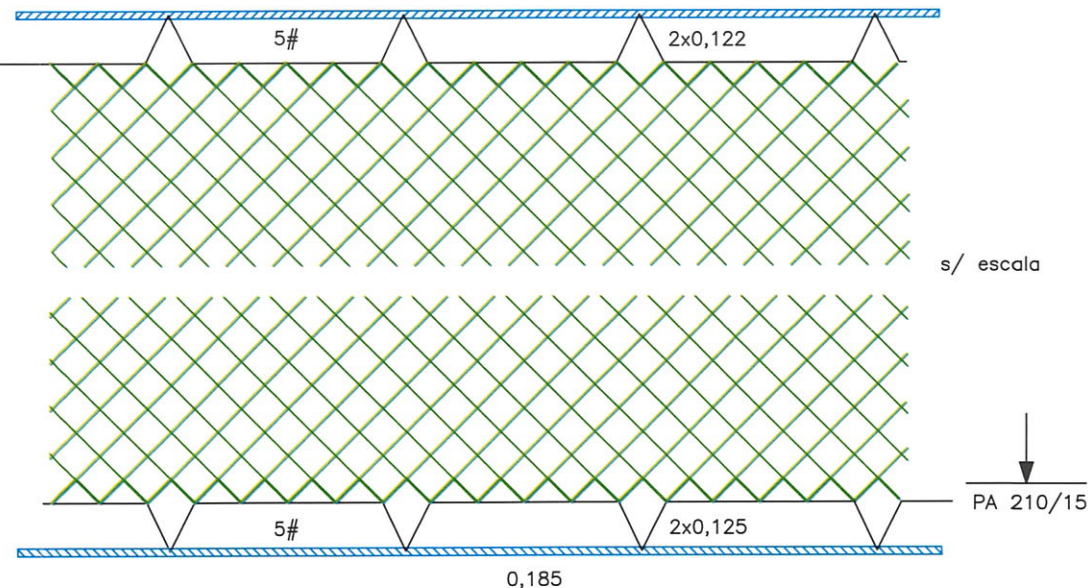
113 mm «» PA mono $\varnothing 0,30$ «» 4,52 m «» $E = 0,318$



s/ escala



PA 210/15



NOTAS:

– Tralha superior:

Cabo: 30,20 PE ø5
Bóias: 7 x PVC ø52 L22
Fio de entralhe superior: PA 210/15
Entalhes: 5# cada. 7x(23l;1c)
Distância entre nós = 0,180. Comprimento do fio = 2x0,122

– Tralha inferior:

Cabo: 31,10 PE ø5
Lastros: 56 x Pb ± 30 g (= 1,68 kg)
Fio de entralhe inferior: PA 210/15
Entalhes: 5# cada. 56x(2l;1c)
Distância entre nós = 0,185. Comprimento do fio = 2x0,125

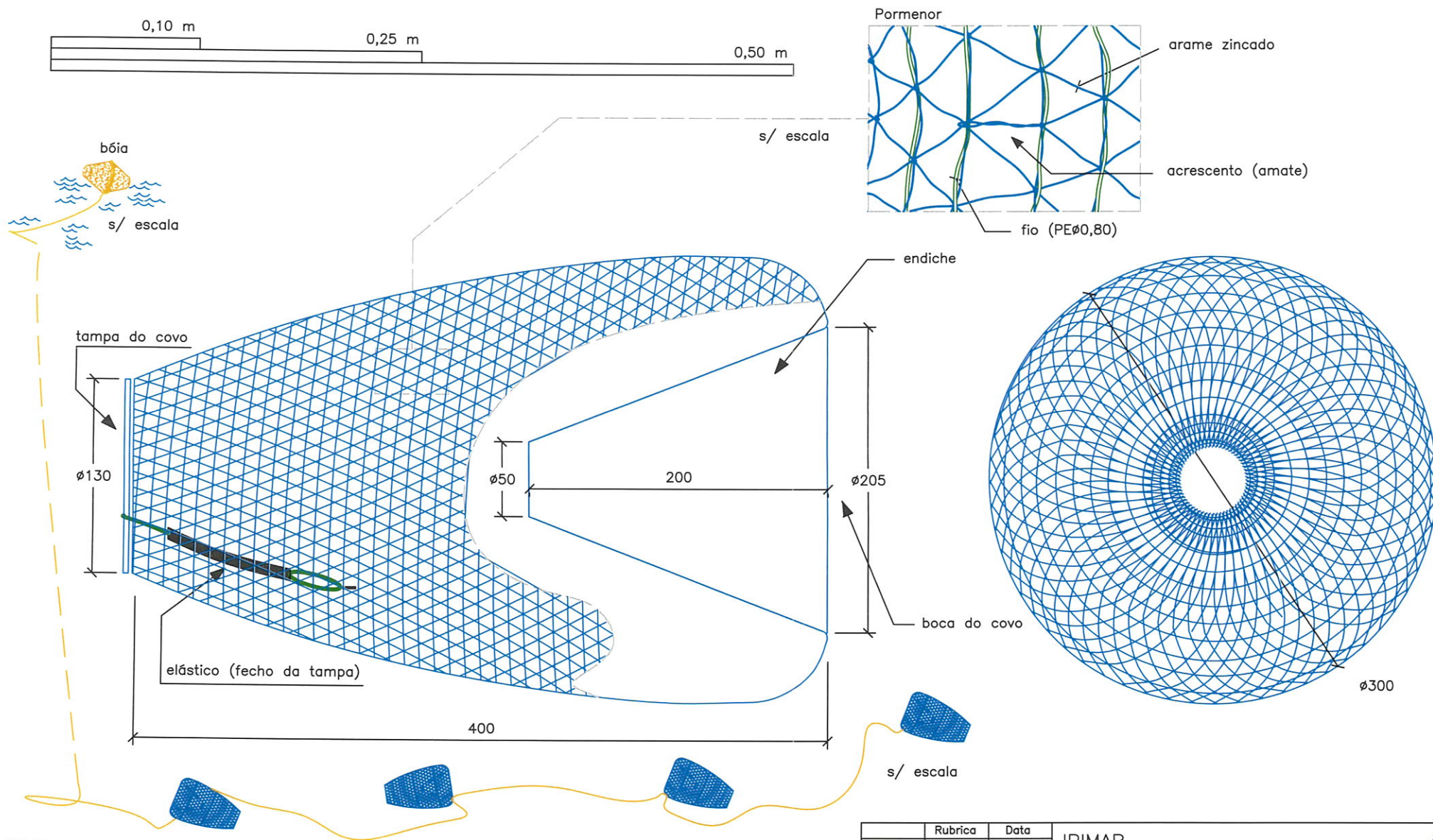
- Reforço superior e inferior do pano com meia malha dobrada, fio PA mono $\varnothing 0,30$.
- Esta arte é usada em caçadas, 50 redes por caçada. É utilizada durante todo o ano. É largada ao pôr do sol e alada de manhã.
- Destina-se à captura de santola (*Maja squinado*).

	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos	
Levantou		16 JUL 02		
Projectou		27 JUN 03		
Desenhou		12 DEZ 05		
Copiou				
Verificou		12 DEZ 05		
Escalas	ALGARVE – Armação de Pêra			Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins
	REDE DA SANTOLA REDE DE EMALHAR FUNDEADA			

Armação de Pêra

REDE da SANTOLA

REDE DE EMALHAR FUNDEADA



NOTAS:

- Esta arte é usada numa única teia de 3 a 4 covos. O covo é construído com arames zincado, amarrado com fio PEØ0,80. A tampa do covo é construída com rede plástica de malha quadrada, com 15 mm de lado. Os covos são iscados com polvo chamuscado.
- São largados ao início da noite e "corridos" duas a três vezes durante a noite, são virados de manhã.
- O bornel apresenta um estreitamento do vazio da malha, na parte superior e inferior da armadilha. A malhagem máxima é atingida na zona lateral do covo. O aumento ou a diminuição do número de malhas é obtido pelo meio de acrescentos (ou amates).
- Destina-se à captura de moreia (*Muraena* spp.), por vezes captura safio (*Conger conger*).

	Rubrica	Data	IPIMAR Instituto de Investigação das Pescas e do Mar DRM – Departamento de Recursos Marinhos	
Levantou		28 MAR 99		
Projectou		28 MAR 99		
Desenhou		28 AGO 03		
Copiou				
Verificou		10 JAN 05		
Escalas	ALGARVE – Senhora da Rocha		Obs. Miguel Carneiro Rui Rebordão Rogélia Martins	
	BORNEL ARMADILHA / GAIOLA			
			DES. N.º: 392-5.520	



Senhora da Rocha

BORNEL

ARMADILHA / GAIOLA



Ministério da Agricultura,
Pescas e Florestas

